

ANDRESSA RAQUEL

ababá

Família Brown - livro 1



EDITORA ANGEL

ANDRESSA RAQUEL

ababá

Família Brown - livro 1

Copyright © 2017, Andressa Raquel

Copyright © 2017, Editora Angel

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

(Lei 9.610 de 19/02/1998.)

1ª Edição

Produção Editorial: Editora Angel

Capa e Projeto Gráfico: Débora Santos

Diagramação Digital: Beka Assis

Revisão: Lana Gadioli

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

*Esse livro é dedicado à minha mãe, Arlete
Ramos, que me ajudou e me apoiou.*

Prólogo

Hoje deveria ser um dia feliz, ficamos nove meses planejando este momento, fizemos planos, discutimos o futuro, ficamos com medo e dúvidas. Mas agora estou em frente a um caixão branco sendo abaixado levemente rumo a uma cova funda e fria. Queria gritar, chorar, falar que tudo era apenas uma piada de mau gosto, mas não tinha forças, não tinha reação. Continuei na minha postura, vendo meus amigos, familiares e conhecidos chorando pela morte da minha esposa.

Após todos já terem ido embora. Continuei no meu lugar, olhando para o nada, esperando por algum milagre. Sozinho, me permiti chorar tudo o que tinha para chorar. Me ajoelhei em frente à sua cova e chorei. Tentei entender o porquê de tudo isso estar acontecendo comigo.

Todos haviam falado a mesma coisa, que tinha que ser forte por ele... e ele era o único motivo de não a ter mais comigo, ela se sacrificou por *ele*, morreu por *ele*, tudo por *ele*. A raiva me consumiu junto com a tristeza e o coração

partido. *Ele* foi o culpado por tudo.



Saí do cemitério rumo ao hospital, sabia que meu irmão e minha mãe já estavam lá. Deixei o carro e segui para a recepção da maternidade. Peguei meu crachá de visitante e subi até o quinto andar. Assim que saí do elevador, vi uma placa enorme escrita: "*Berçário*". Passei por algumas portas até chegar ao quarto 1846.

Fiquei parado na porta pensando no que fazer. Pensei tanto no momento em que viria meu filho nos braços da minha linda Jessica. Ela com aquele sorriso contagiante, olhando nosso pequeno dormindo em seus braços, seus cabelos loiros bagunçados e aqueles olhos azuis me olhando com ternura para que me aproximasse e visse o que tanto esperávamos ansiosamente.

Entretanto, estou parado em frente a uma porta sem saber o que fazer. Quando abrir essa porta ela não estará lá, não irei ver seu sorriso de felicidade, não poderei vê-la com nosso filho nos braços. O que me aguardava ali dentro seria a

minha mãe, meu irmão e o causador de toda minha dor.

Abri a porta e vi minha mãe e meu irmão próximos ao berço hospitalar. Os dois me olharam com tristeza, sabendo o quanto eu estava sofrendo. Minha mãe me chamou com a mão. Me aproximei e vi uma manta azul enrolada no meu filho. Quando me aproximei, percebi minha raiva indo embora, minha dor se transformar em alegria, meu ódio ter fim e minha escuridão se iluminar. Peguei o bebê no colo, com cuidado. Ele resmungou um pouquinho, mas logo voltou a ficar quietinho. Meu filho tão inocente, tão pequeno e frágil... Ele precisava de mim tanto quanto eu precisava dele.

— Agora seremos apenas eu e você, meu filho. Nada vai fazer com que eu me afaste de você. Nada.

Capítulo 01

Arthur era uma criança tranquila, porém preciso confessar que no começo fiquei com medo de cuidar dele, mas minha mãe me ajudou muito.

Meu filho, com dois meses de vida, era uma criança amada, não me dava trabalho algum. As madrugadas com ele eram basicamente tranquilas. No começo, fiquei com medo, mas me esforcei ao máximo para aprender tudo. A parte mais complicada foi colocar a fralda, porém depois de alguns erros, acabei pegando o jeito da coisa.

Digamos que depois de dois meses cuidando apenas do meu filho, deixei de cuidar um pouco de mim mesmo. Minha barba estava maior e minha feição não estava nada boa, graças às noites mal dormidas. Não estava me alimentado muito bem e passava minhas noites sentado na cadeira de amamentação de Jessica, não saía de perto do meu filho desde que ele deixou a maternidade e digamos que a posição, não ajudava minhas costas.

Estava colocando Arthur no berço quando minha mãe entrou no quarto em silêncio e me

chamou com a mão. Passei a mão delicadamente nos poucos fios negros do cabelo do meu filho, liguei a babá eletrônica e saí do quarto, fechando a porta devagar.

Seguimos em silêncio até a sala e praticamente me joguei no sofá enquanto ela se sentou na poltrona e me lançou o olhar que estava fazendo há uma semana.

— Mãe, por favor, não estou com cabeça para isso. — Disse, soltando um leve suspiro.

— E quando vai estar? Você tem que cuidar da sua vida, Nathan. Tem que...

— Ele é a minha vida.

— Eu sei que Arthur é especial, meu filho. Tanto para você quanto para mim e o seu irmão, mas Luís não conseguirá cuidar da empresa sozinho e de um jeito ou de outro, você sabia que este momento chegaria.

— Ele ainda é muito novo, mãe. Não posso simplesmente deixá-lo aqui, aos cuidados de uma estranha.

— Não se preocupe, meu filho. Contrataremos alguém totalmente experiente e responsável e você não ficará na empresa o mesmo tempo que ficava antes, é apenas para colocá-la no lugar novamente. Luís ainda não sabe lidar com tanta

responsabilidade.

Soltei um suspiro de desgosto sabendo que de alguma maneira ela estava certa.

— Tudo bem, mãe. Contrataremos uma babá para o Arthur. Ligarei para Melissa e pedirei para ela publicar o anúncio nos jornais e eu mesmo irei entrevistar cada uma das candidatas.

— Ótimo! Faça isso o mais rápido possível.

— Vou ligar para ela hoje mesmo.

— Excelente! Agora vá para o seu quarto, tome um banho demorado e descanse um pouco. Pode ficar tranquilo que eu e Noemi iremos cuidar do Arthur quando ele acordar.

— Não sei não, mãe. Acho...

— Não tem que achar nada. Agora suba e vá descansar. Quando o jantar estiver pronto, mando Noemi te chamar. Deixe que sei cuidar do meu neto, Nathan. Vá logo descansar, está com uma cara horrível.

— Obrigado, mãe! — Disse, me levantando e ignorando o comentário sobre a minha aparência.

— Ok. Você venceu, porém irei apenas tomar um banho e logo estarei de volta.

— Não tem como discutir com você.

— Sou um Brown. Somos teimosos, exigentes

e muitas vezes sem paciência.

— Não se esqueça do charme e carisma.

— E não somos nada humildes.

— Tem toda a razão. Agora vá descansar antes que Arthur acorde e você mude de ideia.

Dei um beijo em seu rosto, subi as escadas e entrei no quarto de hóspedes. Desde que Jessica se foi, nunca mais entrei no nosso quarto. Tudo dela estava lá e o medo de entrar e ver tudo dela ainda apertava o meu coração com a dor de não a ter mais por perto.

Antes de tomar um banho, peguei meu celular e liguei para empresa, torcendo para que Melissa ainda não tivesse ido embora. No terceiro toque, ela atendeu.

— *Empresas Brown. Boa noite! Melissa Crawford. Presidência.*

— Srta. Crawford.

— *Sr. Brown...* — Surpreendeu-se — *Luís acabou de sair. Quer...*

— Meu assunto é com você mesmo, Srta. Crawford.

— *Em que posso ajudá-lo, senhor?*

— Quero que coloque um anúncio no jornal local.

— *Claro, senhor. Qual anúncio?*

— Contrata-se babá por tempo integral, com experiência e referência. Salário até cinco mil dólares. Você complementa como quiser, mas amanhã mesmo quero ver este anúncio nos jornais, Srta. Crawford.

— *E estará, Sr. Brown. Providenciarei hoje mesmo.*

— Obrigado, senhorita. Sei que não me decepcionará, coloque o número da empresa. Eu mesmo quero entrevistar as candidatas.

— *Sim, senhor.*

— Ótimo! Ligarei para informar mais alguma coisa, se for necessário. Obrigado! Agora vá para casa e descanse. Boa noite!

— *Boa noite, Sr. Brown!*

Desliguei e fui em direção ao banheiro, tirei minha roupa e entrei debaixo da ducha quente. Depois de um tempo no banho, saí do boxer do banheiro e enrolei uma toalha na minha cintura, fui até a pia e limpei o vapor do espelho e por um tempo não reconheci meu próprio reflexo, minha aparência realmente estava horrível.

Depois de ter feito minha barba, deixando-a meio baixa, passei uma loção pós-barba e fui até meu improvisado guarda-roupa. Depois de vestido

e me sentindo um pouco melhor, saí do quarto e fui até a sala, onde encontrei minha mãe segurando meu filho nos braços, ao lado do meu irmão.

— Ei! Cara, finalmente tirou um pouco daquela barba de Papai Noel.

— Não venha com suas gracinhas, Luís. Me diga como vai a empresa?

— Ah não! Passei o dia todo naquele lugar e para ser bem sincero se não fosse pela Srta. Crawford, estaria perdido até agora.

— Tem que ficar mais por dentro da empresa Luís. Um dia você será dono da metade de tudo.

— Ainda estou no começo da faculdade e com o tempo vou aprendendo a lidar com a empresa.

— É o que espero.

Ajoelhei-me ao lado da minha mãe e fiquei vendo meu filho com os olhinhos abertos prestando atenção em tudo ao redor, coloquei meu dedo no meio da sua mãozinha e ele apertou com força

— Oi, meu filho. Você já acordou?

— Quando você entrou no quarto ouvi o chorinho dele pela babá eletrônica.

— Deu a mamadeira?

— Era apenas a fralda molhada meu querido, mas mesmo assim ele não quis dormir, então

resolvi trazê-lo para sala, assim podia brincar um pouquinho.

— Vou tomar um banho para pegar o meu sobrinho.

— Vá logo. Daqui a pouco, Noemi anuncia o jantar.

— Não demorarei. — Diz ele subindo a escada.

Movimentei meu dedo brincando com meu filho e logo ele bocejou mostrando a boquinha linda, sem dentes.

— Quer me dar ele? Faço-o dormir.

— Não precisa, acho que ainda sei fazer um bebê dormir, Nathan.

— Desculpa, mãe! É difícil ficar longe dele.

— Não se preocupe, meu filho. Ele nunca ficará longe de você. Vou para o quarto dele, assim dou a mamadeira e ele dorme mais tranquilo.

— Obrigado, mãe! Não sei se conseguiria sem vocês.

— Sei que conseguiria. Ela gostaria de ver você sendo forte, cuidando dele. — Diz ela saindo da sala e subindo as escadas lentamente com o meu filho nos braços.

De certa maneira ela tinha razão. Minha Jessica sempre foi determinada, ela tinha um jeito

doce de ser, ainda me lembrava de como a conheci... Naquele palco, ela estava belíssima com aquela roupa de bailarina. Seus olhos durante toda a apresentação não se desviaram dos meus e naquele dia descobri que ela seria minha de alguma maneira.

Balancei minha cabeça freneticamente, tirando estes pensamentos da minha mente e me levantei, fui até o escritório e ocupei minha cabeça com um pouco de trabalho.



Estava terminando de colocar a roupa em Arthur quando minha mãe entrou no quarto segurando o jornal matinal.

— Melissa publicou o anúncio. Leia enquanto aproveito um pouco do meu neto. — Diz ela pegando meu filho e o tirando do trocador.

Peguei o jornal e folheei até os anúncios de emprego.

PRECISA-SE DE UMA BABÁ.

Precisa-se de uma babá profissional e responsável, com experiência e ótimas referências.

Trabalho em tempo integral. Salário até cinco mil dólares.

Mais informações nas empresas Brown.

Curta e eficiente Melissa realmente sabia como eu gostava das coisas. Precisaria apenas esperar, entrevistar e encontrar a pessoa certa para ser a babá de Arthur.

Capítulo 02

Bruna Watts

Estava cansada de distribuir currículos pela cidade e por incrível que pareça não achei nenhum emprego. O que uma jovem de vinte anos, formada em Técnica de enfermagem, com excelentes experiências, precisava para arrumar um emprego? Precisava trabalhar. Minhas dividas estavam aumentando e o banco estava prestes a hipotecar minha casa.

Como se não bastasse, quando estava saindo do banco com a aposentadoria do meu pai, fui roubada. O que não me impressionava já que o centro de Nova York estava uma verdadeira bagunça. No entanto, o que mais me deixou chateada não foi o simples fato de perder todos os meus documentos, mas sim perder todo o dinheiro do meu pai. Ele precisava do dinheiro para os remédios.

Cheguei a casa e entrei pela cozinha como

sempre, deixando minha bolsa sobre a mesa e fui até a sala e lá estava ele, olhando fixamente para televisão desligada.

— Oi, papai! — Disse me aproximando dele e dando um beijo em sua bochecha.

— Bom dia, minha menina. — Ele segurou meu rosto e seus olhos se encheram d'água. — Como você está diferente, minha princesinha. Você cresceu rápido.

— Ah, papai! Continuo do mesmo jeito, ainda sou sua menininha.

— Você está tão diferente.

Alexander sempre agia dessa maneira quando eu chegava. Ele não se lembrava como eu cresci tanto, ele sempre esperava pela menininha dele entrar pela porta, o que me deixava triste. O *mal de Alzheimer* deixava as lembranças dele curtas, o que me machucava muito. Ser privado das suas melhores lembranças deveria ser terrível.

Dei um sorriso sincero a ele e liguei a televisão para que ele pudesse assistir as suas novelas.

— Será que hoje Ulisses descobre que Abigail o enganou?

Dei um suspiro e respondi.

— Papai, a novela *doce amor* já acabou há muito tempo.

— Como? Estava no meio ainda...

Era assim todo dia, ele ficava indignado por ter perdido sua preciosa novela, mas não tinha culpa. Ele não se lembrava de que já assistiu a novela e, ainda por cima, ficou decepcionado com o final da trama.

— Mas essa nova novela é ótima, papai. Ela conta uma história incrível.

Depois de contar toda a história da novela, ele se interessou para assistir.

Fui até a cozinha e comecei a fazer o jantar, quando lembrei do remédio do meu pai. Me dirigi até o armário e peguei os comprimidos que com certeza daria apenas para mais alguns dias.

Ai Deus, me ajuda! Preciso de um trabalho.

Peguei água e fui até ele que estava concentrado olhando a televisão.

— Pai, seus remédios. — Falei, me agachando ao seu lado

Ele, com a mão trêmula, pegou os comprimidos e jogou tudo na boca, bebendo a água em seguida. Ele me devolveu o copo e me deu um sorriso. Dei um beijo em sua testa e quando estava entrando na cozinha, escutei a sua voz.

— Quando será que Rebeca chegará?.

Na hora que escutei sua pergunta, parei no meio do caminho. Ele nunca havia pronunciado o nome da mamãe. Minha mãe faleceu quando eu tinha quinze anos e meu pai sofreu muito com sua morte. Ele sempre ficou indignado pelo fato de ela ir primeiro que ele, eles tinham dez anos de diferença e meu pai nunca se conformou de ela tão jovem morrer tão cedo. Mas ele nunca chegou a falar dela, não depois que descobrimos a sua doença.

Me aproximei dele e o abracei forte. Como iria dizer que a mulher que ele tanto amou morreu? Simplesmente não achei palavras, fiquei abraçada a ele sentindo suas mãos em meu cabelo, enquanto ele cantarolando uma cantiga antiga.

Jantamos com ele contando suas histórias de quando trabalhava no corpo de bombeiros. Depois do jantar o coloquei no seu quarto e o deixei sozinho enquanto ele olhava a foto de casamento dele no porta retrato na cômoda do quarto.

Estava limpando a pia quando Melissa entrou na minha casa, me dando um abraço apertando.

— Ai menina, me deixa secar as mãos.

— Como se eu ligasse para isso. — Diz me abraçando ainda mais apertando.

— Vou molhar toda a sua roupa, sua louca.

— Está bom! — Disse me soltando. — Como está o seu pai?

— Estou ficando preocupada. Você acredita que ele perguntou pela minha mãe hoje?

— Serio? Mas depois de cinco anos... — Disse se sentando à mesa e pegando uma maçã na cesta de frutas.

— Estou ficando preocupada... Ele está piorando.

— E aquela clínica que você falou?

— Ela é muito cara, Melissa. Não tenho como pagar.

— Conseguiu um trabalho?

— Ainda não. — Respondi desmotivada.

— Que bom!

— Como assim que bom? — Perguntei, olhando para ela.

— Tenho o trabalho perfeito para você.

— Então me diga. — Disse, me sentando a sua frente.

— Lembra-se do meu chefe?

— O milionário Nathan Brown? Posso nunca tê-lo visto, mas ele é famoso. Não tem como não ouvir falar dele.

— Pois é, infelizmente ele perdeu a esposa

fazem dois meses. no parto do filho deles.

— Nossa, que horrível! Ele deve estar sofrendo.

— Deve estar mesmo. Desde a morte da esposa ele não aparece na empresa, mas os boatos andam pela empresa. Não ligo para o que as pessoas dizem, mas imagino que ele deve estar bastante abalado.

— Sinto muito por ele, mas o que ele tem a ver com o *trabalho perfeito* que você falou?

— Ele precisa de uma babá.

— Você quer que eu vire babá? Aos vinte anos? Sério que este é o trabalho perfeito?

— Sei que você ama crianças, Bruna. E o salário é de até cinco mil dólares.

— Cinco ...Cinco mil... — gaguejo.

— É. Cinco mil! Nem eu recebo isso e olha que sou secretária dele.

— Ok, mas quantas horas de trabalho?

— Este é o problema, digamos que são vinte quatro horas.

— Esquece. — Disse, me levantando e terminando de secar a pia.

— Bruna, pensa. Com o salário você vai conseguir colocar seu pai na clínica... Você não

quer ajudá-lo?

Odiava quando ela tinha razão. Não podia me dar ao luxo de ficar escolhendo emprego. Uma oportunidade tão boa quanto essa não aparecia todo dia. Meu pai precisava da clínica e eu do trabalho.

— Ok. Vou lhe dar o meu currículo. — Disse e vi um sorriso se formando em seus lábios.

Capítulo 03

Bruna Watts

— Não precisa de currículo. Já mandei o seu.

— Mas...

— Não precisa agradecer.

Dei um sorriso tímido e a abracei forte.

— O que seria a minha vida sem você? —

Perguntei ainda em seus braços.

— Um tédio, provavelmente.

— Você é a irmã mais velha que nunca tive!

— E você é a minha irmã caçula. Não é à toa que cuido de você há quase quinze anos.

— Ah tá... Sabe? — Disse, me afastando dos seus braços. — Geralmente sou eu quem te tiro de roubadas. Lembra a história na casa dos Fontoura?

— Nem me lembra! Fico com vergonha até hoje de olhar para a cara da Sra. Fontoura.

— Quem mandou beber demais e resolver tomar banho pelada na piscina da casa dela?

— Você gosta de joga as coisas na minha cara.

Nunca mais bebi tanto como àquela vez.

— Veja pelo lado bom.

— Tem lado bom?

— Tem sim! O lado bom é que você apreendeu que quando estiver fazendo quase sete graus nunca deve tirar a roupa e pular em uma piscina.

— Ah tá... obrigada pela lição! — Disse ela, batendo palmas com ironia. — Agora, Professor Pasquale, pode fazer um chocolate quente para que possamos assistir ao filme ou está difícil?

— Não combinamos de assistir filme algum.

— Eu sei, mas depois de um dia todo ao lado daquele pedaço de mau caminho que é Luís Brown eu preciso de um filme ao seu lado amiga.

— Quem o Luís Brown?

— Irmão do meu chefe. Ele está cuidando da empresa enquanto o Nathan está em casa, mas infelizmente ele não sabe de muita coisa sobre a empresa e eu tenho que ficar praticamente colada nele o dia todo e vou dizer uma coisa: não é fácil. O homem é muito gato. Sabe o que é o pior?

— Tem como ser pior? — Perguntei, debochando da sua situação.

— Tem sim... ele estuda na mesma faculdade que eu.

— E só agora você soube?

— O campus é enorme. Nunca imaginei o encontrar, mas o destino gosta de brincar comigo e acabei esbarrando com ele no corredor.

— Nossa! Igual filme romântico... Que fofinho!

— Fofinho seria se ele não fosse o maior galinha da faculdade inteira.

— Tá bom... Vamos tomar o chocolate quente e ver o filme antes que fique muito tarde.

— Como se minha casa fosse longe, né princesa? Faz o chocolate que eu procuro o filme.

Melissa era minha melhor amiga desde que me mudei para ao lado da casa dela quando tinha cinco anos. Eu era meio tímida e ela com sete anos já era uma criança bastante elétrica, não mudou muita coisa agora que ela tem vinte e dois anos. Continua sendo a mesma menina elétrica que conheci há quinze anos. A diferença é que ela se tornou um pouco mais responsável. Mas ela nunca saiu do meu lado. Sempre estivemos juntas nos momentos difíceis... Quando minha mãe faleceu, ela estava ao meu lado e quando ela terminou com o William, eu estava ao lado dela. Por isso que ela era minha irmã mais velha. Minha mãe nunca teve outros filhos e ela tinha o Diogo, mas ele trabalhava na marinha e passava quase um ano fora de casa

e só alguns meses aqui. Então digamos que éramos apenas nos duas.

Terminei de fazer os chocolates quentes e fui para sala onde ela colocava o filme.

— Então, qual vai ser? — Perguntei colocando as canecas na mesinha de centro.

— *O grito*. — Disse ela.

Eu e ela nunca fomos de assistir filme de romance, sempre gostamos de filme de terror. Lógico que éramos muito medrosas e por isso sempre que assistimos a um filme de terror, ela dormia em minha casa, mas gostávamos da sensação do medo.

— Vai dormir aqui hoje?

— Já falei com os meus pais. Amanhã é sábado mesmo... Não vejo problema.

— Por mim, tudo bem.

— Não esqueça que você tem que ir à empresa, fazer a entrevista. Eu vou ligar para confirmar o dia.

— Pensei que seria na casa dele.

— Ele é bastante reservado quando o assunto é família, principalmente o filho.

— Entendi. Por mim, tudo bem.

— Ok. Vamos assistir ao filme.

Logo após o filme terminar tive que acordar a Melissa para ir para cama já que ela dormiu na metade do filme. Arrumei a cozinha e fui para o quarto, tomei um banho rápido, vesti um pijama de florzinha roxa, coloquei um colchão ao lado da cama no chão e me deitei, olhando o teto.

— Espero que tudo venha a dá certo. — Falo para mim mesma.



Acordei pela manhã no horário de sempre, deixei Melissa dormindo mais um pouco, escovei meus dentes, lavei meu rosto e fui para cozinha fazer o café da manhã. Cheguei à cozinha e vi meu pai bebendo água e olhando pela janela da cozinha, próximo a pia.

— Bom dia, pai! — Falei dando um beijo em sua bochecha. — O que está vendo pela janela?

— Estou esperando sua mãe. — Disse, sem tirar os olhos da janela.

Ele lembrou novamente da mamãe.

— Pai, olha para mim. — Falei colocando as

duas mãos no seu rosto, o fazendo olhar para mim.

— Minha menina, como você cresceu... Tomou um chá de fermento? Meu Deus, você está linda! — Falou passando as mãos em meus cabelos. — Você está igual a sua mãe.

Diga-me como não chorar com isso?

Ele sempre tinha algo de diferente para dizer quando falava de mim e isso me deixava de alguma maneira emocionada.

— Pai, eu estou do mesmo jeito. Vem comigo... Vou fazer um café da manhã para você. Que tal *wafer*? — Perguntei, puxando ele para se sentar na cadeira da cozinha.

— Com mel e manteiga?

— Com muito mel e manteiga! — Falei sorrindo. — Então, vou fazer *wafer*.

Quando estava terminando de fazer todos os *wafer*, Melissa entrou na cozinha bocejando.

— Bom dia! — Disse ela entusiasmada
De onde ela tira tanta animação?

— Bom dia, *Bela adormecida*. — Disse.

— Bom dia, menina! Filha, você não me falou que uma amiga viria te visitar. Prazer sou Alexander Watts. — Meu pai falou, estendendo a mão para Melissa.

Ela me lançou um olhar de dúvida, mas acabou aceitando o cumprimento do meu pai.

— Prazer! Sou Melissa Crawford.

— Pai, o senhor não se lembra dela? Ela é a filha mais nova da família Crawford, são nossos vizinhos há anos. — Perguntei colocando um prato cheio de wafer na sua frente e indo servir Melissa.

— Não me recordo, mas fico feliz em conhecê-la, Srta. Crawford. — Falou, colocando uma garfada generosa de *wafer* com mel na boca.

Era a primeira vez que ele não reconhecia a Melissa. Geralmente ele sempre ficava impressionado com ela, assim como ficava comigo. Senti um aperto em meu peito e minha visão ficar embaçada. Senti uma mão sobre a minha e olhei para o lado e vi Melissa me lançando um sorriso sincero e sussurrando as palavras: "*Vai ficar tudo bem!*"

De alguma maneira queria me agarrar a suas palavras e descansar meu coração, mas eu sabia que as coisas não estavam nada bem. E o que doía mais era saber que pode piorar.

Capítulo 04

Nathan Brown

Fazia uma semana que estava à procura da babá de Arthur, e mesmo que elas tivessem ótimas referências ou que fossem perfeitas para o cargo, nunca ligavam de volta para efetivamente contratá-las. Ficar dentro de um escritório o dia todo, perdendo a oportunidade de estar com o meu filho, não me agradava.

Estava na minha sala novamente esperando por mais um dia de entrevistas tediosas quando minha mãe entrou na sala junto com Luís e meu filho. O motivo da minha alegria acabará de entrar, me levantei e fui até eles. Cumprimentei meu irmão com um aceno de cabeça e peguei meu filho do colo da minha mãe e depois dei um beijo na testa dela.

— Qual o motivo da surpresa? — Perguntei cheirando o corpinho do meu filhão que estava dormindo com a boquinha aberta.

— Levei Arthur para tomar uma vacina. —

Minha mãe respondeu.

— Onde aplicaram? — Perguntei, já procurando qualquer sinal no corpinho do meu filho que resmungou um pouco.

— Foram gotinhas, desesperado. — Luís respondeu dessa vez.

Senti um alívio no meu corpo e caminhei até minha cadeira e fiquei olhando meu filho.

Ele a cada dia se parecia mais comigo, seus cabelos e olhos eram iguais aos meus, mas nada igual a mãe, talvez depois de um tempo algo surgisse, mas até aquele momento ele era igual a mim, quando eu era pequeno.

— Tenho hora marcada no salão. — Disse minha mãe, me tirando dos meus pensamentos.

— Então, vou para casa cuidar dele. — Disse, me levantando.

— Não. Meu salão é daqui duas horas. Você entrevista as candidatas até lá e depois pode ir.

— Vou deixar as coisas aqui e vou para o meu escritório. Tenho uns relatórios chatos para ler. — Luís disse deixando o bebê conforto e as bolsas de Arthur próximo ao sofá da minha sala.

— Bem-vindo ao meu mundo! — Falei.

— Seu mundo é uma...

— Luís Brown. — O repreendo.

— Ia falar que é uma maravilha.

Ele beijou a testa da minha mãe, passou a mão em Arthur e saiu da minha sala.

— Ele está se esforçando bastante. — Disse minha mãe quando viu o filho saindo da sala.

— Melhorou uns vinte por cento... Ele é esforçado, mãe. Ele é capaz de muito mais do que imagina. Precisa apenas deixar de ser um moleque e começar a ser um homem.

— Ele irá, meu filho. Tenha paciência! Você era igual até conhecer Jessica.

Quando estava prestes a responder, Melissa apareceu na minha porta de vidro. Pedi para que ela entrasse.

— Desculpa atrapalhar, Sr. Brown. As candidatas à entrevista já chegaram.

— Tudo bem, Srta. Crawford. Quantas teremos hoje?

— Dez, senhor.

— Ótimo! Assim que minha mãe sair, mande a primeira entrar.

— Sim, senhor. Com licença...

— Mãe...

— Não se preocupe. Já sei... Estarei na sala

do seu irmão. Assim você poderá ficar mais tranquilo. — Disse pegando Arthur dos meus braços.

— Vou pedir para alguém levar as coisas dele. Obrigado, mãe!

— Não precisa me agradecer por tudo que faço, meu filho. Cuidar do Arthur tornou-se um prazer. Me sinto com vinte e seis anos novamente, quando você nasceu.

— Fico feliz em saber disso! — Disse dando um beijo em sua testa, me encurvei e passei a mão na cabeça do meu filho. — Ei filhão, papai vai trabalhar, mas daqui a pouquinho vou estar com você novamente.

Assim que minha mãe saiu, pedi para que Douglas, um dos meus seguranças pegasse os pertences de Arthur e levasse até minha mãe. Tomei um café forte sem açúcar e soltei um longo suspiro, estava pronto para as entrevistas.



Nenhuma delas seriam boas suficientes, não

era *ela*. *Ela* é quem deveria estar em casa cuidando do nosso filho, deveria estar ao meu lado nas madrugadas mal dormidas. *Ela* é quem deveria estar acordando comigo de madrugada, apenas para ver se ele ainda estava respirando, *ela* faria tudo isso ser fácil ao seu lado, mas *ela* não estava comigo... E a dor em meu peito ainda era presente e tão forte, mas em meus sonhos *ela* ainda parecia tão viva, sempre dançando para mim, sempre perfeita em seus passos, do mesmo jeito do dia em que a conheci.

Estava à espera da última candidata que por sinal estava atrasada. Não sei porquê ainda esperava. Ela com certeza também não seria competente o bastante para o cargo. Queria entregar logo o jogo e ficar em casa definitivamente até ter certeza que meu filho ficaria seguro com outra pessoa. Talvez em uns sete ou treze meses, me sentiria mais seguro para deixá-lo aos cuidados de outra pessoa.

Minha mãe acabará de sair e Luís estava em uma reunião de última hora que rejeitei logo. Arthur depois de trocado e alimentado, estava dormindo tranquilamente no bebê conforto ao meu lado. Sabia que em pouco tempo ele acordaria, então me levantei e fui até a copa próxima a minha sala para

lavar sua mamadeira. Alguns anos atrás nunca me imaginaria pegando em uma criança e agora me via em uma pequena cozinha, vestido em um terno de mais de três mil dólares, lavando uma mamadeira... realmente o mundo dava voltas.

Terminei o mais rápido possível e voltei novamente para minha sala, mas parei a porta. Fiquei hipnotizado com o que vi. Através do vidro da minha porta, consegui ver perfeitamente um corpo pequeno, cabelos loiros médios, um vestido azul pouco formal, balançando meu filho em seu peito para que se acalmasse. De longe, fui capaz de ouvir uma fraca música de ninar.

Por um momento imaginei Jessica, mas logo estes pensamentos sumiram, essa menina tinha algo de diferente, não sabia o que... Mas tinha.

Saí dos meus pensamentos e abri a porta brutalmente, assustando a garota e acordando meu filho em seus braços, que estava quase dormindo novamente. Aproximei-me dela, pisando duro e cuspiendo palavras frias e secas.

— O que está fazendo com o meu filho?

Capítulo 05

Bruna Watts

Depois de dias andando pela cidade em busca de qualquer trabalho e me esforçando ao máximo para conseguir dinheiro para os remédios do meu pai, graças a uma faxina que fiz na casa de uma senhora, acabei conseguindo comprar os mais importantes, mas sinceramente a cada dia que amanhecia, pedia para Deus que meu pai não se esquecesse de mais nada. Ele fazia perguntas constantes sobre minha mãe e eu nunca tinha respostas para as suas perguntas, seus dias em frente à televisão assistindo novelas foram substituídos por uma cadeira de balanço em frente à casa. Segundo ele, estava esperando a minha mãe chegar do trabalho de garçomete. Tirá-lo da cadeira e fazê-lo ir para cama ou fazê-lo tomar um banho era um sacrifício. Ele sempre acabava chorando feito uma criança, dizendo que eu era a pior filha do mundo por estar o impedindo de ver a esposa, o que cortava meu coração em milhões de

pedaços. Sempre acabava chorava junto com ele. Depois que ele dormia ficava mais alguns minutos em sua cama, sentindo seu perfume amadeirado que sempre gostei de sentir.

O banco mandou uma carta e um representante dizendo que se eu não pagasse a dívida, a casa e tudo que tem dentro seria leiloado, me dando alguns meses como prazo para pagamento da dívida. Além das dívidas e os remédios, tinha a hipoteca da casa que com certeza não conseguiria pagar, então se não arrumasse um trabalho o mais rápido possível, acabaria morando embaixo de um viaduto qualquer com meu pai.



Depois que dei café da manhã para o meu pai e seus remédios, pedi para tia Anne, mãe de Melissa, ficasse de olho em meu pai enquanto ia fazer a entrevista na empresa Brown, me despedi dele com um grande beijo na bochecha e fui até a sala.

— Já vai? — Perguntou Anne.

— Vou sim, estou um pouco atrasada. — Disse pegando minha bolsa e a colocando em meu ombro. — Tia, obrigada por ficar de olho nele. Ele está meio difícil essa semana.

— Que isso, Bruna. É um prazer ajudar. Agora vá antes que chegue mais atrasada e pode entregar isso para Melissa? — Perguntou me mostrando uma pasta azul transparente com algumas folhas dentro. — É o trabalho da faculdade. Ela esqueceu na mesa hoje de manhã.

— Eu entrego, tia. Novamente, obrigada! Acho que não vou demorar muito lá, então estarei de volta o mais rápido possível.

— Qualquer coisa eu dou um jeito. Agora vá, menina. Você não pode chegar atrasada. Boa sorte!

— Obrigada! Vou precisar. — Disse, já passando pela porta da cozinha.

Depois de meia hora dentro de um metrô lotado, consegui chegar a empresa. Atrasada, mas consegui. Dei o meu nome na recepção e me mandaram direto para o andar da presidência. Caminhei apressada até a mesa da Melissa.

— Menina, está louca? Você está atrasada e ele odeia atraso. — Disse ela com um tom baixo, mas ainda com um tom de desespero.

— Desculpa, é que...

— Está bem... deixa para lá. Estou no meu horário de almoço. Tenho menos de uma hora. Bate na porta e entra quando ele mandar. — Falou um pouco rápido, pegando sua bolsa e se levantando. — Boa sorte, amiga!

— Espera! — A chamei. — Seu trabalho da faculdade... Sua mãe mandou entregar.

— Obrigada! — Disse, praticamente correndo para o elevador.

Puxei um pouco de ar para os meus pulmões e me aproximei da porta de vidro. Mordi o lábio inferior e bati três vezes, olhei pela porta, mas não vi ninguém. Quando estava prestes a sair de perto da porta, um chorinho me chamou atenção, aproximei meu ouvido da porta e escutei que o choro vinha de dentro da sala, abri a porta lentamente e olhei para todos os lados.

— Oi! Alguém? Eu vim para a entrevista de emprego.

Sem nenhuma resposta, o chorinho me chamou novamente a atenção. Entrei na sala e fui andando de até uma mesa de aço moderna, vi que ao lado de mesa, próximo a uma cadeira de couro preta tinha um bebê conforto com um bebezinho lindo choramingando sem abrir os olhinhos, me

aproximei dele e o peguei no colo junto com sua manta azul. O coloquei apoiado em meu peito e o balancei tentando acalmá-lo, cantando uma música que meu pai cantava para eu dormir. Andei pelo escritório até que ele parou de chorar... provavelmente estava dormindo ou quase isso. Continuei cantando a música baixinho enquanto sentia seu cheiro delicioso.

Estava prestes a colocá-lo novamente no bebê conforto quando escutei um estrondo me assustando e fazendo o pequeno em meus braços ficar agitado. Um homem alto, de cabelos negros e um olhar furioso, pisando duro em minha direção e esbraveja para mim.

— O que está fazendo com o meu filho?

— E... eu e... estava... — Gaguejei sem saber o que dizer diante da sua raiva.

Ele pegou o bebê dos meus braços que começou a chorar novamente e o afastou de mim, balançando-o calmamente ao mesmo tempo em que colocava uma mamadeira sobre a mesa. Não tinha dúvidas de que esse era o famoso Nathan Brown. Ele tinha um jeito carinho de cuidar do filho mesmo sendo muito grande e o filho parecer um boneco em seu colo. Ele demonstrou ter muita experiência com o filho. O estranho era ele estar

com um terno de três peças com um menininho em seus braços.

— Ainda não me respondeu quem é você e por que estava segurando meu filho. — Disse mais baixo dessa vez, mas eu ainda podia sentir a raiva no tom da sua voz.

— Eu ouvi o choro dele e como vi que não tinha ninguém, resolvi pegá-lo para ele se acalmar.

— Então, invadiu minha sala? Não sei o que faz aqui, mas saía!

— Olha aqui, *playboy* mentido a besta, eu te ajudei... Tá legal? Eu vim aqui para a entrevista de emprego, mas vejo que perdi meu tempo. — Disse, indo em direção a porta.

— Espera! Você veio para a entrevista? Quantos anos tem? Não deve ter nenhuma referência.

— Tenho vinte anos, tenho ensino médio completo, curso de técnica enfermagem, trabalhei em uma creche e cuido de crianças desde os meus treze anos. Não preciso que você me diga o que posso ou não posso fazer. Sei que eu seria melhor do que qualquer uma que você provavelmente irá contratar, então passar bem. — Disse, me encaminhado para a porta e quando estava prestes a fechar a mesma, sua voz ecoou na sala.

— Segunda-feira, às oito horas, na minha casa.

Girei meus calcanhares e o encarei.

— O quê?

— Deixe seu endereço com minha secretaria que o meu motorista irá pegar você e suas coisas para levar até a minha casa.

— Espere! Você está me contratando?

— É o que parece, não é? Quero que prove que é melhor do que qualquer uma mesmo, segunda o que senhorita disse.

— Espere, eu não posso, eu...

— Pensei que quisesse o emprego.

— Eu quero, mas tenho um pai doente. Não posso deixá-lo sozinho. Com o salário vou colocá-lo em uma clínica para um tratamento, mas...

— Deixe seu contato com minha secretaria que amanhã mesmo o dinheiro estará na sua conta.

— Você está me dando um adiantamento?

— Estou.

— Por que?

— Eu não sei. Apenas pegue o dinheiro, coloque seu pai na clínica e esteja na minha casa, segunda-feira.

— Eu não posso...

— Segunda-feira! Agora se me dê licença, tenho que trocar o meu filho.

— Obrigada!

— Só não me decepcione. — Disse indo em direção ao sofá, pegou uma bolsa de bebê e seguiu até uma porta que eu podia jurar que era um banheiro.

Saí da sua sala com um sorriso enorme e sem entender nada do que aconteceu naquela sala. Não sei o motivo de ele estar me ajudando, mas digamos que estou muito feliz por ele estar fazendo isso.

Cheguei a minha casa ainda com um sorrisinho nos lábios, passei pela porta da cozinha e vi tia Anne, colocando uma lasanha na mesa e servindo meu pai.

— Filha! Sabia que a vizinha veio fazer o almoço hoje? Ela é muito generosa!

— Ela é sim, papai — Disse dando um beijo em sua bochecha.

— Como foi?

— Confuso, estranho e por incrível que pareça... Acabei sendo contratada.

— Parabéns, menina! Você merece.

Fiquei olhando para o meu pai que comia em

silêncio, meu coração apertado em saber que teria que ficar longe dele. Nunca me afastei dele, no máximo quando ia aos acampamentos de verão nas minhas férias, mas nunca pensei em deixa-lo, não sou daquelas filhas que não se importa com os pais e acaba os deixando, só revendo-os em alguma comemoração uma vez por ano. Uma lágrima solitária rolou pelo meu rosto e me afastei dele indo para sala.

— Mas por que essa carrinha?

— Vou começar segunda-feira... tenho só dois dias para colocar ele em uma clínica. Não sei se posso fazer isso.

— Oh menina, você sabe que será melhor para ele e você não estará deixando-o para sempre. Ele cuidou de você todo este tempo e agora está na hora de você cuidar dele. Mesmo que doa, você tem que pensar no que é melhor para ele.

— Eu sei. Amanhã mesmo vou à clínica que pesquisei. — Disse, enxugando minhas lágrimas.

— Agora venha cá. — Disse abrindo os braços. Dei um sorriso tímido e a abracei forte.

— Vocês querem ouvir a história de quando eu salvei uma família inteira em um incêndio?

Por um tempo esqueci que ele contava suas histórias de bombeiro na hora do almoço. Mesmo

esquecendo algumas coisas, ele contava tudo com um sorriso nos lábios.

Afastei-me da tia Anne e falei:

— Não pai, você nunca contou essa, quero muito ouvir. — Disse, entrando na cozinha e sentando ao seu lado.

Almoçamos em silêncio, enquanto meu pai contava a história que eu estava cansada de ouvir, mas sempre fazia cara de surpresa nas partes de ação.

Fiquei olhando para ele por um tempo, ele intercalava a história com as garfadas de lasanha.

Tia Anne tinha razão, ele se dedicou por anos para cuidar de mim, estava na hora de eu cuidar dele.

Capítulo 06

Bruna Watts

Depois que tia Anne saiu, dei uma pequena faxina na casa, tomei um banho rápido, vesti um short e uma blusa verde, fui à área da frente da minha casa e sentei ao lado do meu pai enquanto ele balançava na cadeira cantarolando qualquer música.

Dei o jantar para ele na área mesmo, pois ele não quis sair da cadeira.

Estava ficando tarde e estava frio do lado de fora, meu pai continuava olhando a paisagem monótona do final da rua com a esperança de que minha mãe apareceria com seu uniforme amarelo com cheiro de gordura, trazendo uma caixinha cheia de rosquinhas com receio de creme.

— Pai, vamos entrar... Está frio. Vamos tomar um banho e deitar, assim...

— Quero esperar sua mãe, filha. Ela já deve estar chegando.

Levantei-me, segurei suas mãos e o puxei para

que saísse da sua velha cadeira de balanço.

— Vem pai, já está tarde. Você precisa descansar.

— Não quero descansar, quero esperar pela sua mãe. Bruna, me deixa.

— Pai, vamos pelo ao menos tomar um banho e tomar seus remédios, por favor.

Ele soltou das minhas mãos e foi até a ponta da área, olhando fixamente para o mesmo lugar.

— Pai...

Aproximei-me devagar e vi que seus olhos estavam cheios d'água. Ele piscou, deixando suas lágrimas caírem.

— Estou esquecendo do rosto dela, não consigo lembrar-me do seu rosto. Apenas escuto sua voz em meus sonhos, mas não consigo me lembrar do seu rosto, minha doce e ingênua Rebeca está sumindo os poucos.

O que eu poderia dizer? Eu era apenas uma menina de vinte anos, ele era quem deveria me dar conselhos. O que eualaria para um homem de cinquenta e três anos, chorando pela esposa que não vai voltar de um trabalho na lanchonete? Eu simplesmente não achei palavras.

Puxei-o para próximo do meu corpo e o abracei forte, chorando junto com ele.

Sabia que a *Alzheimer* tem três estágios e que o leve já havia passado. O que doía era saber que ele provavelmente estava no estágio moderado e o que assustava era que o avançado estava chegando rápido.

Como ele podia esquecer-se de quase tudo, mas não esquecia a minha mãe?



Enxuguei minhas lágrimas o puxei para dentro ouvindo seus protestos, dei um banho nele. Outro lado mal do *Alzheimer* era que algumas coisas ficavam difíceis de fazer, coisas simples como escovar os dentes e tomar banho se tornava difícil com o passar do tempo.

Terminei seu banho, sequei seus poucos cabelos, vesti seu pijama, sequei suas lágrimas, dei seus remédios e o deitei na cama o cobrindo. Ele não deixou que eu deitasse ao seu lado, simplesmente me expulsou do quarto dizendo que queria ficar sozinho.

Desci as escadas chorando, vi Melissa

entrando pela sala e simplesmente corri e a abracei forte.

— Vou ficar e cuidar de você hoje.

Tudo que eu queria era que alguém cuidasse de mim mesmo que fosse por um curto tempo.

Melissa trouxe ingredientes para um chocolate quente e pequenos

Marshmallow, tomamos em silêncio enquanto passava qualquer programa na televisão.

— Antes que me esqueça. — Ela se levantou, foi até sua bolsa, pegou um papel e voltou para sofá, esticando o papel para mim. — Sr. Brown, mandou lhe entregar.

Peguei o papel da sua mão e vi que se tratava de um cheque, coloquei a mão na boca quando vi o valor.

— M...meu Deus...é...

— É, são cinco mil dólares, ele mandou o Luís me trazer da faculdade só para não correr risco de ser roubada.

— É muito dinheiro, Melissa. Eu ainda nem comecei a trabalhar... Pensei que ele ia me dar um pequeno adiantamento, não que... Meu Deus, estou sonhando! — Disse, olhando para o cheque em minhas mãos.

— Isso com certeza nem fará falta para ele,

sendo que ele é o terceiro homem mais rico de New York. Aliás, como você esqueceu de falar para ele que havia sido roubada? E o susto que levei quando ele perguntou o seu nome e seu endereço?

— Desculpa. Acabei esquecendo. É que aconteceu tudo tão rápido.

— Tudo bem, já pediu a segunda via dos seus documentos? Ele vai querer assinar sua carteira.

— Vai demorar um pouco para chegar. Amanhã pode ir comigo àquela clínica? Quero colocar meu pai lá.

— Tá, vamos cedo... Minha mãe pode olhar o tio Alexander.

— Não sei como agradecer o que sua família está fazendo por nós dois.

— Amamos vocês mais do que tudo. Você é minha maninha e irmãs nunca abandonam uma a outra. — Disse, me abraçando.



Depois de arrumar a cozinha e arrumar o colchão no chão no do meu quarto, tomei um

banho, vesti meu pijama, passei no quarto do meu pai e ele estava dormindo tranquilamente, fechei suas cortinas e dei um rápido beijo em sua testa.

Já no meu quarto, demorei um pouco para dormir.

Melissa estava no chão dessa vez. Sempre fazíamos essa troca quando ela dormia aqui. Ela dormiu assim que deitou, aposto que estava cansada. Faculdade e trabalho deve ser difícil, mas admiro-a, sempre uma menina dedicada.

Pensamentos rodeavam minha cabeça. A gente nunca imagina como uma doença pode ser cruel até ela chegar à sua família e você ter o próprio gosto da dor de ver alguém que você ama sofrer e não poder fazer nada para ajudar. *Alzheimer* não tem cura e os remédios não estavam fazendo muita diferença, o que aumentava minha preocupação.

Fiquei olhando para o teto com os meus pensamentos até que o sono veio sem que eu percebesse.



Acordei cedo, tomei cuidado para não pisar em Melissa e saí do quarto vendo meu pai no corredor, dentro do banheiro, tentando parar de tremer para colocar a pasta de dente na escova. Quando finalmente conseguiu, metade caiu para fora da escova. Me escondi entre a porta e o meu quarto e o vi escovando os dentes devagar.

Depois que ele saiu do banheiro, o ajudei a trocar de roupa. Chorei quando ele disse que mudei. Eu era uma manteiga derretida, confesso. Fiz o seu café da manhã enquanto Melissa foi a sua casa trocar de roupa. Tomei um banho rápido e segui para a sala onde a tia Anne, Melissa e o tio Alberto já estavam se apresentado para o meu pai.

— Filha, venha conhecer nossos novos vizinhos.

— Oi, *novos* vizinhos!

Tio Alberto e meu pai foram para a área enquanto eu, Melissa e tia Anne discutíamos sobre o que fazer sobre a casa. Lógico que eu não conseguiria pagar a dívida, então decidi que colocaria meu pai na clínica e deixaria que o banco colocasse a casa em leilão.

Me despedi do meu pai e deixei que os pais de Melissa ficassem com ele enquanto íamos à clínica com a velha caminhonete do tio Alberto.

A clínica ficava a cerca de quarenta minutos de distância da minha casa, afastada do centro da cidade, o que proporcionava um clima mais calmo para os pacientes.

Entramos na clínica e fomos direito para um balcão de recepção onde uma mulher vestida de branco estava falando ao telefone.

— Oi, eu... — Ela fez sinal com a mão para que eu esperasse.

Fiquei em pé, a ouvindo falando com uma amiga, pois não parava de repetir. "*Sério*", "*Mentira*", "*Nossa! Não acredito que ele fez isso...*" Já estava pronta para explodir quando Melissa atravessou a barreira que nos separava da recepcionista, pegou o telefone, o colocou novamente no gancho e disparou com raiva:

— Olha, você não viu que eu e minha amiga estamos esperando há horas aqui em pé? Estávamos ouvindo sua conversa com sei lá quem, mas tenho certeza que não estava trabalhando, então faz o favor de parar de nos ignorar e começar a fazer o que você é paga para fazer: nos atender.

A recepcionista simplesmente ficou chocada, não por Melissa a ter confrontado, mas sim por não ter terminando sua conversa. Ela passou a mão

nos cabelos e lançou um sorriso falso que Melissa fez questão de devolver enquanto voltava para o meu lado.

— O que desejam?

— Quero colocar meu pai...

— Desculpa, mas não é assim que funciona. A clínica não aceita qualquer um assim... Tem exames a serem feitos para ver se realmente o inválido necessita dos nossos cuidados e depois de aceito terá que pagar uma taxa de nove mil dólares e a mensalidade de sete mil e quinhentos dólares.

Não considerava meu pai como inválido, mesmo que a idade denuncie isso nunca o vi como tal. Ele precisava de cuidados, isso eu concordava, mas não para se chamado de inválido . Depois de anos servindo a cidade, ele não ganhou nada a não ser uma medalha de *cidadão do bem* que ele guardava com todo o carinho no quarto ao lado de seu capacete de capitão.

— Bruna!

— O quê?

— Estava dizendo para sua amiga que nossa clínica não está aceitando novos pacientes.

— Espere, mas eu preciso colocar o meu pai em uma clínica. Como assim não está aceitando novos pacientes?

— Querida, essa é a clínica mais famosa de cidade, estamos cheios. Desculpe.

Algo me dizia que ela estava mentindo.

— O que vou fazer?

— Tem uma clínica em Drotys, próxima a nona com a oitava... Creio que lá você irá conseguir uma vaga.

— Obrigada! — Disse Melissa, me puxando para sair da clínica.

Entrei no carro e, para dizer a verdade, nem vi quando paramos em um pequeno prédio vermelho com algumas pichações. o bairro não era tão calmo e a vizinhança não parecia nada pacífica.

Entrei na clínica e fomos encaminhadas para uma sala pequena e uma mulher veio nos cumprimentar.

— Olá, sou Lola, doutora chefe do lar. O que posso fazer por vocês?

— Olá! Gostaria de colocar meu pai...

— Ai, que ótimo! Nosso lar é um lugar tranquilo... Temos dois enfermeiros a cada quatro pacientes, seis refeições por dia, tudo segundo um nutricionista. Além disso, temos artesanatos, exercícios, natação e outros. Cada paciente tem um quarto para seu próprio uso, com um banheiro apropriado.

— Nossa! — Exclamei. — É incrível...

— Então, nossa mensalidade é acessível...

Seu pai tem quantos anos, mocinha?

— Cinquenta e três. Ele tem *Alzheimer*, então eu estava pensando...

— Fique tranquila! Muitos dos nossos pacientes têm *Alzheimer*, por isso temos exercícios para fortalecer a memória e todos os remédios já estão inclusos na mensalidade. Pode ficar tranquila que ele estará em segurança. Quando pretende trazer ele?

— Provavelmente amanhã.

— Ótimo! Vou separar o quarto dele. Traga roupas apenas, o resto fornecemos. Faremos a ficha dele assim que ele der entrada. O pagamento também é feito no mesmo dia, ok? Alguma dúvida?

— Não, é que...

— Ótimo! Tenho que atender um paciente que está com pneumonia... Se me derem licença, nos vemos amanhã.

Ela simplesmente saiu, fechando a porta atrás de si.

— Então, vamos? — Perguntou Melissa.

— Você não achou a doutora um pouco... Estranha?

— Não. Agitada talvez, mas estranha não. Por quê?

— Nada não, vamos.

Talvez eu deveria ter procurar mais ou devolvido o dinheiro para o Senhor Brown e ter ficado com meu pai de uma vez, mas não podia fazer nada disso. Não quando a casa em que vivíamos seria do banco. Eu precisava do dinheiro e meu pai da clínica. Não tinha muitas escolhas naquele momento. No dia seguinte, meu pai iria para a clínica e na segunda-feira, eu começaria a trabalhar.

O que tinha que fazer naquele dia era aproveitar ao máximo o meu pai porque a partir do dia seguinte estaríamos separados. Então eu faria de tudo para que nosso último dia juntos, demorasse ao máximo para passar.

Capítulo 07

Nathan Brown

Ainda me perguntava o verdadeiro motivo de tê-la contratado. Agi pelo impulso? Não sei o que me levou a ajuda-la, mas fiz e por incrível que pareça não me arrependia de nada. Agora apenas a esperaria na segunda-feira pela manhã e veria se realmente ela era o que disse.

Depois de sair da empresa com Arthur, fui direto para casa. O tirei da cadeirinha, peguei suas bolsas e entrei. O coloquei no berço e fui trocar de roupa.

Estava na sala, balançando um brinquedo colorido que fazia um barulho irritante, mas que fazia o filho rir toda a vez que ele começava a tocar, o que me fazia rir também. Não sei como ele não cansava, sempre ria com o brinquedo bobo, mas vi que estava ficando com sono. Deixei o brinquedo de lado e o peguei no colo, sentindo o cheirinho exalando da sua fralda.

Pedi para Noemi preparar a banheira de Arthur

enquanto limpava-o.

Estava dando um banho no meu filho enquanto ele batia a perninha na água. O sequei, coloquei em cima do trocador, peguei o talco, a pomada e a fralda. Quando estava prestes a passar a pomada para evitar assaduras, senti algo quente próximo a minha barriga.

— Opa! Segura essa mangueira aí, garotão. — Falei, pegando um papel e me limpando.

— Devia ter colocado a fralda. — Disse minha mãe, me fazendo olhá-la parada na porta enquanto observava tudo.

— Ah! Oi, mãe! Não a vi aí.

— Cheguei há pouco tempo. Mas como estava dizendo, deveria ter colocado a fralda primeiro. Você teve sorte de ter sido a urina. Podia ser outra coisa, se é que me entende.

— Entendi, obrigado!

Limpei meu filho novamente e refiz o processo, agora como a minha mãe havia falado. Vesti um macacão verde água nele e passei seu perfume. Tirei a camiseta e peguei-o no colo. Me sentei na cadeira de amamentação de Jessica e dei a mamadeira para ele, que tomou quase tudo. O fiz arrotar, balancei ele por um tempo até ter certeza que dormia sereno em meus braços, coloquei no

berço e me afastei aos poucos com a babá eletrônica em mãos.

Deixei a babá eletrônica com a minha mãe e fui tomar um banho. Saí do banheiro depois de um banho demorado, vesti uma roupa qualquer, mas em vez de ir para sala, meu corpo fez com que eu fosse até a sala de ensaio da minha falecida esposa. Abri a porta e vi as barras, os espelhos, suas sapatilhas e roupas das apresentações que estavam intactas... Do mesmo jeito que ela deixou.

— *Não deveria estar ensaiando no seu estado, amor.*

— *Estou grávida, Nathan. Não inválida. Além do mais, acho que ele gosta dos movimentos, ele sempre se fica quietinho.* — *Disse tocando a barriga linda de sete meses.*

Aproximei-me dela e coloquei minha mão sob a mão macia dela, senti o pequeno chute e nós dois damos sorrisos bobos.

— *Acho que ele quer que eu continue!* — *Falou ela, docilmente.*

— *Esse menino vai me dar trabalho.* — *Abaixei a altura da sua barriga e disse baixinho:* — *Ei, filhão, vamos deixar a mamãe descansar um pouco, tá bom!? Ela não pode ficar pulando por aí igual um coelho.* — *Recebi um leve tapa na cabeça*

e me levantei dando um beijo rápido nos lábios da minha esposa.

— Deixe-me pelo menos mostrar os passos? Por favorzinho! Se não posso ensaiar com o grupo, me deixe pelo menos fazer isso, tá bom?

— Não tem como dizer não para vocês. Apenas alguns passos, está bem?

Ela concordou com a cabeça e foi até o som, liga-lo em uma música lenta e baixa. Seus movimentos continuavam perfeitos. Tudo bem que me assustava vê-la com aquela barriga enorme de grávida. Ela terminou a dança, desligou a música e se apoiou uma mão na parede e outra na barriga. Corri até ela e a ajudei a se sentar.

— Você está bem? Está sentindo o quê? Vamos para o hospital.

— NÃO! Quer dizer, não precisa. Estou bem. Só estou cansada. — Disse entre pausas para tomar um pouco mais de fôlego.

— Falei que não deveria ficar ensaiando assim, amor. Vem, vou colocar vocês dois na cama. — Disse a pegando no colo.

Eu deveria ter percebido os sintomas. Ela sempre estava cansada, sempre muito pálida e, algumas vezes, desmaiava... Mas ela sempre me dizia que era normal na gravidez. Ela sabia que a

vida dela corria risco e ela estava determinada a ter o nosso filho, mesmo que não aguentasse o parto. No final, ela sempre se sacrificava pelos outros e o último sacrifício dela foi por nosso filho. Suas últimas palavras ainda estão na minha mente.

— *Eu te amo... cuida do nosso menino.*

Queria ter falado algo para ela, mas fui arrancado do quarto quando algumas máquinas começaram a apitar e os médicos correrem até ela.

Saí da sala de ensaio e fechei a porta com força. Enxerguei minhas lágrimas que nem sabia que havia caído e fui para o único lugar onde encontrava paz.

Ele ainda dormia tranquilamente no berço, seu peito subia e descia devagar, me trazendo paz em saber que ele estava bem, seguro, tranquilo e quietinho. Um de nós dois tinha que estar assim. Sentei-me em uma cadeira ao lado do seu berço e apoiei minha cabeça, fiquei olhando para ele até que o cansaço venceu e o sono fez com que descansasse meu coração angustiado.

Capítulo 08

Nathan Brown

Acordei com a voz tranquila da minha mãe me chamando baixinho para almoçar, verifiquei o meu filho e saí do quarto.

— O que foi, meu filho?

— Nada mãe. — Soltei um suspiro. — Estou apenas cansado.

— Se quiser parar com as entrevistas, eu...

— Já contratei uma babá. — Falei sentando à mesa de jantar e pegando o guardanapo, colocando-o no meu colo.

— Já? — Me olhou duvidosa.

— Sim. Ela começa na segunda.

— Como assim? Mas quem é ela?

— Segundo Melissa, o nome dela é Bruna watts.

— Você não a conhece? — Perguntou.

— Evidente que a conheço, mãe, ou não nunca a teria contratado.

- E por que não sabe o nome dela?
- Digamos que aconteceu tudo mundo rápido.
- Me explica direito essa história, Nathan Walker Brown.

Depois de ter explicado toda a história e responder todas as perguntas da dona Cloe, ela mesmo disse que ficaria responsável pela nova babá e qualquer coisa iria mandá-la embora em pelejar.



Depois do dia inteiro com meu filho, me senti melhor, tirando as lembranças na minha cabeça. Ele parecia perceber que algo estava me afetando, então toda vez que minha mãe ou Noemi o pegava, ele chorava e só parava no meu colo. Isso fez com que eu o aproveitasse ao máximo , pois não me importava nem um pouco em tê-lo em meus braços o dia todo.

Estava assistindo algo na televisão com meu filho quase dormindo, quando Luís entrou em casa, jogou a bolsa no sofá e se sentou de uma maneira

desleixada.

— O que aconteceu?

— Nada. Dia cansativo. O garotão está dormindo? — Suspirou ele.

— Dormiu agora. — Respondi, passando a mão nos cabelos de Arthur. — Levou Melissa em casa?

— Com todo o prazer. — Disse com um sorrisinho de lado.

Droga! Eu conhecia aquele sorriso e ele não significava boa coisa.

— Não quero você dando em cima dela, Luís. Não quero minha melhor secretária deprimida pelos cantos só porque você a usou e jogou fora.

— Assim me ofende.

— Não estou brincando, Luís. Se magoá-la, eu quebro a sua cara. Não estou brincando.

— Ok, ok! Vou me manter longe da boneca de porcelana.

— Acho bom. Como está sendo a faculdade?

— Um saco! Nunca pensei que direito seria tão complicado.

— Ninguém falou que seria fácil.

— Tem razão. Por isso que eu gosto. Um desafio sempre me deixa mais determinado.

— Bom saber.

— Vou tomar um banho e dormir. Estou muito cansado. Amanhã vou aproveitar ao máximo com o meu sobrinho.

— Bom mesmo, ele sente sua falta.

— Quem não sente? — Perguntou pegando a mochila do sofá. — Boa noite, irmão!

— Boa noite!

Apertei meu filho nos braços e senti o seu cheiro delicioso, tirei a chupeta da sua boca e fiquei o observando. Desliguei a televisão e levantei do sofá.

Cheguei ao quarto e coloquei Arthur no meio da cama. Só hoje eu precisava de uma cama, mas dormir longe dele estava fora dos meus planos. Fiz uma barreira de travesseiros no seu lado, tirei minha roupa e deitei ao lado do meu filho.



E lá estava ela, voava com o vento, sua roupa branca me deixava ainda mais fascinado.

Naquele momento não havia ninguém na

plateia, apenas eu e ela.

Seus movimentos me chamavam muito atenção. Não só a minha tenho que assumir, mas era para mim que ela olhava. Não importava a direção ou o local no palco em que ela estivesse, era para mim que ela olhava e aquilo me deixava ainda mais fascinado. Ela finalizou a apresentação e agradeceu de uma forma elegante.

Depois que todos haviam saído do teatro, eu continuei no mesmo lugar, estava esperando para entrar no camarim. Uma das vantagens de ser doador ao Teatro: teria o privilégio de vê-la mais de perto.

Entrei no camarim e ela estava de costas para mim, falando com outras bailarinas.

— Jessica, quero lhe apresentar o Senhor Brown.

Então o nome dela era Jessica! Nunca achei um nome tão lindo. Nome maravilhoso, perfeito, divino... igual a dona.

Assim que ela se virou, meu coração acelerou. O sorriso dela era lindo e seu olhar me conquistou.

— Prazer, Sr. Brown. — Disse ela

— Sem formalidades, por favor. Me chama apenas de Nathan.

— Tudo bem. Então, Nathan, gostou da

apresentação?

— Gostei mais da bailarina! Quero dizer, gostei sim. Foi uma apresentação incrível! Uma das melhores que já assisti.

— Assiste muitas apresentações?

— Claro! — Menti, aquela era a minha primeira apresentação.

— Nunca o vi antes na plateia.

— Também nunca a vi nos palcos.

Ela deu um sorriso e falou:

— Acho improvável nunca ter me visto nos palcos. Sou a bailarina principal, participo praticamente de tudo, aqui é minha paixão.

— Então... — Comecei sem graça. — Confesso que essa é a minha primeira apresentação.

— Espero que não seja a última.

— Não será. Não agora que descobri uma maneira de ver você sempre, vou comprar todos os ingressos.

— Tem outra maneira de me ver.

— Então, me diga...

— Sempre tomo café, depois dos ensaios, em uma cafeteria aqui perto.

— Isso é um convite? — Perguntei.

— Se aceitar...

— Não deveria ser ao contrário?

— Estamos no século XXI. As coisas mudaram.

— Sexta-feira está bem para você?

— Está perfeito! Às 15 horas?

— Mal posso esperar. — Confessei

Queria conversar mais com ela, aproveitar sua presença, mas suas amigas praticamente a puxaram para longe de mim.

— Até sexta-feira, Nathan. — Disse passando pela porta.

Fui acordado pelo chorinho do meu filho, o peguei no colo e levantei da cama, olhei rapidamente para o relógio da cômoda e soltei um suspiro. 03h12min. Saí do quarto e fui até a cozinha.

Ela estava presente em todos os lugares, ela me levava ao um lugar inexplicável, me provando que sua memória ainda era viva e presente, mas essas lembranças me machucavam, doía em meu peito não tê-la comigo, e sem sua presença a casa parecia morta, sem vida. Quando ela se foi, levou a

vida de todos e até a minha. Mas ainda me pergunto se um dia vou viver como vivia antigamente.

— Acho difícil.

Capítulo 09

Bruna Watts

Estava arrumando as coisas do meu pai enquanto ele estava na área tomando uma limonada. Descontei o cheque do senhor Brown e comprei os remédios que estava faltando para o meu pai. Sei que a clínica tem, mas prefiro levar alguns, sou muito prevenida. Depois de tudo pronto e arrumado, desci os poucos degraus que levava para o andar de baixo e fui até a área.

— Oi, minha pequenina!

Adorava quando ele me chamava assim! Não pelo fato da minha estatura, mas desde nova ele me chamava dessa forma. Para ele sempre serei sua pequenina. Fazia tempo que ele não me chamava por esse nome, mas depois que cheguei da clínica ele não parou de me chamar assim, era como se ele sentisse que íamos nós separar.

— Venha cá, pequenina.

Arrastei uma cadeira próxima até ele e encostei minha cabeça em seu braço.

— O que você vai querer para jantar, pai? Eu posso fazer seu prato preferido. Que tal lasanha ao molho branco?

— Quero um hambúrguer enorme com muita mostarda, batata frita e torta de maçã com sorvete de creme.

Dei um sorriso e um leve tapinha no braço dele.

— Nada de besteiras para o senhor.

— Pelo menos, tentei. Aceito a lasanha, mas não abro mão da torta de maçã com sorvete.

— Eu faço a torta, pai! Quer me ajudar na cozinha?

Ele olhou para o final da rua novamente e me olhou com um sorriso meigo.

— Acho que Rebeca não se importará se eu não esperá-la hoje. — Disse se levantando com dificuldade. — Vem, pequenina, vou te ensaiar a cozinhar.

Sentiria saudades desse bom humor dele.

— Então vamos!



Deixei que ele me ajudasse com o molho, mas evitei que ele ficasse perto de facas e também não o deixei muito tempo de pé. Ele me ajudou a montar a lasanha, depois a coloquei no forno.

— Vou cortar as maçãs... Como quer?

— Pedacos grandes e bem caramelizados.

— Você pega o açúcar para mim?

— Pego sim. — Ele se levantou e abriu algumas portas até achar o açúcar. — Quer que eu faça o caramelo?

Eu sabia que ele gostava de cozinhar, mas não podia deixar que ele mexesse em uma panela extremamente quente, afinal ele já não tinha mais a firmeza de antes nas mãos nem nas pernas, então vesti novamente minha capa de vilã da história.

— É... — Comecei.

— Vou chamar os novos vizinhos para o jantar... Eles provavelmente estão cheios de caixas e bagunça, nem devem ter almoçado direito. O que acha?

— Acho uma ótima ideia. Vou com você, espera aí. — Disse tirando o avental e indo até a porta da cozinha.

Atravessamos o quintal e passamos pelo pequeno portão de madeira dos fundos. Tia Anne estava cuidando da sua pequena horta quando

chegamos.

— Olá, nova vizinha.

Anne levantou a cabeça e olhou com dúvida para o meu pai, mas logo sua expressão mudou quando nos viu. Ela limpou as mãos na própria calça e se levantou.

— Olá! Como estão? — Perguntou ela, com um sorriso.

— Bem ti... Quer dizer, Sra. Crawford. Queremos fazer um convite!

— Um convite?

— É... Na verdade, meu pai gostaria de convidar sua família para jantar. Sabe, né? Com a mudança deve ser complicado cozinhar e queremos convidar sua família para jantar conosco.

— Disse

— Ah, claro! A mudança. Nossa! Agradecemos muito, vamos sim.

— Ótimo! Sua horta está linda. Parabéns! Parece que estar aqui há anos.

— Oh, não! Que isso?! Não é nada... Só algumas folhas... — Disse ela.

— Então, vamos deixar a Sra. Crawford, pai. Não vamos atrapalhar, né!? — Disse puxando meu pai novamente para casa.

Olhei para trás e sussurrei um "me desculpe" para tia Anne.



Estava terminando de colocar os pratos na mesa com a ajuda da Melissa e a da tia Anne, enquanto meu pai e o tio Alberto foram buscar um bom vinho branco.

O jantar foi maravilhoso. Meu pai contava com orgulho das suas histórias de bombeiro. Geralmente crianças sempre pensavam em ter um pai como os heróis de capa e de superpoderes, mas eu tinha o Super Alexander, o capitão do corpo de bombeiros. Sempre tive muito orgulho por ele ter sido um herói na vida real, salvando vidas e, ainda assim, disposto a amar minha mãe e eu.

Depois do jantar, servi a torta ainda quente com sorvete e todos sentamos na área, conversando e rindo sobre alguns assuntos.

Depois que a família da Melissa foi embora, arrumei a cozinha e dei um banho no meu pai. O deixei deitado na cama e agradei mentalmente por ele não ter me implorando para ficar na área. Tomei

um banho rápido, vesti meu pijama de patinhos e fui deitar ao seu lado, que já dormia.

Ele se mexeu e virou para mim, me dando um beijo na testa.

— Te amo, minha pequenina!

— Te amo, pai!

Fiquei olhando para ele por tempo, imaginando como seria a minha vida sem tê-lo por perto. Ele sempre foi o meu exemplo de homem e sua presença era necessária na minha vida. Ainda não estava pronta para enfrentar o mundo, para seguir meus próprios passos. Anda sentia a necessidade de ser a menininha do papai e ter os seus cuidados, mas a vida fez com que eu crescesse rápido e tive que amadurecer muito para cuida dele, sozinha. Dei um beijo em sua bochecha e fechei os olhos.



— Meias? — Perguntou Melissa

— Peguei. — Afirmei.

— O chinelo?

— Melissa! Eu peguei tudo. Não enlouqueça! A única coisa que falta é a foto da minha mãe. De resto, peguei tudo, ok?

— Ok. Então, vai... Meu pai está te esperando no carro.

Soltei um suspiro de cansaço e falei:

— Vamos. — Confirmei.

— Como ele reagiu com a notícia?

— Não disse nada a manhã toda, nem no almoço ele contou suas histórias. Estou me sentindo a pior filha do mundo.

— Sei que no fundo ele sabe que é o melhor.

— Não sei, e se eles esquecerem de que ele é alérgico a abacaxi? E se eles...

— Bruna, relaxa! Vai ficar tudo bem. Vamos que meu pai está esperando, esqueceu?

Peguei a mala e levei para o carro, entrei na parte de trás com Melissa e seguimos para a clínica.

Lola nos recebeu, apresentou os quartos e o resto do local. Fez um discurso das atividades intermináveis que haviam no local e me mostrou o quarto do meu pai: um cubículo verde e branco, com uma cama de solteiro e uma cômoda de madeira velha, um guarda roupa com cheiro de

naftalina, uma janela alta e pequena e o banheiro era equipado e pequeno.

Arrumei a roupa do meu pai enquanto ele estava sentando na cama olhando para chão.

— O que achou? Legal, né? Tem tantas atividades... Viu a piscina? Incrível! E tem bingo todo final de semana, lembra quando jogávamos?

Ele apenas murmurou um "*hummm*".

Fechei a porta do guarda roupa e sentei na cama no seu lado com o porta-retratos da minha mãe, no dia do casamento com o meu pai.

Ficamos assim por algum tempo, sem dizer nada um para o outro, até que me levantei e coloquei a foto em cima da cômoda ao lado da cama.

— Ela vai ficar aqui, do seu lado. Prometo que te visitarei sempre que possível, vou ligar também, eu vou...

— Não, não vai. — Falou de uma maneira desgostosa

— O quê? — Perguntei, duvidosa.

— Você não vai voltar! Vai me deixar, assim como sua mãe me deixou. Então, não prometa algo que não irá cumprir.

— Pai, eu...

— Vá, me deixa em paz.

Fiquei ali parada, sem saber o que dizer ou o que falar.

Ele se levantou com dificuldade, tentei ajudá-lo, mas ele negou, me afastando. Ele andou até a porta, abriu e apontou para o lado de fora.

— Por favor, vá embora.

Apertei a minha bolsa nos braços e saí devagar. Tentei me aproximar dele, mas ele simplesmente virou o rosto e então saí sem dizer nada. Ele fechou a porta com as poucas forças que tinha e eu desabei e chorei.

— Des...desculpa...pai...me desculpa.

Senti as mãos macias de Melissa e ela me levou até a saída, me tirando de perto dele.

Pensei que estava fazendo a coisa certa, mas sentia como se algo estivesse rasgando meu peito, a dor que sentia não tinha explicação. Ele tinha razão de me tratar assim, eu era a pior filha do mundo, ele só tinha a mim e eu estava o abandonado em um lugar desconhecido.

Esperava sinceramente que tudo desse certo, que nada fosse em vão e que essa dor tivesse um fim.

Capítulo 10

Bruna Watts

Depois que enxuguei minhas lágrimas e conversei com Melissa e o tio Alberto, fui até o escritório de Lola.

— Olá! Como foi a recepção? Espero que esteja gostado muito. — Disse Lola.

— Gostei, sim. Olha, ele tem alergia a abacaxi e não come gelatina de cereja. Ele não gosta que mexam nas coisas dele, ele também...

— Fica tranquila, Srta. Watts. Tudo está na ficha dele... Trouxe o dinheiro?

Afirmiei com a cabeça e peguei o dinheiro na minha bolsa em um envelope branco e a entreguei.

— Ótimo, querida! Agora temos apenas uma regra aqui. — Disse ela, pegando o dinheiro e contando.

Olhei para Melissa rapidamente e perguntei:

— Qual?

— A visita precisa ser avisada com antecedência.

— Por quê?

— Olha, senhorita, a maioria dos nossos pacientes não recebe visitas... Eles se sentem mal por serem rejeitados pelas pessoas próximas.

— Eu entendo. Ligarei sempre que vier visitá-lo. — Disse.

— Ótimo! Se for apenas isso, eu levo vocês até a porta. — Disse ela, se levantando da sua cadeira sem nos dar a chance de fazer mais perguntas ou falar tudo que eu queria falar.

Ela abriu a porta e eu e Melissa saímos.

— Espero vê-la novamente, Srta. Watts.



A casa estava quieta demais, vazia demais e agora estava parecendo grande demais.

Minhas malas já estavam arrumadas. Tudo pronto. Móveis com alguns panos os cobrindo e outros guardados em caixas pela casa. Apaguei a luz da cozinha, da sala, do corredor e fui até o quarto do meu pai.

Vesti meu pijama e deitei em sua cama,

abraçando seu travesseiro e sentindo seu perfume amadeirado. Senti lágrimas quentes descendo por meu rosto e não me importei em secá-las, tinha que chorar, de alguma maneira, tinha que tirar a dor do meu peito.



Acordei cedo, meu rosto estava inchado e meu nariz escoria como se eu estivesse gripada.

Levei minhas malas até a sala e me despedi de cada cômodo da casa.

O representante do banco chegou junto com o motorista do Sr. Brown. Entreguei a chave para o funcionário do banco e o tio Alberto me ajudou com as malas. Depois que o motorista colocou tudo no porta-malas, fiquei o olhando a família da Melissa, parada no lado do carro. Por um momento, ficamos naquele clima de quem iria se despedir primeiro. Não falei nada até que eles me surpreenderam com um abraço em grupo.

— Vamos sentir sua falta, pequena. — Tia Anne disse.

— Quando precisar pode contar com a gente.

— Alberto disse carinhosamente.

— Não sei o que faria sem vocês. Obrigada por tudo.

Eles se afastaram e Melissa ficou esfregando os braços.

Sinal que estava nervosa.

— Promete que me ligará todas as noites? E me manterá informada de tudo? Qualquer problema vai me avisar? E que não vai arrumar uma amiga nova...

— Prometo, mamãe. — Fui irônica. — Vou ligar do telefone da casa só eu puder, né?

— Não interessa! Me manda sinal de fumaça, mas não se esquece de mim.

— Isso está parecendo uma novela mexicana... Estarei na mesma cidade que você. Sabe disso, né?

Ela não falou nada, apenas fungou e me abraçou forte. Senti algo molhando meu ombro e correspondi o abraço.

— Te amo, maninha.

— Eu também te amo! E tenta se manter longe das piscinas.

— Não vai ter graça sem você. — Disse rindo e

secando suas lágrimas.

— Srta. Watts, podemos ir? — Perguntou o homem de meia idade com a porta de trás do carro, aberta.

— Tenho que ir. — Disse.

— Vou sentir saudades e se arrumar uma nova amiga, eu te mato.

— Amizade construída com amor e carinho é assim.

Dei um último abraço em todos e entrei no carro, olhando para trás enquanto me afastava deles.



Estava há quase uma hora naquele carro e já começava a pensar que a casa era em outra cidade.

— Desculpa, Senhor...? — Comecei.

— Mart, me chame de Mart, Srta. Watts.

— Te chamarei de Mart se me chamar apenas de Bruna... Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Vai demorar muito? É que estamos quase chegando à parte rural.

— Exatamente, jovem Bruna. O senhor. Brown mora em uma Fazenda e já chegamos.

Assim que ele terminou, percebi que estávamos passando por um grande portão preto de ferro. O gramado se estendia para todos os cantos, mas o que me chamou atenção foi um canteiro de hortênsias azuis.

Seguimos o caminho até uma casa grande branca, com cascalhos na frente e pinheiros nas laterais. Mart parou o carro em frente da mesma, desci do carro e o ajudei com as malas.

— Deixe que Mart leve suas malas até o quarto. — A voz grossa me fez arrepiar, olhei para trás e Nathan estava com uma camiseta social branca e os cabelos devidamente penteados e arrumados com gel.

— Deixa, menina. Levarei as malas com prazer. — Disse Mart, se afastando.

— Venha, senhorita, apresentarei a minha família e a casa.

Subi os degraus e Nathan me deu passagem por uma porta grande de madeira.

A casa não tinha jeito de Fazenda, tudo era moderno e sofisticado e tudo me chamava atenção,

principalmente uma escada no centro da casa com o corrimão desenhando com rosas gigantescas.

Ele me apresentou o cômodo e segui atrás dele em silêncio, chegamos em uma grande sala de televisão que tinha quatro pessoas, de pé.

— Srta. Watts, esses são: Cloe, minha mãe, Noemi, minha empregada e amiga da família, Theo, chefe da segurança e Luís, meu irmão.

A mãe de Nathan me olhava de cima a baixo, me senti um peixe fora d'água, era como se ela buscasse algum defeito em mim. Noemi era uma morena bonita, aparentava ter uns quarenta anos. Theo era loiro com uma barba bem feita e mantinha a posse de segurança, era um homem bonito. E, naquele momento, eu entendi a atração de Melissa pelo Luís. Ele tinha os cabelos parecidos com o de Nathan, ombros largos e ele estava me lançando um sorriso de lado, me deixando desconfortável. Lembrei as palavras da minha amiga: “*ele é maior galinha da faculdade.*”

— Família, essa é Bruna Watts, a babá do Arthur.

Bônus Lola

Não estava aguentando a voz irritante daquela garota, sei bem como ela é, no começo fingi que se importa com o saco cheio de rugas que é o pai dela e depois o esquece a mercê de qualquer um.

Odeio ter que cuidar de velhos babões. A única parte boa é o dinheiro que os filhos, netos ou sei lá quem, um bando de folgados que deixa esses idosos no meu colo, mas o dinheiro fazia valer a pena.

A minha clínica não é das melhores, por isso tenho que inventar algumas "mentirinhas" para chamar a atenção das pessoas para a minha clínica. Seis refeições por dia, faça me rir... Três no máximo e fazemos o que nos dá vontade, nada de nutricionista. E para quê tanto exercícios? O bingo é verdade, mas apenas porque meus funcionários gostam e fazemos algumas apostas enquanto os velhos estão animadinhos com o jogo entediante. E, o último, para quê tantos funcionários? Não tenho nem a metade do que falei, mas dou um bônus para os funcionários eu tenho, se eles me trouxerem mais otários para o lar.

Depois que aquela sem sal saiu daqui chorando com a ajuda da amiguinha dela, eu fui até os meus funcionários que jogavam cartas em umas das salas fechadas.

— Vocês são uns vagabundos mesmo, né? A garota já saiu. Quero que tirem o velho do quarto e o leve para dormir junto com outro qualquer, avisa a cozinheira para evitar abacaxi, não quero problemas caso aquele velho morra com uma crise alérgica.

— Menos um para cuidar. — Disse um, caindo na gargalhada.

— Se ele morrer, não tem dinheiro idiota. Agora vá logo. Tenho outro velhote chegando.

Eles jogaram as cartas de qualquer jeito na mesa e saíram sem falar nada. Fui até a minha sala e abri o meu cofre, colocando o dinheiro que aquela garota me deu.

— Existe cada otário neste mundo.

Capítulo 11

Nathan Brown

Ela estava ali, parada próximo a porta da sala. Seu corpo pequeno, em um vestido floral, um pouco acima dos joelhos, a deixava ainda mais bonita. Ela olhava cada um à sua frente e era visível que ela estava envergonhada, pois suas bochechas estavam levemente rosadas. Ela afastou uma mecha do cabelo para trás da orelha e deu um sorriso tímido à minha família.

— O Mart também é um membro da família, mas como já o conheceu, acho desnecessário novas apresentações

— É muda, senhorita? — Perguntou minha mãe.

— N... não senhora. — Respondeu timidamente.

— Mãe, não a assuste. — A repreendi.

— Apenas fiz uma pergunta, a garota está quieta há minutos. Que idade tem, senhorita?

— Vinte. — Respondeu.

Minha mãe fez um cara de espanto, não tinha como não ficar surpreendido. A pequena que estava à nossa frente aparentava ser muito mais jovem e sua estatura apenas confundia sua idade atual.

— Tem alguma experiência com...

— Mãe, a entrevista já foi feita. Noemi e Theo podem voltar a suas funções. Luís, mãe podem tomar o café da manhã. Mostrarei a casa para a senhorita Watts. — Noemi e Theo se retiraram com um aceno de cabeça, mas Luís foi até Bruna e beijou sua mão, a fazendo sorrir com a sua gentileza.

Galanteador dos infernos.

— Vou ficar de olho nela, você sabe. — Minha mãe disse baixo, para que apenas eu pudesse ouvir. — Luís chega de gracinhas e venha. — Agradei mentalidade pela atitude da minha mãe.

Meu irmão se despediu de Bruna e passou por mim sussurrando a palavra "*gostosa*" e seguiu para a sala de jantar.

Vou ter uma conversa com ele. E não vai chegar perto dela, afinal ela é a babá do Arthur e ele não pode ficar com ela.

Ela continuou no mesmo lugar, olhando cada canto da casa, como se fosse a primeira vez que

estivesse em um lugar como esse.

— Vamos? — Ela concordou com um movimento de cabeça e me seguiu.



Havíamos visto cada canto da casa, por último o quarto do meu filho que estava dormindo tranquilamente.

Era estranho ver alguém tão próximo dele, senti até um pouco de raiva por ela estar ali, passando a mão na barriguinha do meu pequeno, mas assim que ela sorriu quando a chupeta saiu da boca dele, minha raiva sumiu.

— Ele é lindo.

Mantive-me em silêncio, não sabia o que responder. Sabia que meu filho era lindo, mas se respondesse isso seria grosso, e não queria ser, não com ela.

— Acho melhor deixa-lo quietinho. Tem mais alguma coisa que eu preciso ver?

— Vou mostrar onde você irá dormir... Me espere no corredor que já estou indo. — Disse me

aproximando mais do meu filho e colocando a chupeta novamente em sua boca, aumentei a temperatura do ar e saí.

Fechei a porta devagar. Quando me virei, vi que ela estava prestes a entrar no cômodo que Jessica ensaiava.

Não sei como, mas quando vi já a tinha puxado para uma parede próxima e minha mão estava em seu pescoço, apertando com força.

— Nunca, nunca entre neste cômodo ou atravesse a última porta do corredor, está ouvindo? — Seus olhos estavam cheio de lágrimas e o medo era visível. Ela abriu a boca em busca de ar e tentava me afastar com suas mãos, mas era inútil.

A soltei e a mesma caiu ao chão, tossindo com a mão ao redor do seu pescoço.

Cassete! Tenho praticamente o dobro do tamanho dela, não sei o que deu em mim... Poderia tê-la machucado. Droga! O que eu fiz?

Passei a mão em meu rosto e tentei chegar perto dela, mas a mesma me repreendeu, levantando uma das mãos.

— Por...Por favor, não chega perto de mim. — Disse ainda com a cabeça baixa.

— Desculpe-me, agi pelo impulso. Não queria machucar você. — Cheguei perto dela e a ajudei a

ficar de pé. — Só não chega perto dessa porta. — Afastei o cabelo do seu rosto que estava molhado de lágrimas e seu pescoço vermelho com a marca dos meus dedos. Droga! Me senti um filho da puta por ter feito isso com ela. — Me desculpe! Vem, vou ajudar você. Vamos...

— Não! — Ela praticamente gritou. — Obrigada por... Por tudo, mais fica... Fique longe de mim, eu... — Ela não terminou a frase, apenas saiu correndo, se afastando de mim.

Droga! Acabei de perder uma funcionária em menos de duas horas. E ainda com dez mil de adiantamento, o que não me faria falta nenhuma.



Estava no quarto do meu filho, depois que ela saiu de perto de mim, ele acordou, o troquei e estava terminado de colocar sua meia.

— O que você fez com aquela garota? — Disse minha mãe, assim que entrou no quarto.

— Nada. — Respondi

— Então vá arrumar o *nada* que você fez.

Noemi e eu não conseguimos a fazer falar nenhuma palavra.

— Espera, ela não foi embora? — Perguntei.

— Demitiu a menina?

— Não, eu...

— Não quero saber. Crie um homem, não um selvagem. Seja lá o que fez, vá até lá e peça desculpas.

— Não era você que estava fazendo papel de vilã há alguns minutos?

— Sem deboche, Nathan. Faça o que lhe pedi.

Peguei meu filho no colo com cuidado e o entreguei a ela, arrumei a sua roupinha, dei um beijo em sua testa e fui em direção a porta.

— Nathan! — Ela me chamou

— Sim?

— Gostei dela. — Disse com um sorriso.

— Eu também, mãe.

Desci as escadas e segui para cozinha onde ouvi a voz de Noemi. Ela estava sentada próxima a bancada de mármore com um copo de água que, pela cor, eu tinha certeza que continha um pouco de açúcar.

Noemi mexia em seu cabelo e falava algumas coisas baixinhas.

— Noemi, poderia me deixar conversar a sós com a senhorita Watts?

— Está tudo bem eu deixá-la sozinha, pequena? Se quiser, posso ficar. — Disse ela me ignorando.

— Eu vou ficar bem. — Respondeu Bruna.

— Qualquer coisa é só gritar. — Disse passando a mão no cabelo dela.

Ela se afastou e veio até mim, me dando um abraço e sussurrando a frase "*seja gentil com ela*" e logo depois saiu da cozinha.

Ela continuava com a cabeça abaixada, passando o dedo pela borda do copo. Me aproximei aos poucos e sentei a sua frente.

— Eu queria pedir desculpas pelo...

— Não precisa pedir desculpa... Na verdade, eu é quem tenho que me desculpar, não deveria ter tentado entrar naquele cômodo. Vou entender se quiser me despedir.

— Não vou fazer isso. — Fui sincero.

— Não? — Ela levantou o rosto e pude ver seus olhos vermelhos e algumas marcas avermelhadas em seu pescoço branco.

— Não, fui eu quem errou. Você ainda será a babá do meu filho e espero que me desculpe.

— Está desculpado, Sr. Brown.

— Ótimo! E me chame de Nathan. A partir de hoje, você também faz parte da família.

— Obrigada! — Disse ela timidamente.

— Agora venha, Bruna, tem uma pessoinha que acabou de acordar e sei que você vai adorar conhecê-lo.

Ela me lançou um sorriso sincero e naquele instante senti que estava realmente perdoado. Ela merecia sorrir todo dia, cada segundo, o mundo não devia ser privado daquele sorriso. Por um momento, me senti o pior homem do mundo por tê-la feito chorar.

Capítulo 12

Bruna Watts

Foi amor à primeira vista, desde que o peguei no colo e comecei a brincar, soube que Arthur realmente era uma criança amada e encantadora.

Depois que eu e Nathan colocamos tudo em pratos limpos, ele me explicou toda a rotina de Arthur: pela manhã, depois de trocado e alimentado, eu daria banho no pequeno, pegaria alguns brinquedos para ele brincar; à tarde deveria levá-lo ao jardim para pegar um pouquinho de sol e sair um pouco de dentro de casa e à noite o pequeno seria todo do Nathan, inclusive durante madrugada. Ele me disse que não abriria mão disso e quando precisasse de mim, me avisaria. Aparentemente, ele ainda não estava pronto para voltar para a empresa e ficar longe do Arthur, não podia discordar dele com relação a isso, afinal Arthur era uma criança difícil de desapegar.

Estava ficando tarde e Nathan tinha acabado de sair para resolver um assunto da empresa que

Luís não conseguiu resolver. Estava sentada em uma cadeira reclinável em um deck no lago, vendo uma família de patos passeando pela água. O sol não estava tão quente e as árvores frutíferas ao redor proporcionavam uma sombra refrescante. Arthur estava com a mão na boca, babando tudo, mas toda vez que eu limpava, ele ria e colocava a mão novamente na boca e eu ficava balançando um brinquedo que ele fazia questão de ignorar.

Não sei quanto tempo estava ali, olhando a mesma paisagem, mas o lugar era incrível, haviam hortênsias em todo o lugar e animais pequenos andavam pela fazenda tranquilamente. Arthur já estava dormindo, ele estava cansado de tanto brincar e ele ficava lindo dormindo. Tirei a chupeta da sua boca e deixei sua boquinha linda um pouquinho aberta.

— Oi! — A voz de Theo fez com que eu desviasse o olhar do pequeno Arthur e o olhasse, bem próximo a mim.

— Oi, Theo! Fazendo a ronda?

— Não preciso fazer isso, os outros fazem. Eu só supervisiono o serviço, aliás, minha mãe mandou entregar. — Disse, me entregando um prato com um sanduíche de pasta de amendoim. — Ela disse que você quase não almoçou.

Depois do almoço, descobri que Noemi e Mart são casados e Theo era o único filho do casal, eles se conheceram na fazenda e nunca mais saíram. Theo, além de fazer faculdade de engenharia mecânica, trabalhava para os Brown, como chefe de segurança.

— Obrigada, mas sou alérgica a amendoim.

— Oh... — Ele me deu um sorriso sem graça.

— Desculpa, não sabíamos. Eu vou falar para ela e trago outro.

— Não precisa, já estou entrando. — Disse, colocando a fralda de boca em meu ombro e levantando devagar.

— Quer companhia até a casa grande?

— Se não for atrapalhar você.

— Não irá atrapalhar nada e, além disso, está na hora do meu lanche. — Apenas concordei com a cabeça e segui o caminho de volta a casa.



Coloquei Arthur deitado, de lado, segurando a fralda que estava amarrada na chupeta, passei a

mão em seus cabelinhos e sai do quarto com a babá eletrônica.

Entrei no meu quarto, tomei um banho, arrumei o resto das minhas roupas no guarda-roupa e coloquei a mala debaixo da cama. Em seguida, descí as escadas e entrei na cozinha onde estava Mart, Noemi e Theo, sentados tomando café.

— Oi, menina! Fiz outro lanche para você. — Disse Noemi

— Obrigada! — Respondi, me sentando no único lugar vago no balcão, e ela empurrou um prato com um sanduíche de atum em minha direção. — Onde está a dona Cloe?

— Cloe está na loja dela. — Respondeu Mart.

— Ela tem uma loja? — Perguntei, dando a primeira mordida no sanduiche.

— Sim, uma loja de bolsas e sapatos, sonho de toda a mulher. Um dia, eu te levo até lá... Você vai adorar. — Noemi disse empolgada.

— Não sou tão fã assim dessas coisas, mas vai ser um prazer acompanhar você. — Fui sincera.

— Ótimo! Nunca tive uma filha, então vou te sequestrar por um dia e vamos fazer de tudo, shopping, cinema, cabelo...

— Tô saindo. — Mart se pronunciou, deixando a cozinha.

— Tchau. — Disse Theo, acompanhado o pai.

— Na hora do jantar, vocês lembram que eu existo, né seus ingratos?

— Nós te amamos, mãe, mas... — Iniciou.

— Este assunto é chato, então vamos, meu filho, deixa as meninas conversarem em paz. — Completou Mart.

— Obrigada pela parte da menina, amor. — Agradeceu ela.

— Você sempre será minha menina, meu amor. — Disse ele, beijando a esposa.

— Daqui a pouco quem vai sair, seremos eu e Bruna, ela chegou hoje e já tem que ver essas coisas. — Theo gemou com desgosto.

— Isso é amor, meu filho. — Noemi respondeu ao filho.

— Nojento e traumatizante. — Completou Theo.

— Eu acho fofo. — Pronunciei.

— Viu? Temos o apoio dela. Não liga, menina, ele é um chato. — Noemi disse dando um tapa de leve no ombro do filho.

— Ele parece ser nosso pai, não o contrário. — Mart completou.

— Isso é um motim? — Perguntou Theo.

Estava segurando o riso, mas foi impossível.

— A família de vocês é divertida. — Admiti.

— Seu pai e sua mãe não se beijam na sua frente? — Perguntou Noemi.

Droga!

Nunca soube o que falar quando perguntavam sobre os meus pais, não era fácil explicar o quanto a minha vida era confusa. Lógico que meus pais sempre demonstraram o amor que tinham um pelo outro, mas acabei esquecendo esses momentos quando ela se foi.

Devo ter feito alguma cara de coitada ou de pena, pois logo ela se arrependeu de ter perguntado.

— Desculpa, menina, eu não sabia... — Ela se desculpou.

— Está tudo bem, eu tinha quinze anos quando minha mãe faleceu. Estou trabalhando aqui apenas para pagar a clínica que o meu pai precisa.

— Você tem um coração muito grande. — Disse ela, me lançando um sorriso. — Aprende com ela, Theo. — Continuou, batendo no ombro do filho.

— Ah tá! Quando vocês estiverem velhos, vou colocá-los em uma clínica e curtir a vida.

Parei o sanduíche no meio do caminho e olhei para ele brevemente, e logo morder um pequeno pedaço do lanche que Noemi havia feito.

— Bruna, não quis dizer que... — Tentou falar, mas o interrompi.

— Eu sei... Olha, eu não o coloquei naquele lugar por que quis, foi necessário, ele precisa de cuidados de especialistas e não posso cuidar dele tanto gostaria. Sei que estou fazendo a coisa certa colocando ele naquela clínica.

Ouvi o resmungo de uma pessoinha pela babá eletrônica e logo um sorriso apareceu, deixei o sanduíche sobre o prato, me despedindo de todos e corri para o quarto e lá estava ele com aqueles olhos azuis olhando o móbile de balões coloridos que girava.

— Oi, pequeno! Está cansado de ficar ai, né? — Ele deu um sorriso como se estivesse entendendo o que eu estava dizendo. — Vou aceitar isso como um sim. — O peguei no colo e apoiei a sua cabeça em meu peito. — Vamos trocar a sua fralda e logo vou fazer sua mamadeira... O que acha?



Já estava de noite. Dispensei a jantar para dar um banho no Arthur antes que ficasse muito frio.

Depois do banho tomado, ele finalmente estava com aquele cheirinho de bebê que eu tanto amava, ele parecia estar com sono, então vesti uma roupa limpa e dei a mamadeira e o balancei contra o meu peito para que dormisse.

Estava olhando pelo espelho que tinha no quarto e vi que ele dormia tranquilamente, mas continuei o balançando mais um pouquinho, sentindo o calor do seu corpo pequeno próximo ao meu.

— Ele dormiu? — Perguntou Nathan, me olhando com atenção.

— Dormiu sim, acho que estava cansado. — Disse assim que virei e vi Nathan encostado no batente da porta, com uma camiseta social puxada até os cotovelos.

— Desculpa a demora, mas precisei ficar na empresa... assuntos burocráticos.

— Não se preocupe.

— Vou tomar um banho rápido e já volto para ficar com ele um pouquinho. Se achar melhor, pode ir jantar. Vou levar a babá eletrônica. — Disse ele, pegando o aparelho em cima do trocador. — Boa noite, Bruna!

— Boa noite, Nathan!

Coloquei Arthur no berço com cuidado, mas fiquei um tempinho o observando dormir e logo sai, entrei no meu quarto, peguei meu pijama e o joguei em cima da cama quando vi um bilhete branco, dobrado ao meio, sobre meu travesseiro.

Bruna Watts,

*Me desculpe a maneira como falei com você
essa tarde. Nunca que eu iria ofender o seu pai,
apenas me expressei mal. Espero que me
desculpe.*

*E se estiver perdoado, lhe convido para um
piquenique próximo a macieira.*

Eu, você e o Arthur!!!

*PS.: Terá torta de Blueberry e a torta de
Blueberry da dona Noemi é de comer rezando.
Estou falando sério.*

Com carinho,

Dei um sorriso ao terminar de ler e coloquei o bilhete na primeira gaveta da minha cômoda. Tomei um banho demorado.

Depois que escovei os dentes e vesti meu pijama, deitei na cama. Era estranho dormir em uma cama tão grande. Estava acostumada com a minha velha cama de solteiro, com o meu quarto pequeno, com a minha casa e, principalmente, com o meu pai. O dia tinha sido tão estranho sem ele falando o quanto mudei e sem o almoço ouvindo as suas histórias.

Esperava que meu pai estivesse bem.

Capítulo 13

Bruna Watts.

Não sabia se deveria ir ao piquenique. Não que eu não tivesse perdoado o Theo, mas não me via indo a um piquenique em uma fazenda com um homem que havia conhecido no dia anterior. Fiquei pensando sobre este assunto o dia todo e sinceramente não havia chegado a nenhuma solução para o meu pequeno problema.

Não vi Nathan o dia todo, ele deixou somente um bilhete dizendo que no final da tarde estaria de volta.

Cloe ficou vigilante a cada movimento meu com Arthur, me senti um rato pronto a ser capturado por um falcão faminto. Ela nunca falava nada, apenas esboçava um sorriso tímido, o que me dava um alívio. Estava fazendo o certo.

Noemi e Mart, toda vez que me encontravam pela casa, pediam desculpas pelo filho. Dei muita sorte de não ter visto Theo, não tinha resposta para o seu convite e se o encontrasse não conseguiria

negar seu pedido.

Já estava tarde e Arthur estava lindo em um conjunto azul e vermelho, terminei de arrumar a gola da sua roupa, o peguei e coloquei para que ficasse olhando para frente, apoiei sua cabeça em meu peito e o segurei perto do meu corpo.

— Bom, acho que temos um piquenique para ir. — Disse olhando para ele pelo espelho. — Me prometa que, qualquer coisa, fará algo para me fazer fugir de lá. Estou contando com você, pequeno. — Soltei um suspiro. — Seja o que Deus quiser.

A macieira não era muito longe da casa, pelo que Noemi me disse, passava apenas pelo estábulo e tinha que seguir por um caminho de cascalho até encontrar uma grande macieira com uma velha casa de bonecas ao lado.



A toalha xadrez estendida no chão revelava que estava no lugar certo, uma variedade de comida estava espalhada pela toalha, o que me fez duvidar que seria apenas nós dois naquela tarde.

Sentei-me com cuidado e comecei a brincar com Arthur já que éramos somente nós dois ali, tirei seu brinquedo favorito da bolsa e brinquei com ele por um tempo.

— Confesso que fiquei com medo de você não aparecer. — Disse Theo.

Ele estava em pé, na direção contrária da que eu havia chegado. Suas roupas casuais me fizeram admirá-lo por mais um tempo, pela primeira vez, vi seu corpo sem aquele terno de três peças. Ele estava usando uma calça jeans e uma regata preta, deixando visível o início de uma tatuagem em seu ombro direito.

— Arthur insistiu muito, não tive como negar. — Disse enquanto olhava Arthur apertar meu dedo em sua pequena mão.

— Vou compensá-lo mais tarde. — Disse se aproximando com uma jarra de suco. — Bruna, queria me desculpar por ontem, falei sem pensar e acabei magoando seus sentimentos. Não lhe dei uma boa impressão, agindo daquela forma. Queria me desculpar ontem mesmo, mas minha mãe deu a ideia do piquenique. Espero que tenha gostando.

— Não se preocupe com ontem, já esqueci e sua mãe e seu pai já pediram desculpas por você umas duzentas vezes hoje, fiquei até com medo de

ela escrever "desculpe o meu filho" na panqueca, com calda de chocolate.

— Estou impressionado por ela não ter feito.
Rimos.

— Estou perdoado?

— Está sim.

Ele soltou um suspiro de alívio e logo se sentou à minha frente, com um sorriso cativante.

— Eu não sabia o que você gostava, então comprei de tudo um pouco. O que gostaria de provar primeiro?

Depois de olhar a variedade de pratos à minha frente mais uma vez, acabei decidindo.

— Estou curiosa para experimentar a famosa torta da sua mãe. — Disse lhe lançando um sorriso tímido.

Ele me lançou um sorriso e pegou um pedaço de torta que já estava cortada, colocou à minha frente o prato junto com um garfo.

— Deixa que eu seguro o Arthur enquanto você experimenta. — Disse, já o pegando do meu colo, meio atrapalhado, mas logo achou uma posição segura.

Entreguei a fralda de boca e peguei o prato, cortei o primeiro pedacinho com a ajuda do garfo e

logo coloquei na boca. A massa adocicada, levemente amanteigada, derreteu na minha boca, o recheio de *Blueberry* ainda morno fazia um complemento maravilhoso. Soltei um gemido de satisfação com os olhos fechados e ouvi a risada tímida do Theo.

— Nossa! — Exclamei — É a melhor coisa que já comi na minha vida, literalmente comeria essa torta rezando.

— Minha mãe ficará feliz em saber disso, mas acho que você não comerá mais nada depois dessa torta. — Disse olhando para a comida espalhada pelo chão.

Não poderia mentir, sinceramente passaria o dia comendo aquela torta, mas seria um desperdício negar toda aquela comida.

— Não prometo comer tudo, mas vou comer outras coisas sim.



O piquenique foi agradável, Arthur não ficou muito tempo no colo do Theo, logo depois de um

tempo ele resmungou e o peguei no colo. Não comemos nem a metade da comida, mas logo Noemi e Mart se juntaram a nós, deixando Theo sem graça, mas a presença deles deixou o dia mais descontraído e Arthur amou se mimado pelo dois. No final da tarde, agradei Theo pelo o convite e me despedi de todos, já que estava tarde e os mosquitos estavam a incomodando o Arthur.



Estava na sala com Cloe, que brincava com os bracinhos do neto, quando Nathan chegou.

— Oi, meu filho. — Cloe cumprimentou o filho.

— Oi, mãe. Como está o meu filhão? — Perguntou se aproximando e beijando a testa da sua mãe.

— Cada dia mais esperto e a Bruna está cuidando muito bem dele.

Era o primeiro elogio, isso me surpreendeu, pois pensei que ela não gostava de mim ou estava com ciúmes do neto estar comigo, mas seu comentário fez com que me sentisse um pouco

melhor.

— Vou tomar um banho para brincar com ele.
— Disse ele se afastando. — Bruna, antes que eu me esqueça, isso é para você. — Disse me entregando a caixa de um celular.

Estava prestes a negar quando ele continuou.

— Aceite como um telefone do trabalho. Não posso sempre ligar para minha mãe ou para Noemi para saber sobre Arthur e creio que gostaria de ligar para clínica onde seu pai está.

Ele tinha razão, nunca fiquei um dia sem ouvir a voz do meu pai, estava com saudades das suas histórias, da sua expressão quando me via de manhã, até do seu cheiro, eu sentia saudades.

— Obrigada! — Agradei timidamente.

— Vá tomar um banho, meu filho. E, Bruna, fica à vontade para ligar para o seu pai. Vou ficar com Arthur.

Agradei novamente aos dois e fui para o jardim, sentei na grama e liguei primeiro para Melissa, antes que ela fosse para a faculdade. No segundo toque, ela atendeu.

— *Estou vendo que não esqueceu meu número.*

— Como sabia que...

— *Quem você acha que comprou o celular? Como você está amiga?*

— *A fazenda é linda, tem tanta coisa, tem...*

— *Fazenda? Tipo, cavalo, vaca, galinhas, plantação de milho e muito mais?* — Perguntou ela, surpresa.

— *Bom, pensei que você sabia que ele morava em uma fazenda.*

— *Ele é reservado quando o assunto é a vida pessoal. Pensei que ele morava em uma mansão cercada de segurança, nunca imaginei que ele ficava no meio do nada, cercado de boi e galinhas.*

— *Segurança tem até demais pela fazenda, mas nunca vi o Nathan mexendo com os animais. Na verdade, nem o vejo muito.*

— *A vida dele é meio fechada, mas me fala: como você está? Como é o Arthur?*

— *Estou ótima! Nathan trata todos os funcionários como da família e Arthur é a criança mais linda que já vi. Ele é tão gordinho! Parece um marshmallow gigante, fico morrendo de vontade morder ele todinho.*

— *Sabia que ia gostar do trabalho, você ama crianças.*

— *Agora me diga co*

mo estão as coisas?

Ela suspirou.

— *O banco foi avaliar a sua casa hoje pela manhã, o leilão será daqui três meses.*

Fiquei em silêncio por um tempo, olhando para o nada, um frio atravessou meu corpo e tentei não chorar, mas foi inútil.

— *Desculpa, amiga, eu não deveria ter...* — Disse ela ressentida.

— Não, tudo bem... Sabia que isso ia acontecer, só pensei que ia demorar um pouco, sabe? — Suspirei.

— *Você ainda tinha esperança de conseguir a casa novamente, né?*

— Tinha, mas parece que não vou conseguir muita coisa.

— *Se eu pudesse ajudar...*

— Você já fez muito mais do que o suficiente. Obrigada por me avisar, mas vou ter que desligar, Mel. Vou ligar para a clínica.

— *Vai ligar para mim amanhã?*

— Prometo.

— *Até, pequena.*

— Até. Mel.



Subi para o meu quarto, peguei o cartão da clínica, sentei na cama e liguei.

— *Clínica de repouso...*

— Dra. Lola? — Perguntei.

— *Quem está falando?*

— Bruna Watts, filha do...

— Ah! — Exclamou ela, surpresa. — Querida, que surpresa estar ligando.

— Surpresa? Mas avisei que ligaria.

— *É só um modo de dizer, querida. Não está vindo visitar seu pai, né?*

— Por quê? Aconteceu algo? Ele...

— *Não, não, está tudo bem, tudo ótimo, foi... Foi apenas uma pergunta.*

— Entendi, posso falar com ele?

— *Não vai ser possível, ele está em umas das atividades e não posso tirá-lo de lá. É uma regra, sabe?*

— Outra?

— *O mundo é movido por regras, Srta. Watts. Se não gosta do jeito que coordeno minha clínica,*

sugiro que encontre outro lugar para o seu pai.

— Não, não, desculpe. Eu...eu não quis dizer isso, eu só queria falar com ele.

— *Mas não será possível, flor.*

— Então, me diga como ele está?

— *Ele está ótimo! Fez vários amigos, nos contagia com suas histórias de bombeiro e sempre fala de uma tal de Rebeca.*

Ele não tinha perdido as velhas manias. Era bom saber que ele não se esqueceu da minha mãe mesmo longe da nossa velha varanda.

— Fico feliz em saber disso. Ele pergunta por mim? — Perguntei.

— *Sempre! Ele fala muito sobre você.*

— Posso ligar quando a atividade terminar, talvez...

— *Acho impossível, ele está cheio de atividades, talvez na quinta-feira.*

— Nossa! Eu queria...

— *Ok. Bom, querida, me liga quinta-feira. Até. Ela desligou na minha cara?*

Deitei na cama e fiquei olhando o teto.

Aquela mulher era estranha, ela parecia estar sempre com presa de terminar a conversa. E que regra ridícula é essa de ele não poder sair da

atividade? Isso era estranho. Não vou aguentar até a quinta-feira sem falar com ele. Qualquer coisa, eu acabaria com meu sofrimento e iria até a clínica para vê-lo.

Tinha que ver ele pessoalmente, algo me dizia que Lola não era 100% confiável.

Capítulo 14

Bruna Watts

Duas semanas de angústia e sofrimento. A clínica não atendia mais nenhuma das minhas ligações. Não saberia dizer quantas horas passei tentando ligar, mas eles simplesmente me ignoravam. Melissa também não conseguiu ligar para eles, o que me deixou ainda mais aflita.

Não conseguia dormir, algo estava errado, eu sabia. Meu pai precisava de mim ou era eu quem precisava dele, não sabia ao certo, mas algo estava tirando meu sono e eu sentia que não era coisa boa.

Arthur era o único que tirava um pouco da ansiedade em saber o que estava acontecendo com meu pai. Ele me fazia sorrir, eu encontrava um pouco de tranquilidade próximo dele. A cada dia ele me surpreendia com algo novo que aprendia, ele começou a segurar alguns objetivos com mais firmeza por alguns segundos e cores fortes conquistavam sua atenção facilmente.

Noemi e Mart conquistaram minha afeição, fazia questão de fazer as refeições com eles na cozinha, mesmo que Luís e Cloe tentavam me convencer que deveria comer na sala de jantar.

Theo se tornou um grande amigo. Mesmo que passássemos pouco tempo juntos, aproveitávamos ao máximo o tempo, babando Arthur enquanto eu fazia os passeios vespertinos pela fazenda.

Mas eu já não conseguia disfarçar a minha preocupação e Noemi percebeu logo no dia seguinte, após a minha conversa com Lola, o que me fez chorar no seu ombro, contando um pouco da minha história. Foi bom ganhar um pouco de atenção e desabafar um pouco, mas mesmo assim foi inútil para acalmar meu coração.

Estava ajudando Noemi arrumar a cozinha depois do almoço, já que aos domingos Arthur era todo da família Brown, me deixando sem nada para fazer. Terminei de limpar o balcão quando Nathan entrou na cozinha com uma roupa formal.

— Bruna, está ocupada? — Perguntou Nathan, entrando na cozinha.

— Não, senhor, precisa de ajuda com o Arthur?

— Quero que você já se arrume, Mart está te esperando.

— Vamos para algum lugar? Eu não tenho

roupa pra...

— Nós não, você vai... cremos que deseja ver seu pai. — Disse ele, com um sorriso nos lábios.

Coloquei minhas mãos na minha boca e olhei para Noemi que tinha o mesmo sorriso no rosto. Meu coração se encheu de esperança.

— Eu...eu vou ver meu pai? — Perguntei em êxtase.

— Bom, se não quiser posso...

— Não! — Quase gritei. — Eu quero, quero muito.

— Então vá logo, Mart está te esperando.

Coloquei o guardanapo no lugar, passei por ele e dei um beijo rápido na sua bochecha e subi as escadas correndo. Não daria tempo de ligar para clínica e tinha quase certeza de que eles não iriam atender, então acho que eles não ligaria de eu estar quebrando uma das regras. Vesti uma roupa rapidamente, amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo apertado, peguei minha bolsa e sai do quarto.

Agradei novamente ao Nathan, dei um beijo em Arthur e prometi voltar antes do jantar.

Finalmente vou ver o meu pai, saber como ele está, acalmar o meu coração, vou provar para mim mesma que ele está bem e que tudo era

apenas uma nova experiência de ficar pela primeira vez longe dele e que no fundo ele está sendo bem cuidado e talvez até melhor do que eu penso.

O trajeto até a clínica pareceu durar uma eternidade, tinha me esquecido o quanto a fazenda era afastada da cidade. Mart se manteve em silêncio, talvez porque sabia que eu estava ansiosa demais para manter uma conversa. Não sabia como consegui ficar tanto tempo sem ter notícias do meu pai. Depois de matar a saudade do meu pai, vou ter uma conversa muito séria com a Lola. Como ela pode simplesmente desaparecer por duas semanas? Duas malditas semanas sem me dar nenhuma notícia dele.

Foram apenas alguns minutos, mas para mim parecia uma eternidade. Finalmente Mart parou o carro em frente a clínica.

— Não quer mesmo que eu fique esperando? Esse bairro não é muito seguro. — Disse Mart assim que abriu a porta para mim, olhando ao redor.

— Não precisa, Mart. — Falei.

— Qualquer coisa me ligue, virei buscá-la o mais rápido possível.

— Não precisa. Vou fazer uma visita para uma amiga, ela me leva até a fazenda.

— Então, se cuida, menina. Te espero para o jantar. — Disse ele, se aproximando da porta do carro.

— Obrigada, Mart! — Agradei.

Arrumei minha bolsa no ombro e me afastei, indo em direção a clínica. Tentei abrir a grande porta de entrada, porém a mesma estava trancada. Soltei um suspiro de irritação e comecei a bater na porta até que um moreno alto, com um cara nada boa, apareceu na porta. Ele deveria ter o dobro do meu tamanho, me senti uma criança de seis anos próxima a ele.

— O que quer? — Curto e grosso.

— Quero falar com o meu pai, o senhor...

— Não. — Falou, se afastando da porta.

— Ei! Espera aí! Como assim “não”? Eu pago essa clínica! Tenho direito de ver o meu pai. — Disse batendo no vidro da porta, ainda fechado. — Quero falar com a doutora Lola.

— Olha aqui, princesinha, a doutora Lola não está e até ela voltar, ninguém entra, então, eu sugiro que não encoste nessa porta novamente, pois se encostar não terá mão.

Afastei-me da porta aos poucos, ainda encarando o homem do outro lado da porta, com um pouco de medo.

Apertei minha bolsa ao meu corpo e sentei ao meio fio, um pouco afastado da clínica. Não tinha muito o que fazer, Mart tinha ido embora, Melissa provavelmente estaria em seu sono, após o famoso almoço de domingo da tia Anne e eu não tinha outro lugar para ir.

Esperei duas semanas, para ver o sorriso do meu pai, sentir seu cheiro amadeirado, tocar em seu cabelo cinza e tocar em suas mãos enrugadas, mas tudo isso que parecia tão perto de mim, foi arrancado de uma maneira brutal por um homem extremamente arrogante e sem escrúpulos.

Levantei a cabeça passei a mão nos meus cabelos para domar os fios que insistiam em não ficarem presos juntamente com os outros. Apertei os olhos para ver melhor, um pouco longe de onde eu estava, um caminhão branco com verde saía da lateral da clínica. Depois que o caminhão saiu, o portão continuou aberto.

Quando percebi, eu já estava correndo para o outro lado da rua e parando ao lado do portão.

Não dispensaria a oportunidade de rever o meu pai.

Olhei todos os cantos de dentro da clínica para ter certeza que não havia ninguém ali. Entrei com cuidado, me escondendo em todos os lugares

possíveis, o que não era difícil para os meus 1,60m de altura. Passei por uma porta ao meu lado e a fechei rapidamente, com medo de alguém me ver. Encostei a cabeça na porta e tentei acalmar a minha respiração que estava irregular.

— O que está fazendo aqui? — Uma voz feminina, atrás de mim, me fez saltar de susto.

Virei aos poucos e me vi de frente para uma mulher vestida como uma faxineira. Esfreguei meus braços, tentando pensar em alguma mentira ou uma desculpa por estar ali, mas nada vinha a minha mente.

— Eu...

— Devia ter chegado há uma hora. Sorte sua que a Lola não está na clínica, se não já estaria demitida antes mesmo de começar. — Ela se aproximou e me entregou uma sacola com roupas iguais às que ela estava vestindo. — Agora se arrume logo. Vamos começar pelos V.R.

Depois que ela saiu, me deixando sozinha para me trocar, vesti a roupa azul escura e um par de botas de borracha. Soltei meu cabelo para o caso daquele brutamente me ver, não me conhecer.

— Ótimo! Está pronta. Agora vamos, Katharine, estamos atrasadas. — Sai do cubículo e vi dois carrinhos de limpeza. — Antes que me

esqueça, meu nome é Elizabeth, seja bem-vinda! — Disse empurrando seu próprio carrinho de limpeza.

— O... Obrigada. — Gaguejei.

— Não se animei, menina. Esse lugar não é o que parece.

— Como assim?

— Creio que a Lola te fez assinar o contrato, então logo você irá descobrir que essa clínica é o pior lugar do mundo.

Suas palavras não faziam sentindo, a clínica era um lugar estranho, tinha que admitir, mas ganhar aquele título parecida um exagero.

— O que você quis dizer com V.R.? — Perguntei curiosa.

— É local onde Lola joga os idosos que estiverem a irritando, o que faz com que a maioria esteja lá, já que tudo a tira do sério. Eles são nomeados por *V.R. Velhos Rebeldes*. Os pobres coitados recebem o dobro do medicamento, a maioria fica fraca, fazendo com que eles falem menos e deem menos trabalho para ela. Espero que tenha estômago forte para o que verá. — Disse ela, abrindo uma porta grande de ferro.

Deixei o meu carrinho de limpeza próximo a uma parede e entrei no cômodo. Camas

hospitales estavam espalhadas pelo local, em cada uma das cama havia um idoso, a maioria estava dormindo. O cheiro de mofo misturado com produto de limpeza barato fez com que me sentisse enjoada. Me aproximei de uma velhinha no segundo leito que tentava pegar um copo d'água e a ajudei. O local recebia pouca luz e as poucas janelas estavam muito altas e as grossas barras de ferro impedia que a luz do dia entrasse.

Deveria ter uns trinta idosos naquele lugar repugnante, a maioria estava fraca e desorientada. Descobri que não tinha estômago para isso. Eles não mereciam serem tratados daquela maneira, queria tirar cada um dali e dar um pouco de alegria para eles, mas quando estava prestes a correr e fugir para bem longe daquele lugar, algo me chamou a atenção.

Em um leito afastado, um senhor estava de costas para aos demais. Eu conhecia aquelas roupas, mas não podia ser ele, não, ele não. Me aproximei devagar tentando não acreditar no que meus olhos estavam vendo.

Não!

Não!

Não!

É ele, sim, ele. Por incrível que pareça, era ele,

mesmo aparentando ter envelhecido dez anos, era ele. Estava tão magro e sua pele muito amarelada. Ele não percebeu que eu havia me aproximando, simplesmente continuava olhando o chão. Sentei ao seu lado e toquei em sua pele gelada.

— Pa...Pai? — Ele continuava a olhar a cerâmica vazia. Segurei seu rosto com as minhas mãos e o forcei a olhar para mim. — Pai? — Seus olhos azuis estavam vazios, ele não demonstrou nenhuma surpresa ao me ver, ele simplesmente virou o rosto novamente e fixou o olhar no chão, como antes.

Não me contive, deixei as lágrimas descerem. Pela primeira vez, ele não falou nada ao me ver, não disse nenhuma frase sobre meu *“repentino acrescento”*. Pela primeira vez, ele não me reconheceu. Sabia que este dia chegaria. Mas naquele momento, a culpa era toda minha, aquele lugar realmente era o pior lugar do mundo.

— Você não é a nova auxiliar de limpeza, não é? — Perguntou a faxineira, me fazendo negar com a cabeça. — Quem é você?

Não me importei de olhar nos olhos dela, sabia que estava atrás de mim, em busca de uma explicação, afinal não é normal uma estranha entrar em uma clínica e assumir o lugar de outra pessoa.

Mas precisava ver meu pai e depois do que tinha visto não vou sair dali sem uma explicação. Segurei forte a mão gelada do meu pai e a respondi.

— Sou...Sou a filha dele.



Finalmente o ônibus escolar parou em frente a minha casa, me despedi da minha amiga, arrumei minha mochila e peguei minha lancheira.

Enquanto o velho ônibus se afastava eu continuava mandando um tchauzinho para todos de dentro do mesmo.

— Ei, pequenina.

Um sorriso se formou no meu rosto, me virei devagar e lá estava ele sobre o velho portão de ferro meio enferrujado. Corri até ele e recebi o famoso abraço de urso do papai!

— Estava morrendo de saudades, papai.

— Eu também, pequenina. Deixe-me te ver. — Disse me colocando no chão e afastando meus poucos cabelos loiros do rosto. — Meu Deus!

Passei uma semana e meia fora e você já cresceu tudo isso? Minha princesinha está muito grande para seis anos.

— Seis anos e meio, papai. — O corrigi,

— Ah sim! Seis anos e meio. Como esqueci?

— Disse, batendo em sua própria testa.

— Pai, você está com cheiro de fumaça.

— Sabe o que isso significa? — Perguntou ele, com um sorriso enorme nos lábios, me fazendo sorrir também.

— Aventura! — Gritamos juntos.

— Agora vá, pequenina, entre em casa, guarde sua mochila e lave as mãos. Durante o almoço contarei como ajudei a apagar um incêndio no décimo quinto andar, no centro.

— Eba! Eba! Já volto, papai. — Gritei me afastando dele.

Subi as escadas correndo, joguei a mochila na minha cama, coloquei a lancheira no lado da minha cômoda, corri para o banho e, em seguida, descí as escadas.

Entrei na cozinha e lá estavam eles, meus pais, dançando uma música romântica da velha coleção de discos de vinil da minha mãe. Eles davam pequenas risadas quando meu pai fazia ela dar uma voltinha desajeitada.

Minha mãe, sempre linda com seus cabelos loiros presos por alguns grampos, seus olhos verdes brilhavam e seu sorriso era contagiante. Ela deu um selinho rápido no meu pai e se aproximou aos poucos de mim, passando às mãos no avental preso a sua cintura.

— Olá, minha princesinha! — Disse minha mãe, me abraçando com ternura, me fazendo sentir seu cheiro de flor do campo misturado com cebola.

— Minhas duas estrelas. — Disse ele carinhosamente, abraçando nós duas. — Eu amo muito vocês!

— Nós te amamos também. — Dissemos juntas.



Nunca mais teria isso de volta, ela se foi e ele não se lembrava de mim, naquele momento me senti completamente sozinha.

Já sabia o que esteve tirando o meu sono. Meu pai precisava de mim e fui uma idiota irresponsável. Ele, de certa maneira, estava certo. Eu o

abandonei. Mas droga! Eu voltei, eu tentei, eu me esforcei, mas foi em vão e não faria diferença reclamar. Nada faria ele se lembrar de mim, da Melissa, da tia Anne ou do tio Alberto, nunca iria recuperar suas lembranças.

De certa maneira, *eu* realmente o abandonei.

— Vem... Você tem que sair daqui. — Disse Elizabeth.

Ela me fez despertar dos meus pensamentos, esqueci que ela estava ali, estava tão focada nele que me esqueci de todo o resto, estava com tanta raiva misturada com dor que me sufocava. Olhei para ela ainda com os olhos embaçados.

— Não! Não vou deixar ele aqui. — Segurei a única gota de coragem que me restava e a enfrentei. Me levantei e enxuguei minhas lágrimas com as costas das mãos. — Sem ele eu não vou à lugar nenhum, vou processar este lugar. O que vocês fazem aqui é desumano, eles não merecem passar por isso, eles...

— Eu espero que faça isso mesmo, denuncie esse lugar, coloque cada um atrás das grades e que eles sofram pelo menos um décimo do que fizerem com eles. — Falou ela, me surpreendendo

— O quê? Por quê? — Perguntei confusa.

— Olha, a maioria dos parentes deles não está

nem aí para saber como eles estão, mas têm alguns que ainda se preocupam. Lola consegue os persuadir e fazer com que acreditem em algo que não é real, ela é uma maldita filha da puta. Eles recebem o dobro do medicamento, mas alguns nem recebem medicamentos. Ela assina os atestados de óbito deles e ninguém nunca desconfiou de nada, afinal ela é muito esperta, sempre está um passo a frente. Ninguém merece ser tratado assim, mas infelizmente monstros existem e um deles se chama Lola Ghey. Não posso fazer muita coisa, mas posso ajudar a você sair daqui com ele.

— Você vai me ajudar?

— Sim, não irei privar alguém de sair desse inferno.

— Muito obrigada! — Agradei.

— Apenas faça com que esse inferno acabe. Agora, venha, vamos sair logo.

Ela saiu do grande cômodo e voltou logo com uma cadeira de rodas, ela se aproximou, colocou a cadeira ao lado do meu pai e ficou me olhando.

— O que está esperando, menina? Me ajuda.
— Disse ela, tentando levantar meu pai.

— Ele não se lembra de ninguém, não é? — Ela negou com a cabeça. Olhei para o meu pai e

peguei em suas mãos. — Vem, Sr. Watts, vamos passear um pouco... que tal um jardim?

Ele não respondeu, apenas se sentou na cadeira com dificuldade, juntou as próprias mãos e não fez questão de levantar sua cabeça, me dando uma visão da sua calvície.

Elizabeth colocou um edredom fino em cima dos ombros dele enquanto eu levantava seus pés para colocar nos apoios.

— Agora, vamos, daqui a pouco eles vão vir para darem a segunda dose do remédio. — Ela olhou para todos os lados e continuou.

— Segunda? Mas não é nem duas horas ainda. — Olhei ao redor e meu coração gelou apenas em pensar no que eles passavam. — Quantas doses são?

— Quatro. A última é sempre mais forte, por isso eles ficam desorientados. — Ela pegou a pequena mala do meu pai e a escondeu em seu carinho de limpeza. — Se alguém perguntar algo, apenas diga que é o código laranja.

— E o que significa?

— Alguns dos pacientes são inválidos e usam fraldas, a maioria dos enfermeiros desse lugar tem nojo, então apenas diga isso que eles não vão perguntar mais nada. — Ela virou o carrinho com

um pouco de dificuldade e logo o empurrou para a saída. — Vou à frente, tem uma saída na parte de trás da clínica e quase ninguém vai até lá, então apenas me siga.

Comecei a empurrar a cadeira do meu pai devagar, logo atrás dela, ele não se importou em reclamar por estar sendo ajudado. Ele nunca aceitou receber ajuda fácil, sempre se esforçou o suficiente para fazer tudo sozinho. Mesmo em casa, ele tentava fazer algumas coisas lentamente, mas ele fazia com êxito e o melhor era ver o seu sorriso vitorioso por ter conseguido. Mas nem seu sorriso eu consegui ver.

O corredor parecia não ter fim e meu coração estava prestes a sair pela boca com medo de ser pega por algum funcionário. O cheiro daquele lugar me dava ânsia, e o barulho da cadeira ecoava no enorme corredor.

Elizabeth parou, olhou para os dois lados com rapidez e abriu uma porta do seu lado me chamando para passar pela mesma.

— Anda logo, menina. — Me apressou.

Passei por ela com dificuldade, já que tinha uma pequena vala na saída da porta, fazendo a cadeira ter dificuldade de atravessar. Olhei para trás e vi que ela continuava parada na porta, me

olhando.

— Daqui você irá sozinha, não tem perigo. Assim que atravessar a cerca de madeira estará a salvo. Terá uma pracinha a cinco quadras daqui. De lá, ligue para a polícia. Farei tudo para te ajudar, mas no momento é só o que posso fazer por vocês.

— E se eles descobrirem? A senhora não pode ficar, é muito arriscado. — Fui até ela, a puxando pela mão. — Vamos juntos.

— Ficarei bem e apenas Lola irá perceber se alguém sumiu, até lá a denúncia já estará feita. E não se preocupe comigo, ficarei bem, estou aqui há quase trinta anos, sem mim os outros sofrerão muito mais.

— Não sei como lhe agradecer.

— Apenas vá, cuide do seu pai e acabe com essa quadrilha de escrotos.

— Farei isso.

— Ótimo! Felicidades, menina. — Disse ao fechar a porta, encerrando nossa conversa.

Voltei a minha atenção para o meu pai que não moveu nenhum músculo. Seu rosto recebia uma boa quantidade de luz do sol, mas ele não parecia se incomodar, pelo contrário, ele usava a mão para brincar com os pequenos raios de sol.



A pracinha estava cheia e os gritos das crianças me fez sentir falta dessa idade. Não tinha que me preocupar com nada, era apenas brincar e comer, não tinha problemas, nem dívidas, nem tristeza e a única preocupação era do que brincaria quando o sol nascesse.

Meu pai continuava com a cabeça baixa e as mãos em cima do colo. Fazia quase quinze minutos que estávamos ali e ele nem sequer mudou de posição.

— O senhor não se lembra de mim? — Perguntei, colocando minha cabeça em seu colo para que ele pudesse me ver. — Me diga, você sabe quem sou? — Seu silêncio me incomodava.

Queria que ele falasse, dissesse qualquer coisa, mas que pelo menos me deixasse ouvir a sua voz.

Me sentei novamente e olhe para as crianças.

— N... Não senhorita. — Sua voz saiu fina e fraca.

Eu queria que ele falasse, mas juro que não

esperava essa resposta. Ele respondeu como se fosse uma criança que acabara de receber uma bronca do professor.

Virei meu rosto lentamente em sua direção depois da sua resposta e vi que ele finalmente havia levantado a cabeça, meu olhar se juntou ao seu e percebi que ele estava buscando, em sua mente, algum vestígio sobre mim.

Seus olhos estavam tão fundos, sua pele estava seca e pequenas manchas em suas bochechas me chamaram a atenção, mas nada cortava mais o meu coração do que vê-lo tão magro e fraco. Ele sempre foi robusto e alegre.

Me apressei para limpa a lágrima solitária que rolou e peguei meu celular, precisava de ajuda e no momento apenas uma pessoa passou pela minha cabeça.

— Nathan... Eu preciso de você.

Capítulo 15

Nathan Brown

Desde que Jessica faleceu, não me preocupava com meu lado advogado, mergulhei de cabeça na empresa da minha família, me mantendo um pouco afastado dos movimentados e excitantes tribunais. Luís não poderia assumir o escritório já que estava no início da faculdade, então só lhe sobrava a empresa.

Tratei de contratar uma secretária de meia idade para ele, fazendo Melissa ficar mais aliviada com o trabalho. O que não deixou ele nada feliz já que a sua nova secretária era uma senhora de quarenta e três anos. Não poderia arriscar ser processado por assédio, já que ele não conseguia segurar o próprio pau na calça. E Megan parecia ser uma ótima funcionária.

Luís me prometeu não se envolver com Bruna, o que me deixou tranquilo, mas não o fez parar de fazer suas gracinhas com ela.

Não ouvi queixas sobre o trabalho de Bruna,

pelo contrário, todos elogiavam o seu jeito doce e amável. Meu filho estava em boas mãos. Realmente não acharia alguém melhor do que ela para ser a babá de Arthur.

Duas semanas se passaram e algo estava errado com ela, mesmo que ela se esforçasse para não demonstrar, eu sabia que algo estava tirando a sua paz.

Devia ter desconfiado que ela estava com saudades do pai, afinal no dia da entrevista ela demonstrou ser muito apegada a ele. Quando Noemi me contou parcialmente a história, me senti um idiota por não deixado ela ter ido antes rever o pai.

— Obrigada. — Agradeceu a Noemi

— Eu que tenho que lhe agradecer. Se não fosse você, nunca teria percebido que ela estava com saudades do pai. — Disse assim que Bruna saiu pela porta da casa grande. — Você não irá me contar o motivo do pai dela estar em uma clínica, não é?

— Isso depende apenas dela, não posso contar. — Disse ela me entregando Arthur e saindo da sala.

Não podia insistir para que ela falasse, umas das qualidades que valorizo em Noemi é a lealdade

e sei que se Bruna pediu para que ela não contasse, ela não contará.

As madrugadas não eram as mesmas com Arthur, ele começou a dormir um pouco mais durante a noite, me fazendo ter pouco tempo com ele durante a noite, o que me fazia aproveitar os finais de semana.

Ele estava prestes a completar três meses e eu ficava impressionado com o que ele estava começando a aprender.



O vento levantava as folhas, as fazendo voarem para longe pelo jardim da fazenda. Estava andando a algum tempo com Arthur e Luís pelo campo aberto que antes eu costumava andar com o meu cavalo.

— Zeus sente sua falta. — Disse meu irmão

— Não tenho tempo para cavalgar.

— Você não tem tempo para nada desde que a Jessica se foi, meu irmão.

— O que quer dizer com isso? — Perguntei — Estou muito ocupado na empresa, você sabe.

— A empresa nunca foi empecilho para você. Quando foi a última vez que você falou com Logan? Ou com o Peter? Até mesmo Zeus você deixou de lado.

— Agora tenho um filho, droga! Não posso ficar de vagabundagem por aí.

— Arthur não é desculpa, você não está cuidando dele sozinho e, além do mais, você jogava basquete com eles, não ficava de vagabundagem. — Disse pegando Arthur do meu colo. — Se quer se afastar das pessoas, invente desculpas melhores, meu irmão, não culpe o seu filho. — Disse, se afastando.

Não me esforcei para segui-lo, sabia que ele queria aproveitar o tempo com o sobrinho. Também sabia que ele estava certo, realmente me afastei de todos que supostamente me fariam lembrar da minha esposa, na verdade fiz questão de me afastar, aos poucos, de tudo que me fazia lembrar de Jessica.

Me sentia tão orgulhoso por ser um homem caridoso e disposto a ajudar algumas instituições de caridade, mas já não me via marcando presença nas festas ou leilões beneficentes sem ela. Não me via cavalgando com Zeus pela propriedade e principalmente não me via reencontrando meus

amigos. Estava deixando de viver, aos poucos, sem Jessica.

Dei meia volta e voltei para casa.

Depois de um banho e me certificar que Luís colocou Arthur direito no berço, fiquei trancado no meu escritório, lendo meu e-mail, até que meu celular começou a tocar. Verifiquei o identificador de chamadas e vi o nome de Bruna. Estranhei o fato de ela estar ligando, geralmente era sempre eu quem ligava para ela.

— *Nathan...eu...eu preciso de você.* — Disse ela, assim que atendi. Sua voz estava falha e percebi que ela havia chorado.

— Bruna, o que aconteceu? — Perguntei, me levantando.

— *E... ele... e... eu.* — Ela voltou a chorar, aumentando minha preocupação.

— Ele quem, Bruna? Você está machucada? Alguém tentou algo contra você? Onde você está?

— *Em uma pracinha, próxima a clínica...*

— Fica aí, estou indo, não saí daí, Bruna. — Falei, desligando o celular e saindo correndo do escritório.

Peguei o endereço com Mart, corri para o meu carro e não me preocupei em avisar minha equipe de segurança, eles que fossem atrás de mim.

Tentava afastar todos os pensamentos ruins que "ele" pode ter feito a ela. Não deveria ter deixado ela sair sem segurança, ela estava no meu mundo, envolvida com a minha família, não estaria segura. O mundo me forçou a ter medo do invisível e os bandidos que fiz questão de ajudar a colocar na cadeira faziam ou já fizeram algum tipo de ameaça. Todos os envolvidos no meu mundo recebiam ameaças, mas eu nunca deixaria que machucassem a minha família, afinal eles eram tudo para mim.

Avistei o carro da segurança, logo atrás, dando sinal de luz e continuei o caminho. O bairro não era dos melhores e achar a praça, na qual ela estava, foi fácil.

Desci do carro e, de longe, a avistei próxima a uma grande árvore, sentada em um banco amarelo. Sua cabeça estava apoiada em suas mãos e seus cabelos loiros a impediram de me ver. Dei sinal aos seguranças e caminhei até ela.

— Bruna? — Ela levantou a cabeça lentamente, me dando a visão de seu rosto levemente rosado e os olhos vermelhos. Quando ia lhe perguntar algo, ela me surpreendeu com um abraço forte. — O ele te fez Bruna? Você não ia ver seu pai? O que aconteceu?

Ela se afastou dos meus braços e enxugou suas lágrimas. Olhei sua roupa e vi que ela estava com um uniforme azul e em seus pés uma bota de borracha branca. Ela voltou para o banco, ao lado de um homem em uma cadeira de rodas que eu nem percebi que estava ali.

— Nathan esse é... O senhor Watts.

O fato de ela se referir ao pai formalmente não me surpreendeu tanto quanto acreditar que aquele homem realmente era o seu pai. Ele não parecia ser o pai dela.

— Pensei que estivesse na clínica.

— Tivemos que... — Ela se calou e olhou as crianças que brincava ao nosso redor.

— Bruna, só poderei te ajudar se você me contar o que está acontecendo. — Disse, me sentando ao seu lado.

Ela suspirou lentamente e falou:

— Sr. Watts, vou ali e já volto. — Ela passou a mão sobre a mão dele e logo me puxou, me afastando dele, mas em um local onde ela ainda conseguisse ver o pai.

— Bruna, não é vergonhoso ter um parente viciado em algo, muitas pessoas passam por...

— Ele tem *Alzheimer*, Nathan. Meu pai não é viciado em nenhuma substância química, ele

apenas não se lembra que sou a filha dele, sou a única família que ele tem. Precisava do trabalho para pagar o tratamento contra a doença, infelizmente ela não tem cura, mas sempre temos alguma esperança que a doença não é nada, mas ela está o corroendo aos poucos. A clínica o maltratava, ela é apenas uma fachada. A maioria dos pacientes está sob o efeito de algum medicamento muito forte. Se eu não estivesse invadido, nunca ia descobrir o que eles fazem com os pacientes. — Ela tomou um pouco de fôlego e continuou. — Olha o que eles fizeram com ele... — Disse, olhando para o pai que continuava no mesmo lugar. — Ele está tão... diferente.

A lágrima rolou do seu rosto novamente. Tentei me colocar em seu lugar, mas era impossível descrever a dor que ela estava sentindo ao ver o pai daquele jeito.

Me afastei dela, passando as mãos em meus cabelos, e logo peguei meu celular no bolso da minha calça. No quinto toque o bendito celular foi atendido.

— Brown, que surpresa estar me ligando.

— Dr. Richmond, se lembra do favor que me deve? Gostaria de cobrar.

— Claro, Nathan! Se não fosse você, aquela

sanguessuga teria levado até as minhas cuecas. O que posso fazer por você?

— Ainda é diretor daquele lar?

— Sim, por quê?

— Estou indo para lá, te encontro em quinze minutos com um novo paciente.

— Estarei lhe esperando.

Desliguei o celular, olhei pra Bruna e ela havia voltado para o lado do pai. Me aproximei novamente, peguei a pequena mala que estava ao seu lado no banco.

— Vamos, Bruna. — A chamei.

— Para onde? — Perguntou ela, me olhando e secando novamente suas lágrimas.

— Para um lugar seguro.



Ela fez questão de fazer tudo, ajudou as enfermeiras e não saiu de perto do pai nem por um segundo. Michael preparou um quarto totalmente equipado, aplicou um soro no Sr. Watts e garantiu que iria fazer todos os exames necessários.

Bruna estava sentada ao lado do leito

hospitalar do pai e tentava fazê-lo tomar uma sopa, mas ele se recusava. Saí do quarto, a deixando a vontade com o pai.

— Nathan? — chamou Michael, fazendo com que eu o olhasse se aproximando.

— Obrigado pela ajuda. — Agradei, voltando minha atenção para Bruna.

— Eu que agradeço, mas o caso dele me assusta.

— Por quê? — Perguntei, olhando ele.

— Não preciso fazer exames para saber que ele está desnutrido e desidratado. Algumas enfermeiras informaram que ele está com alguns hematomas no abdômen. Ele não reconhece a própria filha, o que significa que ele está no último estágio da doença. O *Alzheimer* causa depressão e ele está no início de uma. A doença é grave e ela é a terceira causa de morte aqui nos EUA. Não sei o que fizeram com ele naquele lugar, mas para ser bem sincero ele não demonstra nenhuma vontade de viver.

— Já contou para ela? — Perguntei, olhando para ela pelo vidro da porta.

— De alguma maneira acho que ela já sabe.

Capítulo 16

Nathan Brown

Ela apenas saiu de perto dele para explicar ao Michael todas os cuidados que ele deveria ter com o pai dela. Mesmo ele estando dormindo, ela se recusou a sair do quarto. Ela estava com as mãos sob a mão do pai e fazia uma oração. Nunca fui religioso, então não sabia o que fazer naquela situação, talvez fechar os olhos fosse educado ou sair do quarto e deixa-la em seu momento celestial, mas continuei no mesmo lugar, ouvindo seu murmurar. No momento que ela disse "*amém*", me aproximei, colocando uma mão em seu ombro.

— Temos que ir. — Disse olhando para o senhor deitado no leito hospitalar. Seu aspeto estava um pouco melhor comparado ao senhor que conheci naquela praça, mas nada que mudasse o diagnóstico dado pelo Doutor Richmond.

— Eu sei, é que... É tão difícil deixá-lo depois de tudo pelo o que ele passou. — Ela inspirou levemente. — Sinto que estou o abandonando

novamente.

— Lembra o que o doutor disse, Bruna. Você sempre vai poder ligar e sempre que quiser pode vir visitá-lo.

— O Arthur...

— Noemi não vai se importar de cuidar dele por algumas horas.

Não vou impedi-la de ver o pai. Se o doutor Richmond estiver certo e o pai dela não começar a reagir, ele poderia não aguentar por muito tempo. E não conseguia nem pensar o que ela faria quando ele não estivesse mais entre nós.

— Obrigada, eu não sabia o que fazer com ele.

— Disse ela, dando um beijo na cabeça do pai. — Sei que talvez esteja pedindo muito, mas talvez você tenha um amigo que possa me ajudar no tribunal contra aquela mulher, um que eu consiga pagar os honorários.

— Está pensando em me trair, Bruna?

— Como? — Ela me olhou espantada. — Não entendi.

— Não precisa se preocupar com o advogado.

— Preciso de um para...

— Eu cuidarei do seu caso, Bruna. A partir de hoje, você será minha prioridade, e quanto os

honorários, esqueça.

— Oh... — Disse surpresa. — Não posso aceitar, olha tudo que já fez por mim... não terei como aceitar mais uma ajuda de graça. Sei que seus honorários são muito caros e nunca poderei...

— Bruna, se acalme! — Segurei seus ombros e olhei em seus olhos. — Não costumo cobrar da família. Não podemos perder muito tempo, já deveríamos ter ido a uma delegacia e ter feito a denúncia, o quanto antes melhor.



Não estava há muito tempo na prática da lei, mas minha fama e meus talentos logo foram reconhecidos. A linhagem de advogados da família também me ajudou o suficiente para me erguer facilmente no mundo jurídico.

O êxtase dos tribunais sempre me excitava. Sempre gostei de ter uma parcela de contribuição por colocar maníacos, estupradores, traficantes e etc. na cadeia. O nome da minha família sempre abriu portas para mim, o que facilitava o meu trabalho, nunca perdi um caso, mas gostava de

desafios e a cada novo advogado que tentava me enfrentar era sempre engraçado vê-los tentando me derrubar, o que era sempre inútil. Todos os meus casos ganharam reputação na mídia facilmente e não seria diferente com o caso da Bruna.

Eu tinha pena do advogado porta de cadeia que iria me enfrentar.



A denúncia estava feita e escutar com detalhes o que minha cliente viu na clínica não me assustou, o lugar daria um ótimo estúdio de filme de terror. O que me impressionou foi como eles conseguiram disfarçar tão bem um lugar desses e enganar pessoas inocentes. Mas o mundo sempre esteve repleto de mentirosos e enganadores, que não ligam para os sentimentos de muitas pessoas.

Lógico os policiais precisavam de um documento para adentrar a clínica. E se dependesse do delegado a ordem judicial iria demorar, pois segundo o próprio: *“eu não mando na lei, apenas a sigo”*. O que era ridículo, já que ele era a merda de um delegado, ele poderia mandar o

quanto quisesse, mas preferia ficar sentado na sua cadeira reclinável, se entupindo de rosquinhas e café. Usei uns dos meus contatos e liberei a ordem judicial com a ajudinha de um grande amigo.

Assim que chegamos em casa, pedi para Noemi preparar um chá para Bruna e colocasse um pouco de calmante, lógico que ela não irá dormir sem a ajuda de um remédio. Já bastava as duas semanas que descobri que ela não dormiu direito.

Tomei um banho rápido, vesti uma roupa casual e me desloquei ao quarto do meu filho, odiava passar muito tempo longe dele, afinal ele era a coisa mais próxima que me restou dela. Saí do corredor e a nuvem de lembrança invadiu minha mente.



— Anda logo, Nathan, nunca conseguirá me achar desse jeito. — Disse Jessica sorrindo, sua voz estava longe, mas ainda podia ouvir seus passos se aproximando.

— Seria mais fácil se não estivesse vendado... Anda, minha hortênsia, qual é a surpresa?

— Segue minha voz, amor. — Sua voz vinha

de próximo do nosso quarto, ela queria me levar para o quarto e ficava com esses joguinhos? Devassa e provocadora. Eu amava aquela mulher. Minha mulher.

— Deixe de ser pervertido, Nathan Brown. Eu conheço esse seu sorriso, seu safado.

— Não disse nada, mas estou começando a gostar. Vai ter vinho e morangos, Sra. Brown? — Disse, parando e cruzando os braços. Adorava provocar a minha onça de sapatilhas.

— Não terá “Sra. Brown” se não vir até aqui, descobrir o que fiz para você.

— Hum... Já fez? Dispensou minha mãe e o Luís para fazer um showzinho para mim? Valeu a pena passar três dias fora da cidade.

— Meu Deus! Anda logo, homem, antes que eu mude de ideia e o único showzinho que verá, será na sala de tv.

— Então vai ter show particular? — Perguntei me aproximando, podia sentir o seu Perfume de hortênsia. Estiquei minha mão e toquei em sua cintura. A puxei para perto, fazendo-a soltar um gritinho de surpresa. Selei um beijo em seus lábios carnudos que tanto senti falta. — Posso tirar a venda?

— Ainda não. — Ela se soltou dos meus

braços, mas segurou firme em minhas mãos. — Quero que saiba que isso não é apenas um presente seu, ele será, de certa forma, de todos. Ele é para a vida toda e é a prova de todo nosso amor. — A escutei abrindo uma porta antes de me puxar para dentro do cômodo que tinha certeza que não era o nosso quarto. Ela soltou minhas mãos, andou mais alguns passos e logo sua voz ecoou no lugar. — Tire a venda, meu doce amor.

Não pensei duas vezes, tirei a venda que tanto me irritava. O quarto estava escuro, se não fosse a luz do luar que passava pela janela, eu não veria nada. Mas quando ela acendeu a luz e me virei para ela, pude ver seu lindo sorriso. Ela se aproximou devagar com as mãos para trás, com uma cara de safada que sempre adorei. Minha vontade era de ir até ela, acabar com a saudade que estava sentindo do seu corpo, mas não podia porque ela estava malditamente me dominado.

Quando faltavam poucos passos, ela parou, colocou as mãos na frente da sua barriga, logo ela afastou a mão e eu pude ver um teste de gravidez.

— Não! — Disse, duvidando, mas o sorriso já se formando em meu rosto.

— Sim! — Afirmou.

— Sim? — Perguntei, me ajoelhado a sua

frente e tocando na sua barriga plana. O sorriso não cabia em meu rosto, era felicidade demais na minha vida. — Vamos ter um bebê?

— Tecnicamente, eu terei um bebê, mas sim, meu amor, vamos ter um bebê.

Me levantei, segurei seu rosto e beijei sua boca, dando diversos selinhos rápidos, falando “eu te amo” depois de cada beijo. A peguei no colo e dei um giro com ela.

— Acabei de me tornar o homem mais feliz do país, do mundo, do universo. Hortênsia, eu vou ser pai!

— Vai meu amor, de uma princesinha linda.

— Um menino lindo para jogar basquete comigo.

— Não importa, meu amor, ele ou ela será a criança mais amada do mundo.

— Não tenho dúvidas.



Ela definitivamente estava presente em cada canto da casa, até a droga de um corredor me trazia lembranças dela. Eu precisava de uma

bebida forte para me embriagar e ficar chorando igual uma garotinha que perdeu a boneca. A maldita dor da saudade me sufocava e tenho plena certeza que a bebida não me ajudaria, pelo contrário, me afundaria ainda mais nessa merda que já estou.

Soltei um bufo de irritação e andei até a porta do quarto do meu filho.

Abri a porta, logo depois fechando a mesma devagar. O peguei do berço, o apertei em meu peito. Ele era a única prova de que ela esteve viva, que foi forte o suficiente por ele, que o último suspiro foi para tê-lo. E agora ele estava crescendo rápido demais, logo iria andar, falar, comer sozinho, ir para escola e quando eu menos esperasse ele me chamaria de *coroa* e iria embora para faculdade. Deixando o "*coroa*" sozinho.

Por que filhos tinham que crescerem tão rápido?

Saí dos meus pensamentos assim que a porta se abriu revelando Bruna com os cabelos molhados, prova de um banho recém tomado, usando um pijama rosa com milhares de patinhos.

— Oh! Desculpe, eu não sabia que estava aqui, só queria desejar boa noite para ele.

— Sei o que está sentindo, vim com a mesma

intenção. — Ela se aproximou, passou a mão pelas costas do meu filho e, ficando nas pontas dos pés, beijou sua cabeça.

— Ele fica lindo dormindo.

— Sim, realmente fica. — Afirmei, admirando meu filho.

Ela bocejou, sinal de que Noemi lhe entregou o chá.

— Vou dormir. Boa noite, Nathan!

— Boa noite, Bruna! — Ela se afastou indo em direção a porta e quando estava prestes a sair, disse: — Bruna? — Ela se virou e me observou. — Amanhã, o sofrimento na clínica chegará ao fim.

— Só terá fim quando aquela víbora estiver atrás das grades, enquanto pessoas como ela estiverem soltas, ainda terá sofrimento nesse mundo. — Disse saindo do quarto e fechando a porta.

Ela tinha razão, infelizmente o mundo sempre esteve repleto de pessoas sem escrúpulos. O que me fazia sentir ainda mais vontade de ajudar a colocar aquela mulher na cadeia.

Capítulo 17

Bruna Watts

A dor no meu peito deveria ter passando, afinal sabia que meu pai estava seguro e nada lhe faria mal, mas a dor ainda existia. A verdade era que eu sabia que ele não estava bem, mesmo que ninguém me dissesse nada, sabia que ele estava fraco e doente.

O pior de tudo era que sentia que no fundo ele que iria me abandonar. A droga da doença o estava matando aos poucos, ele se recusou a comer ou beber qualquer coisa e nem uma frase sequer ele disse, nem quando toquei em seus machucados no banho junto com a enfermeira. Os hematomas não eram tão grandes, mas só em saber que ele estava machucado, me machucou também.

Nunca fui de sentir ódio de ninguém, mas Lola conseguiu despertar meu pior lado.

Não conseguia entender como alguém tinha coragem de machucar alguém tão inocente como

meu pai. Ele nunca levantou a mão para mim, sempre disse que tudo podia ser resolvido com uma boa conversa. Ele era um pacifista, um homem que qualquer filha amaria ter por perto. Sempre lutou para salvar vidas, protegeu as pessoas a vida toda e acabou sofrendo nas mãos de uma pessoa que deveria cuidar e proteger dele.

Estava com medo, muito medo do que podia acontecer com meu pai, medo pelos outros pacientes naquele lugar repugnante, medo de Elizabeth ter sido pega e eles terem feito algo com ela e medo de enfrentar Lola no tribunal.

Não tinha como agradecer o que Nathan estava fazendo por mim. Sempre ouvi dizer que ele tinha um grande coração e, depois daquele dia, eu podia afirmar com todas as letras que isso era verdade.

Sempre fui religiosa, o lado judeu dos meus pais me ensinou que Deus tem que ser nosso primeiro socorro em qualquer situação. Então, toda vez que me sentia sozinha, fazia uma oração para os céus.

Por incrível que pareça, dormi muito bem, até demais para o meu gosto. Todos já estavam acordados, inclusive Arthur que estava adorando receber os carrinhos da avó. Não contei para

ninguém sobre o que aconteceu, mas senti que Nathan não conseguiu esconder de todos os motivos de ter desaparecido por tanto tempo. Noemi e Mart me deram um abraço forte, Theo me surpreendeu com uma hortênsia e um beijo na bochecha, Cloe me lançou um sorriso confiante e Arthur me fez sorrir quando ele veio para o meu colo. Percebi que estava rodeada por pessoas boas.

Liguei para Melissa e contei tudo, ela se culpou por não ter percebido nada e se preocupou comigo logo que disse o estado que meu pai se encontra. Ela implorou para me ver, mas menti dizendo que estava bem e que logo iria vê-la para que matássemos um pouco da saudade.

A clínica foi invadida e revistada pela polícia logo de manhã, a notícia saiu em todos os jornais. Todos os documentos e computadores foram levados pelos policiais e 168 idosos que estavam na clínica foram transferidos para outro lugar ou para casas dos parentes, 124 estavam desnutridos ou desorientados e dois foram encontrados em óbito. Quando vi a fotos dos documentos dos que haviam morrido, me arrepiei ao ver a senhora que havia ajudado a beber água no V.R. Os funcionários foram detidos por serem cúmplice e Lola estava

foragida. Não aguentei ficar na frente da televisão assistindo a tudo aquilo. Mesmo que o problema tivesse sido resolvido, ainda me sentia insegura em saber que Lola estava solta e provavelmente muito longe, com todo o dinheiro.

Vaca.

Era a única coisa da qual conseguia chamá-la, mesmo que ela merecesse ser chamada de todos os nomes impróprios do mundo, eu simplesmente não conseguia. Meu pai e minha mãe fizeram um ótimo trabalho me educando, pois nem um xingamento eu era capaz de pronunciar para insultar aquela mulher.



Arthur foi o único que me fez sorrir o dia todo. Enquanto todos estavam atentos a televisão, eu estava no quarto passando pomada, mesmo com ele insistindo em levantar as pernas e ficar balançando-as, me fazendo gargalhar.

— Arthur, me deixa colocar a fralda. — Tentei

ser firme, mas ele apenas mostrou sua boca desdentada e continuou com a sua brincadeira. — Esta bem! Eu desisto, tá feliz? — Disse, colocando as mãos na cintura.

Ele me olhou e simplesmente soltou um “é” fino e longo como se estivesse dizendo: *“desiste mesmo, tia, ninguém ganha com o gostoso aqui”*. Comecei a rir com o meu pensamento e finalmente consegui colocar a bendita fralda. Arrumei sua roupa e o peguei no colo, passando a mão em suas costas.

— Você não tem noção do quanto me faz bem. — Ele resmungou um pouquinho, como se discordasse de mim. — É... Acho que sabe sim. — Beijei o topo da sua cabeça e o fiz dormir.

Mesmo com ele dormindo, fiquei com ele no meu colo por mais alguns minutos. Com muito desgosto, o coloquei no berço e saí do quarto, levando a babá eletrônica comigo.

— Bruna, você poderia me fazer um favor? — Olhei para Nathan, encostado na parede do corredor, com sorriso diferente nos lábios.

— Claro! O que deseja?

— Gostaria que você pegasse seus documentos, será necessário para o caso. Eles chegaram, né?

— Sim, sim, vou buscar no meu quarto. — Disse, me afastando.

Sabia que ele estava alguns metros atrás de mim, entrei no meu quarto deixando a porta aberta para que ele entrasse e abri o meu guarda-roupa, em busca da caixa onde guardava a segunda via dos meus documentos.

— Nossa! Seu quarto é maior do que a minha casa. — Disse Melissa

Parei o que estava fazendo e olhei para um canto do meu quarto e a vi sentada em uma poltrona, próxima a minha penteadeira. Ela se levantou, parando a alguns metros de mim, esticando os braços em minha direção como sempre fazia.

Corri até ela, a abracei forte, abri os meus olhos ainda nos braços da minha amiga e vi, de relance, Nathan parado na porta com o mesmo sorriso. Neste momento descobri que não precisava pegar os meus documentos, era apenas um plano para rever a minha melhor amiga, apertei ainda mais Melissa e sussurrei um "*muito obrigada*" para ele.



— Vai faltar a faculdade? — Perguntei a Melissa.

— Pedi para uma colega me passar o conteúdo amanhã, hoje você me terá todinha para você, pequena.

— Sinto-me lisonjeada.

— É bom sentir mesmo, é um privilégio de poucos.

— Imagino. — Debochei.

— Agora, me fala, tem algum *boy* gostoso aqui? — Dei uma risada e olhei para ela. Como senti saudade dela.

Melissa sendo Melissa.

— Se tem, está muito bem escondido.

— Vamos procurar, então! — Disse ela, animada.

— Vou informar tudo isso para o tio Alberto.

— Chata. — Disse, me mostrando a língua. — Então, vamos assistir a um filme.

— Filme?

— É.

— Onde vamos assistir? Nem filme eu tenho aqui.

— Eu posso ajudar? — Perguntou Luís, no batente da porta com as mãos dentro dos bolsos da calça.

— Não! — Disse Melissa.

— Calma, princesa, eu tenho uns filmes no meu quarto, se vocês quiserem eu posso...

— Não queremos ver sua coleção de filmes indecentes, Luís.

— Não tenho filmes *indecentes*, princesa, sou mais de praticar do que assistir. — Disse ele, com um sorriso de lado.

Melissa bufou e foi para o outro lado do quarto, enquanto eu continuava a ver Luís se divertir com a cara dela.

— Você me emprestar algum filme, Luís? — Perguntei.

— Claro, mas com uma condição. — Disse ele.

— Qual? — Perguntei.

— Vou assistir com vocês. — Disse ele, com um sorriso.

— Não! — Gritou Melissa.

— Por mim, tudo bem! — Disse.

— Ótimo! Vou pegar os filmes e ligar para pedir

uma pizza. — Falou ele, saindo do quarto.

Me virei e encarei Mel que estava com os braços cruzados na altura dos peitos e com um biquinho lindo.

— Você não fez isso. — Falou ela.

— Isso o quê? — Me fingi de desentendida.

— Não brinca comigo, Bruna Watts, você o convidou de propósito.

— Poxa! Me chamando pelo nome todo... Magoou. Mel, ou assistimos o filme com ele ou ficamos aqui, uma olhando para outra.

— Prefiro a segunda opção.

— E perder a oportunidade de ver o Luís?

— Você me paga.

A noite seria longa.

Tivemos que assistir ao filme no quarto do Luís já que a sala estava ocupada e no meu não tinha televisão. Mel me fez prometer que não a deixaria dormir na cama dele enquanto assistia ao filme. A cama tinha espaço para nos três tranquilamente, mas Luís ficou em uma poltrona, deixando eu e Mel um pouco mais à vontade.

Não estava prestando muita atenção ao filme, fiquei apenas olhando para televisão para disfarçar, mas meus pensamentos estavam longe dali, muito

longe.

Melissa não dormiu, ela nem piscou para não correr o risco. Depois que o segundo filme acabou e ela bocejou, dei por encerrada a *maratona* de filmes. Agradei ao Luís pela gentileza e mostrei para Mel um pouco da casa.



Depois que Melissa foi embora, fiquei sem saber o que fazer. Ir para sala de tv estava fora de cogitação, a maioria das pessoas da casa estava dormindo e Nathan ainda não havia voltado, então fiquei na cozinha tomando um chá, enquanto lia uma história em quadrinho de uma caixa de cereal.

Não demorou muito para que Nathan chegasse em casa, sua aparência mostrava que ele estava cansado. Ele deixou uma pasta preta sobre uma cadeira e colocou na minha frente um bloco grande de folhas.

— O que é isso? — Perguntei.

— 159 assinaturas dos parentes ou responsáveis dos pacientes da clínica.

— Uau! — Disse, admirada. — Você arrumou

muitos clientes.

— Na verdade, apenas uma.

— Então, o que significa todas essas assinaturas?

— Eles assinaram para que você os represente no tribunal.

Folheie todas as folhas e levantei minha cabeça para olhar para ele, que mantinha o mesmo sorriso do início da noite.

— Prepare-se, Bruna, Lola foi presa.

Bônus Lola

A vadia conseguiu, sabia que ela ia ser um problema assim que colocou os pés na minha clínica, mas a ambição falou muito mais alto que a razão. E acabei detida em uma delegacia, ouvindo me perguntarem os porquês de te feito o que fiz. A resposta não era clara? O dinheiro, apenas o dinheiro.

Neste país de merda, eu nunca conseguiria o que queria trabalhando, lavando chão o dia todo. Tratei logo de me casar com o velho nojento que era o dono da clínica. Depois de um infarto

fulminante, ele faleceu me deixando viúva, parcialmente rica e dona de uma clínica.

Não me arrependia do que fiz, cada velhote daquele lugar me dava nojo. Nunca gostei de crianças e eles eram umas merdas de umas crianças enrugadas e irritantes.

O pai da princesinha era um pacifista e lógico que, quando um dos meus funcionários deu uma advertência em uma velha por te molhado a cama, ele reagiu e levou o que não era para ser dele. Dez socos foi o suficiente para abaixar a bola do herói. Depois disso, mandei aumentarem a dose do remédio e os proibi de dar os remédios da *Alzheimer*.

Acabei economizando!

A viagem foi apenas para não estar lá quando a garota entrasse. Sabia que ela ia fazer isso, estava há quase dez dias ignorando as ligações dela. Cometi um erro, o remédio que estava sendo administrado ao pai dela continha abacaxi, o que fez com que ele ficasse pior os poucos. Só descobri depois que ele já não falava e parou de se alimentar. O que significava que sua alergia atingia suas cordas vocais e provavelmente causava inchaço, mas como o remédio tinha pouco do ingrediente da alergia, causou um efeito mais lento

no seu organismo.

Um erro mínimo, mas se continuasse provavelmente iria matá-lo de fome.

E continuei! Fiz melhor, aumentei a dose, ela ia me ferrar e eu ia matar o paizinho dela.

Estava quase entrando no México quando os policiais me pegaram, faltava tão pouco. Mas acabei em uma cela junto com três prostitutas e uma bêbada nojenta, em uma delegacia podre.



— Não tenho o tempo todo, Loreнна. —
Odiava o meu nome e esse advogadinho fazia questão de pronunciá-lo em todas as frases.

— Está com presa, *doutor*? — Debochei.

— Pelo menos tenho esse título e você? Nem médica você é, *Loreнна*.

Filho da mãe.

— Fez a lição de casa, pelo que vejo. O que mais descobriu? — Perguntei, jogando a fumaça do meu cigarro na direção dele.

— Nada de interessante, sua vida é uma caixinha de surpresa, Loreнна. — Ele fez uma

pausa e abriu uma pasta de papel amarela. — Ficou viúva os vinte cinco anos, relacionamento curto, pelo que vejo.

— Grande merda.

— Por quê? — Perguntou.

Novamente os porquês sérios? Saco!

Soltei novamente a fumaça do cigarro e encarei seus olhos azuis.

— Porque o quê, gatinho?

— O motivo de ter me chamado aqui, sendo que sou o advogado de acusação.

— A vadia deve ter dinheiro para pagar seus honorários.

— Estou ficando impaciente, *Lorenn*a.

*Lorenn*a não.

Bufei e o respondi:

— Ele não vai sobreviver por muito tempo.

— Ele quem?

— O pai da sua cliente, ele não vai sobreviver.

— Por que acha isso? — Perguntou ele, fechando a pasta e juntando as mãos sobre a mesa para que me olhasse atenciosamente.

— Porque eu estava dando *Ananás* para ele.

— O que é isso?

— Posso não ser médica, mas sei o nome

científico do abacaxi, queridinho.

Ele se levantou, me assustando, batendo forte na mesa.

— Você sabe que essa conversa está sendo gravada, né? E se o pai da minha cliente morrer, você acabou de assumir um assassinato.

Me levantei com calma, joguei o cigarro no chão, fiquei na mesma posição que ele, lhe dando uma boa visão dos meus seios e disse:

— Espero que ele morra mesmo.

Um ano a mais um ano ou a menos não faria diferença, já estava no fundo do poço, pior do que estava não podia ficar.

Capítulo 18

Nathan Brown

Algumas semanas, foi o suficiente para que tudo estivesse pronto e para que eu retornasse aos tribunais. Não estava querendo me afundar muito no caso, não queria meu rosto em todos os jornais. Estava disposto a facilitar para o advogado de defesa, mas depois que tive o desprezo de conversar com Lorena, mudei meus planos.

Ela se arrependeria de brincar com minha cliente. Não contei para Bruna sobre o motivo do seu pai estar naquela situação. Ela era uma menina sensível e provavelmente nunca perdoaria Lola, então deixei que ela imaginasse que a doença estava deixando o pai daquele jeito.

Não precisava correr atrás de provas, tudo demonstrava que Lola e mais oitos funcionários seriam julgados e condenados.

Infelizmente não consegui tirar Elizabeth dentre os oitos, ela trabalhou muito tempo na clínica e nenhuma queixa foi registrada enquanto ela estava

lá, o que lhe tornou uma cúmplice. Mas tinha uma carta na manga para aliviar a sua condenação.

Depois de vinte testemunhas, a juíza dispensou o júri para o almoço, o tribunal estaria em recesso até às 14h15min. Earth Dobbs, o advogado de defesa, me surpreendeu, ele tinha talento e talvez conseguisse a redução da pena da sua cliente, embora isso fosse pouco provável.

— Sr. Brown, fiquei sabendo que quer a redução da pena de Elizabeth Rauser. — Falou Earth.

— Está focado em outras coisas além da sua cliente, Sr. Dobbs? — Perguntei.

— Tenho a impressão de que não irá conseguir.

— Gosto de desafios. E se eu fosse você, me preocupava com a Srta. Ghey, não com a Sra. Rauser.

— Estou apenas jogando o jogo, Sr. Brown.

— E perderá feio. — Disse, firmemente.

— Veremos. — Disse ele, saindo do meu lado e pegando o seu celular no bolso.

— Algo errado? — Bruna perguntou, aproximando-se enquanto olhava Earth se afastar.

Olhei para ela, seu cabelo estava em um coque volumoso e seu corpo estava perfeito em um

vestido preto justo na altura dos joelhos e ela estava alguns centímetros mais alta, graças a uma sandália de saltos médios.

— Não. Apenas um papo amigável. — Disse.

— Liguei para Noemi, Arthur está bem, ele está com Mart enquanto ela termina o almoço.

— Obrigado por ligar! Demoraremos um pouco. Quer almoçar?

— Aonde? Lá fora está cheio de jornalistas, não estou muito a fim de passar por eles.

— Tenho um lugar. — Peguei em sua mão e guiei até uma sala privativa.



A juíza assumiu a bancada.

— Sr. Brown, tem mais alguma testemunha?

— Perguntou ela.

— Meritíssima, neste momento, a acusação nada tem a dizer. — Respondi.

A juíza me fitou por um momento e então olhou para Earth.

— Sr. Dobbs, está pronto para prosseguir?

— Meritíssima, estou pronto para prosseguir

com a defesa.

— Prossiga. — Ela fez um gesto com a mão. Era notável que ela estava cansada, afinal todos estávamos. Três dias de julgamento cansa qualquer um.

— Quero chamar a senhora Rauser, para testemunhar. — Earth anunciou.

Ela chegou escoltada pelos policiais e logo se sentou na cadeira para testemunha, depois que fez o juramento, Earth pôde prosseguir.

— Sra. Rauser, poderia repetir seu nome completo para o júri?

Ela olhou pra Bruna e logo retornou a olhar para Dobbs.

— Elizabeth Connelly Rauser.

— Connelly? Sabia que minha cliente tinha o mesmo sobrenome quando era solteira? Vocês têm algum laço parental?

— Sim. — Respondeu ela, timidamente, abaixando a cabeça.

— Então me diga, Sra. Rauser, qual é o parentesco?

— Sou... sou mãe dela.

Filho de uma mãe sortudo.

— Então, Lorena Ghey, é sua filha. Era por

esse motivo que você trabalhou por todo esse tempo na clínica sem registrar uma queixa?

— Não! — Exclamou. — Bem, não podia fazer a denúncia porque todos os novos funcionários assinavam um contrato, sendo assim quando o funcionário tentava ameaçar, ela mostrava o contrato, alegando que qualquer coisa ele também seria condenado por cúmplice.

— Mas de todos os vinte e sete funcionários apenas oito não tinham o contrato, contando com você. O motivo de não ter contrato é por que ajudava minha cliente no funcionamento?

— Não!...Eu...Eu.

— Diante da sua falta de palavras, posso considerar ter uma resposta afirmativa. Sem mais perguntas, Meritíssima. — Declarou Earth.

— Sr.Brown, gostaria de fazer alguma pergunta? — A juíza perguntou.

— Sim, Meritíssima.

— Levante e prossiga.

Me levantei, arrumei meu terno e peguei alguns papéis.

— Sra. Rauser, o nome Paul Rauser, lhe recorda alguma coisa? — Perguntei.

— É o nome do meu falecido marido. —

Respondeu ela, com a voz baixa.

— Mas o senhor Rauser não era o pai da acusada, pelo que vejo.

— Não, senhor.

— Paul Rauser tinha uma dívida de jogo com Brad Ghey, falecido marido da sua filha, sabia?

— Sim. — Confirmou ela, envergonhada.

— A dívida não foi quitada, pois seu marido faleceu antes, estou certo? — Ela concordou novamente e continuei. — Sendo assim, você e sua filha tiveram que trabalhar na clínica como pagamento da dívida, mesmo depois que sua filha se casou com o dono da clínica, a dívida não foi perdoada e nem depois do falecimento do seu genro. Pode confirmar minha suspeita, Sra. Rauser?

— Sim. É verdade.

— Tem provas para apresentar, Sr. Brown? — Perguntou a juíza.

— Sim, Meritíssima. Tenho um contrato assinado pelo senhor Rauser e a testemunha. Documento que a acusada usava pra chantagear a própria mãe. — Entreguei o documento para a juíza e fiquei com uma cópia em mãos. — Entretanto, o que a senhora Rauser não sabe é que a dívida em questão foi quitada há sete anos e a acusada

continuou usando do mesmo artifício para chantageá-la e ganhar a limpeza da clínica de graça.

— Diante dessas provas, liberto a senhora Rauser das acusações apresentadas. — Declarou a juíza.

— Obrigado, Meritíssima! Não tenho mais perguntas ou evidências. — Disse, voltando ao meu lugar.

— Sr. Dobbs, tem mais testemunhas?

— Não, Meritíssima. — Disse com desgosto.

— Concedo uma pausa até que o júri apresente o veredito e, assim, lerei a sentença. — Disse batendo o martelo e se levantando.

Me aproximei de Bruna que pulou no meu colo e me abraçou apertado, devolvi o abraço rodeando meus braços em seu pequeno corpo. Como era bom senti-la por perto, seu perfume de lírios me envolvendo e, por um tempo, desejei poder passar dias sentindo seu cheio e o calor do seu corpo.

— Obrigada! Muito obrigada por fazer isso por ela. — Agradeceu.

— Não foi nada. — Disse, me afastando dos seus braços. — Vá ver sua amiga, logo a sentença será anunciada. — Ela me lançou um sorriso tímido e foi em direção de Elizabeth.

— Parabéns, Sr. Brown! Mais uma vez, ganhará a causa. — Earth disse, ao meu lado.

— Não tinha dúvidas de que ganharia. Mas tenho que admitir que você quase conseguiu.

— Teremos outras oportunidades.

— Esperarei ansiosamente. — Disse.

Me afastando dele, voltei a minha mesa, arrumei meus papéis e olhei ao redor. Os parentes das vítimas estavam presentes e ansiosos pelo veredito tanto quanto eu. Meus olhos focaram na minha pequena menina, conversando alegremente com Elizabeth que chorava.

Estava ficando louco por ficar reparando nela. Virei para frente, passei a mão diversas vezes pelo rosto e tomei um pouco de água.

Foco Nathan, Foco.



Finalmente o júri retornou e todos tomaram seus devidos lugares. O júri declarou Loreнна e os demais réus culpados por seus crimes. Loreнна pegou 54 anos de prisão por seus crimes, que com

certeza com bom comportamento sairá antes.

O julgamento foi encerrado e todos comemoraram a decisão judicial.

Saímos sem prestar esclarecimento aos jornalistas, deixei que os outros fizessem isso.

Bruna estava muito animada, seu sorriso era a coisa mais linda que já tinha visto. Depois que saímos do tribunal, fiz questão de levá-la ao lar, mesmo que seu pai não a reconhecesse ela queria compartilhar a sua alegria.

— Podemos comemora depois? — Perguntou ela, assim que paramos em frente à clínica.

— Como deseja comemorar? — Perguntei, curioso.

— Posso fazer um jantar para você... Quero dizer, se quiser, eu posso fazer algo, simples, mas...

— Adoraria! — Falei, a interrompendo.

— Sério? — Seu sorriso aumentou ainda mais, me fazendo retribuir o gesto.

— Sim. Falarei com Noemi. Te espero para o jantar de comemoração, Bruna.

— Nathan! — Ela fez uma pausa e continuou: — Muito obrigada! Você foi incrível! — Disse, me dando um beijo na bochecha e, praticamente, saiu

correndo do veículo.

Dei um sorriso e toquei onde os lábios dela tocaram. Recuperei a postura e falei firme:

— Para casa, Mart.

Estava ficando louco ao lado daquela menina.

Foco Nathan.

Capítulo 19

Bruna Watts

Arthur completou quatro meses de pura gostosura, fazendo toda a família comemorar junto com o pequeno que amo, sendo mimado por cada um e ganhando alguns brinquedos.

As visitas ao meu pai me faziam ficar tranquila por ver que ele estava em um lugar seguro, mas nenhum sinal de melhora. Sua voz estava mais forte o que significava que ele estava falando, não quanto eu queria, mas já era um avanço poder ouvir a sua voz. Se ele se lembrou de mim? Não, e só falava comigo quando queria que eu lesse um livro ao lado da sua cama.

Fui ao velório da Abigail, a idosa que faleceu na clínica, precisava mostrar minhas sinceras condolências a ela e a família.

Uma semana, apenas uma semana, foi o suficiente para me fascinar por Nathan, descobri que ele tem muitos lados e não sabia qual me agradava mais.

Todos, provavelmente!

Seu lado advogado, filho, amigo, patrão e, com certeza, seu lado pai me chamava muita atenção, o jeito carinhoso dele com filho era lindo de ser ver.

Até comentei com Melissa sobre o seu jeito carinho com toda a família, o que fez ela chama isso de amor, e me fez brigar muito com ela, odiava quando ela tinha ideias absurdas e totalmente sem noção. O homem acabara de perder a mulher, eu não podia estar gostando dele.

Apenas estava o admirando depois de tudo que ele fez por mim no julgamento. Cinquenta e quatro anos, ela pagaria pelos seus crimes juntos com todos os seus aliados, mesmo achando que ela merecia uma pena de prisão perpétua, tinha que admitir que o julgamento foi justo em todos os pontos. Nathan me surpreendeu ajudando Elizabeth, nunca imaginei que ele poderia fazer isso por mim e por ela. Fiquei sem reação quando descobri que ela era mãe de Lorena, mas uma mulher que nunca demonstrou amor pelo meu pai o os demais da clínica, nunca iria me surpreender pelo jeito que tratou a própria mãe todos esses anos.



Fui muito longe com o beijo na bochecha, era a segunda vez que fazia isso e totalmente por impulso. Entrei na clínica ainda tentando recuperar o fôlego depois de sair correndo do carro, morrendo de vergonha do que fiz.

— Tudo bem, Srta. Watts? — Perguntou Michael, tocando em meu ombro.

— Claro, apenas feliz.

— Fiquei sabendo da sua vitória no tribunal. Parabéns! — O encarei e ele continuou: — Os jornais só falam disso.

— Nossa! Rápidos. Obrigada, Dr. Richmond! O mérito é todo do Nathan. Posso ver o meu pai?

— Claro! Já sabe o caminho, senhorita.

Acenei um tchau para ele e segui o caminho para o quarto do meu pai. Bati a porta apenas por educação e, logo em seguida, entrei. Uma enfermeira estava ajudando-o a subir na cama, deixei minha bolsa sobre uma mesinha e a ajudei.

Depois que a enfermeira saiu, fiquei olhando para o meu pai que manteve os seus olhos azuis em mim. Ele estava aparentemente melhor, as

manchas em seu rosto sumiram e ele tinha começado a ganhar um pouco mais da sua cor natural, mas seu peço ainda continuava o mesmo, o que significava que a alimentação ainda era um assunto sério.

Arrastei a cadeira para próximo da sua cama e fiz uma silenciosa oração, enquanto me aproximava.

— Sr. Watts, gostaria de algo? — Perguntei.

— Quero a minha Rebeca. — Disse ele, olhando para o teto.

O quê? Ele se lembrava dela?

Isso significava que eu podia ter esperanças? Que ele não se esqueceu de tudo, que ela ainda estava presente na mente dele e que ele pode se lembrar de mim!?

— Senhor...

— Você me lembra muito ela... — Ele tomou um pouco de fôlego e continuou. — Seus olhos e cabelos são iguais ao dela. Nunca tivemos filhos, mas se tivéssemos gostaria que fosse igual a você, moça.

Dei um sorriso para ele e me esforcei para não chorar, não na sua frente.

— Ela seria uma filha de sorte.

— Não, moça, *eu* seria um pai de sorte.

Me levantei, o abracei forte e, mesmo sendo surpreendido pelo gesto, ele retribuiu o abraço. Ele estava cheirando a sabonete e seus poucos cabelos estavam molhados, sua mão subia e descia pelas minhas costas e ele insistia em dizer “*vai ficar tudo bem, moça*” me fazendo chorar, já tinha escutado essas palavras e nada havia melhorado, pelo contrário, apenas piorou.

Me afastei dele aos poucos e ele se manteve em silêncio, olhando para mim enquanto eu estava enxugando as lágrimas.

Fiquei com ele por mais algumas horas e ele disse poucas palavras. Quando terminei de ler para ele *O pomar de Theresa Weir*, me despedi, prometendo voltar em breve.

O doutor Richmond não me deu esperanças com as lembranças do meu pai, disse que era apenas sorte que ele ainda se lembrava da minha mãe e que provavelmente logo iria se esquecer.



Quando cheguei a fazenda já estava escurecendo, paguei o motorista do taxi e entrei na

casa grande e fui direito para a cozinha, não podia me atrasar com o jantar.

Coloquei um avental que estava em cima do balcão e peguei todos os ingredientes para fazer um *Pierogi* e uma salada de salmão. Noemi não estava na cozinha, então tive dificuldade para achar alguns ingredientes.

Estava terminado de fechar meus *Pierogie*, por isso estava toda suja de trigo e meu coque estava despenteado.

— O jantar pode ser para três? — Perguntou Nathan, entrando na cozinha com Arthur no colo, virado para frente, babando em seu braço.

— Três? Pensei que todos jantariam.

— Noemi e Mart foram ao cinema ou algo assim, Theo e Luís estão na faculdade e minha mãe foi a um jantar beneficente. Seremos apenas nós três, algum problema?

— Não. Claro que não.

— E o que teremos para o jantar? — Perguntou limpando a boca do Arthur, cheia de baba, e se sentou.

— Bom, nós dois iremos comer salada de salmão com *Pierogie* com molho de carne. — Disse abrindo as panelas deixando sair o cheiro delicioso. — E para o Arthur, terá uma mamadeira cheia de

leite morno. — Disse, andando para o outro lado e pegando a mamadeira limpa sobre o armário.

— Você acertou em cheio! É o prato preferido dele, ultimamente. — Disse, com um sorriso maravilhoso.

— Toda cozinheira tem seus talentos. — Disse, batendo as mãos em meu avental. — Gostaria tanto de pegar ele um pouquinho.

— Fala para sua tia, Arthur: “nem pensar, acabei de tomar banho e estou cheirosinho. — Disse, cheirando o pescoço do filho o fazendo gargalhar.

— Isso significa que tenho que tomar banho? — Perguntei, colocando as mãos na cintura.

— Claro! Uma dama precisa estar apresentável diante de dois cavalheiros, não é, filho? — Falou, virando Arthur para que ficasse de frente para ele. Arthur fez um som que parecia de concordância. — Viu? Ele concorda comigo.

— Ok. *Cavalheiros*, vou tomar banho. — Disse, tirando o avental. — E vocês, nem pensem em mexer nas minhas panelas.

Deixei os dois na cozinha, subi as escadas já desmanchando meu coque e entrei no meu quarto. Peguei um vestido cáqui no meu guarda-roupa e joguei sobre a cama.

Tirei minha roupa, fiz novamente um coque mau feito e entrei no boxer do banheiro. A água quente lavava toda a sujeira do meu corpo, desliguei o registro do chuveiro, enrolei meu corpo em uma toalha felpuda e saí do banheiro.

Depois que passei um hidratante e um perfume, vesti minha roupa, soltei meu cabelo, descí as escadas, entrei na cozinha e a mesa já estava arrumada. Nathan estava colocando um vinho na mesa.

— Oi! — Disse, tímida, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Vem se sentar... vou servir você. — Disse ele, puxando a cadeira.

— Ah! Não precisa. Eu...

— Bruna, por favor, você já fez o jantar. Deixe-me lhe servir.

Caminhei até ele e me sentei. Abri o guardanapo e coloquei em meu colo, enquanto ele me servia. Ele se sentou ao meu lado e comeu um pedaço do *Pierogie* com ricota e me ficou calado.

— O quê? Está ruim? Olha, eu não sou tão boa assim na cozinha... Eu...

— Está muito bom! Nunca comi isso, o que é mesmo? — Perguntou, comendo outro pedaço.

— *Pierogie*, culinária judaica.

— Não sabia que é judia.

— Não sou. Meus avós eram e minha mãe me ensinou algumas coisas, mas nunca fui às sinagogas ou aos templos. Tudo que aprendi foi em casa.

— Apreendeu muito bem.

— Obrigada! — Agradei.

Ficamos em silêncio depois disso, o único barulho era dos talheres raspando no prato e os resmungos de Arthur por estar no bebê conforto.

Terminei de jantar, arrumei a mesa e coloquei tudo no lava louças. Arthur estava dormindo no colo do pai e Nathan estava olhando para mim enquanto terminava de arrumar tudo.

— Vou colocá-lo no berço. — Disse ele.

— Deixe-me colocar? Passei o dia longe dele, estou com saudades.

Ele não respondeu, apenas se aproximou com um sorriso de lado. Ele tão perto fazia meu coração acelerar e minha boca ficar seca, parecia que estava passando mal. O cheiro de loção pós-barba encheu meus pulmões.

Ele colocou Arthur com cuidado no meu colo, arrumou a cabeça dele no meu braço, passei a mão nos cabelos negros de Arthur e dei um sorriso

quando ele deixou a chupeta cair.

— Linda!

— É, ele é lindo. — Confirmei.

— Não estava falando dele. —

Disse, colocando a mão em meu queixo, me fazendo olhar para ele. — Obrigado pelo jantar de comemoração. — Ele se aproximou ainda mais e me deu um beijo no canto da boca. — Boa noite, Bruna!

Ele simplesmente saiu, me deixando sem fala ou qualquer reação. Ainda com o coração palpitante e as pernas bambas, me sentei na cadeira tentando entender o que tinha acabado de acontecer.

Capítulo 20

Nathan Brown

Não resisti, precisava pelo menos saber qual era a sensação de estar tão próximo a sua boca e quase não aguentei. Me obriguei a sair da cozinha antes que esquecesse que ela estava com meu filho nos braços e a fizesse sentar no balcão e experimentasse de verdade o gosto dos seus lábios.

Estava parecendo um adolescente que viu pela primeira vez a coelhinha de junho, meu sorriso era impossível de conter, não estava conseguindo controlar meu próprio corpo. O que me fazia parecer um idiota com esses pensamentos românticos bobos.

Estava há quase dez minutos deitado na cama de hóspedes, olhando o teto sem graça e tentando entender o porquê de isso estar acontecendo comigo.

Amava a minha esposa, ela ainda estava viva dentro de mim, mas então qual o motivo de Bruna

estar me fazendo esquecer tudo ao meu redor? Até de Jessica.

Droga! Foco Nathan! Você é um homem conceituado, estruturalmente vivido, pai de uma criança de três meses, um executor da lei e o terceiro cara mais rico de New York, você precisa da droga de um pouco de foco, de alto controle e de uma boa bebida.

Respirei fundo, levantei da cama e segui em direção ao banheiro, levei o meu rosto diversas vezes e fiquei olhando meu reflexo no espelho.



A noite não tinha sido fácil, a cadeira de amamentação de Jessica foi substituída pela cama do quarto de hóspedes, na primeira vez que Arthur acordou na madrugada já o levei para dormir comigo e ontem passei a noite vendo o peito dele subindo e descendo.

Não fui para o escritório até porque não estava disposto a chegar e encarar os jornalistas que tinha certeza que já estariam me esperando para perguntar sobre minha volta para o mundo jurídico

e o desfecho do caso da Bruna.

Então tirei o dia para ficar com o meu filho e aproveitar a doce presença da babá dele.

Estávamos na sala, vendo o esforço de Arthur para levantar o próprio corpo do chão como estivesse fazendo mini flexões. Bruna estava curvada, balançando um brinquedo para que ele pegasse, mas foi em vão, ele estava focado no que estava fazendo.

— Será que ele vai demorar a engatinhar? — Perguntou, curvando-se novamente para o meu filho.

Ela estava evitando me olhar nos olhos e quando fazia isso ficava levemente corada, o que a deixava ainda mais linda.

— Não sei. — Disse, ainda olhando o meu filho. — Mas, pelo que vejo, vai ser logo.

— É, eu também acho. — Disse, me olhando de lado, seu cabelo tampava a metade do rosto. Me aproximei e tirei o cabelo colocando-o para trás e tocando em sua pele macia. — Na... Nathan.

Quando estava prestes a falar algo, Arthur começou a chorar e Noemi entrou na sala.

— Acho que ele cansou dos exercícios. — Disse Bruna, se afastando de mim e pegando meu filho que queria um pouco de atenção.

— Nathan, tem duas pessoas querendo falar com o senhor. — Noemi foi profissional, me deixando confuso.

— Não quero ver esse desprezível!

Mesmo que não visse o rosto da pessoa, sabia exatamente que Charlotte estava entrando na minha casa, olhei para Bruna que balançava Arthur com calma e tentei não soar desesperado.

— Bruna, leve Arthur para cima, agora!

— Mas... — Falou confusa.

— Vem, menina, ele tem que conversar com alguém. — Disse Noemi, ao lado dela e a ajudando a pegar os poucos brinquedos que estava esparramado no chão.

Agradei mentalmente Noemi quando elas já estavam subindo as escadas e me levantei, olhando as duas pessoas que pensei que nunca teria o desprazer de ver novamente.

— O que estão fazendo aqui?

— Queremos ver o nosso neto. — Henry respondeu.

— Vocês não têm nenhum neto. — Disse, já com a voz ligeiramente alterada.

— Temos direitos de vê-lo, Nathan, você querendo ou não. — Ele tornou a dizer.

— Não me venha falar de direitos, eu sei cada direito de cor e salteado. E vocês perderam qualquer direito quando expulsaram a própria filha de casa.

— Fizemos o que achamos certo. — Disse ele.

— Vocês não podiam coloca-la contra a parede e fazê-la escolher entre eu e vocês, deveriam tê-la apoiado, era a felicidade dela.

— E onde está a felicidade dela agora, me diga? Você a matou! É sua culpa ela não estar aqui. Eu te amaldiçoo todos os dias por ter entrando na vida da minha filha. — Disse Charlotte, tentando avançar em minha direção, mas o marido a impediu. — Ela devia estar na Rússia, dançando, rica, famosa... Seria a bailarina mais falada do mundo e você impediu isso. — Disse, chorando.

— Ela nunca quis ir para a Rússia, ela gostava daqui, gostava dos ensaios, das crianças, vocês nunca perguntaram o que ela queria.

— Mentira! — Gritou ela. — Você a fez desistir.

— Vocês se afastaram dela por uma razão qualquer, expulsaram a única filha de casa. Eu me lembro das suas palavras, Charlotte. Você disse que a partir daquele dia, não tinha mais filha, então vocês não têm nenhum neto.

— Não iremos desistir, você sabe, vamos

buscar os nossos direitos. — Henry disse, ainda consolando a mulher.

— Onde vocês estavam quando ela precisou? — Perguntei— No casamento, na gestação... nem no velório dela vocês estavam e agora vêm a minha casa, três meses depois, em busca de direitos?

— Ele é o nosso neto, Nathan, queremos tê-lo por perto.

— Se depender de mim, nunca chegarão perto do meu filho. Agora saíam da minha casa. — Disse, me afastando deles. Não aguentava olhar na cara deles.

— Filho? — Minha mãe me chamou, parada próximo a escada. É impressionante como ela aparecia sempre que estava precisando de ajuda ou dos seus conselhos. — Vamos conversar no escritório, meu filho.

Não falei nada, apenas deixei que ela me levasse rumo ao escritório. Ela abriu a porta pesada e me deu passagem para que entrasse, fiquei em pé no meio do grande cômodo, olhando para a enorme estante de livros.

— Você não pode impedi-los, Nathan.

Fechei os olhos e suspirei, enquanto ela continuava:

— Todos sabemos que ela sofreu quando saiu de ca...

— Foi expulsa. — *Corrigi.*

— Que seja, mas você não pode privá-los de ver o neto. — Disse ela, passando por mim e sentando-se em uma poltrona. — Jessica era uma pessoa amável, assim como Arthur também vai ser, ninguém deve ser privado de vê-lo, meu filho. Você conseguiria ficar sem ele?

— A questão não é essa, mãe.

— Me responda. — Exigiu.

— Você sabe que não, ele é tudo para mim. — Falei depois de um longo suspiro.

— E ela era tudo para eles. Mesmo que eles tenham agido daquela maneira, eles são os pais dela. Você perdeu a esposa e eles a única filha.

— Mãe, eu...

— Ele é a única parte viva que restou dela, meu filho, eles precisam estar perto do Arthur. Eles estão tentando se reconciliar, se aproximando dele.

— É difícil para mim. — Assumi.

— Vai ser difícil para todos nós, vimos como ela se sentiu no início. Será difícil ver Arthur com eles, mas não podemos fazer nada sobre isso. Se eles entrarem na justiça, será pior. Você sabe que

perderá e o nome do seu filho ficará na mídia.

— Ok. Farei um acordo com eles. — Suspirei.
— Mas não hoje, preciso digerir toda essa informação. — Disse, indo rumo à porta.

— Nathan, o que está acontecendo entre você e a Bruna?

— O quê? — Perguntei, me virando. — Por que a pergunta? Não tem nada acontecendo.

— Eu vi vocês dois na sala com o Arthur.

— Estávamos cuidando dele apenas. — Expliquei

— Ela cuidado dele e você dela... Esse é o motivo de estarem tão próximos?

— Estava apenas... Mãe, você não deveria estar na loja? Pare de pensar baboseiras.

Ela se levantou, passou a mão em sua roupa e veio na minha direção. Tocou em meu rosto, me lançou um sorriso e me abraçou.

— Eu já gostava dela, estou começando a gostar ainda mais por ela estar te fazendo viver novamente.



Depois que me despedi da minha mãe e prometi ter uma conversa mais civilizada quando ela voltasse. Ajudei Bruna no banho do Arthur e aproveitei ao máximo o tempo com o meu filho.

Estávamos sentados no jardim. Arthur estava dormindo sobre um lençol grosso, estendido sobre a grama, e Bruna insistia em ficar abanando qualquer inseto que chegasse próximo a ele.

— Será que ele irá se lembrar de mim quando crescer? — Ela perguntou, ainda abanando meu filho.

— Se lembrar?

— É, sabe? Um dia, vou parar de trabalhar aqui, quero fazer faculdade de medicina, descobrir a cura para o *Alzheimer*... Eu só estava pensando se ele vai lembra de mim um dia.

Nunca pensei que ela fosse embora, não queria que ela fosse, o lugar dela era ali, com o meu filho, com a minha família e comigo.

— É impossível esquecer você.

— Ele tem apenas três meses, lógico que não vai lembrar.

— Podemos eternizar esse momento. — Falei pegando meu celular no bolso e apertei no ícone da câmera. — Agora se aproxima dele e dê um

sorriso.

Ela se deitou ao lado dele deixando seus cabelos loiros bagunçados em cima da grama verde, se aproximou dele e deu um beijo na testa dele, me fazendo tirar a foto.

— Pronto.

— O quê? Mas eu não estava pronta. — Disse, se levantando.

— A foto ficou perfeita. Agora sim, ele irá se lembrar de você. — Disse, olhando a foto com atenção.

— Deixe-me ver. — Pediu ela, se aproximando. Entreguei o celular para ela e logo ela sorriu ao ver a foto. — Que fofinho!

Me aproximei dela para ver novamente a foto.

— Falei que você é linda.

Ela se virou e bateu com tudo em meu peito, ficando assustada. Ela não tinha percebido o quão perto eu estava dela.

— Des...desculpa, vou levar o Arthur para casa...Tá calor aqui, não está?

Com certeza está!

— Bruna, não precisa fugir. — Disse tentando impedi-la de sair na minha frente.

— Não estou fugindo, estou... apenas

pensando no Arthur. — Ela pegou o Arthur, o deitou em seu peito e caminhou novamente de volta para a casa grande.

Capítulo 21

Bruna Watts

— *O que você quer que eu faça?* — Perguntou Melissa, do outro lado da linha.

— Me ajudar, né? Geralmente, irmãs fazem isso.

— *Já falei o que deve fazer.*

— Melissa Crawford, aconselhar a me jogar nos braços dele e gemer loucamente, não ajuda muito. — Bufei.

— *Então, não sei o que deve fazer porque ainda não entendo o motivo de não se jogar ao sentimento e ver o que acontece.*

— Meu Deus, Mel! Ele é viúvo. A mulher dele nem esfriou no caixão e você quer que eu me declare para ele? Isso é loucura! — Falei, deitando na cama.

— *Loucura é você estar gostando de alguém pela primeira vez e querer fugir desse sentimento.*

— Olha, temos um impasse.

— *Porque você é teimosa e você sabe que estou certa.*

— Hum. — Murmurei, sabendo realmente que ela estava certa, mas negando até o final.

— *Eu vou sentir orgulho em dizer: “eu te disse”.*

— Me disse o quê, louca?

— *Você sabe exatamente do que estou falando.*

— Ok, Mel. — Disse, já sem paciência. Aquela conversa não estava me ajudando em nada. — Tenho que desligar.

— *Vai seguir o meu conselho?*

— Lógico que não.

— *Chata!*

— Eu também te amo muito, Mel.

— *É, eu sei. O sentimento é recíproco.*

— Prometo ligar amanhã.

— *Vou esperar, agora tenho que ir para a faculdade, porque graças a sua paixonite, fiquei o dia todo atendendo telefonemas de jornalistas chatos.*

— Eu acho é pouco e eu não tenho uma *paixonite*, Melissa.

— *Sei... Beijos, pequena.*

— Beijos, Mel. — Desliguei a ligação e fiquei olhando a tela do celular por um tempo.

Evitar Nathan o dia todo não adiantou muita coisa e sinceramente sentia que ele não queria ser ignorado e, no fundo, eu também não queria ignorá-lo.

Anoiteceu rápido e dei graças a Deus pelo "turno" do Nathan ter chegando, não que eu não quisesse ficar com Arthur, mas era praticamente impossível me controlar ao lado dele.

Então, assim que escureceu, subi para o meu quarto e continuei por lá por quase cinco horas. Três banhos, duas ligações para Melissa, um livro lido, uma revista lida e relida e uma barra de chocolate pela metade. Tudo isso para quê? Para nada, pois ele continuava em meus pensamentos.

Sinceramente, estava confusa, não sabia o que ele sentia por mim, não sabia o que sentia por ele... Era tudo novidade para mim. Talvez Melissa tivesse razão e eu precisasse me entregar e ver o que o destino tinha para nós dois.

Saí dos meus pensamentos quando escutei batidas na porta.

— Entre. — Disse, me arrumando na cama.

— Está tudo bem, Srta. Watts? — Perguntou Cloe, colocando apenas a cabeça para dentro do

quarto.

— Sim, Sra. Brown.

— Não desceu para o jantar, fiquei preocupada.

— Não estava com fome. Estou muito preocupada

— Com o seu pai?

— É. — Não deixava de ser uma verdade, pensei. — Ele não tem melhorado e tenho medo de que o pior aconteça.

— Não se preocupe, tudo dará certo. — Disse ela, entrando no quarto e se aproximando da minha cama. — Sua preocupação é apenas com o seu pai? — Perguntou, levantando uma das sobrelanceiras.

— S...sim, por quê?

— Nada, não vim aqui apenas para ver como você estava. Eu vim para agradecer. — Disse, sentando na cama e pegando a minha mão, segurando forte com suas duas mãos.

— Agradecer?

— Quero te agradecer por cuidar dele, sei que pode ser difícil e complicado as vezes, mas vale a pena. Ele é um ser humano incrível! Muito obrigada por cuidar dele, menina. — Disse, me puxando

para um abraço forte, logo ela me soltou, enxugou as lágrimas e saiu do meu quarto.

Ela chorou e agradeceu por eu estar cuidado do seu neto? Arthur não era complicado, nem uma criança difícil. Era até fácil demais de cuidar de um bebê tão incrível. Não entendi nada do que ela quis dizer. E essa mania dessa família de me deixar sozinha sem saber o que fazer?

Deitei e fechei os olhos, tentando entender o que aconteceu.

Cloe nunca demonstrou algum sentindo ou afeto por mim e acabou chorou na minha frente, me fazendo ver um lado dela que eu desconhecia. Descobri que preferia o seu lado sensível, depois de perceber que toda aquela marra era apenas para proteger o neto.



Eu já havia tentado todas as posições recomendáveis para se ter uma ótima noite de sono, mas nada adiantou. A cama parecia ter alfinetes. Era impossível dormir assim. Bufei, chutei as cobertas e levantei da cama.

O corredor estava vazio e silencioso, desci as escadas, atravessei a sala de TV, sala de jantar e entrei na cozinha, encontrando Nathan que estava segurando o filho que chorava baixinho. Arthur estava com a cabeça deitada no ombro do pai, mas seu corpinho estava agitado.

Me aproximei devagar, toquei nas costas dele, fazendo-o se virar e olhar pra mim.

— Está tudo bem? — Perguntei, alisando as costas do Arthur.

— Ele está meio agitado, talvez seja cólica. — Respondeu Nathan, com a voz cansada.

— Acho que não... Posso pegá-lo um pouquinho? Talvez ele se acalme no meu colo.

Ele assentiu e me entregou o filho que ainda resmungava.

— Boa sorte! — Falou, colocando a fralda de pano no meu outro ombro.

Caminhei um pouquinho pela cozinha e comecei a cantarolar a música que meu pai sempre cantava para mim.

Depois de alguns minutos, não ouvi seus resmungos, não ouvi mais nada. Olhei para Nathan e lhe lancei um sorriso vitorioso. Ele estava apoiado na pia com os braços cruzados, levantou uma das sobrancelhas e veio até mim, olhou para o filho que

dormia nos meus braços e soltou um suspiro de indignação.

— Como fez isso? — Perguntou, duvidoso.

— Acho que ele estava com saudades apenas.

— Traidor. — Murmurou baixinho para o filho

— Não o culpe por me escolher.

— Não o culpo, eu também escolheria você.

— Vou colocá-lo no berço. — Disse, já me afastando.

Verifiquei a falda para ter certeza de que estava seca, antes de colar Arthur no berço com cuidado, passei a mão em sua barriga e arrumei sua roupinha. Liguei a babá eletrônica e me afastei. Olhei para Nathan, próximo a porta.

— Se ele acordar e estiver enjoadinho, pode me chamar.

— Irá me ajudar? — Perguntou ele.

— Claro!

— Obrigado, Bruna! — Disse, se aproximando do berço do filho que dormia serenamente.

— Não precisa agradecer. Eu amo esse pequeno e vê-lo chorar faz o meu peito doer. Arthur é um bebê maravilhoso! Ele me conquistou, eu faria tudo por ele.

— É muito bom ouvir isso. — Disse ele,

olhando novamente para o filho.

— Se precisar de mim, é só me chamar. — Disse, saindo do quarto.

— Bruna? — Me virei e me surpreendi por ele estar tão perto de mim, perto até demais. — Eu preciso de você. — Ele colocou as duas mãos em meu rosto, alisando o mesmo com os polegares. — Eu juro que tentei, mas eu realmente preciso de você. — E ele me beijou.

Seus lábios macios, juntos aos meus, formavam uma complicação perfeita. Fiquei na ponta dos pés, corresponendi o beijo, afundei meus dedos em seu cabelo e dei passagem para sua língua que explorava a minha boca, com urgência e desejo.

Capítulo 22

Nathan Brown

Os lábios pequenos dela, seu hálito fresco e sua língua... Tudo era um conjunto perfeito para levar a minha sanidade embora. Sua boca era a minha perdição, seus dedos em meu cabelo faziam com que minha vontade só aumentasse.

A levantei com muita facilidade, pela cintura, a fazendo entrelaçar suas pernas no meu corpo, andei até uma parede próxima, a fazendo soltar um gemido entre nossos lábios quando suas costas bateram na parede, derrubando um quadro.

— Na... Nathan. — Ela colocou as mãos em meu peito, tentando me afastar. Coloquei-a no chão, longe dos cacos de vidro do quadro, ela passou a mão no braço e olhou para o outro lado do quarto. — Eu... eu vou dormir. — Disse, indo até a porta, mas eu segurei em seu cotovelo.

— Está fugindo de mim novamente? O que aconteceu aqui...

— Estou confusa. Eu não sei o que pensar...

Eu preciso de um tempo. — Ela saiu praticamente correndo do quarto do meu filho.

Tentei correr atrás dela, mas assim que dei o primeiro passo, o barulho de vidro foi escutado. Levantei meu pé que graças ao meu chinelo não havia sido machucado e reparei que se tratava de um porta-retratos com uma foto de Jessica, na sua sala de ensaio. Tão linda, aparentemente saudável e forte.

Será que foi um sinal de que devo me afastar de Bruna? Ela estava me mostrando que estou traindo minha mulher, com a babá do nosso filho?

Estava realmente ficando louco, tinha acabado de beijar a babá do meu filho e estava tão confuso quanto ela. Nós dois precisávamos pensar.



Fiquei na empresa, entre assuntos de importação dos nossos produtos para outros países e a burocracia do escritório, fiquei ocupado o dia todo.

Luís, por incrível que pareça, estava mais

firmado na empresa, o que me deixava seguro de que ele poderia ficar responsável por ela, quando eu precisasse.

Ligue para Henry e o autorizei a ver o neto ainda naquele dia. Mesmo que eu não quisesse meu filho ao lado de Charlotte, o seu marido era um homem zeloso e confiável.

Entre tantos contratos, reuniões, relatório, e-mails e novos casos, Bruna ainda estava presente nos meus pensamentos, eu ainda era capaz de sentir o gosto dos seus lábios, o som do seu gemido e até a sua voz falando o meu nome de forma tão sexy.

“Nathan”

“Nathan”

“Nathan”

— Nathan! — Girei minha cadeira, deixando a visão da grande cidade de concreto para trás e olhei para minha mãe, debruçada sobre a minha mesa. — Onde estão seus pensamentos, meu filho?

— Na empresa. — Respondi, tentando soar sincero.

— Não se atreva a mentir para mim. — Disse jogando sua bolsa em uma cadeira e sentando na outra.

— Posso saber o motivo de pensar que estou mentindo?

— Porque te conheço há vinte e oitos anos.

— Estou apenas cansado, perdi o ritmo da empresa, do escritório...

— E da sua vida. Bruna e você estão estranhos e, como não sou a velha gagá que vocês pensam, sei que aconteceu algo.

— Não achamos que você seja uma velha gagá, mãe.

— Vamos tricotar ou vai me dizer o que está acontecendo?

Bufei e falei:

— Depois que o meu pai morreu, você se apaixonou novamente?

— Sim, uma única vez, por Cartter Ahern, um advogado exemplar, tinha três anos que o seu pai havia falecido e vivemos uma pequena aventura.

— Por qual motivo não ficaram juntos?

— Vocês. Eu não podia levar outro homem para casa sabendo que seu pai ainda estava vivo para vocês, principalmente para o seu irmão.

— Você se afastou dele por nós?

— Quando se é mãe, meu filho, abrimos mão de muitas coisas pelos filhos. Vocês eram a minha

prioridade. Por isso, eu digo para você não ter medo.

— Não estou com medo.

— Ela gostaria que continuasse sua vida. — Disse ela, se levantando e pegando a bolsa. — Pense nisso. — E saiu.

Era só o que eu tinha feito: pensar, pensar, pensar e pensar.

Minha mãe tinha o dom de saber quando o filho estava precisando dela. Dona Cloe era uma mulher maravilhosa, sua vida se resumia a eu, Luís e agora Arthur. Por isso, eu sabia que o motivo de tratar Bruna daquela maneira era apenas para proteger meu filho. Ela se encaixava perfeitamente no papel de mãe superprotetora.

Terei o telefone do gancho e logo Melissa atendeu.

— *Sr. Brown, está precisando de algo?*

— Desmarque todos os meus compromissos. Se for possível, transfira-os para amanhã.

— *Sim, senhor.*

Saí da minha sala, me despedi da senhorita Crawford, entrei no meu carro, Mart deu sinal aos meus seguranças e fez o caminho para minha casa.



Entrei em casa e não me surpreendi ao ver meu filho sendo cortejado pelos avós maternos na sala. Os dois estavam sentados no sofá enquanto meu filho estava deitado na perna de Charlotte que fazia alguns barulhos estranhos com a boca. Bruna estava sentada de frente para eles, vigilante.

Henry se levantou, me cumprimentou, me agradeceu por tê-los permitindo ver o neto e se desculpou por tudo. Já Charlotte se manteve no mesmo lugar, sem sequer olhar para mim.

— Vou trocar a fralda dele. — Disse Charlotte, levantando.

— Eu faço isso. — Bruna levantou e foi ao encontro dela.

— Não chega perto de mim. Sei trocar uma fralda. E você não deveria usar algum tipo de uniformes para trabalhar?

Me aproximei delas, toquei no ombro da Bruna, lhe lancei um sorriso e encarei Charlotte que balançava meu filho.

— Ela não precisa de um uniforme e o trabalho dela é cuidar do Arthur, então será possível deixá-la cuidar dele? — Perguntei, ainda olhando Charlotte.

Ela apenas entregou meu filho com certo desgosto e vimos Bruna se afastar com ele.

Henry se aproximou até parar ao lado da mulher, cochichou algo que não consegui ouvir.

— Estamos indo... Obrigado novamente por nos deixar vê-lo. O sorriso dele é igual ao dela. — Disse ele.

— Eu que lhe devo desculpas também, minha atividade ontem...

— Eu o entendo, faria exatamente a mesma coisa. — Disse ele, me interrompendo e novamente olhou a esposa. — Vamos, querida?

— Pode ir pegar o carro, meu amor. Eu vou esperar na porta. — Falou ela, beijando a bochecha do marido, que me agradeceu novamente e saiu.

Coloquei minhas mãos no bolso da calça, encarando a mulher a minha frente.

— Você não a respeita nem depois de morta, mas me surpreendeu dormindo com a empregada. O que aconteceu com as prostitutas que costumavam participar das suas orgias? Estão ocupadas?

— Não fala...

— Não precisa gritar. Joguei verde, mas pelo que vejo você realmente está dormindo a babá do seu filho. Não respeita nem a memória da mãe dele? Esse é exemplo que dará ao meu neto? Você me dá nojo! Ela merecia muito mais de você.

— Disse pegando a pequena bolsa carteira e se afastando. — A memória da minha filha merece respeito.

Capítulo 23

Nathan Brown

Charlotte apenas me deixou mais confuso. Ela tinha razão, a memória de Jessica merecia respeito. Eu devia isso a ela. Não era justo estar interessado em outra pessoa tão cedo.

Não tinha como reclamar do trabalho da Bruna, ela fazia tudo com perfeição e amor. Ela amava meu filho e ele de alguma maneira amava estar perto dela. Ela lançou um feitiço na minha família, conquistou cada pessoa próxima a mim e eu também havia sido enfeitiçado.

Mas não podia, estava enfraquecido de amor. Ela tão perto de Arthur fazia com que eu a visse com outros olhos. Eu não podia estar em meu pleno juízo mental.

Henry, sempre que possível, ia ver o neto e sempre achava algo que parecia com a filha em Arthur. Sempre que Charlotte estava por perto, Bruna recuava e deixava-os mais à vontade.

Não era certo vê-la de fora diferente. Há cinco

dias, cinco malditos dias que a evitava quase por completo, o que era totalmente impossível já que não conseguia ficar longe do meu filho por muito tempo.

Marquei em um bar para me encontrar com Logan, precisava de uma bebida e conversar com alguém que não fosse da minha família.

— Você não pode ter medo de se entregar a esse amor. — Logan disse, antes de tomar um gole da sua bebida.

— Que droga de amor? Eu a conheço há um mês... Eu amo a minha mulher.

— Estou aqui como um bom amigo, ouvindo sua choradeira pela loira gostosa há quase uma hora. Já ouviu falar em amor à primeira vista?

— Eu juro, se você falar mais alguma merda, vou quebrar a tua cara. — Avisei.

— Então para que infernos me pediu ajuda? Olha, Nathan, não te vejo desde o enterro da Jessica e, sinceramente, não foi por falta de tentativa. Eu tentei conversar com você, mas você se fechou por três meses, cara, se afastou de todo mundo e agora aparece desesperado, pedindo por ajuda só por estar sentindo uma atração pela babá do seu filho... Quer minha ajuda como analista ou como amigo?

— O que me irá me ajudar?

— Como analista, sei que está confuso por estar gostando de uma menina que conhece há pouco tempo e sei que tem a sensação de que está traindo sua falecida esposa, então diria para que aproveite seu luto, sofra sua dor. Mas como amigo, e eu sei que será difícil para você escutar isso, mas, Nathan, a Jessica está morta, não você. Não deixe de viver sua vida só porque ela não está aqui para viver a dela. Descubra o que sente por essa mulher e viva, meu amigo, nem que seja por uma noite, mas viva.

— Não posso usar a menina, seu bastardo.

— Posso saber o porquê?

— Não. Não pode e você tem razão.

— Vai pegar a loira?

— Não. Vou aproveitar o meu luto. Jessica merece isso e, como você mesmo disse, isso é apenas uma atração, logo irá passar.

— Jessica era uma mulher incrível, Nathan, ela gostaria que continuasse sua vida.

— Eu preciso respeitá-la, Logan. O que a mídia dirá?

— Está preocupado com o que a mídia vai dizer? Por isso não quer descobrir o que sente por ela?

— Não, apenas não posso envolver meu filho nisso. O que eles vão dizer? “Viúvo, milionário, afoga suas mágoas com a babá do filho”.

— Você tem que parar de pensar nos outros, Nathan. É a sua vida, suas escolhas e seu futuro. Não se deixe levar pelo o que a megera da sua sogra disse ou pelo o que as outras pessoas pensarão.

— Estou pensando exclusivamente em Arthur.

— Ele vai precisar de alguém para ser um exemplo, como mãe.

— Minha mãe é um ótimo exemplo.

— Avó não pode ser usada como um exemplo de mãe, o dever dela é estragar o neto e o entupir de comida.

— Bruna não precisa de um viúvo, sem graça, com um filho para criar, de vinte oito anos e cheios de problemas. — Disse, tomando um gole da minha bebida.

— Acho que você está apenas colocando obstáculos para o que está sentindo.

— Não estou sentindo nada além de uma atração. — Falei, tentando acreditar em minhas próprias palavras.

— Você não vê a Jessica nela, né? Porque,

talvez...

— Ela é diferente... Seu jeito, sua voz, seu sorriso...

— Droga! Está apaixonado.

— Já disse que não, ela é apenas uma menina atraente.

— Você está precisando de sexo, cara.

— Estou começando a entender o motivo de ter me afastando de você por três meses.

— Ok. Quer conselhos de mim, como analista? Eu dou, mas não reclame depois. Então, quando vou conhecer o Arthur?

— Sei que só quer conhece-lo para poder conhecer a Bruna, seu bastardo.

— Não deixa de ser uma verdade.

— Bastardo.



Não sei quanto tempo fiquei no bar com Logan, a música alta e estar rodeado de pessoas desconhecidas me fez esquecer um pouco dos problemas. Estava no carro voltando para casa quando meu telefone tocou.

— Alô? — Disse, assim que atendi.

— *Sr. Brown, aconteceu algo com o pai da senhorita Watts*. — Michael disse.

Naquele momento, meu corpo ficou tenso e minha boca seca.

— O... o quê?

— *Ele teve uma parada respiratória, ficou sem batimentos por cerca de dez minutos, felizmente conseguimos reanimá-lo, mas prevejo o pior.*

— Ela já sabe?

— *Ainda não, vou ligar...*

— Eu falo! Estamos indo para a clínica logo em seguida.

— *Esperarei por vocês.*

Desliguei a chamada e pedi para Mart acelerar o carro.

Quando chegamos à minha casa, pedi para Mart deixar o carro ligado e entrei correndo em casa. Cheguei à sala, vi Bruna encostada a parede, encurvada, abraçando as próprias pernas, com a minha mãe e Noemi próximas a ela.

— Filho, graça a Deus. — Disse minha mãe, me abraçando.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

— Ela estava conversando e, de repente,

gritou o nome do pai e começou a chorar.

Ela sabia que algo aconteceu.

Deixei minha mãe de lado, me ajoelhei a sua frente e chamei seu nome.

— Bruna, por favor olha para mim.

— Ele... se foi... ele... — *Falou ela, com dificuldade.*

— Ele está bem, Bruna. Ele está vivo.

Ela levantou a cabeça, seus cabelos bagunçados e seus olhos vermelhos me fizeram ter vontade de abraçá-la e nunca mais soltar. Minha pequena menina estava vulnerável às dores desse mundo e tudo que eu queria era não vê-la sofrer.

— Ele está? Eu...senti.

— Vamos para a clínica. O doutor Richmond saberá explicar melhor. Vem, Bruna, vou cuidar de você. — Disse e a abracei forte, tentando levar toda dor dela comigo.

Capítulo 24

Bruna Watts

A dor me sufocava, ela me rasgava pelo meio. O medo de ter perdido o meu pai era impossível de descrever.

Não quis me arrumar, não quis sair dos braços de Nathan... Depois de cinco dias sendo ignorada, Nathan finalmente estava perto de mim, me ajudando nesse meu momento de dor e me fortalecendo um pouco.

O caminho até a clínica levou uma eternidade, apoiiei minha cabeça na janela do carro, fechei meus olhos e me mantive em minha oração enquanto as lágrimas insistiam em cair.

Nathan me puxou pelo braço e me fez deitar a cabeça em seu peito.

— Vai ficar tudo bem. — Disse ele, passando a mão nos meus cabelos.

Não, não vai.

Essa frase nunca me transmitiu calma, ela apenas me assustava ainda mais. Nada ia ficar

bem, ele não estava bem e eu sentia isso em meu peito.

Assim que o carro parou em frente a clínica, saí de perto de Nathan e corri para dentro da mesma desesperadamente. Assim entrei, encontrei Michael na portaria.

— Ca...cadê ele? — Perguntei, assim que entrei.

Ele segurou meus ombros com força e disse firmemente:

— Calma, Srta. Watts! Ele teve uma parada respiratória... — Disse Michael.

Sua voz foi abafada quando as palavras "*parada respiratória*" foram ditas. Naquele momento, o chão pareceu se abrir, minha visão escureceu e o piso de cerâmica pareceu estar muito próximo. Senti meu corpo sendo suspenso e meu rosto próximo ao peito de alguém.

— Michael, que merda! Não sabe dar uma notícia? — Gritou Nathan

— Apreendi a ser verdadeiro.

— Enfia a sua sinceridade no...

Apertei a camiseta de Nathan e tentei forçar minha visão para vê-lo melhor.

— Bruna! — Ele disse, surpreso. — Se acalme!

Vou levá-la ao hospital.

— Não, por favor. — Disse, já em lágrimas novamente. — Eu... eu preciso ver o meu pai.

— Você não está bem, preciso....

— Acho melhor a deixa vê-lo. — Disse Michael, com calma.

Nathan encarou doutor Richmond por um tempo e tornou a me observar, seus olhos transmitiam compaixão. Senti um leve aperto ao redor do meu corpo e sabia que ele não queria me soltar, podia jurar que ele era capaz de sair correndo comigo em seus braços para bem longe dali, a qualquer momento.

— Consegue ficar de pé? — Perguntou Nathan, me fazendo afirmar com a cabeça e ele, com certo desprazer, me colocou novamente em pé.

Forcei meu corpo a se manter erguido e encarei Michael que observava a cena com calma.

— Posso ir para o quarto dele?

— Ele foi transferido de quarto, Srta. Watts. — Explicou o médico.

— Onde ele está? — Perguntou Nathan.

— Na ala da enfermaria. Venham, vou lhes mostrar. — Disse ele indo por outro caminho que

eu desconhecia.

A clínica tinha o dobro do tamanho que eu imaginava, a cada passo que dava meu coração pulsava fortemente em meu peito. Doutor Richmond parou em uma porta, respirou fundo e me encarou.

— Tenho que ser verdadeiro com a senhorita, o estado dele é crítico, a doença avançou ferozmente. Não quero que se assuste com o que verá. Ele ainda está inconsciente e sua presença no quarto terá que ser breve. — Concordei com a cabeça. — Depois do seu momento com ele explicarei, o seu real estado.

— Quer que eu entre com você? — Perguntou Nathan, segurando meu ombro.

— Não, eu quero...preciso ir sozinha. — Disse, tentando encontrar forças onde eu não tinha.

Michael abriu a porta e deu um passo para trás para que eu pudesse entrar, tomei todo o fôlego possível e entrei no quarto.

Em um leito hospitalar, com várias máquinas ligadas ao seu corpo e uma máscara de oxigênio em seu rosto, estava meu pai. Seu corpo estava magro e visivelmente desnutrido, ele usava um dos famosos vestidos hospitalar descartáveis.

Tampeei minha boca com as mãos e impedi que

saísse qualquer tipo de reação ao vê-lo assim. Me aproximei devagar do seu leito, olhando cada máquina ligada ao seu corpo e peguei em sua mão gelada.

— Perdão, pai! Me desculpa pelas vezes que não te obedeci, pelas vezes que não te escutei, por ter te levado para aquela clínica... Perdão por não ser a filha que o senhor tanto sonhou. — Senti um leve aperto em minha mão, levantei minha cabeça e o vi me olhando, com os olhos cheios de lágrimas. — Pai!

— Pe...pequenina. — Disse, com dificuldade.

Ele se lembrou! Ele sabia quem eu era!

— Por favor, não fale, você está fraco... Eu vou chamar o médi...

— N...não, pequenina. — Ele tomou fôlego e continuou. — E... eu estou pronto para ir.

— Não, não, pai, eu não estou pronta... Por favor, eu não vou conseguir... — Ele apertou minha mão novamente.

Com a outra mão, ainda trêmula, ele tirou a máscara de oxigênio.

— Pai, você precisa da máscara. — Disse, tentando colocá-la novamente.

Ele segurou minhas mãos e afastou do seu rosto.

— Deus me deu a oportunidade de me lembrar de você, minha filha. — Ele umedeceu os lábios ressecados e continuou: — Você está pronta, minha menina, já fui um grande empecilho na sua vida.

— N... não, pai. — Disse, negando com a cabeça.

— Você é forte.... — Ele tomou fôlego. — Você é capaz de muito mais do que imagina. Demorei para perceber, mas você não é a minha pequenina. Você se transformou em uma grande mulher com um coração maior ainda, tudo o que eu devia lhe ensinar... Você apreendeu com êxi..êxito. — Ele tocou em meu rosto com dificuldade. — Vou sentir saudades do seu... sorriso.

— Pai, por favor... não me deixa. — Implorei.

Ele fechou os olhos por alguns segundos e tornou a abrir.

— Eu lhe...perdoou.

Um bolo se formou na minha garganta quando ele fechou os olhos, sua mão caiu sobre o leito e as máquinas começaram a apitar. O abracei forte e chamei seu nome alto. O barulho forte de porta batendo e passos se aproximando não me fizeram sair de perto dele.

Senti o meu corpo sendo forçado a se afastar

do meu pai, que continuava imóvel, sem vida. Uma equipe médica se formou ao redor dele e tentaram reanimar algo que já não tinha volta. Era inútil a tentativa, ele já tinha ido embora, a dor em meu peito me avisava isso.

O ar em meus pulmões sumiu e meu corpo não respondia aos meus comandos. Coloquei as duas mãos sobre o meu peito e tentei amenizar a dor insuportável que estava sentindo.



Queria acreditar que era apenas um pesadelo e que logo acordaria e ele estaria em sua cadeira de balanço, segurando um copo de limonada, olhando o final da rua, esperando a minha mãe retornar de um movimentado dia na lanchonete. Queria acreditar que provavelmente iríamos sentar em volta de uma mesa e contar como foi o dia de cada um.

Mas eu não tinha uma casa, não tinha uma mesa para me sentar ao redor, ou cadeira de balanço, nem uma limonada... Não tinha minha mãe e também não tinha o meu pai. Tudo era

malditamente real.

Tentei parar de soluçar, parar de chorar, para ver se aquela dor passava, mas sabia que será inútil. Eu queria chorar, queria sofrer, queria que a dor me matasse.

Depois que saí da ala da enfermaria, corri, ignorando o meu nome sendo pronunciado e o protesto de que não deveria correr ou tentar fugir da dor. Mas não estava fugindo da dor, ela estaria comigo para onde fosse, apenas corri para o único lugar em que gostaria de estar.

Ignorei os gritos e os socos na porta do quarto do meu pai e abracei forte o porta-retratos do seu casamento, deitei em sua cama que ainda tinha o seu cheiro, fiquei na posição fetal e chorei.

Não percebi quando eles pararam de gritar ou me chamar até que só escutava uma voz me chamar. Percebi que a voz era do Nathan e, mesmo por trás da porta. sua voz carregava um pouco de preocupação.

— Por favor, Bruna, abra a porta.

Me obriguei a sair da cama e praticamente me arrastei até a porta. Assim que abri, Nathan empurrou rapidamente a porta e me abraçou. Um abraço forte, tudo o que eu precisava, um ombro para chorar.

Afundi o rosto em seu peito e chorei enquanto ele me pegou no colo e me levou novamente para cama, deitando junto comigo.

Nunca tinha me deitado com um homem a não ser meu pai e provavelmente pediria para ele sair em outra ocasião, mas não me importei. Naquele momento, eu precisava do seu abraço, do seu carinho.

— Não podemos ficar aqui para sempre, minha pequena menina. — Disse ele, secando minhas lágrimas com o polegar. — Precisamos ir para casa, descansar... Amanhã será um dia cheio. Melissa está a caminho da fazenda com o Luís, então deixe que eu cuide de tudo, quero que você apenas descanse, ok?

Apenas assenti e ficamos no quarto somente por mais alguns minutos, logo estávamos entrando na fazenda, recebendo a atenção de todos. Abracei cada um e fiquei no sofá ao lado da Melissa, peguei Arthur no colo e tentei ao máximo me distrair de qualquer maneira da dor que estava sentindo.



O vento levantava algumas folhas do chão do

cemitério. Na primeira fileira de cadeiras, estavam eu, Melissa e seus pais. Logo atrás, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, entre outros.

Mantive meus olhos sobre o meu colo, onde segurava forte uma rosa branca. Não sentia forças para levantar a cabeça e ver o caixão, para falar a verdade, minha cabeça estava pesando dez toneladas.

O pastor falava sobre a maravilhosa vida do meu pai, mas eu não prestava atenção alguma. Depois de algumas homenagens, o pastor falou o meu nome.

Olhei para o lado e vi a família da Melissa me lançando um sorriso encorajador. Me levantei lentamente, arrumei meu vestido preto rodado, ainda com a cabeça baixa, segui até o púlpito, retirei o papel dobrado do bolso do meu vestido, desdobrei e finalmente levantei minha cabeça.

O caixão fechado, um pedido do meu pai. Ainda me lembrava do enterro da minha mãe, quando ele disse que não queria que o vissem morto, apenas que guardassem na memória a imagem dele vivo e forte. O caixão estava com algumas coroas fúnebres e seu capacete de capitão do corpo de bombeiros.

Olhei cada rosto presente e li a pequena

homenagem que havia preparado.

Herói

Eu conheci um herói, não daqueles das revistinhas em quadrinhos, nem aqueles dos filmes, ou que usa uma capa esvoaçante, mas sim um verdadeiro.

Um herói sem superpoderes, sem vilões, mas um simples homem disposto a combater qualquer desafio ou ameaças para proteger suas duas garotas de sortes.

Meu herói não venceu grandes batalhas ou liderou grandes exércitos e não salvou o mundo.

Ele apenas foi forte.

Forte para combater um incêndio, forte para liderar uma equipe, para levantar um tronco que machucou uma criança, forte para não se deixar abalar, forte para encorajar e dar o exemplo e forte para cuidar de uma família.

Mas como todo herói, esse também tinha uma fraqueza, mas ele lutou, tentou novamente ser forte, mas era inútil, o herói nunca conseguiria vencer algo que não tinha como ser derrotado.

Não direi que o herói perdeu, herói nunca

perdem, ele apenas transferiu a sua missão para outras pessoas. O inimigo do meu herói é fraqueza de muitas pessoas. Mas vai existir um dia que alguém irá derrotá-lo e ninguém irá sofrer.

O meu herói foi forte, exemplo, amigo, companheiro e meu pai.

Talvez deveríamos estar preparados para este momento, em que ele não estaria mais aqui, imaginei milhares de maneiras de me conformar neste momento e todos foram inúteis.

Descobri que não estou preparada.

Então me lembrarei...

Irei lembrar do seu cheiro, do sorriso, da sua voz, das histórias, das músicas, das novelas supostamente perdidas, da alegria de me ver e principalmente da sua esperança em ver a minha mãe, novamente na sua antiga cadeira de balanço.

Prometo não chorar, prometo ser forte, me esforçar a ser a menina que o senhor sempre quis, prometo comer os legumes, acordar mais cedo, não me deixar abalar por poucas coisas, ler mais, estudar menos, me divertir e fazer amigos. Mas prometo principalmente não te esquecer, meu herói, meu pai.

Olhei para frente novamente, vi todas as pessoas secando as lágrimas, segurei forte a rosa

em minha mão, me aproximei do caixão preto, perfeitamente polido, passei a mão sobre a madeira e deposei a rosa sobre o mesmo.

— Sentirei sua falta, meu herói. — Disse, entre lágrimas.

— ¥ —

O enterro foi silencioso, ninguém falou nada depois que o caixão foi levado até o fundo da cova sem vida, cada um apenas saiu em silêncio para seus devidos lares. E eu permaneci, em pé, olhando sua sepultura.

Não tinha mais lágrimas para chorar, não tinha força para sair do lugar, queria apenas ficar ali, parada esperando por algum milagre.

— Temos que ir. — Disse Nathan, tocando em meu ombro.

— Para onde? Já parou para pensar que tudo que eu tinha está a sete palmos do chão?

— Isso não é verdade. Prometi cuidar de você e é o que irei farei. Você não perdeu tudo, sua vida ainda está no começo e eu vou estar ao seu lado, para sempre.

Alexander Watts

Marido e pai amado.

☆ 09/02/1961 †23/06/2014

Capítulo 25

Nathan Brown

Vê-la chorar era a pior coisa do mundo, a perda do seu pai fez com que o seu sorriso, seu tão valioso e lindo sorriso, desaparecesse.

Entrei em acordo com a minha mãe e decidimos que ela deveria ficar na casa da senhorita Crawford, por alguns dias.

Talvez alguém próximo a faria melhorar, então dei uma semana de folga para Melissa e levei alguns pertences da Bruna para a sua casa.

Há três dias estava sem uma secretária, me fazendo focar apenas no escritório, deixando a empresa nas mãos do meu irmão.

Arthur, por incrível, parecia estar sentindo saudades da Bruna. Ele não tinha dormido muito bem e ficava, no máximo, cinco minutos no colo de qualquer membro da minha família.



Entrei em casa e retirei o paletó e a gravata. Ouvi o choramingar do meu filho quando estava próximo a cozinha. Noemi o balançava, enquanto minha mãe terminava seu leite.

— Como ele está? — Perguntei, beijando Noemi na testa.

— Ele está meio enjoadinho, sabe o motivo, né? — Respondeu a mesma.

— É, ela conquistou o coraçãozinho do meu filho. — Disse, pegando Arthur no colo que ainda resmungava.

— Não só o dele. — Disse minha mãe, testando a temperada do leite.

— Sim, mãe. Ela conquistou cada membro dessa família.

— Isso é verdade e ela faz falta... De quem foi a ideia de afastá-la da família? — Perguntou Noemi.

— Toda e exclusivamente de Nathan. — Disse minha mãe, me entregando a mamadeira.

O quê?

— Então você que resolva agora. — Noemi

disse, pegando meu filho do meu colo e ajeitando-o no dela, pegou a mamadeira e saiu.

— Escutou, né? Resolva. — Minha mãe reforçou a frase.

— Entramos em um acordo dona Cloe, lembra-se? — Perguntei.

— Não me lembro de nada e se me chamar de dona Cloe novamente, lhe puxarei as orelhas.

— Ligarei para ela... Amanhã.

— Nem pensar, Nathan. Vai ligar agora e a traga de volta, nem que seja pelos cabelos. Não é apenas Arthur quem está de mau humor sem ela aqui. — Disse, pegando uma jarra de água na geladeira e um copo no armário.

Bufei, peguei meu celular e liguei para Bruna. O celular estava desligado, provavelmente ela estaria dormindo ou ocupada. Olhei para o meu relógio de pulso e resolvi ligar para Melissa.

— *Sr. Brown?*

— Desculpa te ligar a essa hora, sei que está na faculdade, mas...

— *Não estou na faculdade, estou em casa.*

— Poderia me dizer como ela está?

— *Ela está no quarto.* — Disse em um tom duvidoso.

— Srta. Crawford, está me escondendo algo?

— Não.

— Por qual motivo não respondeu minha pergunta?

— *Porque ... não entendi.*

— Aconteceu algo?

Escutei quando ela soltou um suspiro, a linha ficou muda por alguns segundos.

— Meli...

— *Prometi não preocupar o senhor.*

— Já estou preocupado. Agora me fale de uma vez, o que está acontecendo? — Disse tentando ignorar o olhar da minha mãe.

— *Ela não está bem. Prometi que não iria aborrecer o senhor, mas ela não come, não fala, não sai da cama e quando sai é apenas para fazer suas higiênes. Ela apenas fica deitada, chorando. Sr. Brown, meus pais estão preocupados porque ela não é assim, ela sempre escondeu muito bem as suas dores, sempre foi forte, mas acho que a morte do tio Alexander foi a gota d'água. Ela não está bem e tenho medo de ela fazer algo contra a própria vida.*

— Droga, Melissa! Deveria te me falado isso antes. Desde quando ela está assim?

— *Desde que chegou.*

Segurei forte o celular e tentei conter a vontade de extravasar toda a minha raiva sobre Melissa, por ela não ter me falado nada.

— *Ela precisa de você.*

— Estou indo.

Desliguei o celular, passei a mão em meus cabelos e respirei fundo.

— O que aconteceu? — Perguntou minha mãe.

— Nada, vou ter que sair. — Disse, saindo da cozinha.

— Nathan, você não vai sair até me explicar o que está acontecendo.

— Ela não está bem. Melissa acabou de me dizer.

— O que pretende fazer indo até lá? Vai fazer o quê?

— Eu não sei, tá legal? Foi um ideia estúpida deixa-la lá, o lugar dela é aqui.

— Nathan, ela não é sua propriedade. Ela acabou de perder o pai, ela está sofrendo e você não vai ajudar indo até lá, pegando todas as coisas dela e a trazendo para cá. Você vai estará apenas mudando o cenário da dor dela.

— O que posso fazer, então?

— Eu não sei, mas temos que mostrar para ela que todos nós nos importamos com ela.

— E como vamos fazer isso?

— Tenho uma ideia. — Disse Noemi, entrando na cozinha batendo nas costas do meu filho para que ele pudesse arrotar. — Mas vou precisar de todos.



Expliquei todo o plano de Noemi para a família Crawford e todos entraram em acordo, precisávamos apenas colocá-lo em prática no dia seguinte.

Melissa me guiou até uma porta rosa com uma placa descascada onde ainda se podia ler: "Aqui dorme uma princesa". Ela me deu sinal para que entrasse e foi o que fiz.

O quarto estava escuro e, uma cama de casal, tinha um pequeno corpo envolvido em um edredom e o som de choro me chamou atenção. Me aproximei devagar e sentei na beirada da cama.

— Bruna? — Chamei, retirando o edredom do

rosto dela. — Bruna, fale comigo. — Seus olhos se mantiveram fechados.

Reaja, minha pequena menina.

Ela apenas puxou o edredom novamente sobre a cabeça e me ignorou. Soltei um suspiro de irritação, levantei da cama e puxei totalmente o edredom, deixando-a com apenas um pijama curto. Ela escondeu o rosto com as mãos e ficou em posição fetal.

Me aproximei novamente, levantei seu corpo com facilidade e saí do quarto, olhei Melissa que me encarava espantada e lhe perguntei:

— Onde fica o banheiro? — Ela simplesmente me apontou a porta branca próxima ao quarto e entrei.

Com Bruna ainda em meus braços, afastei o box do banheiro e entrei com ela. A coloquei, com cuidado, debaixo da ducha e liguei a mesma, fazendo-a soltar um grito de surpresa. Seu pijama, antes solto, agora estava colado ao corpo; alguns fios do seu cabelo estavam grudados no seu rosto e ela continuava a se negar a olhar para mim.

— Você tem apenas duas opções: você vai começar a reagir e tomará banho sozinha ou vou tirar a sua roupa e tratarei eu mesmo de lhe dar um banho. A escolha é exclusivamente sua. — Ela se

manteve em silêncio, olhando para os próprios pés. — Se não responder, entenderei que escolheu a segunda opção. — Disse, me aproximando, fazendo-a recuar automaticamente.

— Tomarei banho sozinha. — Disse, quase como um sussurro.

Dei um sorriso e a saí do box, deixando-a sozinha, fechei a porta do banheiro e pedi uma toalha para Melissa.

Estava na sala, sendo encarrado pelos pais de Melissa, minhas mãos estavam suando frio e eu evitava encará-los nos olhos. A senhora Crawford me ofereceu um copo de chá gelado que aceitei de bom grado.

— Então, você estava no banheiro com ela? — Perguntou Alberto, me fazendo engasgar com o chá.

— Alberto! — Anne o repreendeu.

— Meu amigo acabou de falecer, tenho que cuidar da filha dele e afastar os abutres.

— Estava apenas ajudando. — Tentei amenizar a situação.

— Imagino a ajuda. — Murmurou ele — Mas aqui é uma casa de família e ela é importante para essa família, então espero que seu interesse seja apenas profissional.

— Posso te garantir isso. — Disse, colocando o copo em um descanso copos na mesa de centro.

— Assim espero.

Finalmente ouvimos passos pela escada, me fazendo levantar rapidamente quando vi Bruna em um vestido simples verde com os cabelos ainda molhados. Melissa falou algo em seu ouvido e logo entregou sua pequena bolsa.

— Me liga, ok? — Disse Melissa, a fazendo assentir. — Já estou com saudades. — Disse, abraçando a amiga.

— Qualquer coisa, basta pedir, ainda somos uma família unida. — Anne disse.

— Não se esqueça de que ele estará cuidando de você. — Alberto completou.

Eles a envolveram em algum tipo de abraço coletivo, falando algumas frases de incentivo e logo se separam.

— Vamos? — Perguntei.

Ela apenas seguiu até a porta e saiu, seguindo até Mart que lhe deu um abraço apertado. Deixando-me para trás, me fazendo pensar se tinha feito algo de errado.

— Ela é forte, apenas se esqueceu disso, temporariamente. — Disse Alberto, apenas para que eu o ouvisse.

Ele tinha razão, minha pequena e doce menina era uma gigante comparada a muitas pessoas, ela apenas tinha esquecido e eu estava disposto a ver o seu sorriso e sua força novamente.

Capítulo 26

Nathan Brown

O silêncio durante o trajeto foi incômodo. Ela apenas se manteve sentada, olhando a paisagem através da janela do carro, mas assim que entramos em casa seu sorriso apareceu quando ela viu meu filho.

Ela não se conteve e logo o pegou do colo da minha mãe, o beijando, fazendo com que ele gargalhasse com o gesto de afeição.

— Não era apenas ele quem sentiu saudade. — Disse minha mãe, próxima para que apenas eu pudesse ouvir. — É bom vê-la novamente.

— Sim, é. — Disse, sorrindo.

Minha mãe me lançou um sorriso e logo saiu, sem dizer nenhuma palavra, mas aquele sorriso significava algo e eu tinha medo de descobrir o que era.

Me aproximei devagar dela, que balançava meu filho lentamente, enquanto seus olhos

estavam fechados. Ela abriu os olhos, afastou meu filho do seu peito e olhou cada cantinho do pequeno corpo do Arthur como se procurasse qualquer mudança que ele pudesse ter sofrido nesses três dias.

Ela o embalou no colo e sentou no sofá.

— Tinha esquecido que ele tem um cheiro tão gostoso, um sorriso lindo, os cabelinhos pretos, os olhinhos cheios de vida... Perdi tanta coisa. O cabelo cresceu, ele está mais gordinho e, provavelmente, perdi quatro milímetros do crescimento dele. — Disse ela, brincando com os bracinhos do meu filho.

Dei um sorriso com seu comentário e seu jeito carinhoso de cuidar dele.

— Não havia reparado o quanto estava com saudades dele.

— Ele também sentiu muito a sua falta. Na verdade, todo sentiram.

— Você se importará se eu cuidar dele hoje, durante o restante da noite? — Perguntou ela.

— Não vou me importar e ele, com certeza, vai adorar.

— Obrigada!



A noite sem o meu filho foi diferente. Pela primeira vez, fiquei deitado na cama, encarando o teto, sem saber o que fazer. Minha vontade era ir até eles e aproveitar ao máximo dos dois seres que tanto admirava. Talvez ainda não tivesse me acostumado a ficar longe dele, era como se estivesse faltando algo em mim.

Só consegui dormir depois que fui ao quarto do meu filho e, pela pequena abertura da porta, vi Bruna olhando para o meu filho com ternura, enquanto ele dormia em seu colo.

Logo pela manhã, fizemos um café da manhã com toda a família e a família Crawford.

Fizemos um grande piquenique no Jardim e esperamos enquanto Luís a trazia com alguma desculpa.

Logo que eles se aproximaram, todos gritaram “*surpresa*”. Ela ficou boquiaberta. Eu não esperava outra reação dela. O Jardim estava repleto de flores, a grande toalha no chão estava lotada de comida, com algumas almofadas ao redor, e cada um segurava algum presente.

Depois que cada um lhe deu um abraço, ela se

aproximou e me deu um abraço apertado, me fazendo sentir o seu tão delicioso cheiro de lírios. O seu pequeno corpo ao redor dos meus braços, fez com que tudo parcialmente desaparecesse, era como se só existisse nós dois, por alguns segundos.

— Fiquei com tanto medo. — Ela me apertou levemente e logo saiu dos meus braços.

Medo?

Chamei Luís que veio sorrindo, debochado.

— O que foi, cara? — Perguntou ele.

— O que você disse para ela?

— Que você havia se afogado no lago e já que eu estava me recuando a lhe fazer uma respiração boca-boca, ela era a única salvação.

— Seu Imbecil, não tinha outra coisa para falar?

— Qual seria a graça? — Disse se afastando, com o mesmo sorrindo cafajeste nos lábios.

Deixei a vontade de matar Luís de lado quando vi Theo se aproximar ao poucos dela e, depois de um abraço demorado, lhe entregar um boque de rosas amarelas. Noemi repetiu o gesto, entregando um urso de pelúcia; minha mãe entregou um colar dourado, com o nome “Alexander” gravado. Luís, com um beijo na mão, lhe entregou uma sacola de

papel com a marca de alguma roupa e Mart lhe deu uma pequena caixinha de música branca.

— Meu Deus! Para que tudo isso? — Perguntou ela em êxtase.

— Uma surpresa. — Respondeu Alberto.

— Vamos nos sentar. — Anne chamou.

Cada um se sentou ao redor e Melissa ajudou Bruna com os presentes.

Bruna pegou Arthur no colo e o piquenique seguiu maravilhosamente, o sorriso dela apareceu e meu coração se acalmou. Ela estava bem, estava feliz e isso era tudo que importa para mim.

Enquanto todos estavam conversando, vi ela se afastar aos poucos com o meu filho no colo, parando próximo das hortênsias da minha Jessica. O vento fazia com que alguns dos seus fios dourados voasse, o calor deixou suas bochechas levemente rosadas.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Está, estou apenas passeando um pouco com ele. — Disse, beijando a bochecha do meu filho que logo bocejou.

— Ele parece com sono. — Disse, me aproximando e alisando os cabelos negros dele.

— É...

— Está tudo bem?

— Eu... Eu vou colocá-lo no berço. — Disse, se afastando.

Segurei sua cintura e aproximei-a ainda mais de mim.

— Não fuja de mim ,Bruna.

— Eu... Eu, não...

— Quero apenas entregar o presente do Arthur. — Tirei do meu bolso um medalhão prateado em formato de coração, abri o pequeno fecho do pingente, revelando a foto tirada no jardim.

— Oh... É lindo! Eu amei! Obrigada, Nathan!

— É um presente do Arthur, assim você nunca se esquecerá dele. O meu presente virá apenas ao anoitecer.

— Seu? Não é preciso. Eu amei o piquenique, a surpresa, os presentes...

— A ideia foi de Noemi, todos devem lhe entregar algo especial, eu vou apenas aproveitar a ocasião. — Disse, colocando o medalhão em seu pescoço.

— Por qual motivo estão fazendo isso?

— Porque você é importante para cada um de nós e gostaríamos que soubesse disso.

— Obrigada! — Disse logo após eu ter me afastando das suas costas, para apreciar o pequeno objeto em sua pele.

— Já disse que é um presente do...

— Obrigada por tudo! Queria que você soubesse que se tornou muito especial para mim, depois de tudo o que fez por mim e pelo meu pai. Eu não tenho como retribuir o que fez.

Me aproximei, afastei o cabelo do seu rosto e disse:

— Você está me mudando e isso não tem preço. Eu estava morto e você me trouxe a vida de volta. Você pode até não ver, mas apenas de tê-la aqui, já é o suficiente para mim. — Disse próximo ao seu ouvido. Peguei o Arthur do seu colo e beijei sua testa. — Te vejo ao anoitecer. — E me afastei.

Esperava que ela tenha ficado tão ansiosa quanto eu para a noite.

Capítulo 27

Bruna Watts

Aqueles foram os mais longos dias da minha vida, cada segundo se transformou em horas. Não queria reagir ou acreditar que tudo era dolorosamente real. Três dias e eu esqueci quem Bruna Watts era, tentava pensar no que restava para mim depois de tudo e cheguei à conclusão de que não tinha me restado nada.



Seria loucura dizer o quanto ele me deixava estupidamente nervosa? A sua simples frase, dizendo que me veria ao anoitecer, estava me deixando aflita e não eu não fazia ideia do que esperar daquela noite. Tentei esquecer o assunto e aproveitar, ao máximo, o meu dia no jardim.

Voltei para o piquenique e observei cada um

que estava ali, rindo e conversando alegremente, como uma grande família feliz. Theo tocava violão ao lado da Melissa, enquanto os seus pais estavam deitados próximos a uma árvore, Noemi estava deitada no colo do marido e Luís, ao meu lado, olhava para Melissa.

— O que será que eles tanto estão achando graça? — Perguntou Luís.

Olhei para a mesma direção e vi que eles estavam rindo, Theo se aproximou do ouvido da Mel e sussurrou algo, a fazendo rir ainda mais.

— Talvez uma piada? — Tentei adivinhar.

Ele me deu um sorriso cínico

— Conheço aquele sorriso dele e com certeza não foi uma piada que ele contou para ela.

— Está preocupado em saber qual é o assunto?

— Não me preocupo com isso, não ligo para nada que envolva a Melissa.

— Não acredito nisso, pelo contrário, você se preocupa sim com ela, a ponto de se irritar por ele estar tirando um simples sorriso dela.

— Está lendo muito livro de romance, Bruninha. — Disse, se levantando. — Aproveite o seu dia.

Ele saiu, me deixando sozinha. Encostei minhas costas em uma árvore e fechei os olhos.

Estava preocupada com Arthur, mesmo ele estando com o pai. Gostaria de estar com ele já que fiquei três dias longe e perdi tanta coisa, cada segundo longe me fazia pensar que perderia mais alguma coisa.

Abri o medalhão e fixei o olhar na foto dentro do mesmo.

— Lindo presente! — Disse tio Alberto, me assustando e me fazendo fechar o medalhão. — Desculpa, não queria te assustar, mas gostaríamos te entregar seu presente agora.

Ele se sentou à minha frente, acompanhado pela tia Anne, e Melissa se sentou ao meu lado. Olhei para outra direção e vi Theo se aproximando dos pais. Voltei minha atenção para eles quando Melissa tocou em meu braço.

— O nosso presente representa nós três. — Anne me estendeu um grande presente embrulhado em papel vermelho.

O presente, apesar de grande, era fino e pesado. Dei um sorriso e comecei a rasgar o embrulho, revelando uma moldura de mamadeira muito bem trabalhada, e logo percebi que se tratava de um porta-retratos com uma foto do meu

aniversário de quatorze anos. Estava próxima a uma grande árvore de Natal e minha mãe estava com um sorriso lindo ao lado do meu pai que estava com a mão em meu ombro.

Me lembrava daquele dia, minha mãe deu à luz na véspera do natal e sempre disse que era o melhor presente que ganhou na vida, as minhas festas sempre eram ao redor da grande mesa da ceia de natal e eu adorava o fato do meu pai colocar a vela sobre o peru, fazendo todos cantar os parabéns. E logo depois vinha o bolo verdadeiro. Ganhei meu primeiro salto alto naquele dia e meu pai fez os biscoitos de avelãs e minha mãe o famoso macarrão com queijo. Estávamos tão felizes, a vida parecia perfeita.

— O...obrigada. — Apertei o porta-retratos ao meu peito. — É o melhor presente da minha vida.

— É apenas um dos melhores presente que você terá na sua vida, pequena. — Disse Mel, me lançando um sorriso.

— É para você sempre se lembrar deles e de que a sua vida continua... Os dois estarão vigiando o seu caminhar. — Anne disse, me lançando um sorriso.

— Eu sei, tia... Eu sei. — Afastei o quatro do meu peito e olhei novamente a foto. — Só é...

Difícil, sabe? Difícil de acreditar.

— É difícil para todos. — Comentou Alberto.

— Vou pregá-lo na parede, em frente a minha cama, assim vou poder vê-los todos os dias ao acordar e antes de dormir.



A noite chegou mais rápido do que eu gostaria. Estava terminado de pentear os cabelos do Arthur quando Noemi e Cloe entraram no quarto sorrindo.

— Bruna, a Noemi vai cuidar do Arthur. — Disse Cloe.

— Por quê?

— Nathan me pediu para ajudá-la com o vestido e os acessórios.

— E eu estou com saudades de brincar com esse gordinho. — Disse Noemi, pegando Arthur que estava segurando o mordedor transparente.

— Vestido? Acessórios? Aonde vamos? — Perguntei.

— Fazer um passeio. — respondeu Cloe

— Apenas aproveita a noite, menina, e vai que a Cloe cuidará de você. — Noemi disse, me

lançando um sorriso.

Não deu tempo para responder, fui puxada para fora do quarto e levada ao meu quarto. Tomei um banho demorado, passei um hidratante na minha pele, amarrei apertado o roupão ao meu corpo e abri a porta do banheiro. Cloe estava em pé, olhando a foto da minha família que Theo me ajudou a colocar na parede.

— Sua família é linda. — Disse ela.

— Obrigada!

— Agora, venha aqui, vou ajudá-la com o seu cabelo. — Caminhei até ela e sentei na cadeira em frente à minha penteadeira.

Fiquei em silêncio durante o processo de beleza. A maquiagem foi básica, tudo natural, mas ela estava em êxtase, me tratando como uma bonequinha. Ela me contou algumas histórias sobre sua vida e disse que adoraria ter uma filha para lhe fazer companhia e arrumar. Quando terminou, ela me deu um sorriso e se afastou.

— Ficou linda! Agora, venha, vou te mostrar o vestido.

Olhei para meu reflexo no espelho e me assustei, a mulher a minha frente não se parecia comigo. Pela primeira vez, não me reconheci.

— Nossa! — Disse surpresa.

— Ficou magnífica! Agora, escute, o vestido é o presente que Luís te deu, vista-o e calce algo confortável, nada de saltos. Tenho que sair para resolver algumas coisas.

— Obrigada por tudo! — Disse, me levantando.

— Não me agradeça, não *ainda*. Boa noite! — Ela caminhou até a porta com o mesmo sorriso. — Ah! Antes que eu me esqueça, não fale para o Nathan sobre a minha ajudinha.

— Mas não foi ele quem pediu?

— Apenas não fale. Boa noite, Bruna! — Disse ela, antes de fechar a porta.

Essa família tinha mania de sair sem terminar a conversa ou de me deixar confusa.

O vestido encaixou perfeitamente, era de um tom creme, um pouco acima dos meus joelhos e levemente rodado; o decote em formato de coração e uma renda preta na barra, o deixava ainda mais radiante. Estava terminado de calçar minhas sapatilhas quando alguém bateu na porta. Passei a mão no vestido e fui até a porta.

Nathan estava vestido casualmente, o seu cabelo estava levemente bagunçado e seus olhos azuis expressavam, claramente, desejo.

— Céus... — Disse baixo.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Sim, sim, você está ainda mais bela.

— Obrigada! — *Disse, timidamente.*

— O passeio seria para três pessoas, mas perdermos um soldado. — Disse me mostrando o bebê conforto com Arthur dormindo tranquilamente. — Vou levá-lo, assim não ficarei preocupado de voltar mais cedo, algum problema?

— Não, na verdade, me sentirei mais segura com dois cavalheiros vigilantes.

— Neste caso, o outro cavalheiro está apenas em treinamento.

— Vamos para onde?

— O meu segundo lugar favorito da fazenda.

Ele pegou o bebê conforto, me ofereceu o braço e eu aceitei. Cada cômodo da casa estava vazio e o jardim estava pouco iluminado, de longe podia ver a casa da Noemi. Nathan parou apenas para colocar uma fralda grossa sobre o bebê conforto, impedindo os mosquitos chegarem próximo de Arthur. Ele me deu uma lanterna e novamente andamos.

Não demorou muito até que avistei um lugar rodeado por pequenas lamparinas, olhei para Nathan que tinha um sorriso nos lábios e me aproximei do lugar, vendo um pano estendido no chão, duas almofadas, uma pequena cesta de

piquenique, um rádio de pilhas tocando uma melodia romântica, duas taças e um champanhe dentro de um balde com gelo.

Nathan se aproximou, olhou para cada objeto depositado ali e levantou uma sobrancelha.

— Hum...

— Bruna, não quero que pense que isso foi ideia minha. Eu juro que quando saí, deixei apenas o lençol e a cesta. Minha ideia era olhar as estrelas.

— Então, quem...

— Não se preocupe! Sei quem fez isso. Fique tranquila, vou ter uma conversa séria com ela.

Olhei para cima, para o céu repleto de estrelas.

— É lindo aqui. — Admiti.

— Vou apagar as lamparinas e ficará muito melhor.

Ele se afastou, apagou cada lamparina e eu desliguei a lanterna. Tirei minha sapatilha, coloquei o bebê conforto ao meu lado e deitei olhando o céu iluminado pelas estrelas. Logo o senti deitando ao meu lado.

— É lindo! É como se estivéssemos tão próximo delas. — Disse, admirada pelo mar de estrelas sobre nós.

— É fascinante! Sempre gostei de vir aqui e

passar horas olhando as estrelas.

— Vem sempre?

— Não tanto quanto eu gostaria.

— Se pudesse, eu passaria horas aqui, olhando para esse céu.

— Passaria horas do seu lado. — Disse ele baixinho.

Levantei-me na hora e arrumei meu vestido.

— Nathan, eu acho que...

— Estou sendo sincero. Por qual motivo você sempre foge de mim? Eu sei que é confuso... É para mim também, mas não fuja, por favor.

— Eu... eu não sei o que pensar.

— Então, não pense.

Apesar da parca iluminação, podia ver seus olhos azuis perfeitamente próximos do meu corpo, sentia sua mão quente tocar em minha bochecha e seu hálito de menta tocar minha face.

— Não pense. — Tornou a repetir. — Apenas sinta o mesmo que eu sinto.

Seus lábios tocaram os meus com delicadeza e, ao mesmo tempo, com desejo, senti seus dedos afundarem em meus cabelos, me puxando para mais próximo do seu corpo quente.

Ele tinha razão, não podia sentir medo do

irreconhecível, queria sentir, não queria ter medo.
Parei de pensar e respondi ao seu beijo.

Capítulo 28

Bruna Watts

O beijo dele era algo viciante e eu não tinha motivos para ter medo, afinal ele já tinha provado de todas as maneiras que era um homem confiável. Senti meu corpo sendo suspenso e meus pés se afastarem do chão. Não queria interromper o beijo, então o deixei me levar novamente até o lençol, deitando minha cabeça com delicadeza na pequena almofada e seu grande corpo ficou sobre o meu sem que o seu peso me machucasse. Ele chupou meu lábio inferior, me fazendo soltar um pequeno gemido e quando ia me beijar novamente, escutamos um pequeno choramingar. Ele encostou sua testa na minha e mesmo ofertante, seus lábios formaram um sorriso.

— Acho melhor pararmos. — Ele se deitou ao meu lado e fechou os olhos. Mesmo de noite, eu podia ver seu peito subindo e descendo, assim como o meu.

Levantei-me, arrumei os meus cabelos e

peguei Arthur no colo. Com cuidado, o balancei e logo ele não choramingava mais e Nathan já havia se levantado para acender as lamparinas novamente. Verifiquei a fralda, se ele estava com fome, mas não era nada, ele provavelmente só estava cansado de ficar deitado.

Peguei seu brinquedo, me sentei, enquanto Nathan terminava seu pequeno trabalho, puxei a corda do brinquedo o fazendo cantar e Arthur soltou um grito de alegria.

Nathan se sentou ao meu lado, beijou as bochechas gordinhas do filho e fez o mesmo comigo. Senti minha face esquentar e abaixei o rosto, com vergonha.

Arthur resmungou algo nos fazendo olhar para ele que estava emburrado com algo, me fazendo gargalhar.

— Estou começando a achar que ele não gosta de dividir você.

— Talvez ele queira apenas brincar um pouquinho.

— Ele sentiu que eu estava próximo demais de você e usou a sua única alternativa para me afastar. Ele estava eliminado a concorrência.

— Ele tem apenas três meses.

— Mas já sabe muito bem o que quer e, pelo

jeito, não gosta de dividir.

Arrumei a roupinha do pequeno e beijei seu pescoço gordinho, o fazendo gargalhar. Nathan o pegou e fez o mesmo.

Ficamos brincando com ele até que o cansaço o venceu. Depois de alimentado e trocado, o fiz dormir, pois quando Nathan tentou fazê-lo dormir, ele chorou e só parou no meu colo. O coloquei novamente no bebê conforto, com a chupeta na sua boca e o cobri para que os mosquitos não o mordessem.

— O que eu disse? Ele não gosta de dividir.

Me deitei ao seu lado, olhei o céu com milhares de estrelas e nem me importei pela falta da lua. Ficamos assim por alguns minutos, em silêncio, apenas olhando o céu quando uma estrela cadente rasgou rapidamente o céu estrelado. Fechei os olhos, fiz um pedido, e quando os abri novamente, fui surpreendida por dois olhos azuis me encarando.

— O que pediu? — Perguntou ele.

— Não posso falar.

— Como assim, não pode falar?

— Se eu contar, o pedido não se realizará.

— Você acredita nisso?

— Não fiz as regras. — Dei de ombros.

Ele bufou e deitou novamente.

— Adorei o presente. — Disse, ainda admirando o céu.

— Sabia que ia gosta.

— Qual é o primeiro?

— Primeiro?

— Você disse que aqui é seu segundo lugar favorito, qual é o primeiro?

— Não é um lugar específico, gosto de cavalgar pela fazenda até um pequeno riacho, um pouco longe daqui.

— Nunca o vi cavalgando.

— Não faço isso há algum tempo.

— Não sente falta?

— Um pouco, não sei... Depois de certo tempo, acabei esquecendo.

— Não gostaria de esquecer esse lugar.

— Não vou esquecer esse dia. — Ele me puxou e me fez deitar em seu braço.

— Sinto-me como uma bonequinha assim, sendo puxada de um lado para o outro.

— Gosto da referência. Uma boneca. É difícil de acreditar que você é real.

— O que estamos fazendo? — Perguntei, ainda em seus braços.

— Como assim?

— Nós dois, aqui, assim... É loucura!

— Sim, uma loucura viciante. Não estou disposto a abrir mão desse sentimento.

— É melhor nos afastarmos, cada um seguir...

— Não. — Ele me interrompeu. — Não quero isso, quero descobrir esse sentimento, merecemos uma chance.

— O que quer dizer com isso?

— Vamos apenas aproveitar, nos conhecer e descobrir o que o futuro nos reserva.

— Vamos deixar fluir? — Perguntei

— Sim. Somos apenas dois barcos navegando o grande mar da vida e sei exatamente aonde ele irá te levar.

— Para onde?

— Direto para o meu coração, assim como eu vou estar no seu.



Ele era real?

Como um alguém podia muda totalmente nosso modo de pensar ou agir assim tão de

repente?

Desde que coloquei Arthur no berço e Nathan me levou até a porta do meu quarto, me dando um beijo de despedida na testa, carinhosamente, fiquei sorrindo igual uma boba.

Virei novamente na cama, apertei um travesseiro contra meu peito e me esforcei para dormir.



Quando o sol nasceu, fazendo seus raios atrasarem a fina cortina do meu quarto, já estava acordada e olhando a foto da minha família. A noite tinha sido complicada, as borboletas no meu estômago não me deixaram dormir.

Levantei da minha cama, tomei um banho, fiz meu pequeno ritual matinal e descii para ajudar Noemi com o café da manhã.

— Então, como foi? — Perguntou Noemi.

— O quê?

— Sem joguinho de perguntas comigo, mocinha, você sabe muito bem sobre o que estou perguntando.

Suspirei e a respondi sorrindo.

— Foi... Incrível.

— Não esperava menos vindo do Nathan.

— Gostaria de fazer algo por ele, sabe? Ele se mostrou um homem incrível, admirável e gentil. Gostaria de fazer algo por ele, assim como vocês fizeram por mim.

— Tem alguma ideia?

— Na verdade, tenho, mas vou precisar de você.

— Me diga o plano. — Disse ela, se afastando do fogão e se aproximando de mim.

— Chama-se lista da felicidade. Cada um deve colocar algo que o deixa feliz ou que fará ele feliz.

— Entendo, ele saberá da existência lista?

— Não, só no final contaremos.

— Não vejo o porquê de não tentar! — Disse, sorrindo pra mim e me servindo uma xícara de café. — Vamos reunir a família e falaremos do seu plano quando ele estiver na empresa.



Estava terminado de colocar a roupa no Arthur

enquanto ele insistia em chupar a sua mãozinha, fazendo um barulhinho engraçado. Tirei a mão da sua boca e limpei, o fazendo colocar a outra no lugar.

— Que mãozinha gostosa! — Falei, pegando seus bracinhos gordinhos. — Vamos brincar um pouquinho.

Peguei-o no colo, encostando suas costas próximas ao meu peito e o deixando virado para frente. Desci as escadas devagar e vi Noemi conversando com um homem que usava um terno e segurava na mão uma grande maleta preta. Quando estava prestes a dar meia volta e deixá-los à vontade meu nome foi citado.

— Bruna, esse senhor gostaria de falar com você. — Noemi disse.

— Comigo? — Perguntei, me aproximando deles.

— Prazer, Srta. Watts! Sou Alec Cartter, representantes bancário, gostaria de conversar com a senhorita. — Ele me cumprimentou.

— Vou deixá-los sozinhos. — Disse Noemi, pegando Arthur dos meus braços. — Fiquem à vontade.

Segui um caminho diferente de Noemi e me sentei na cozinha e servi uma xícara de chá com

biscoitos para o senhor Cartter.

— Se o assunto for a casa, eu não tenho dinheiro para cobrir a...

— Não, Srta. Watts, meu assunto com você é sobre o testamento do seu pai.

Quando ele terminou de pronunciar as palavras, engasguei com o meu chá.

— O quê? Testamento?

— Sim, senhorita, seu pai fez um testamento.

— Como assim? Não temos nada, quando ele fez o...

— No início da doença, ele fez um fundo de garantia para você.

— Como?

— Sei que é muita informação de uma vez e provavelmente você tem várias perguntas, estou disposto a responder a todas. Apenas gostaria de te informar o que ele te deixou. — Ele abriu a grande maleta e empurrou duas folhas de papel em minha direção.

Puxei as mesmas e li com atenção cada ponto do testamento do meu pai, para de ler ao avistar o valor.

— Isso não é possível, é... Alguma brincadeira.

— Disse olhando para Alec à minha frente.

- Não é nenhuma brincadeira, senhorita.
- Meu pai não poderia ter todo esse dinheiro.
- Ao que parece, ele poderia sim.

Olhei para o homem à minha frente por um momento e vi que ele realmente estava falando a verdade e que nada do que tinha acabado de ler era mentira. Retornei meu olhar para o papel e suspirei ao ver novamente o valor de 207 mil dólares destacado.

Capítulo 29

Nathan Brown

Há males que vêm para o bem.

O velho provérbio estava fazendo total sentido. A morte de Jessica foi insuportável e, por um momento, pensei que a dor que sentia iria me sufocar até a morte. Mas a Bruna me mostrou que ainda tinha o que se viver, ainda poderia existir amor em meu peito e que sempre terá um lugar em meio peito onde haverá amor pela minha doce Jessica. Nunca esqueceria os momentos vividos e o amor que ainda nutri pela minha falecida esposa, mas a vida estava me dando uma nova oportunidade, tanto para mim quanto a Bruna, e nós merecíamos descobrir o que esse sentimento nos reservava, merecíamos a felicidade e era exatamente isso que estava disposto a ter.

Não estava com a cabeça cem por cento focado em nada e, sinceramente, ficar o dia trancado dentro de uma sala de escritório não me

agradava muito. Precisava vê-la, saber como ela estava, tocá-la, beijá-la e precisava sentir seu doce aroma de lírios.

Estava literalmente ferrado.

Saí do carro e dei o restante do dia de folga para o Mart, não pretendia sair de perto dela.

Afrouxei minha gravata e logo a retirei juntamente com o paletó, coloquei sobre uma mesinha próxima a porta e segui o som das gargalhadas do meu filho, já com um sorriso no rosto só em pensar em vê-la novamente, mas logo o sorriso sumiu quando vi que o motivo do meu sorriso não estava brincando com o meu filho.

Noemi mordia de leve o queixo do Arthur, o fazendo soltar uma gargalhada entusiasmada, dei um sorriso de lado e logo Noemi percebeu minha presença.

— Chegou cedo, algum problema? — Perguntou ela.

— Não. — Respondi, colocando as mãos no bolso da calça e olhando cada canto da sala em busca dela. — Estou apenas cansado daquele lugar monótono.

— Na cozinha.

— O quê? — Perguntei, olhando novamente para ela.

— O motivo de você não querer estar na empresa está na cozinha. — Respondeu ela, com um sorriso.

Devolvi o sorriso e segui em direção à cozinha, onde vi um homem de meia idade conversando com Bruna. Cocei a garganta, os fazendo olhar para mim e Bruna sorrir instantaneamente.

— Desculpem, atrapalho? — Perguntei.

— Não, claro que não, afinal a casa é sua. Gostaria de algo? — Ela me perguntou.

Você.

— Não, nada. Vou ver como está o Arthur e os deixarem à vontade. — Disse, disposto a virar e caminhar novamente para a sala.

— Nathan! — Meu nome sendo pronunciado por ela era alucinante, incrível e perfeito. — Você poderia me ajudar?

Encarei os dois, encostei no batente da porta e perguntei:

— Com o quê?

— Poderia ver esses documentos para mim? Você provavelmente saberá muito mais que eu sobre esse assunto.

Aproximei-me dela e peguei as duas folhas, depois de ler cada uma, levantei o olhar para os

dois.

— Não tem o que se explicar, é apenas um documento dizendo que tem uma conta ativa em seu nome. — Expliquei.

— Como isso é possível? Meu pai nunca teve tanto dinheiro assim.

— Certamente que sim, Srta. Watts, e ele deixou tudo para você. — Disse o homem.

— Se isso é um testamento não deveria ter sido um advogado a me apresentar o documento e não um representante bancário?

— Como lhe disse, é um fundo de garantia que seu pai fez para você.

— Você quer dizer que meu pai se lembrava de todo mês depositar certa quantidade nessa conta?

— Ele abriu a conta no início da doença e, de fato, fez apenas cinco depósitos pessoalmente. O valor apresentado é totalmente seu.

— Oh meu Deus! — exclamou ela.

— Com os juros do banco este valor pode ter sido alterado, Srta. Watts. Espero que compareça ao banco para resolvermos os assuntos burocráticos e, na ocasião da sua visita, responderei a todas as suas perguntas. — Disse, entregando a ela um cartão. — E sinto muito pelo seu pai.

O levei até a porta e logo retornei para a cozinha, ela estava no mesmo lugar, sua cabeça abaixada e ela passava os dedos pela folha de papel. Me aproximei devagar e vi que ela estava olhando a assinatura do pai.

— Você está bem? — Perguntei.

— Sim, estou apenas tentando entender o que acabou de acontecer aqui.

— Pelo que vi, você está rica. — Disse, sorrindo e ela logo sorriu também. — O que pretende fazer com o dinheiro?

— Vou comprar a casa dos meus pais no leilão, tentarei uma bolsa na faculdade de medicina, e...
— Ela engoliu em seco e continuou. — E vou ter que parar de trabalhar aqui.

Suas palavras entraram como uma faca nas minhas costas, podia sentir um frio subir pela minha espinha e o medo de perdê-la era inexplicável.

— Você pode continuar a trabalhar aqui.

— Não vou estar à sua disposição vinte e quatro horas por dia.

— Não precisa, eu cuidarei dele enquanto você estiver na faculdade. — Me controlei para que minha voz não soasse desesperada.

Ela se levantou, afastou alguns fios de cabelos

do ombro e tocou em meu peito; olhou para cima e vi seus olhos verdes me encararem com receio, era uma decisão difícil de ser tomada para nós dois, ela também estava sofrendo e isso me corroía por dentro.

— Tudo dará certo. — Disse ela.

Por qual motivo, então, eu sentia que não daria?

Olhei para o teto, soltei o suspiro e logo envolvi meus braços ao redor do corpo dela em um abraço aconchegante.

Depois que ela se afastou, dei um beijo em sua testa, ela juntou os papéis sobre a mesa e saiu da cozinha. Continuei no mesmo lugar por algum tempo, depois caminhei até o quintal, precisava pensar, por isso fiquei um tempo sentando no gramado, olhando o nada e tentando pensar em alguma maneira de mantê-la ao meu lado.

O barulho de cascos batendo no chão me despertou, olhei para o lado do estábulo e vi Zeus correndo até mim, me fazendo levantar do chão. Ele diminuiu a velocidade e logo sua cabeça foi em direção a minha mão, empurrando levemente.

— Ei, garotão!

Passei a mão sobre o seu pelo macio e negro e ele logo se acalmou, ele se afastou e deu uma

pequena volta ao meu redor. Sua felicidade era visível, ele correu para longe, passeando pelo longo gramado e logo parou ao meu lado. Eu apenas observei Luís se aproximando com o seu cavalo branco.

— Não devia estar na empresa? — Perguntei ao meu irmão

— Você também não? — Devolveu a pergunta.

— Tinha que resolver um problema. — Expliquei enquanto ainda acariciava Zeus.

— Eu também... Vamos cavalgar um pouco?

— Não estou com vontade. — Dei de ombros.

— Vamos, irmão... Lembrar os velhos tempos. Você se recordar das corridas que apostávamos?

— Não somos crianças, Luís.

— Vai me dizer que esqueceu como andar de cavalo? É fácil, meu irmão, pense que você é uma amazona correndo loucamente pela floresta com os cabelos aos ventos, aproveite e solte a garotinha dentro de você.

— Quando descer desde cavalo, irei chutar sua bunda, seu bastardo.

— Deixa de ser frouxo! Vamos fazer uma pequena caminhada pela fazenda enquanto você se acostuma com Zeus novamente.

— Não. — Disse.

— Ok. — Disse ele. — Então, quer saber como foi o meu dia?

— Por qual motivo eu gostaria de saber sobre o seu dia?

— Estou apenas puxando assunto.

— Vá fazer sua pequena caminhada, Pocahontas. — Disse, alisando o pelo de Zeus novamente.

— Virou comediante agora? Ok, vou contar sobre o meu dia, você querendo ou não. Trabalhei por um bom tempo, almocei com uma mulher maravilhosa, fechei o contrato com uma empresa, dei uma carona a sua lindíssima secretária e ganhei um beijo na bochecha da Bruna. — Disse a última parte se afastando. — E, nossa! Aqueles lábios dela são tão macios, qual será o gosto?

— Chega. — Disse tentando conter minha raiva.

— Será que ela gostaria de andar a cavalo comigo? Imagina ela próximo ao meu corpo enquanto andamos pela fazenda... Aquela mulher é uma tentação para qualquer um.

— Chega, Luís! — Disse, tentando me aproximar dele que logo se afastou com o cavalo.

Ele soltou uma risada debochada e logo disse:

— Vai ter que fazer muito mais do que isso para me pegar, irmão.

— Quando encostar minhas mãos em você, vou arrancar todos seus dentes. — Disse, montando em Zeus e segurando firme em sua crina.

— Quem chegar ao lago primeiro, ganha um beijo da loirinha. — Falou, antes de sair correndo com o seu cavalo.

— Vamos fazê-lo comer poeira, Zeus.

Gritei e logo estava correndo atrás do Luís que olhava para trás e gargalhava.

Esse palhaço não pararia de rir nunca?

Senti o vento no meu rosto e a sensação de liberdade era incrível, Zeus se aproximava rápido do cavalo de Luís e logo o ultrapassamos, eu estava rindo da cara daquele adotado.

A sensação de estar novamente sobre um cavalo era maravilhosa e Zeus nunca me decepcionou em uma corrida. Passei por minha mãe e Bruna que caminhavam próximas ao canteiro de hortênsias e logo cheguei ao lago, pulei do cavalo e Luís se aproximou alguns segundos depois; quando ele se aproximou de mim, o puxei pelo braço, fazendo-o cair do cavalo, ainda com a cara no chão e coloquei meu pé nas suas costas,

me encurvando para ficar próximo ao seu ouvido.

— Nunca mais fale, pensei ou chegue perto dela. E se um dia ela tocar novamente em você, torça para que não esteja por perto. — Ele não disse nada, apenas gemeu de dor e logo aumentei a pressão do meu pé nas suas costas. — Entendeu?

— Sim, malditamente sim. — Gritou.

— Bom garoto, maninho. — Disse, retirando o pé e o ajudando a se levantar. — Aliás, você perdeu.

— Você é um filho da puta!

Dei um tapa em sua cabeça

— Não xingue a nossa mãe.

— Vou precisar de uma massagem. — Reclamou ele

— Para mim, você precisa de um filtro entre cérebro e a língua.

— O está acontecendo aqui? — Perguntou minha mãe.

Olhei para minha mãe que olhava com atenção para nós dois e, logo atrás dela, estava Bruna com o meu filho nos braços e Theo.

— Luís desceu de mau jeito do cavalo. — Expliquei.

— Você está bem, meu filho?

— Estou. — Respondeu ele, me olhando atravessado. — Apenas um mau jeito nas costas.

— Quer ajuda? — Perguntou Bruna.

— Não! Quero dizer, estou bem. Aliás, Theo, você me deve cinquenta dólares.

— Valeria mais a pena se tivesse visto você caindo do cavalo. — Disse Theo rindo.

— Deixe de conversa e me pague logo, ganhei a aposta. — Luís bufou.

— Que aposta? — Nossa mãe perguntou.

— Apostei com Luís que ele não conseguiria fazer Nathan montar em Zeus novamente. — Theo respondeu.

— E ganhei. — Disse meu Irmão.

— E perdeu a corrida. — Me aproximei de Bruna, segurei seu rosto com minhas mãos e beijei sua boca em um selinho demorado.

— Na...Nathan... — Disse assim que afastei dos seus lábios. Suas bochechas ficaram levemente avermelhadas. — O que foi isso?

— Apenas peguei o meu prêmio.

— Você apostou um beijo meu? E se ele ganhasse?

— acredite, *minha* pequena, ele nunca

ganharia. — Disse, pegando meu filho que dormia nos seus braços e o beijei na testa.

— Espera aí, eu escutei um “minha”? — Perguntou Luís.

— Eu escutei. — Afirmou Theo.

— Todos escutaram. — Minha mãe disse, sorrindo.

— Eles estão juntos? — Luís perguntou ao Theo.

— Não sei. — Theo respondeu.

— Não. — Respondeu Bruna se sentindo envergonhada pelo assunto ser ela.

— Ainda não, situação que mudarei o mais rápido possível. — Disse, olhando em seus olhos.

— Droga! Agora devo duzentos dólares para Melissa. — Disse Luís, indignado.

Capítulo 30

Nathan Brown

Os dias passaram rápido demais. Arthur completou quatro meses e estava a cada dia mais esperto, fizemos uma pequena comemoração e ele provou água, pela primeira vez.

Bruna estava, infelizmente, decidida a parar de trabalhar como babá do Arthur. Logo eu teria que entrevistar novas candidatas e ela poderia voltar à sua casa.

Decidimos ir com calma no nosso *relacionamento* e que, até aquele momento, estávamos apenas nos conhecendo. Eu pretendia mudar aquela situação logo, afinal queria que todos soubessem que ela era minha.

Vê-la totalmente corada com os meus beijos na frente da minha família, me deixava com ainda mais vontade de beijá-la. Seus lábios eram minha morte e, sinceramente, eu morreria mil vezes apenas para sentir seus lábios juntamente com os meus.

Voltei a andar com Zeus pela fazenda e até pensei em agradecer ao Luís por ter feito aquela aposta. Tinha esquecido o quanto era bom a sensação de liberdade e de felicidade que estar sobre um cavalo proporcionava.



— Não quero sair. — Disse.

— Larga de ser bunda mole, Nathan. Não tem nem um mês que assumiu que gosta dela e já está ativado no modo chiclete. — Disse Luís, ao meu lado.

— Então, me diga para onde estamos indo?

— Fizemos uma nova aposta. — Theo respondeu do banco na frente.

— Vocês parecem duas crianças. Espero que ganhe, Theo. Mas isso não responde a minha pergunta.

— Sempre ganho. — Disse ele, com um sorriso.

— Vamos a uma casa noturna com mulheres seminuas, bebidas e muito sexo.

— Dê meia volta, Mart. Vou ficar em casa. —

Praticamente gritei para ele.

Theo começou a rir e logo Luís falou com raiva.

— Ótimo! Perdi mais cinquenta... Assim vou virar um mendigo antes dos trinta. Droga, Nathan! Respeite o que tem no meio das pernas.

— Como disse, sempre ganho. — Disse Theo, vitorioso.

— Vocês são dois idiotas! Parem de me enrolar e falem de uma vez.

— Vamos jogar uma partida de basquete. — Desta vez Mart respondeu.

— Vamos? — Perguntei.

— Sim, Logan e Peter já estão esperando. — Mart respondeu novamente.

— Quando combinaram isso? — Disse, olhando para o meu irmão.

— Faz um tempinho, teremos até torcida. Os seguranças levaram as mulheres na frente e a segurança do Arthur foi reforçada, duvido que algum fotógrafo barato tire qualquer foto dele.

— Pensaram em tudo.

— Tudo. — Respondeu meu irmão.

Não sei se gostaria de jogar novamente como antigamente, mas todos estavam agindo diferente naqueles dias e negar ia apenas me fazer sentir dor

de cabeça, então apenas deixei que eles me levassem.



O jogo foi competitivo e cansativo, meu time perdeu para Logan, Peter e Theo. O que fez Luís perder mais alguns dólares juntamente comigo e Mart, mas apesar das brincadeiras e da choradeira do Luís por ter perdido, valeu a pena.

Enxuguei meu rosto com uma toalha, sentei ao lado do Logan e tomei um gole de água enquanto olhava Bruna do outro lado da quadra, com Arthur em seus braços enquanto ela o alimentava. Ela desviou o olhar do meu filho e me encarou por um momento com um sorriso nos lábios, me fazendo sorrir também.

— O perdemos. — Peter disse a Logan

— Pela segunda vez. — Respondeu ele.

— Como ele consegue atrair apenas as loiras?

— Peter questionou.

— Pergunta errada meu amigo. A pergunta certa é: o que as loiras vêm nele?

— Vocês sabem que estou escutando, né? —

Disse a eles.

— Talvez seja a boa aparência. — Disse Peter, me ignorando.

— Não, talvez, ela tenha algum problema. — Logan o respondeu.

— Ela, provavelmente, sofre de alguma deficiência visual. — Peter respondeu, sorrindo.

— Provavelmente. — Concordou Logan.

— Vão cuidar das suas vidas. — Disse a eles.

— Olha, eu não tenho ninguém e todos os meus amigos estão em algum tipo de relacionamento... O que tem de tão bom em estar com alguém? — Perguntou Logan

— Tê-la já é o suficiente. — Disse a ele, olhando para Bruna.

— E acordar ao lado dela todos os dias e ver o seu sorriso... São as coisas simples que fazem o relacionamento valer a pena. — Peter completou.

— Não deve ser tão perfeito assim. — Disse Logan

— Não é. — Disse.

— O casamento é uma gangorra, meu amigo, tem altos e baixos, mas é algo maravilhoso e totalmente edificante. — Disse Peter, olhando sua

esposa que conversando alegremente com os demais presentes.

— Deveria experimentar. — Disse, olhando para Logan

— Se quiser, minha sogra está solteira e eu estou cansado dela na minha casa dizendo que não faço nada. — Bufou Peter.

— O que não deixa de ser uma verdade. — Logan respondeu.

— Aquela mulher só falta dormir entre eu e Rose.

— A expulse da sua casa.

— Está louco? Ela é minha sogra! A velha é chata, mas é mãe da minha mulher... Vou aguentar calado.

— É por isso que não tenho ninguém. — Disse Logan bebendo água de uma garrafinha.

Ficamos em silêncio por um momento, olhando para frente. Bruna parecia estar gostando do assunto que Rose mantinha e Melissa estava rindo de algo que Theo estava dizendo. Pela primeira vez, vi meu irmão sem um sorriso no rosto enquanto olhava para os dois. Dei um sorriso de lado, sabia o que aquilo significava.

— Como está o Dylan? — Falei, quebrado o silêncio.

— Ótimo! — Respondeu Peter, sorrindo. —
Entusiasmado porque vai ganhar um irmãozinho.
— Rose está grávida? — Logan perguntou.
— Descobrimos há alguns dias. — Peter
respondeu, ainda sorrindo.
— Parabéns, cara! — O parabenizei
— Valeu!



Depois de um banho no vestiário, troquei de roupa. Combinamos um novo jogo e me despedi de todos. Theo levou Melissa para casa e Luís seguiu com Logan para um lugar qualquer.

Noemi, Mart e eu seguimos para fazenda juntamente com Bruna e meu filho. Quando chegamos, faltava poucas horas para o sol se pôr. Peguei minha mochila com as roupas sujas e ajudei Bruna com as coisas do meu filho.

— Ele está começando a ficar passadinho. —
Disse ela, após tê-lo tirado da cadeirinha.
— Quer ajuda? — Perguntei.
— Não. Eu consigo, a carinha dele compensa.

— Disse ela, olhando para o meu filho dormindo no seu colo. — Vou colocá-lo no berço e tomarei um banho.

— Tudo bem, vou cuidar dele. — Disse, abrindo a grande e pesada porta da frente.

Subimos as escadas e logo ela colocou Arthur no berço, enquanto eu ligava o ar-condicionado. Aproximei-me dela e a abracei por trás, inalando ao máximo o seu cheiro adocicado de lírios. Ficamos assim por um tempo olhando meu filho dormir serenamente.

— Não me canso de olhar para ele. — Disse ela, docemente.

— Eu também não.

Ela passou sua mão em meu braço e logo virou-se, tocando em meu peito; ela se esticou e beijou rapidamente os meus lábios. Era a primeira vez que ela tomava a iniciativa, suas bochechas mudaram de cor brevemente e ela se afastou com um sorriso tímido, foi em direção da porta e saiu do quarto, quando a minha mãe entrou com um sorriso.

— Ela parece estar feliz. — Disse minha mãe.

— Apesar de tudo, sim, ela está feliz.

— E você? — Perguntou me olhando

— Como assim?

— Você está feliz?

— Vê-los felizes é o suficiente.

— Foi o que eu imaginei. Sei que você gosta dela, meu filho, mas você não está se entregando ao sentimento, apenas pensa que sim. — Ela segurou minha mão e me puxou para fora do quarto do meu filho. — Preciso que faça algo, por você mesmo.

Ela me guiou até o quarto de ensaio da Jessica, tentei impedi-la de abrir a porta, mas foi em vão. Entrei no quarto e tudo ainda estava exatamente igual. Noemi limpava apenas superficialmente, o que fazia com que tudo continuasse do mesmo jeito que ela deixou.

Algumas caixas estavam no meio do cômodo, minha mãe pegou uma caixa e veio em minha direção devagar. Sabia exatamente o que aquilo significa.

— Uma parte de você está disposto a recomeçar, mas tem outra que ainda está preso ao passado.

— Mãe...

— Não posso te forçar, Nathan. Essa é uma decisão unicamente sua, mas quero que saiba que você só estará livre quando entender que ela não voltará mais. Bruna está disposta a começar uma

nova história. — Ela suspirou e continuou. — Mas você está? Terá que fechar uma porta para abrir outra. — Ela me entregou a caixa. — Só assim será feliz novamente. — Ela me deu um beijo na bochecha e saiu.

Fiquei olhando cada canto do cômodo, coloquei a caixa no chão e caminhei até onde ela guardava suas sapatilhas, ao lado dos seus assessórios. Senti o tecido de seda entre os dedos, levei o tecido até o meu nariz e cheiro dela não estava presente, nem suas músicas ou suas danças. Estava começando a esquecer o seu cheiro, seu sorriso e o som da sua voz. Ela estava indo embora aos poucos e eu não queria que isso acontecesse. Não estava pronto para dizer adeus.

Ainda não.

Capítulo 31

Nathan Brown

— O que você faria, se eu não estivesse aqui?

— Perguntou minha esposa.

— Iria atrás de você em cada canto desse mundo. — Disse, ainda lendo o livro.

— E se um dia, eu... morresse, o que você faria?

Endireitei-me na cama, coloquei o livro sobre a cômoda e a encarei enquanto ela alisava sua pequena barriga.

— Por que essa pergunta?

— Apenas um assunto qualquer, gostaria de saber. Então, o que você faria?

— Não sei, não vejo minha vida sem você. É como... É impossível imaginar essa possibilidade. — Me aproximei, afastei seu cabelo, beijei seu rosto e coloquei minha mão sobre a sua. — O seu destino é ficar ao meu lado e, se um dia você se for, irei junto, pois a vida sem você não fará sentindo nenhum.

— *Você amaria outra pessoa?*

— *O que está acontecendo, hortênsia?*

— *Nada. Vamos dormir.* — *Disse ela, apagando o abajur, se arrumando e deitando de costas para mim.*

A abracei, toquei em sua barriga ainda no início da gestão e mordi levemente sua orelha.

— *Você nunca ficará longe de mim.*

— *Se um dia eu fosse... Gostaria que você amasse outra pessoa.*



Ainda com o pequeno tecido na minha mão, o apertando contra meu peito, me aproximei devagar da caixa que estava chão, tentando evitar ao máximo esse momento. Me ajoelhei, passei o polegar sobre as iniciais do seu nome e coloquei a sapatilha no fundo da caixa.

Aos poucos, colocava tudo dentro das caixas. Sapatilhas, assessórios, prêmios, maquiagem, roupas... entre outros. Um por um, tudo estava sendo guardado e, no final, não havia nada a não

ser as barras e os espelhos.

Dei uma olhada no lugar antes cheio de vida e dança e que tinha se tornado vazio e sem vida, assim como o meu coração sem ela.

Me sentei, encostado em uma parede e ali fiquei por um tempo.

Não era certo estar gostando de outra pessoa, não era certo deixar sete anos com Jessica de lado. Não era justo com ela e nem com a Bruna. Estava brincando com os seus sentimentos e ela não merecia isso.

Eu tinha me tornado a droga de um bipolar.

O meu sentimento era o mais verdadeiro possível e eu era capaz de dizer que a amava, mas nunca poderia manchar a memória da minha mulher dessa maneira. Tinha que respeitar o meu luto, viver minha dor, assim como Logan disse. Por mais difícil que fosse, tinha que tomar uma decisão e já sabia qual seria, mesmo sendo dolorosa, ela teria que ser tomada.

Tinha que me afastar de Bruna.



Ainda estava no mesmo lugar, a noite já havia chegado e o lugar havia se tornado sombrio na escuridão da noite.

O barulho de porta rangendo me faz levantar a cabeça e vê-la lindamente em um vestido bege com preto, seus cabelos longos estavam soltos e seu rosto claro estava iluminado pela luz do corredor, a deixando ainda mais bela. Ela olhou para cada canto do quarto e para as caixas no meio do cômodo e logo seus olhos me encararam por um momento.

Ela se aproximou devagar e se sentou ao meu lado. Ficou em silêncio, olhando nossos reflexos no grande espelho a nossa frente.

— O... o que faz aqui? — Perguntei, fechando os olhos e encostado minha cabeça na parede.

— Não sei... fiquei preocupada.

— Estou bem.

— Sente falta dela, não é mesmo?

Abri os olhos e olhei para ela que ainda olhava para frente. Suspirei e disse:

— Sim.

— Ela devia ser uma mulher maravilhosa.

— Sim, ela era.

Ficamos novamente em silêncio quando ela se levantou, pegou o antigo rádio de Jessica e o ligou em uma música calma.

— O... o que está fazendo? — Perguntei.

— Sei o que está sentindo, a dor da perda precisa ser sentida, Nathan. Mas também precisa ser superada, existe milhões de lembranças dela aqui e quero apenas te proporciona uma nova lembrança da sua nova jornada. — Ela segurou minha mão e me puxou com dificuldade para que ficasse de pé.

Me levantei com sua ajuda e logo ela colocou minhas duas mãos na sua cintura, envolveu meu pescoço com os braços e suas delicadas e macias mãos tocaram minha nuca. Ela conduziu por pouco tempo, logo comecei a dançar lentamente. Ela apoiou a cabeça no meu peito e através do espelho a vi de olhos fechados, apoiei meu queixo em sua cabeça e também deixei que a música me levasse.

— Bru...

— Eu sei o que irá dizer, tenho que te falar uma coisa também. — Ela respirou fundo e continuou: — Tenho uma tia/avó em *Dallas*, recebi uma ligação dela e tem um hospital próximo que está fazendo uma pesquisa sobre o *Alzheimer* e estão precisando de voluntários...

— Você quer dizer...

— Nós dois sabíamos que esse dia chegaria...

E chegou. Cada um tem que seguir o seu caminho.

— Não gostaria que fosse assim.

— Ninguém gostaria.

— Então você vai embora? — Ela assentiu timidamente. — Bruna, você não precisa ir, podemos...

— Não, Nathan! Eu não posso ficar aqui, não vai dar certo, você sabe disse... *Eu* sei disso.

— O que sinto não é uma mentira.

Ela afastou o rosto do meu peito e me olhou.

— Sei que não é, mas não podemos nos envolver em qualquer tipo de relacionamento neste momento. O seu sentimento é tão verdadeiro quanto o meu, mas precisamos dessa distância. Talvez o destino tenha te colocado no meu caminho por algum motivo e, mas está na hora do destino nos separar.

— Isso é um adeus? — Perguntei, sentindo a dor em meu peito.

— Isso é uma dança de despedida. Vou embora daqui quatro dias.

— É uma maneira diferente de dizer adeus.

— Não estou dizendo adeus, é apenas um...

Até logo.

— Te verei novamente?

— Espero que sim.

— Eu também.

Ela encostou o rosto no meu peito novamente, a apertei contra meu corpo, voltei a conduzir a dança e assim ficamos por algum tempo.

Ela era madura demais para a sua idade, estava sendo forte novamente. Aos poucos, ela está voltando a ser o que era.

Estávamos agindo como adultos, a vida real não era fácil e deveríamos encarar nossas próprias escolhas. Essa decisão tinha que ser tomada e estávamos disposto a lidar com a consequência.

Seja ela qual for.

Capítulo 32

Bruna Watts

— *Você mentiu?* — Melissa praticamente gritou no outro lado da linha.

— Não! — Disse.

— *Mentiu sim, você não tem nenhuma tia/avó.*

— Eu sei, mas tirando isso, não menti.

— *Então, você inventou um parente de sei lá onde e quer me dizer que não mentiu? Para que isso?*

— Precisamos de um tempo.

— *Não pode dar um tempo em algo que nunca começou, Bruna. Que história é essa de Dallas? Está louca?!*

— Preciso ir atrás dos meus sonhos, Mel. Ainda quero encontrar uma possível cura para o *Alzheimer*, quero salvar vidas... E eles estão precisando de voluntários.

— *Você quer dizer que vai para o Texas? Quando ia nos contar?*

— Foi uma decisão precoce. — respondi

mordendo meu lábio inferior — Tenho apenas mais quatro dias aqui.

— *Quatro dias! — Ela exclamou alto — Você pirou? Só pode... Como assim quatro dias? Você vai embora daqui quatro dias? Quatro dias?*

— Sim, Melissa, quatro dias.

— *Não acredito que você vai fazer isso.*

— Eu preciso.

— *Você, está indo embora, para outro estado, milhas de distância... Para um lugar diferente e onde você não conhece ninguém, tudo para seguiu o seu sonho? Vale a pena?*

— Vale! Se eu puder salvar uma vida, vai valer a pena. Você sabe que não está sendo fácil para mim, mas eu preciso ir, Mel, preciso encontrar uma forma de destruir essa doença.

Ela suspirou e falou com calma:

— *Você não vai trazê-lo de volta dessa forma, Bruna.*

— Eu sei... — Disse desanimada — Mas posso salvar a vida de outras pessoas já que não consegui salvar a dele.

— *Você não vai mudar de ideia, não é mesmo?*

— Não. — Assumi.

— *O que devo fazer?*

— Desejar-me boa sorte?!

— *Boa sorte, pequena!*



Foi a decisão mais difícil que tive que tomar em toda a minha vida, abrir mão de um sentimento tão forte não era fácil, mas Nathan precisava do seu tempo assim como eu também precisava.

Ele precisava sentir o luto e refletir sobre a vida, ver que o mundo era muito mais do que apenas Arthur e que existiam outras pessoas dispostas a fazê-lo feliz.

Não vou negar que aquelas semanas, junto dele, foram a melhores da minha vida e que ele se mostrou um verdadeiro príncipe encantado, o sonho de qualquer mulher. Entretanto, a vida não era baseada em páginas de livros infantis. Infelizmente, na vida real, sentimos dores e nem sempre o nosso príncipe é encantado.

Me desapegar de Arthur foi a pior sensação do mundo, me apeguei tanto àquele pequeno nos dois meses que passamos juntos, tanto que não tinha

explicação. Eu o amava tanto e sentia que ele também me amava.

Em quatro dias, consegui conversar com a clínica, aluguei uma pequena casa próxima ao meu futuro local de trabalho, comprei minha passagem e minhas malas estavam prontas.



Estava no quarto do Arthur, ele estava dormindo em seu berço, faltava três horas para o meu voo e estava com o coração apertado. O peguei com calma, senti seu corpinho próximo ao meu e beijei sua testa. Sentei na poltrona e novamente o olhei, tentando guardar todo detalhe dele em meu pensamento. Tirei a chupeta da sua boca e ele logo fez um biquinho e a fechou.

— Não tenho muito tempo, pequeno. Daqui a pouco, estou indo embora e, provavelmente, em alguns dias você não irá se lembrar de mim. Serei apenas uma foto em um porta-retratos no seu quarto. Você tem que ser forte por ele, não deixe o bobão do seu pai se fechar novamente. O faça sorrir todos os dias, não dê muito trabalho para ele,

o faça sair um pouquinho e nunca, nunca, esqueça que ele é o melhor pai do mundo. — Enxuguei minhas lágrimas antes que caíssem nele e beijei novamente a sua testa. — Vou sentir tanta, tanta saudade, você é a melhor pessoa que já conheci. Nunca vou esquecer de você, meu anjinho.

O coloquei novamente no berço e arrumei seus cabelinhos negros. Coloquei o porta-retratos com nossa foto juntos ao lado do seu trocador, juntamente com alguns brinquedos. Olhei novamente para ele e saí do quarto lutando contra minhas lágrimas.

A dor de não ver o sorrisinho dele, o ver crescendo, o seu desenvolvimento e seu rostinho todo o dia, corroía o meu peito. Não sabia que ia doer tanto assim ficar longe dele.

— Se despediu dele? — Perguntou Cloe, me fazendo assentir. — Vem, Bruna, tem muita gente para você se despedir e se não começar logo, perderá o avião.

Caminhei até ela e a abracei forte.

— Obrigada por tudo! — Agradei, ainda em seus braços.

— Eu que agradeço. Você cuidou muito bem do meu filho... O que você fez, não tem preço.

— Não fiz nada, Sra. Brown.

Ela se afastou, me lançou um sorriso sincero e continuou:

— Você fez muito mais do que imagina. Agora, venha, Noemi está chorando desde que acordou.

Descemos as escadas e, logo que cheguei ao pé da escada, vi toda a família próxima a porta. Abracei cada um com carinho.

— Vou sentir saudades, maninha. — Disse Theo.

— Gosto do fato de ter um irmão mais velho.

— Gosto de não ser filho único. — Disse ele, sorrindo.

— Se for meu irmão, não poderá ficar com Mel... Ela é minha irmã também. — Disse, com um sorriso de lado.

— Esquece! Vamos ser apenas amigos.

— Vou sentir saudades! Por favor, tente não deixar o Luís virar um mendigo com tantas apostas.

— Tenho apenas sorte. — Ele deu os ombros.

— Sorte no jogo, azar no amor. Fique longe da Melissa e da Bruna também. — Disse Luís.

— Calma, morena. — Theo o provocou.

— Chega, né meninos? — Disse, abraçando o Luís. — Não deixe ele ficar sozinho. — Falei,

próximo ao seu ouvido.

— Vou cuidar dos dois para você. — Disse ele, me tranquilizando.

— Obrigada! — Agradei.

— Promete que vai voltar. — Disse Noemi, com os olhos marejados.

— Prometo!

— É tão difícil dizer tchau. — *Ela me surpreendeu com um abraço.*

— Meu amor, desse jeito, ela vai perder o voo. — Disse Mart, afastando a mulher dos meus braços. Ela se afastou, secou as lágrimas com um lenço e abraçou Theo, que a levou para a cozinha.

— Ela não gosta de despedidas.

— Ninguém gosta. — Concordei.

— Tem certeza de que não quer que eu a leve para o aeroporto? — Perguntou Mart.

— Tenho, Mart. Tio Alberto está me esperando.

— Manteremos correspondência?

— Mart, existe celular.

— Oras, bobagem de tecnologia, tudo lixo eletrônico... Evito ao máximo.

— Mantereí correspondência. — Disse, o abraçando.

Quando terminei de me despedir do Mart, olhei

ao redor em busca de Nathan e percebi que ele não estava ali.

— Está sendo difícil para ele também. — Disse Cloe.

— Para todos nós. — Luís falou.

— Ele não quer ver você partindo. — Disse Cloe, me lançando um sorriso gentil.

— Tudo bem! Eu o entendo... Já me despedi dele.

Abracei novamente cada um e finalmente saí da casa grande, olhando o jardim. Entrei no carro, coloquei o cinto e olhei pela janela para cada pessoa acenando para mim, levantei o olhar e, através da janela do quarto do Arthur, conseguir ver Nathan com sua postura firme, sem demonstrar qualquer emoção. O carro ganhou velocidade e logo não podia mais vê-lo, olhei para frente e tentei não chorar.



— Por favor, não confie em estranhos. — Tia Anne pediu, pela segunda vez.

— Todos serão estranhos para ela. — Disse Tio Alberto, ao lado da mulher.

— Então, não vá. — Disse ela, me olhando com atenção. — Fique!

— Mãe... — Melissa disse em um tom cansado por já ter ouvido o mesmo discurso segundos antes. — Ela não é uma menininha faz muito tempo.

— É tão difícil! — Disse Anne, me abraçando. — Qualquer coisa, volte.

— Voltarei.

Eles me envolveram novamente no terceiro abraço em grupo, mais apertado e demorado. Me afastei deles, arrumei meu cabelo e olhei para minha família. Tia Anne e Mel estavam com os olhos cheios de lágrimas e tio Alberto se manteve firme, como um bom policial. Ouvi meu voo ser anunciado, apertando ainda mais o meu coração.

— Tenho que ir. — Disse, olhando eles.

— Boa sorte, pequena! — Melissa disse docemente.

— Ligue todos os dias. — Anne pediu.

— Tenha juízo menina. — Completou Alberto.

— Ligarei quando chegar. — Lancei um sorriso para cada um e deixei que uma lágrima caísse. —

Vou atrás dos meus sonhos, acabarei com o sofrimento de muitos.

— Não tenho dúvidas. — Disse Alberto, com um sorriso.

Segurei firme a minha bolsa, me afastei deles e segui até o portão de embarque. Mas senti meus pés pararem quando meu nome ecoou pelo grande aeroporto.

— Bruna! — Me virei e vi Nathan correndo com Arthur nos braços que sorria com os movimentos do pai.

Ele se aproximou, ofegante, me lançou um sorriso de lado e vi uma formação de seguranças ao nosso redor, impedindo qualquer um de se aproximar.

— Ele esqueceu de dizer tchau. — Disse ele, me fazendo olhar o pequeno que já reclamava em seu colo.

O peguei no colo e o apertei cheirando, seu pescoço.

— Ai, meu pequenino, eu te amo tanto! Seja um bom menino, nunca deixe de brincar ou de sorrir. — O afastei do meu corpo e o vi sorrir. — Era tão fácil me despedir com você dormindo.

— Esqueci de me despedir. — Disse Nathan.

— Então, isso é uma despedida?

— Segundo a tradição, nossas despedidas têm que ter uma dança.

— Nathan, todos irão ver.

Ele pegou Arthur dos meus braços, caminhou até a Mel e o entregou para ela com carinho. Ele se aproximou novamente, devagar.

— Não temos muito tempo, apenas me dê uma dança de despedida. É só o que te peço.

— Não irei te negar isso.

Ele sorriu, se aproximou, segurou minha cintura firmemente, me fazendo envolver meus braços ao redor do seu pescoço e afundar meu rosto em seu peito largo.

Seu cheiro era viciante, seu corpo exalava calor, assim como o meu. O tempo praticamente parou e, por momento, não consegui ouvir os barulhos ao meu redor. Naquele momento, só existiam nós dois. A última chamada do meu voo fez com que eu me afastasse dos seus braços. Olhei para cima e seus olhos azuis não estavam tão destacados e sua expressão podia ser muito bem decifrada. Ele estava triste como eu, mas isso precisava ser feito. Ele secou minhas lágrimas com os polegares, me fazendo perceber que chorei enquanto dançávamos.

— Maneira diferente de dizer adeus. — Disse.

— Não estou dizendo adeus, apenas um... Até logo.

Sorrimos.

— Até logo. — Disse.

— Até.

Ele pegou Arthur novamente, dei um beijo nem suas bochechas rosadas e me afastei sem olhar para trás. Um novo futuro me esperava em frente e eu estava disposta a viver cada possibilidade que o mundo me oferecesse.

Capítulo 33

Nathan Brown

Ela sumiu entre as pessoas pelo portão de embarque, Arthur logo ficou agitado e chorou no meu colo, o alinhei em meu peito e o beijei na testa, tentando acalmá-lo.

— É, meu filho, nossas escolhas não machucaram apenas nós mesmos, atingiu todos ao nosso redor, como uma grande bomba. — Ele fechou os olhinhos e seu choro ficou mais forte. — Vamos para casa filho, será novamente apenas eu e você.

Me despedi da família de Melissa e segui com meus seguranças novamente para casa. Arthur estava agitado e se recusava a se acalmar, seu choro não teve trégua, o que me deixou ainda mais aflito, ele estava sentindo que ela não ia voltar, ele entendeu que aquilo foi uma despedida e que nunca iria vê-la novamente assim como todos nós, ela se foi.



Arthur não havia se acalmado e eu estava começando a ficar preocupado, seu rosto estava vermelho e vê-lo assim apenas me machucava.

— Chega, vou levá-lo ao hospital pediátrico. — Disse, tentando pegá-lo dos braços da minha mãe.

— Não! Ele está colocando para fora o que todos nós estamos segurando. Ela é valiosa para todos, não seria diferente com ele. — Ela tirou do bolso um papel dobrado e me entregou. — Ela pediu que entregasse para você. — Ela pegou a bolsa do meu filho e sumiu da minha visão depois que subiu as escadas.

Olhei o pequeno papel dobrado em minhas mãos e o desdobrei.

LISTA DA FELICIDADE.

Não se esqueça de viver e de sorrir!

1) *Ame Arthur com todas as suas forças. ✓*

(Cloe Brown)

2) *Aproveite sua família. ✓*

(Noemi Grohl)

3) *Cavalgar com Zeus. ✓*

(Luís Brown)

4) *Reencontre seus amigos. ✓*

(Noemi Grohl)

5) *Aposte com o seu irmão! ✓*

(Theo Grohl)

6) *Jogue basquete. ✓*

(Mart Grohl)

7) *Desapegue do seu passado, limpe o quarto de ensaios. ✓*

(Cloe Brown)

8) *Entre na última porta no final do corredor.*

(Bruna Watts)

Eles fizeram uma lista para mim? Tudo foi planejado. Cavalgar com Zeus, o jogo com Logan e Peter e o quarto de ensaios. Eles fizeram isso por mim.

Por quê?

A resposta era óbvia! Pela minha felicidade. E eles conseguiram!



Minhas pernas estavam pesando trinta quilos e a porta parecia estar a quilômetros de distância. Estava lutando comigo mesmo para adiar o momento. Minha mãe estava certa precisava fechar uma porta para abrir outra, nunca conseguiria seguir em frente sendo que estava preso ao meu passando.

A porta branca finalmente estava próxima, a maçaneta dourada estava gelada e, por um tempo, pensei em correr e simplesmente esquecer que ainda existia aquela porta.

Respirei fundo pela segunda vez e, finalmente, girei a maçaneta, empurrando a porta lentamente. Vi que aos poucos os móveis e as pequenas decorações iam aparecendo. Quando a porta bateu contra a parede, me obrigando a dar o primeiro passo, respirei fundo novamente e fechei os olhos brevemente.

Todos os móveis estavam com uma fina camada de poeira, a penteadeira branca com suas joias e maquiagem, seu *closet*, suas roupas, sapatos e a cama bagunçada durante a noite

depois que sua bolsa havia estourado.

Tudo a lembrava, ela estava presente em cada maldito móvel. Sentei no lado dela da cama e passei a mão em seu travesseiro, apaguei o abajur fazendo o livro que ela sempre lia cair da sua cômoda. O peguei com cuidado e vi um pedaço de papel saindo dentre as páginas do livro. O abri e vi que se travava de uma carta e o meu nome estava se destacando.

Para: *Nathan Walker Brown, meu esposo amado.*

Coloquei o livro sobre a cama e abri o envelope que exalava seu perfume, algumas letras estava manchadas, o que significa que ela havia chorando ao escrever.

Meu querido amor,

Se você encontrou essa carta é por que provavelmente não sobrevivi ao nascimento do nosso filho. Espero que meu sacrifício tenha válido a pena e que ele esteja saudável e forte. Espero que me perdoe, meu amor, mas tinha que tentar, tinha que trazê-lo ao mundo. Já vivi muitas coisas boas e a maioria foi ao seu lado.

Antes de lhe dizer adeus, gostaria de te

agradecer. Sete anos ao seu lado! E foram os melhores anos da minha vida. Você e a dança têm um lugar em meu peito e é impossível de retirá-los de lá. Os obstáculos no nosso caminho foram apenas para edificar nossa maravilhosa história de amor.

E o nosso amor sempre foi forte, meu amor, e foi graças a esse amor que nosso filho cresceu e se desenvolveu dentro de mim e será sobre esse amor que ele ouvirá histórias.

Obrigada por tudo, meu amor!

Não chore, não se afaste de todos, não se culpe, não o culpe... A decisão foi minha, apenas minha. Ele é um ser inocente que merece todo amor e carinho que eu não poderei dar.

Tudo valeu a pena! Cada segundo desde que tomei a minha decisão, depois dos exames. Valeu a pena senti-lo se mexer ao seu toque, saber que ele ouvia minha voz e se acalmava, valeu a pena as apresentações perdidas e os ensaios desmarcados, os enjoos, os desejos durante as madrugadas, as noites mal dormidas e, principalmente, valeu a pena ter escolhido você em vez de uma carreira infeliz na Rússia.

Eu escolheria você, mil vezes mais.

Nathan, não estou pedindo que me esqueça,

pois sei que não vai, mas quero que siga a sua vida, seja feliz, não se afaste do amor... Ame novamente. Se você se apaixonar, se entregue! Não sofra pela minha morte, não tranque seu coração. Se entregue, seja feliz, faça outra pessoa feliz, assim como eu fui feliz com você.

O meu final é apenas um recomeço, um novo começo para você, meu amor, então... Viva, Nathan!

Valeu a pena, meu amor. Cada risada, cada passeio, cada troca de carrinho, cada “eu te amo” e cada momento vivido.

Estou dando adeus, adeus aos palcos, adeus as sapatilhas, adeus ao meu filho que amo muito e adeus ao único homem que me provou que o amor verdadeiro existe.

Adeus, meu amor!

Eu te amo!

Sua hortênsia!

17/01/ 2014

Ela sabia que não ia sobreviver e mesmo assim se sacrificou pelo Arthur.

Ela se despediu, me mostrando de todas as

maneiras que estava preparada para ir e ela se foi lindamente. Sua morte deu início a outra vida e isso deixaria a minha hortênsia como uma maravilhosa e belíssima mulher em espírito.

Todos me ajudaram de algum modo nessa minha dor. Mesmo que a ferida ainda estivesse aberta, ela necessitava de cuidados e estava disposto a fechá-la e deixar que ela se tornasse apenas uma cicatriz para que a minha vida pudesse seguir em frente. Estava pronto para dizer adeus, assim como Jessica esteve.

Apertei a carta no meu peito, escorreguei da cama até o chão ajoelhado e chorei como se as lágrimas pudessem levar toda a dor do meu peito. Precisava chorar, precisava colocar para fora toda a dor que carreguei dentro de mim por tanto tempo.

Depois de um tempo no chão frio do nosso quarto, senti as mãos quentes da minha mãe. Mesmo que não a tivesse visto entrar, sabia que era ela.

— Venha, meu filho. — Disse ela, me puxando pelo braço.

— Ela não vai voltar. — Falei, tentando aceitar o que dizia.

— Não. — Disse ela.

Levantei com sua ajuda e logo recebi seu

abraço apertado, a envolvi nos meus braços e tentei ser forte novamente, pela minha família.

— Vamos sair daqui. Arthur está mais calmo, mas precisa de você. — Disse ela, secando suas lágrimas.

— Vá na frente, preciso fazer algo antes.

— Você está bem? — Perguntou ela.

— Vou ficar. — Disse.

Quando minha mãe deixou o quarto, me aproximei da penteadeira de Jessica e peguei a sua foto.

— Obrigado por tudo, hortênsia! Você estará presente e viva no meu coração para sempre, mas está na hora de fechar essa porta e seguir em frente. — Coloquei a foto novamente no lugar, respirei fundo e disse: — Adeus!

Afastei-me aos poucos e olhei cada canto do quarto antes de fechar a porta e olhar o longo corredor novamente, peguei o pequeno papel que a minha mãe havia me entregado e com uma caneta marquei:

8) *Entre na última porta no final do corredor. ✓*

O dobrei novamente, enxuguei minhas lágrimas

e agradei mentalmente pela atitude da minha pequena.

Uma nova jornada começaria e eu estava pronto para abrir a próxima porta da minha vida.



Dois Anos Depois.

Dias Atuais.

O tempo é capaz de curar tudo?

No fundo alguma coisa me diz que tudo dará certo!

Capítulo 34

Bruna Watts

Dois anos haviam se passando, algumas coisas mudaram.

Eu mudei.

Os primeiros meses foram os piores, a saudade de casa era imensa, mas nunca fui de desistir fácil, não começaria naquele momento.

Fui atrás do meu objetivo. E consegui!

A clínica ocupava nos primeiros lugares em desenvolvimento sobre a doença e várias descobertas foram feitas.

Logo que cheguei, iniciei a faculdade de medicina, o que me fazia ter que intercalar estudo com trabalho. Nada difícil para uma menina que tem o QI avançado como o meu e já formada em um curso de técnica de enfermagem. O difícil eram os meus turnos na clínica e os trabalhos da faculdade.

Os pacientes da clínica me animavam o suficiente e me faziam sentir acolhida. Dallas era

um lugar incrível e, depois de alguns meses, me acostumei facilmente.

Mantive contato com Mel sempre e, ano passado, ela veio me visitar nas férias da faculdade, me fazendo assistir a milhares de filmes terror. Quando ela foi embora, minha saudade apenas aumentou.

Recuperei a casa dos meus pais e tia Anne tem cuidado dela durante esse tempo.

Conseguia falar com Theo sempre que possível, ele realmente se tornou um irmão na minha vida e ele fazia questão de saber de tudo. Através dele, eu sabia como estavam as coisas na fazenda. Descobri que Arthur ficou doente depois que fui embora e me senti muito culpada pelo meu pequenino ter ficado mal por minha causa, mas já deveria esperar essa reação dele. Depois de alguns dias, a rotina voltou ao normal e Arthur melhorou.

Lorena infelizmente foi assassinada em uma rebelião no presídio em que estava presa, alguns meses atrás. E a clínica ficou para sua mãe, Elizabeth, que estava reformando as instalações e me fez a proposta de ser sócia no negócio.

Então, depois de dois anos, estava novamente de malas prontas. Pedi transferência da faculdade e levarei mais cinco profissionais para a clínica.

Dois médicos, uma enfermeira e duas fisioterapeutas.

Estava voltando para casa!



Terminei de verificar a temperatura do senhor Monterrey e entreguei seus remédios.

— Então, você está indo embora? —
Perguntou, pela segunda vez.

Lhe lancei um sorriso e o respondi
pacientemente.

— Sim, Sr. Monterrey, amanhã voltarei
para *New York*.

— Não deveria estar arrumando a sua mala ou
descansando em vez de cuidando de um bando de
velhos solitários?

— Vocês não são velhos solitários, amo o meu
trabalho e minhas malas já estão prontas. Além do
mais, eu não iria embora sem me despedir do
senhor.

— Bobagem, sou apenas um velho.

— Deixe de histórias, acha que eu não sei o

que está rolando entre o senhor e a senhora do quarto ao lado? Qual é o nome dela mesmo? Telma?

— Thereza. — Me corrigiu.

— Excelente memória, Sr. Monterrey!

— Não estaria aqui se tivesse uma boa memória.

Fiquei quieta enquanto ele mexia na sua gelatina. Ele me lembrava o meu pai, o sorriso dele era algo revigorante e infelizmente ele estava no início da *Alzheimer*. Ele olhou para mim e me lançou um sorriso sincero.

— Então, você está indo embora? — Perguntou novamente, me fazendo sorrir.



— Parabéns! — Gritou Gabby, pulando na minha frente.

— Pelo o quê?

— Não se faça de desentendida, Bruna. Fiquei sabendo do pedido que o Laird fez ontem.

Gabby havia se tornado uma grande amiga

depois que me mudei para Dallas. Sempre pegávamos o mesmo turno, o que me fez escolhê-la para ir comigo até New York, como enfermeira da minha clínica.

E Laird? Bom. no momento, ele era o meu namorado.

— Ah, isso?! — Falei.

— Isso? Me fala como foi? Rosas, vinho, chocolate, música romântica e uma louca noite de amor?

— O quê? — Perguntei, olhando-a com surpresa — Não. Sim e não... Não tivemos uma noite de amor. Temos menos de vinte e quatro horas de namoro e já está querendo que eu durma com ele?

— Você não será para sempre virgem, Bruna, e ele parece ser o homem perfeito.

— Quem teria que escolher isso não seria eu? E, sinceramente, não vejo problemas em ser... — Me aproximei dela e sussurrei: — Você sabe.

— Virgem?

— Isso.

— Não tem nada demais em ser virgem, o problema é ser virgem aos vinte e dois anos.

— Sério que isso é um problema? —

Perguntei, olhando-a.

— Não se quiser ser uma freira.

— Isso é ridículo! Vamos mudar de assunto.

— Sim, vamos falar sobre o pedido. — Disse animada.

— Foi... fofinho. — Disse me servindo de uma xícara de café.

— Você é muito sem graça, quero detalhes.

— Bom... — Tomei um gole do meu café quente. — Ele me levou para jantar entre rosas, música romântica, vinho e morangos. Ele me levou ao cinema onde ele passou no telão algumas fotos e fez o pedido.

— Oh, que lindo! Você fисgou o médico gato da clínica.

— É... Acho que sou uma menina de sorte.

— Sim, você é. E o que você faz? Nada. Cadê a animação?

— Não vejo motivo para estar animada.

— Eu veria se estivesse no seu lugar, qualquer uma ficaria.

— Só estou pensando, ok? Quando chegarmos a New York, vou comemorar... Depois da festa beneficente da clínica.

— Ok! Não vejo a hora de estar na grande New

York. Oh, meu Deus! Vamos morar juntas.

— Posso me arrepender disso.

— Tarde demais. — Ela beijou a minha bochecha e saiu correndo quando Laird entrou com um sorriso.

— Tem alguém mais animada que você para a viagem. — Disse ele, sorrindo.

— Sim, ela está animada e você?

— Claro! Pacientes novos, cidade nova e, o melhor de tudo, você. — Disse ele, se aproximando, me puxando pela cintura e me dando um beijo rápido. — Não vejo a hora de estar lá.

— Eu também.



Verifiquei novamente o meu cinto e se tudo estava certo.

— Está tudo bem? — Perguntou Laird, mas não o respondi, continuei minha verificação e o ignorei. — Bruna, você já viajou de avião?

Bufei e falei:

— Claro, vim de avião até aqui.

— E depois disso?

— Não. — Falei já estressada.

— Calma, meu bem, o voo não é longo.

— Estou apenas nervosa.

— Calma, vamos voltar para sua cidade Natal, deveria estar animada, não nervosa.

— Vou ficar animada quando sair desse avião.

Ele sorriu, deu um beijo em minha bochecha e arrumou seu próprio cinto.

As borboletas no meu estômago estavam me deixando louca, não sentia essa sensação há anos e, sinceramente, não sentia que fosse por Laird e sim por estar voltando para New York. Tinha a sensação de que muitas coisas aconteceriam.

Capítulo 35

Nathan Brown

Não direi que foram fáceis os primeiros dias, me esforcei para a mudar de vida e seguir em frente, mas foi difícil.

Aos poucos o quarto de ensaio de Jessica foi transformado no quarto de brinquedos do Arthur e o meu quarto foi totalmente reformado.

A lista da felicidade foi emoldurada e teve mais alguns itens adicionados para minha felicidade estar completa.

O desenvolvimento do meu filho teve minha total atenção. Ele cresceu rápido e tive que me acostumar aos poucos com o fato de que ele estava crescendo. Depois do primeiro passo e a primeira palavra, ninguém o segurou mais, tivemos que colocar proteções nas escadas e nas quinas das mesas.

Arthur tinha completado dois anos e cinco meses. Os anos passaram rápidos demais, ele cresceu, se tornando uma criança amada e

esperta. Como imaginei, Jessica estava presente no seu sorriso e meu filho adorava ouvir histórias sobre a mãe.

Charlotte estava sempre presente, o que me fazia sair de perto quando ela estava na minha casa, mas meu filho amava a sua avó e a inocência dele me encantava.

A empresa e o escritório estavam em segundo lugar no pódio da minha vida, a minha família sempre viria em primeiro lugar.



Terminei de fazer o nó da gravata quando escutei a porta sendo empurrada lentamente e o motivo do meu sorriso apareceu, andando sonolento com o pijama do lanterna verde, esfregando os olhos onde seu cabelo o incomodava. Ele precisava de um corte.

— Filhão, você devia estar dormindo.

— *Quelo dormir qui, papai.* — Disse, sonolento.

Me aproximei dele e o beijei na bochecha, o peguei no colo e ele afundou o rosto no meu

pescoço e suas perninhas na minha cintura. O coloquei na cama e deitei ao seu lado.

— Papai não pode ficar aqui, tenho que trabalhar.

— *Não! Papai blincar de gol.*

— Prometo chegar mais cedo para jogar bola com você.

— *Gol papai.*

— Sim, meu amor, gol. — Beijeí sua testa e o cobri.

Não demorou muito e meu filho já estava dormindo, coloquei alguns travesseiros ao seu redor e saí do quarto em silêncio.

Cheguei à sala de jantar, beijei o rosto de Noemi que servia café para minha mãe e sentei a mesa.

— Bom dia, Nathan! — Disse ela.

— Bom dia, Noemi! Luís ainda está no quarto?

— Ele não dormiu em casa. — Respondeu, sem cerimônia.

— Ele nunca crescerá assim... Ele pensa que a vida é apenas festa?

— Ele é jovem. — Minha mãe tentou defendê-lo.

— Na idade dele, eu já estava muito bem

desenvolvimento na vida e casado.

— Ele não é você, Nathan.

— Infelizmente. — Disse tomando um gole do meu café e depois abrindo o jornal.

— Irá à inauguração da clínica da Sra. Rauser? Ela lhe mandou o convite, para o evento e para a festa beneficente, há meses.

— Não estou com vontade de responder milhares de perguntas dos jornalistas.

— Será uma cerimônia fechada e você poderá levar o Arthur.

— Não acho que Arthur gostará de ir em uma festa feita em uma clínica.

— Arthur gostará de qualquer lugar fora da fazenda, você poderá levá-lo até em um museu que ele irá adorar.

— Não posso arriscar a vida dele.

— Leve quantos seguranças forem necessários, mas o leve e creio que irá gostar da festa.

— E o que a faz pensar assim? — Perguntei, olhando minha mãe com atenção.

— Tenho minhas fontes. A inauguração é amanhã.

— Estarei presente somente em um dos

eventos deles, para o jantar beneficente mandarei um representante.

— Não pensará assim por muito tempo. — Disse ela, sorrindo.

— Sabe de algo que eu não sei?

— Não. — Ela se levantou, colocou o guardanapo sobre a mesa e beijou minha testa. — Tenha um ótimo dia, filho.

Quando ela sumiu do meu campo de visão, vi Noemi sorrindo e soube que elas estavam escondendo algo e não adiantaria perguntar.

Terminei meu café da manhã, arrumei novamente minha roupa e quando estava saindo avistei Alysson lendo um livro.

Achar outra babá para assumir o lugar da Bruna foi quase impossível. Durante meses, nenhuma foi contratada e continuaria assim se não fosse a insistência das pessoas ao meu redor. Alysson estava como babá do meu filho desde então, ela é uma excelente profissional, tirando a parte de que ela não é quem eu gostaria que fosse.

Ela olhou-me e me lançou um sorriso.

— Deseja algo, senhor?

— Não. Arthur está dormindo no meu quarto, quando ele acordar, me avise, não demorarei na empresa hoje.

— Sim senhor.



Arthur corria pelo jardim com a bola nos braços e sua risada era contagiante. Ele parou um pouco longe, colocou a bola no chão, deu dois passos para trás e chutou a bola, automaticamente gritando gol, me fazendo gargalhar. Chutei a bola devagar e assim que a bola chegou próximo de si, ele a parou com as mãos. pegou novamente a bola e se distanciou, fazendo tudo novamente.

— Ele não parece jogar limpo. — Disse meu irmão, se aproximando.

— *Tio Luís.* — Arthur falou, correndo até o tio e o abraçou forte.

— Ei, garotão, está jogando com o papai?

Arthur concordou com a cabeça.

— *Vem blicar, tio.*

— Vou sim... Advinha o que a vovó Noemi está fazendo? — Ele fez uma pausa, olhando o sobrinho com atenção e continuou: — Biscoitos com gotas de chocolate.

— *Chocolate!* — Exclamou meu filho, animado.

— Aposto que se pedir com carinho ela lhe entrega uns antes do jantar.

Arthur desceu do colo do tio e correu para a casa, peguei a bola e segui logo atrás do meu filho, sendo seguido pelo meu irmão.

— Deveria estar na empresa. — Disse a ele.

— Estou de férias. — Respondeu.

— Desde quando?

— Desde hoje.

— O que está acontecendo com você, meu irmão? Você está dormindo fora de casa com frequência, anda sempre preocupado, sem falar no seu desempenho na faculdade.

— Estou resolvendo umas coisas, ok?

— Me fala o que é. — Falei parando e o fazendo parar também.

— Não precisa se preocupar.

— Tem algo a ver com sua coleção de relógios ter sumido?

— Como...

— Sou informado sobre tudo que saí ou entra na minha casa. Suas apostas estão indo longe demais.

— Foda-se! Posso comprar quantos relógios

quiser, aquilo não era nada.

— Isso pode se tornar viciante, Lu...

— Não sou viciado em jogo, ok? Se preocupe com a sua vida que da minha, cuido eu. — Disse, se afastando.

Há algum tempo que ele vinha abrindo mão de algumas coisas e isso me assustava. Não contei para minha mãe sobre suas apostas, o que me fazia pensar que ela já deveria estar sabendo o que o filho estava passando.

Luís precisava de ajuda.



— Tem certeza de que não quer que eu vá com vocês? — Perguntou Alysson, me encarando próximo da porta da sala. — Talvez você precise de ajuda.

— Tenho certeza, Alysson. Preciso de um tempo pai e filho com Arthur.

— Sim, senhor. — Disse ela.

— Onde ele está?

— A sua mãe está terminando de arrumá-lo.

Mandei uma mensagem ao chefe da minha segurança e logo que recebi a resposta guardei o celular no bolso, depois de ouvir a voz do meu filho se aproximando. Ele estava usando uma camisa branca por dentro de uma calça azul escura e os suspensórios o deixou lindo, seu cabelo estava um pouco ondulado e seus olhos azuis se destacavam.

— Pronto? — Perguntei.

— *Sim!* — Disse meu filho, animado.

— Então, vamos.

Ele beijou a avó e Alysso e logo correu na minha direção, o segurei pela mão e saímos de casa.

O coloquei na cadeira enquanto ele balançava as perninhas freneticamente e cantava a música do *Meu amigão*, fechei a porta, dei a volta no carro e entrei no mesmo e olhei para trás para ter certeza que meu filho estava seguro.

Estávamos quase uma hora atrasados para a inauguração da clínica. Me atrasei propositalmente. Não que estivesse fugindo, sempre gostei das festas beneficentes, o único problema era que rever Elizabeth Rauser me traria lembranças da Bruna e me faria lembrar o quão estúpido fui ao deixá-la partir.

Respirei fundo, coloquei o meu cinto de

segurança, apertei forte o volante e logo fiz sinal de luz para o carro de segurança à minha frente.



Minha mãe tinha razão, a festa era fechada e, entrar sem ser visto pelos poucos fotógrafos, foi fácil.

Arthur estava animado, a recepção estava excelente e poucos convidados estavam no local. Depois que cumprimentei alguns convidados, Elizabeth se aproximou sorridente.

— Sr. Brown, é um prazer revê-lo. — Elizabeth me cumprimentou.

— É um prazer revê-la também, Sra. Rauser. Sinto muito pela sua perda.

— Não sinta. Lorennna teve o fim que procurou. Ela não era mais a garotinha que criei há muito tempo.

— A festa está deslumbrante. — Disse, mudando de assunto.

— Sim, aproveite. Gostaria de lhe apresentar a minha sócia, ela está no jardim com os demais

convidados.

— Creio que logo seremos apresentados.

— Não tenho dúvidas. Se não se importar, cumprimentarei mais alguns convidados.

— Fique à vontade.

Ela acenou timidamente com a cabeça e logo se afastou. Olhei ao redor, todos os convidados conversando alegremente, garçons atravessando o saguão e crianças correndo.

Crianças correndo?

Arthur!

Olhei ao redor a sua procura e ele não estava por perto, procurei em cada canto da clínica juntamente com os meus seguranças e não o encontramos, já estava começando a ficar desesperado. Foram cerca de cinco minutos, os mais longos da minha vida, mas felizmente ouvi a sua voz assim que entrei no jardim, caminhei até o local de onde a sua voz vinha e o vi sorrindo para uma moça que estava ajoelhada na grama, de costas para mim.

— *É* *Atu*, *tia*. — Disse ele, para a desconhecida.

— Arthur? — O chamei firmemente, ele olhou para mim e sorriu lindamente, me fazendo esquecer a raiva que estava sentindo.

— *Papai!* — Ele correu em minha direção e o peguei no colo, abraçando-o forte, tentando acalmar meu coração que estava acelerado por ter pensado que ele havia sumido.

— Nunca mais saia de perto de mim, está ouvindo? Nunca mais!

— *Discupa papai, eu fiz dodói e a tia me deu um beijinho para salá.*

Só depois que ele disse isso foi que eu reparei o pequeno ralado em seu queixo e seus olhos levemente vermelhos. Encarei novamente a moça ajoelhada à minha frente e, apenas naquele momento, reparei no vestido amarelo longo com um decote generoso nas costas, parcialmente coberto pelos cabelos loiros que estavam soltos.

— Obrigado por cuidar do meu filho.

Ela ficou na mesma posição por alguns segundos e logo se levantou, passou a mão em seu vestido e finalmente se virou, me dando a visão do seu rosto.

No momento em que encontrei aqueles olhos verdes e seu sorriso, senti o ar sumir e o tempo parar brevemente.

Como senti saudades daquele sorriso.

— Bru...Bruna?!

Capítulo 36

Bruna Watts

Quando finalmente pisei em solo firme, um sorriso apareceu instantaneamente.

Finalmente estava em casa!

Segui até o portão de desembarque de mão dadas com Laird que olhava cada canto do aeroporto. Assim que vi a família da Mel com uma plaquinha de boas-vindas, soltei a mão de Laird e corri para abraçá-los. Eles me envolveram em um abraço em grupo e percebi o quanto estava com saudades deles. Logo que me afastei do abraço apertado, tio Alberto segurou meu rosto com as duas mãos e olhou cada canto do meu corpo.

— Não mudou nada, minha menina. — Alberto disse.

— Obrigada por dizer que ainda estou pequena. tio.

— Bobagem dele, menina. Você está magnífica, tornou-se uma linda mulher. — Disse tia Anne, me abraçando.

Nos afastamos quando alguém coçou a garganta e olhamos na direção dos meus novos funcionários.

— Pessoal, quero apresentar meus amigos e novos funcionários da clínica. — Disse, me aproximando do grupo a minha frente. — Esses são Kazan e Aaron, fisioterapeutas; Gabby, enfermeira; Dany e Laird são os médicos.

— E não esqueça, além de médico, Laird é seu namorado. — Disse Gabby, me lançando um sorriso.

Obrigada por me lembrar, Gabby.

— O quê? — Meus tios disseram, em uníssono.

— Desculpe, esqueci de falar, Laird é meu na...morado

Eles ficaram me olhando por um tempo e senti o clima ficar um pouco pesado. Tio Alberto cruzou os braços e encarou Laird como se fosse arrancar a cabeça dele a qualquer momento.

— É um prazer conhecê-los. — Disse Melissa, quebrando o silêncio.

— Vamos pegar as malas, estou louca para chegar à casa. — Disse Gabby, saindo de perto.



Não contive as lágrimas ao atravessar a porta da minha casa, tudo estava exatamente igual, até a cadeira de balanço estava em seu velho lugar. Tia Anne fez um excelente trabalho no jardim e a casa estava perfeitamente limpa e arrumada.

Gabby ficou com o meu antigo quarto enquanto eu me organizava no quarto do meu pai com a ajuda da Melissa. Os meninos levaram as malas para seu novo apartamento e prometeram voltar assim que terminassem.

— Então, está namorado? — Perguntou Mel, enquanto dobrava as minhas blusas.

— É...estou. — Respondi.

— Gosta dele?

Parei de arrumar meus vestidos e a encarei.

— Claro!

— Hum. — Murmurou ela.

— O que quer dizer com esse “hum”?

— Nada.

— Fale de uma vez o que quer perguntar, Mel. Eu te conheço.

— Está feliz?

— Essa era a pergunta? — Bufeí e a respondi:

— Estou.

— O que te fez aceitar o pedido dele?

— Como assim?

— Ah, sabe, o que te fez você gostar dele.

— Ele é... O jeito gentil dele... Ele me faz rir, é muito bondoso, é carinho e ele é gentil.

— Você falou gentil duas vezes.

— Ele é muito gentil.

— Isso é tudo que fez você aceitar o pedido?

— Precisa de mais?

— De tudo isso, você esqueceu o principal para se firmar um relacionamento minha, irmã.

— O quê?

— O amor, Bruna. Você não o ama.

A encarei por um tempo e, sinceramente, sabia que ela estava certa. Eu odiava quando ela tinha razão.

— O amor vem com o tempo. — Disse, tentando acreditar nas minhas palavras.

— Você está se ouvindo? Isso é ridículo, Bruna! O amor não é uma brincadeira para jogar o quanto quiser e depois desistir.

— Quem disse que quero desistir?

— Então, irá brincar com os sentimentos do

Laird?

— Não estou brincan...

— Está sim! Ele gosta de você e você está com ele apenas para esquecer o Nathan.

— O quê? — Gritei — Claro que... não.

— Olha, Bruna, você pode enganar a mim, meu pai, minha mãe, a Gabby, os seus funcionários, o Laird... E até mesmo o Nathan. Mas nunca conseguirá enganar a você mesma. — Ela se levantou, se aproximou e deu um beijo na minha bochecha. — Você merece ser feliz.

— Eu vou ser.

— Vai, sim! Mas sua felicidade não está no Laird e você sabe exatamente onde ela está. — Ela saiu do quarto sem dizer mais nenhuma palavra.

Nenhuma palavra precisava ser dita, ela estava novamente certa.

— ¥—

Estava nervosa, a inauguração da clínica finalmente havia chegado e depois de alguns dias, organizando e verificando cada ala da clínica, tudo estava maravilhoso.

Não se parecia em nada com o lugar

repugnante em que meu pai passou terríveis dias. O antigo VR foi transformado em um grande salão de festa, todos os quartos eram arejados e iluminados e os consultórios médicos foram devidamente equipados e estavam prontos para serem usados.

O vestido amarelo estava divino no meu corpo, o decote quadrado com pequenas pedrarias o deixava lindo e, embora a abertura das costas me fizesse sentir desconfortável, segundo Melissa, eu precisava estar apresentável diante dos meus convidados, por isso ignorei as minhas costas nuas e tentei controlar minha ansiedade.

— Nossa! — Exclamou Laird quando entrei na sala — Você está linda!

Laird era um homem atraente, não podia negar, sua pele morena e seu cabelo negro, típico de qualquer indiano, chamaria atenção de qualquer mulher. Ele estava devidamente vestido em um terno de três peças e sua colônia podia ser sentida mesmo estando longe um do outro.

— Obrigada, você também está muito bonito.

— Sou um homem de sorte em tê-la apenas para mim. — Disse ele, se aproximando, colocando suas mãos na minha cintura e me aproximando dele. — Está preparada?

— Estou, todos estão animados, é um dia importante.

— Sim, um dia muito importante... Vamos, então? Todos já estão por lá e creio que a anfitriã da festa também deveria estar presente receber os convidados.

— Sim, vamos. — Disse, me afastando dos seus braços e pegando minha bolsa no sofá.



Cumprimentei todos os convidados ao lado de Laird e Elizabeth, a festa estava maravilhosa e todos os convidados estavam à vontade, assim como eu esperava. Depois de quase uma hora sorrindo e conversando sobre os projetos da clínica, me afastei de todos e entrei no jardim.

Pequenas lâmpadas estavam espalhadas e uma grande mesa de doces chamava a atenção das crianças.

Estava olhando cada pessoa da festa, mantendo-me um pouco afastada.

— Quer alguma bebida? — Olhei na direção do

meu namorado e o vi com um sorriso singelo.

— Sim, gostaria de um suco.

— Já volto, meu bem. — Disse ele, me beijando rapidamente e se afastando.

Fiquei olhando por um momento até que ele sumiu entre as pessoas e um choro me chamou atenção. Olhei para o lado e, próximo a mesa de doces, um garotinho estava no chão, chorando. Me aproximei, o ajudei a se levantar e vi um pequeno arranhado em seu queixo, suas bochechas estavam rosados e seus olhos levemente vermelhos.

— Você está bem?

Ele não me respondeu. O levei até o outro canto do jardim e me ajoelhei.

— Ei, pequeno, não precisa chorar. — Disse, secando as suas lágrimas. — Está doendo? — Ele fungou e concordou. — Aposto que se eu der um beijinho, vai sarar! Posso? — Ele me deu um sorrisinho que encarei como permissão, então beijei sua bochecha. — Sarou?

Ele sorriu e finalmente falou:

— *Sim.*

— E como é seu nome, criança?

— *Sou homi.*

Respondeu me fazendo gargalhar.

— Me desculpe, então qual é o nome desse homem forte e lindo?

— *É atu, tia.*

— Arthur? — Alguém o chamou com firmeza, fazendo o pequeno sorrir.

Conhecia aquela voz!

— *Papai!* — O pequeno correu, me deixando para trás.

— Nunca mais saia de perto de mim, está ouvindo? Nunca mais!

No momento em que novamente a sua voz, senti meu corpo ficar tenso e as borboletas no meu estômago ressurgiram fortemente.

Estava tão próxima do Arthur... Oh, meu Deus, como ele tinha crescido!.

— *Discupa papai, eu fiz dodói e a tia me deu um beijinho para salá.*

— Obrigado por cuidar do meu filho.

Não sabia o que fazer, não sabia se estava preparada para vê-lo, minhas pernas parecem gelatinas e eu não sabia se tinha forças para me levantar.

Me levantei devagar, depois de alguns segundos com os pensamentos voando em minha

mente. Limpei meu vestido com o propósito de atrasar o momento e me virei, automaticamente sorrindo.

Ele não havia mudado muito, seus olhos azuis ainda me encantavam, seu rosto, os lábios e até mesmo sua barba malfeita me chamava ainda mais atenção. Senti tanta saudade dele.

— Bru...Bruna!

Coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e senti minhas bochechas esquentaram levemente.

— Oi... Oi, Nathan. — Gaguejei.

— Você...

— Vejo que já conheceu minha sócia. — Disse Elizabeth, o interrompendo. — Nathan, Bruna me ajudará no desenvolvimento da clínica.

— É mesmo? — Disse ele, sem desviar o seu olhar do meu.

— Ah sim, ela tornará uma excelente médica, assim como o namorado dela.

— Na...namorado? — Perguntou ele, desviando o olhar do meu e olhando Elizabeth com atenção.

— Sim, Laird é um médico indiano especialista em ervas medicinais. Ele é um gênio e será muito

útil na clínica, não é mesmo, Bruna?

— Sim, ele será. — Disse, tentando não reparar no olhar de decepção no rosto do Nathan.

— Meu bem, você sumiu. — Disse Laird, se aproximando e me entregando uma taça com suco.

— Do que falavam?

— Sobre você. — Respondeu Elizabeth

— Espero que apenas coisas boas.

— Não tem como falar mal de você. —

Respondeu ela, com um sorriso

Enquanto eles conversavam, senti o olhar de Nathan sobre mim e, por um momento, me senti desconfortável. Laird colocou a mão na minha cintura e me aproximou dele, me fazendo olhar para Nathan, que estava com a testa franzida. Eu podia jurar que, a qualquer momento, ele poderia arrancar Laird do meu lado e matá-lo.

— Não é mesmo, meu bem? — Perguntou meu namorado.

— Como? Me desculpe, estava distraída.

— Oras, meu amor, estava dizendo que o jantar beneficente será um sucesso, não acha?

— Ah, sim! Claro.

— Virá a festa beneficente, Sr. Brown? — Perguntou Elizabeth.

— Claro, não perderia isso por nada. — Disse ele, me olhando.

— Será um prazer vê-lo no jantar beneficente. — Disse minha sócia, com um sorriso.

— O prazer será meu. — Arthur bocejou no colo do pai, fazendo Nathan desviar o olhar de mim para o filho. — Bom, acho que já passou da hora de colocar esse rapazinho na cama.

Ele agradeceu a Elizabeth, cumprimentou Laird formalmente e se aproximou de mim, me fazendo inalar seu maravilhoso cheiro, que eu ainda era tão viciada. Arthur automaticamente se jogou nos meus braços, me fazendo soltar um grito de surpresa e beijar sua testa.

— Boa noite, pequeno.— Disse.

— *Noite, tia.*

Nathan se aproximou ainda mais, beijou minha bochecha e sussurrou:

— Foi muito bom te ver novamente e, agora que está aqui, nada lhe fará sair da minha vida. — Ele pegou o filho e se afastou, levantando com ele toda a minha sanidade.

Capítulo 37

Nathan Brown

Deveria aceitar que ela seguiu em frente. Aceitar que ela talvez estivesse feliz com o namorado, mas algo me dizia que ela sentiu o mesmo que eu senti ao vê-la. Algo dentro de mim acendeu e eu necessitava daquele calor.

Nunca fiz uma promessa que não estivesse disposto a cumprir e não começaria naquele momento. Ela estava predestinada a ser minha.

Não importava com quem ela estivesse, nossos caminhos estavam entrelaçados e eu faria de tudo para tê-la novamente em meus braços.

E não seria a droga de um médico que iria tirá-la de mim.

Meu sangue ainda estava gelado e conter a minha raiva era difícil. Arthur foi o único motivo de não ter quadrado o braço daquele indiano de merda apenas por ter tocado no que era meu.

Sim, ela era malditamente minha, sempre foi.



Depois que cheguei a casa, dei um banho em Arthur e o vesti com o seu pijama. Ele fez perguntas sobre a Bruna e logo se lembrou do porta-retratos próximo a sua cama. Assim que ele a viu, novamente seu sorriso foi admirável. Conteí uma história e logo meu filho estava dormindo, liguei o abajur e saí do seu quarto devagar.

— Como foi a festa? — Perguntou minha mãe, com um sorriso no rosto.

Ah, como eu amava aquela mulher!

— Legal. — Disse, me afastando.

— Nenhuma novidade? Algo que gostaria de me dizer? — Perguntou, correndo atrás de mim. Senti vontade de rir da maneira desesperada dela.

— Não, nada.

— Nenhuma pessoa que tenha visto?

— Vi muitas pessoas.

— Me diga logo se você a viu. — Disse, parando e colocando as mãos na cintura.

— Desde quando você sabia que ela estava na cidade?

— Então, a viu?

— Sim, mãe, a vi, junto com o namorado dela.

— Espere, namorado? Melissa não me avisou de namorado nenhum.

— Então, está usando a minha secretaria para conseguir informações?

— Não fale como se eu fosse uma criminosa. Eu sou a mãe aqui. E que história é essa de namorado?

— Ela seguiu em frente.

— Isso não é possível... Como você está?

— Bem.

— Bem? Pensei que ela...

— Sim, mãe, ela é a pessoa certa.

— Você acabou de dizer que ela está namorando e você me diz que está bem?

— Quando duas pessoas nascem uma para a outra, não há muralhas fortes o suficiente para separá-los.

Ela me lançou um sorriso e me abraçou forte.

— Sabia que ela era a pessoa perfeita.

— Eu sei que ela *ainda* é a pessoa perfeita.

— O que vai fazer?

— Tudo, ela é minha.



No decorrer dos dias me mantive focado no escritório e na empresa, pois graças ao Luís estava sozinho nos negócios da família.

O jantar beneficente estava próximo e a vontade de vê-la me corroía por dentro. Só de imaginá-la nos braços de outro, sendo beijada, acariciada, sorrindo e dormindo com ele... Sentia meu sangue ferver de raiva. O sorriso tão valioso deveria ser meu, ela deveria ser apenas minha.

A culpa por a ter deixando ir vinha me atormentando ao longo dos anos e ainda tinha que aturar o indiano usufruindo do que, desde o início, deveria ter sido meu.

A passos lentos, eu a reconquistaria. Aprendi a ser paciente nos últimos dois anos, mas estava acostumado a ganhar sempre e naquele jogo, eu já podia ver o pódio de primeiro lugar.

— Presta atenção no jogo. — Disse meu irmão, batendo na minha nuca, me fazendo olhar meu filho correndo atrás da bola de futebol americano no parque da cidade.

— Estou prestando atenção.

— Não, não estava. Estava pensando na loirinha com o mestre dos magos das ervas, novamente.

— Esse apelido é ridículo.

— Quer que o chame de quê? Sortudo?

— Você é um imbecil.

— *Peguei, tio Luís.* — Disse meu filho,

— Parabéns, garotão! — Disse, bagunçando o cabelo do Arthur. Ele olhou em minha direção e sorriu. — Agora o tio vai jogar para o papai pegar, ok? — Disse, pegando a bola do meu filho. — Vamos ver se o papai sabe jogar.

Ele se preparou, ainda sorrindo e jogou a bola com força, corri olhando para cima e quando consegui pegar a bola, acabei batendo em alguém, nos fazendo cair juntos no chão.

— Me descul... Bruna?

— Oi, Na... Nathan! — Meu corpo estava sobre o dela e seus cabelos estavam bagunçados, mas podia ver o seu sorriso se formando.

Quando ia me levantar, senti um pequeno corpo caindo sobre os nossos.

— *Oi, tia.* — Disse Arthur, sorridente.

— Oi, pequeno. — Disse, beijando a testa do meu filho.

Me levantei e ela logo se sentou com o meu filho no colo, Luís pegou a bola no chão com o mesmo sorriso no rosto e percebi ele havia jogado a bola naquela direção de propósito.

Bastardo.

— Te machuquei? — Perguntei.

— Ah, não! Estou bem.

— Tem certeza? Podemos te levar ao hospital ou até o seu namorado... — Disse meu irmão, olhando para ela.

— Tenho certeza, Laird está na clínica, não precisarmos atrapalhá-lo... E eu marquei com a Melissa aqui, vamos tomar um sorvete aqui.

— *Sovete?* — Arthur perguntou, mexendo em uma mecha de cabelo da Bruna.

— Você gosta de sorvete? — Ele balançou a cabeça confirmando. — Qual você gosta?

— *Chocolate!*

— Hum... Eu gosto de baunilha.

— *Banila.* — *Repediu ele.*

— É baunilha, filho. — Corrigi.

— *Quelo sovete.*

— Vamos para a casa que a vó Noemi...

— *Quelo com a tia.* — Disse. abraçando a mesma.

— Se vocês quiserem, podemos ir juntos. — Disse Bruna, me olhando.

— Boa tarde, Srs. Brown! — Cumprimentou Melissa, se aproximando.

— Srta. Crawford. — Disse formalmente.

— Princesa. — Respondeu meu irmão, com um sorriso.

Ela bufou e olhou para a amiga sentada no chão, brincando com o meu filho.

— Temos convidados para o sorvete... Você se importar — Perguntou Bruna.

— Sério? Quem? — Bruna apontou na nossa direção, fazendo Melissa olhar direito para o Luís, o fazendo sorrir e ela suspirar com desgosto.

— É, princesa, duvido que a sorveteria tenha o seu sabor favorito.

— O que te faz pensar nisso? — Perguntou Melissa, curiosa.

— Não estou no cardápio.

Ela sorriu, jogou os cabelos negros de lado, se aproximou do meu irmão, tocou no rosto dele e disse:

— Meu sabor favorito se chama Theodoro, você conhece?

— Você e o Theo...

— Ah, sim, querido! Muitas vezes. — Disse ela, o interrompendo.

— Pedir a vontade, aproveitem. Vou dar uma volta. — Respondeu, afastando a mão dela do seu rosto e dando as costas para todos.

— Já volto. — Corri até meu irmão e o segurei pelo ombro. — Irmão, não precisa sentir ciú...

Ele empurrou minha mão com força e olhou para mim.

— Nunca sentirei ciúmes dela. Esqueceu a promessa de não mexer com a bonequinha de porcelana?

— Não precisa seguir com a promessa, se você gosta dela.

— Gostar dela? — Ele começou a rir com ironia. — Está louco? Ela seria apenas mais uma na minha cama, nunca me envolveria com uma mulher como ela, pobre, bolsista na faculdade e sua secretária, quer que eu seja chacota nos jornais e revistas? Se quisesse fazer caridade, alimentava os mendigos. — Disse, se afastando.



Melissa desistiu de tomar o sorvete depois que Luís saiu, ela se desculpou e beijou o meu filho e a amiga. Arthur segurou a minha mão da Bruna durante todo o caminho até a sorveteria. Por um momento, nos imaginei como uma grande família, eu, ela e o Arthur, como deveria ter sido desde o início. Era como se ela nunca tivesse saído das nossas vidas.

Escolhemos uma mesa afastada e Arthur se lambuzou com vontade no seu sorvete de chocolate e desenhou com giz de cera que a sorveteria deu para que ele ficasse brincando enquanto esperávamos o tempo passar.

— Deixa-me limpar aqui, pequeno. — Disse ela, pegando um guardanapo de papel e limpando a boquinha do meu filho. — Prontinho, está limpinho.

— *Quelo mais.* — Disse ele, olhando para mim.

— Chega, filho, você tem que jantar.

— *Quelo sovete, papai.*

— Agora não, filho.

— *Quelo sovete, tia.* — Disse ele, olhando para ela com um sorriso.

— Oh, pequeno. — Ela segurou a mão do meu filho e disse calmamente. — O papai disse não, mas prometo tomar muito sorvete com você outro

dia, hoje você já tomou muito, está bem?

— *Tá bom!* — Ele respondeu sorrindo.

Ela me olhou e seu sorriso se iluminou.

— Não o culpe por me escolher. — Disse, me fazendo lembrar de anos atrás.

— Você já sabe a minha resposta.

— Está tarde, acho melhor ir embora. — Disse ela, abrindo a bolsa, tirando vinte dólares e colocando sobre a mesa.

— Eu pago, Bruna. — Disse, devolvendo o dinheiro.

— Mas é injusto deixá-lo pagar tudo.

— Ficarei ofendido, se você pagar.

— Ofendido?

— Cloe Brown criou um cavalheiro, nunca se esqueça disso. — Disse tirando uma nota de cinquenta dólares e a deixando sobre a mesa ao mesmo tempo em que pegava Arthur no colo. — Te levo até em casa.

— Na verdade, estou indo para a clínica.

— Te levarei mesmo assim.

— Não precisa, posso pegar um táxi.

— Faço questão e creio que Mart vai gastar de te ver.

— *Vovô Mart!* — Gritou Arthur no meu colo.

Ela sorriu e apertou as bochechas do meu filho.

— Sendo assim, eu vou.

Ela pegou a bolsa, passou a mão na calça e Arthur se jogou direto em seu colo.

O carro estava em frente a sorveteria e Mart logo saltou do carro quando viu a minha pequena.

— Srta. Watts, quanto tempo! — Disse Mart, a abraçando forte, fazendo Arthur gemer entre os dois.

— Sem formalidades, Mart, já fui da família, esqueceu? — Disse, se afastando dos braços do Mart.

— Você ainda é. — Disse.

— Verdade, uma vez da família, sempre da família. — Acrescentou Mart.

— Parecemos um bando de mafiosos falando de família dessa forma.

— Talvez sejamos. — Disse, olhando para ela.

Ela me olhou de relance e lhe dei um sorriso, mostrando que estava brincando.

— Vamos, estamos há muito tempo na rua. — Mart disse.

Concordei com ele, peguei Arthur do colo da Bruna em meio aos seus protestos e o coloquei na cadeirinha, liguei o DVD e logo "Peppa" começou.

Se tem algo que ele gostava era aquela porquinha irritante, ele assistia sempre que tinha oportunidade.

Bruna se sentou ao seu lado e ele logo começou a falar do desenho.

Não demorou muito e Mart já estava parando em frente a clínica, desci do carro, abri a porta para que ela saísse e vi que o meu filho havia pegado no sono.

— Acho que ele estava cansado. — Disse ela, arrumando a bolsa no ombro.

— O dia foi cansativo.

— Bom, acho melhor entrar... Obrigada pela carona! — Disse ela, se afastando.

— Bruna? — Chamei, a fazendo parar e me olhar. — Até amanhã.

— Amanhã?

— O jantar beneficente. — Lembrei.

— Ah, sim... O jantar.

— Espero que saiba dançar, cobrarei uma dança com você.

Capítulo 38

Bruna Watts

“Espero que saiba dançar, cobrarei uma dança com você”.

As palavras dele me fizeram ficar sem ar brevemente, ainda estava parada na entrada da clínica, olhando o carro dobrar a esquina e sumir de vista.

O plano de tentar esquecê-lo estava indo pelo ralo. Desde o início sabia que seria impossível resistir a ele. Sentia que o meu próprio corpo estava me traindo.

— Quem era? — Perguntou Laird, me fazendo gritar de susto.

— Meu Deus, Laird, não me assuste assim! Quer me matar? — Perguntei, colocando a mão no peito.

— Desculpa, amor! Você está bem?

— Agora sim... Como estão as coisas por aqui?

— Tudo em ordem. Agora poderia me responder?

— Respondi. Estou ótima.

— Lhe perguntei quem era aquele homem que vi com você aqui em frente.

— Ah! Era o senhor Brown, ele me deu uma carona.

— O bilionário para quem você trabalhou como babá? — Assenti. — Ele não parece ter esquecido o passado.

— O que te faz pensar assim?

— Eu vi a maneira como ele te olha. E você?

— Eu?

— Você o esqueceu?

Sim!

Não!

Claro que não.

Não seria louca de mentir, nunca menti e não começaria naquele momento. Não para o Laird.

Não esqueci o Nathan e era óbvio que ele também não tinha me esquecido. Não seria justo mentir para o meu namorado, afinal ele era um homem maravilhoso e não merecia ser enganado.

— Eu...

— Laird, o paciente do trezentos e quarenta

está precisando de atendimento, é uma emergência. — Gabby me interrompeu.

— Depois conversaremos. — Disse ele, passando por mim, me dando um selinho rápido e correndo para dentro da clínica novamente.



Fiquei na clínica o tempo necessário, visitei os pacientes, recebi novos interessados e fiquei na minha sala, revendo os relatórios dos pacientes com a ajuda da Gabby.

Laird desmarcou nosso jantar, me fazendo ir para casa sozinha já que a Gabby dormiria com o namorado. Então caminhei até um ponto de ônibus próximo e esperei calmamente até ouvir o barulho da velha camionete do tio Alberto, me fazendo sorrir quando ele parou a minha frente.

— Não está muito tarde para ficar em um ponto de ônibus? O que já te disse sobre isso mocinha?

— Que os meliantes sempre se aproveitam de mulher sozinha e em lugares isolados. — Repeti o

discurso que ouvia desde pequena.

— Vejo que aprendeu, agora entre e vamos para casa.

Entrei no carro, coloquei o cinto e logo o carro estava em movimento.

— Onde está seu namorado? — Perguntou.

— Ele está de plantão na clínica hoje.

— Ele está começando a perder pontos comigo, nem um táxi se ofereceu a pagar?

— Ele estava muito ocupado, tio e não vejo problemas em pegar um ônibus.

— Pois eu vejo. — Ficamos em silêncio por um tempo até que ele voltou a falar. — Bruna, sabe que te considero como uma filha, não sabe?

— Sei e eu te considero muito também.

— Você e o Laird já tiveram aquilo?

— *Aquilo*? — Perguntei, olhando ele.

— É... Aquilo que os jovens fazem hoje em dia.

— Sexo, tio?

— Por Deus, menina! — Disse ele, freando o carro. — Não fale assim.

Segurei a risada e falei:

— Desculpe, mais nomeando o assunto de "*aquilo*" também não ajuda.

— Não tenho costume de ter esse tipo de

assunto. — Falou ele, seguindo o caminho novamente.

— Você nunca falou com a Mel sobre... *aquilo*?

— Anne trata de conversar com ela. Então, me responda: vocês já...

— Não, tio, eu e Laird nunca fizemos *aquilo*.

— Graças a Deus! — Ele soltou um suspiro longo, relaxando os músculos.

— Acho que não estou pronta, sabe?

— Ele já tentou te forçar....

— Não! Claro que não, ele me respeita muito.

— Ainda bem, pois se ele fizer algo, ele conhecerá meu lado policial.

— Laird é um homem respeitador, tio.

— Que ele continue assim.

Quando ele estacionou em frente a minha casa, retirei o cinto e o abracei.

— Obrigada. — Agradei.

— Pelo o quê, menina? — Perguntou, devolvendo o abraço.

— Por estar fazendo o papel do meu pai. É muito bom saber que tenho alguém como ele.

— É bom fazer esse papel.

— Sinto tanta falta dele. — Disse, sentindo lágrimas rolarem pela minha bochecha.

— Todos nós sentimos, menina.



— Você está estranha. — Falei para Melissa que estava me olhando.

— Não estou não, deixe de bobagens e me ajude aqui. — Respondeu ela, me mostrando pela milésima vez outro vestido. — O que achou desse?

— Legal. — Disse, deitando na cama e colocando o travesseiro no rosto.

— Ah, não, Bruna! — Ela tirou o travesseiro do meu rosto e o jogou no outro lado da cama. — Preciso de ajuda e você disse que me ajudaria.

— Estava disposta de te ajudar até os dez primeiros vestidos... Para quê tantos? É só um jantar!

— Quero ficar bonita.

— Você não precisa de muito esforço para isso. — Disse, olhando para ela com frustração. — Por que nunca me disse que você e o Theo tiveram um caso?

— Porque nunca tivemos.

— O quê? Então...

— Precisava me sentir por cima, deixar de ser um capacho para o Luís.

— Ainda gosta dele? — Perguntei.

— Se a pergunta é se eu gosto de ser trouxa, ignorada, maltratada e diariamente frustrada a resposta é sim, eu ainda gosto dele. — Respondeu, deitando na cama ao meu lado.

— Então, porquê disse aquilo?

— Eu cansei de vê-lo com mulheres diferentes na faculdade. Quero que ele pense que eu também sei viver um pouquinho.

— O fazendo pensar que você transou com o amigo dele?

— Sou uma idiota! — Disse ela, tampado o rosto com as mãos.

— Já parou para pensar que ele talvez também goste de você?

— O dia em que Luís Brown gostar de mim, trabalharei como animadora em festa infantil. — Ela bufou e se levantou. — Cansei de falar daquele palhaço. Com qual vestido você vai a festa?

— Estou em dúvida entre o azul e o vermelho.

— Então, vamos resolver isso agora. — Disse me puxando para que saísse da cama. — Depois

vamos comprar sapatos!



Estava encarando o meu reflexo no espelho há alguns minutos, o vestido vermelho era longo o suficiente para cobrir os meus pés com os saltos altos que a Melissa me obrigou comprar. O decote coração me dava uma sensação de conforto, mesmo não estando acostumada com esses tipos de decote. O vestido era justo na cintura e a barra solta. Coloquei os brincos de pérolas e peguei minha bolsa na penteadeira.

Fechei a porta do quarto, respirei fundo e levantei o vestido ao descer os poucos degraus que me levava até a sala. Sendo surpreendida pelo Laird, vestido em um *smoking* azul escuro, segurando uma rosa.

— Você está muito elegante. — Falei, arrumando sua gravata borboleta.

— Não chego aos seus pés em quesito elegância e beleza. Você sabia que vermelho é a cor tradicional dos vestidos de noiva, na Índia? Posso até imaginá-la como uma noiva indiana.

— Isso é um pedido de casamento?

— Ah, não querida! O nosso pedido de casamento será inesquecível. — Disse, me beijando com delicadeza. — Está preparada para cumprimentar milhares de pessoas da alta sociedade?

Suspirei desanimada e falei:

— Espero que esses sapatos sejam confortáveis.



O salão alugado para a festa ficava no centro da cidade, em um dos prédios históricos da cidade. A fachada medieval dava exatamente o ar que Elizabeth queria. Os fotógrafos posicionados nas laterais do tapete vermelho me deixaram nervosa. A notícia de que a clínica voltaria a funcionar chamou a da mídia.

Laird abriu a porta da limusine e me ajudou a descer, arrumei meu vestido e passei pelos fotógrafos sem responder nenhuma pergunta.

O salão estava lotado. A família de Melissa me deu os parabéns pela festa, Laird ficou com eles e

me eu juntei a Elizabeth, que estava agradecendo a presença de cada um.

Quando ela terminou o discurso, a música se espalhou pelo local e logo a pista de dança foi aberta.

Estava em pé, ao lado do Laird, vendo alguns casais dançarem, quando Cloe se aproximou com um sorriso.

— Bruna, a festa está magnífica! — Disse Cloe, me abraçando. — Oh! Esse deve ser o seu namorado, não é? — Perguntou ela, quando se afastou dos meus braços e o viu ao meu lado.

— Prazer, Laird Lohan! — Respondeu ele, pegando a mão dela e a beijando.

— Nossa, que cavalheiro! Arrumou um ótimo namorado, menina. Parabéns!

Como assim?

— Obrigada, Sra. Brown! — Agradei.

— Então, você é mãe do...

— Nossa! Eu amo essa música. — Disse ela, o interrompendo. — Você se importaria de me emprestar o seu namorado para uma dancinha?

— Ah, claro... Se ele quiser. — Respondi, olhando para ele.

Ele examinou a mulher a sua frente e logo

falou:

— Será um prazer. Já volto, meu bem. — Disse ele, se aproximando para me beijar quando Cloe o puxou para a pista de dança.

— Vamos antes que a música termine. — Disse ela, o empurrando e olhando para trás com o mesmo sorriso de quando chegou e me lançou uma piscadela.

— Pensei que ela não ia conseguir. — Disse Nathan, me fazendo sentir um arrepio sobre a minha pele.

Me virei e vi quando seus olhos dilataram e um sorriso surgiu, assim como o meu.

— Conseguir o quê? — Perguntei.

— Fazer com que ele se afastasse.

— Você pediu para sua mãe afastar...

— Descobri que minha mãe é útil em todas as situações. — Respondeu ele, com um sorriso.

— E qual era a razão para vê-lo longe de mim?

— Como cobraria minha dança com ele ao seu lado?

— Uma dança de despedida?

— Não, minha pequena. — *Disse ele, tocando meu rosto com carinho.* — A partir de hoje, "despedida" é uma palavra que não existirá no

nosso dicionário. Essa é apenas a primeira dança do resto das nossas vidas.

Bônus Luís Brown

A droga do coração deveria ter um manual e um controle remoto, seria o suficiente para apagá-la da minha vida.

Aquela morena, a diaba que aparece nos meus sonhos desde que a vi pela primeira vez. A mulher que me faz ir todo dia para a faculdade mais cedo apenas para vê-la passar segurando os livros próximos ao peito e os cabelos negros em uma trança longa.

Mas suas palavras ainda estavam na minha mente e a imagem do Theo junto com ela, na cama, me fazia sentir irritação, ódio, raiva... e, não podia esquecer, nojo.

Aqueles dois anos não tinham sido fácies, entre jogos e apostas, acabei descobrindo alguns lugares que ninguém gostaria de conhecer. Não diria que era um viciado, sabia exatamente a hora de parar e apenas apostava o necessário.

Como bilionário, dono de um Império pelo

mundo todo, não era idiota o suficiente para me deixar levar por más influências.

Estava deitado no Club, bebendo uma cerveja, enquanto via as mulheres seminuas passando pelo local que tinha cheiro de fumo, perfume barato e sexo. Olhava uma loira que sorria para mim com sensualidade e logo ela se aproximou, sentando-se ao meu lado com um cigarro de maconha entre os dedos.

— O que posso fazer por você, bonito? — Perguntou ela, alisando meu abdômen por cima do tecido da camiseta.

— Sumir da minha frente. — Respondi, tomando outro gole da minha cerveja.

— Sua namorada?

— O quê?

— Já te vi aqui, outras vezes, bonito. Você tem fama entre as meninas e nunca o vi sem ninguém até o final da noite, então para estar me dispensando só pode ser por alguma mulher... É a sua namorada?

— Não seja ridícula, garota. Já cansei de tipinhos como você. Mulher fácil, todo dia, é enjoativo.

— Se não quer se divertir o problema é seu, querido. — Disse, colocando o cigarro na boca. —

Você sempre está apostando com os *Alfas*, o que quer dizer que você tem dinheiro suficiente para andar com eles. Então, me diga, não conseguiu a garota dourada e veio até aqui para afogar as mágoas?

— Não te interessa o que ela fez ou deixou de fazer.

— Ah! Então foi ela quem fez algo... Vai me dizer que ela te traiu e você pegou os dois na sua cama?

A cena passou pela minha cabeça, fazendo com que meu corpo reagisse como nunca reagiu antes. Os meus músculos ficaram tensos e a vontade de socar a cara do Theo apenas aumentou.

— Calma aí, bonitão, toma isso... Vai te acalmar. — Disse, me estendendo o cigarro.

— Não uso essa porcaria. — Disse, tomando outro gole de cerveja e tentando esquecer a cena que tinha acabado de imaginar.

— Pô, bonitão, vai negar mesmo? Vai me dizer que é um desses chatos que não faz nada legal?

— Não sou bunda mole, apenas sei o que essa porcaria faz.

— Se sabe, então, por que não experimenta? Vai esquecer a garota e todos os seus problemas,

rapidinho.

— Não preciso disso para esquecer os meus problemas. — Disse, me levantando e tomando o último gole da minha cerveja. — Você deveria parar de fumar essa porcaria.

— E você deveria parar de me tratar como uma criança, *papai*. — Ela se levantou, saindo de perto de mim. — Aliás, meu nome é Paola Bittencourt... Se quiser conversar, é só me chamar, bonitão, estou sempre por aqui.

Segui a direção contrária a que ela tinha tomado e saí do Club. Joguei a cerveja fora e andei até o carro, passando pelas pessoas que escutavam a música alta, entrei no meu carro e saí pelas ruas sem rumo.

Aos poucos a chuva começou a cair forte pela cidade e visibilidade na estrada ficou difícil, encostei o carro em uma rua qualquer e esperei até que fosse seguro o suficiente para dirigir.

O barulho de um carro parando logo atrás do meu, me fez olhar pelo retrovisor e ver uma mulher descendo do carro e abrindo o capô de uma velha caminhonete verde. O vestido colado ao corpo me fez sorrir. Poderia apostar vinte dólares que ela não conseguiria consertar o carro. Ela chutou a roda do carro, me fazendo gargalhar.

Poderia ter ganhado vinte dólares.

Desci do carro e a chuva estava ainda mais forte, caminhei até ela, que estava inclinada vendo o motor, me proporcionando uma ótima visão da sua bunda.

Passei as mãos no meu cabelo e me aproximei.

— Vai, carrinho, não me deixa na mão. — Disse ela, tentando fazer algo no motor.

Ah essa voz! A morena culpada por todos meus pecados mentais.

— Quer ajuda, princesa?

Ela escorregou no chão, me fazendo correr até ela e a ajudar a se levantar.

— Aí! — Disse ela, massageando o local machucado.

— Deixa-me ver. — Falei, me aproximado do seu corpo e tirando a mão dela da testa. — Não foi nada demais, apenas uma vermelhidão.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou, afastando minha mão do seu rosto.

— Estava caçando unicórnios na floresta da fantasia, não é lógico? Vim salvar a minha princesa.

— Então vá, antes que ela se canse de esperar. — Disse, fechando o capô do carro.

— Ela está na minha frente. — Retruquei, segurando seu braço. — Por que não me deixa ajudá-la?

— Porque já resolvi o meu problema. — Respondeu, soltando o braço e entrando no carro para tentar dar a partida. — Vai, vai... Ah, que droga! — Disse, socando o volante do carro.

— Quer ajuda?

— Não!

— Estou sendo bondoso, Melissa. Estou na chuva, esperando sua consciência aceitar que o melhor é ir comigo e ligar para um carro guincho.

Ela bufou, pegou a mochila no banco do carona e saiu do carro.

— Só estou indo para você sair da chuva.

— Vou acreditar nisso, princesa.

— Palhaço!

O carro guincho já estava a caminho, liguei o aquecedor e tirei a minha camiseta molhada. Vi quando ela me olhou de relance, me fazer sorrir.

— Gosta do que está vendo, princesa?

— Já vi melhores. — Disse, abraçando a bolsa e olhando para frente.

Suspirei, deitei o banco e ficamos em silêncio, ouvindo a chuva cair.

— O que estava fazendo na rua até essa hora?

— Perguntei.

— Estava na casa de uma amiga, terminado um trabalho da faculdade.

— Você estuda muito.

— E você não estuda nada. — Disparou com a voz alterada.

— Ok! Não quero brigar com você.

— Impossível! Somos como cão e gato, sempre vamos brigar.

— Vejo por outro lado, somos opostos e uma coisa que aprendi foi que os opostos se atraem. — Disse, a puxando para o meu colo, fazendo a mesma soltar um grito de surpresa. — E eu estou a cada dia mais atraído por você, princesa.

— Por favor, não faça isso. — Sussurrou quando me aproximei da sua boca.

— Não estou fazendo nada, *ainda*.

— Não brinca comigo, Luís. Não sou uns dos seus brinquedos.

— Você nunca será um brinquedo em minhas mãos, princesa. — Disse, afastando os cabelos molhados do seu rosto e a beijando.

Seus lábios gelados juntos com os meus logo se tornaram quentes e irresistíveis. Apertei sua

coxa com desejo, a fazendo gemer de uma maneira perfeita, permitindo que minha língua entrasse em sua boca com urgência. Não demorou muito e ela já estava correspondendo ao beijo. Sua mão tocou meu peito nu, buscando apoio, e o beijo calmo se transformou em puro desejo.

As batidas na janela fizeram com que o beijo fosse interrompido e Melissa saltou do meu colo de volta ao seu lugar. Suspirei com desgosto, passei a mão pelo rosto e baixeí o vidro do carro.

— Algum problema, policial? — Perguntei assim que o policial iluminou o meu rosto com uma lanterna.

— A rua não é motel, rapaz. Sugiro que saía da rua e, se eu encontrar vocês dois novamente nessa situação, teremos sérios problemas.

— Sim, senhor. — Respondi.

— Boa noite! — Disse ele, se afastando.

— Para o senhor também, policial. — Fechei o vidro do carro e encarei Melissa que estava com as mãos no rosto. — Acho melhor te levar para ca...

— Não! Obrigada por me ajudar, mas vou ligar para o meu pai e vou esperar na caminhonete até que ele chegue. — Disse ela, abrindo a porta.

— Melissa, não precisa...

— Por favor, apenas esqueça que isso

aconteceu. E me esquece também. — Ela bateu a porta com força e correu até a velha caminhonete.

Não queria esquecer, não depois daquele beijo, não depois de dois anos a ignorando por culpa daquela promessa idiota que fiz para o Nathan. Tudo o que não queria era esquecer a minha princesa. A partir daquele dia, ela faria parte da minha vida

Bruna Watts

Não contive o sorriso ao ouvir suas palavras, ele segurou minha mão e me levou até o centro da pista de dança, me fazendo esquecer todos ao redor, mesmo sabendo que provavelmente todos estavam nos olhando.

Ele tocou na minha cintura, me fazendo sentir novamente o arrepio e as borboletas no meu estômago acordarem. O salto me deixou próxima do seu rosto, o suficiente para sentir vontade de selar nossos lábios.

Toquei em sua nuca e o vi fechar os olhos, murmurando palavras desconexas e apertando levemente a minha cintura.

— Céus... Não faça isso. — Disse ele, abrindo

os olhos e me dando uma visão maravilhosa dos seus olhos marcantes, cheios de vida e desejo.

— Fazer o quê?

— Tudo... Cada toque, palavra, o seu perfume, sua pele, sua voz e seu sorriso, tudo é motivo suficiente para te desejar apenas para mim.

— Nathan, acho melhor...

— Não pense, Bruna. Não quero que pense, apenas sinta o mesmo que estou sentindo.

Segurei sua outra mão, sem falar mais nada, e começamos os pequenos passos de dança enquanto ele me guiava pela melodia. Apoiei meu rosto em seu peito e escutei seu coração pulsando forte, era como se ele estivesse no ritmo da música. Ele tinha razão, não queria pensar. Então, naquele momento, esqueci dos olhares, dos meus medos, dos meus convidados e do Laird.

Apenas deixei com que ele me conduzisse no ritmo da música.

Quando a música acabou e fui obrigada a abrir meus olhos, reparei que todos estavam olhando em nossa direção, ninguém estava dançando, apenas nós dois. Olhei a pequena multidão e vi Laird me lançando um olhar que nunca havia visto e que era impossível de se decifrar. Me afastei do Nathan rapidamente, arrumei meu cabelo e tentei não

escutar sua voz me chamando.

O que eu estava fazendo? Estava em um relacionamento com outra pessoa, não podia simplesmente voltar ao passando e querer reviver tudo que vivi com Nathan, correndo o risco de me machucar.

Passei pelos convidados com cuidado e entrei no banheiro, apoiei minha mão na pia e tentei entender o que tinha acabado de acontecer.

Respirei fundo pela quinta vez quando Melissa entrou no banheiro com um sorriso.

— Meu Deus! Que dança foi aquela? Foi... foi... — Ela não encontrava palavras.

— Vergonhosa. — Disse.

— O quê? Não! Foi incrível, mágico, perfeito e lindo. Foi como assistir a um filme da Disney e vocês estavam magníficos, era como se vocês fossem apenas um.

— Melissa, chega! Estou confusa, ok?

— Confusa? Você é cega? Por Deus, Bruna, para de ser lerda. Vocês foram feitos um para o outro. Quando vai começar a pensar em você pela primeira vez?

— O que posso fazer?

— Falar com o Laird é um bom começo.

Olhei para ela através do espelho por um tempo até que ela apontou para a porta me fazendo bufar e caminhar até a porta, dando de cara com o Laird após abrir a mesma.

— Acho que agora precisamos conversar. —
Afirmei lentamente.

— Ótimo! Vamos caminhar um pouquinho.

Ele me estendeu a mão e aceitei de bom grado. Passamos pelo fundo da casa de festa em silêncio até um pequeno jardim interno onde havia um pequeno banco onde sentamos.

— Laird...

— Deixa-me falar. — Ele ergueu a mão, me interrompendo. — Bruna, quero te dizer que você é uma mulher incrível, uma pessoa maravilhosa, com quem tive a chance de viver dois anos da minha vida, os melhores anos que vivi e qualquer homem se sentiria completo por tê-la em sua vida. Você é a mulher perfeita, mas não é perfeita para mim. — Ele suspirou e completou: — Qualquer um pode ver o amor que envolve vocês dois e eu seria um idiota em não deixá-la viver esse amor.

— Você quer dizer que está terminado comigo!?

— Não posso terminar algo que nunca começou, meu raio de sol. Confundimos amizade

com amor e, mesmo achando que estou abrindo mão de uma grande mulher, estou disposto a ver a sua felicidade.

— Você é um homem muito gentil, Laird. Qualquer mulher ficaria feliz em ter você como namorado e sei que você vai encontrar a pessoa certa. um dia.

— Eu sei. — Ele sorriu, pegou minha mão e beijou com delicadeza. — Agora acho melhor você ir atrás dele.

Sorri e o abracei forte.

Eu sabia que estava sendo difícil para ele e mesmo assim ele estava permitindo que eu me afastasse e seguisse em frente.

Me afastei dos seus braços e logo ele se levantou, me ajudando a ficar em pé novamente.

— Espero que ele te faça feliz.

— Eu não tenho dúvidas.

— Se você não for agora, juro que te amarro e não deixo ir embora.

Deu um sorriso, beijei seu rosto e saí correndo, parei e virei para vê-lo, gritando um "*Muito obrigada*" que o fez sorrir em resposta.

Voltei para o salão de festa, vendo que tudo estava em plena normalidade, procurei entres as

peessoas Nathan ou Cloe, mas eles não estavam lá. Avistei a Mel na recepção e fui até ela.

— Você o viu?

— Quem? — Perguntou Mel.

— O Gasparzinho que não é, né? O Nathan, Melissa, o Nathan.

— Ei, estressadinha! Ele acabou de sair com a...

Não deixei que ela terminasse a frase, apenas corri até a porta e, ao chegar no topo da escadaria, o vi ajudando Cloe a entrar no carro e o gritei. Ele me olhou e um sorriso surgiu instantaneamente, como se ele soubesse, como se ele pudesse decifrar o meu sorriso.

Segurei o meu vestido e o levantei para descer as escadas ao seu encontro. Enquanto descia os degraus com rapidez, o vi andar ao meu encontro em passos lentos, sem tirar seus olhos de mim, o que era suficiente para fazer o meu coração pulsar veloz em meu peito a cada passo que dava em sua direção. O vento levantava alguns fios do meu cabelo e, quando finalmente me aproximei do seu corpo, nenhuma palavra foi dita, ele apenas me puxou pela cintura e me beijou.

Estava morrendo de saudades dos seus lábios juntos dos meus, sua língua explorando a minha

boca com urgência. Eu afundei meus dedos em seus cabelos e soltei um gemido quando ele fez o mesmo, enrolando em suas mãos em meus cabelos. Nos afastamos em busca de ar e, ainda com a respiração ofegante e os lábios levemente inchados, pude esboçar um sorriso.

Ele segurou meu rosto, encostou sua testa na minha, me fazendo olhar diretamente nos seus olhos azuis fortes.

— Por que demorou tanto para ser minha? — Perguntou ele.

— Nunca deixei de ser sua. — Disse, o fazendo sorrir e me beijar novamente.



Os dias passaram depressa e a notícia de que o viúvo mais cobiçado de New York foi fisgado por uma estudante de Medicina e dona de uma clínica se manteve por dias

Laird continuava trabalhando na clínica, não podia abrir mão do profissional que ele era, afinal ele era um excelente médico e nossa amizade

continuava firme apesar do Nathan sempre expressar seus ciúmes quando o assunto era ele.

Fiz uma visita a fazenda logo após o episódio do beijo. O lugar continuava magnífico e a família estava mais unida do que nunca. Ver Noemi e Theo novamente me fez lembrar de alguns bons momentos e claro que Cloe providenciou um piquenique no deque do Lago, enquanto os meninos andavam a cavalo.

Arthur continuava uma criança amada, era como se nunca tivesse saído de perto dele e o meu amor pelo pequeno apenas aumentava.

Iniciei a faculdade depois de alguns dias e, quando não estava na clínica, Gabby me representava com êxito.

A notícia do namoro não foi muito bem recebida pelo tio Alberto, ele dizia que um homem de trinta anos com uma menina de vinte dois, só podia estar querendo uma coisa. *Aquilo*. Nathan ganhou sua confiança depois de uma conversa longa e Arthur conquistou todos logo de cara, fazendo a marra do meu tio passar rapidamente quando pegou o pequeno no colo.

Tínhamos um mês de namoro e todos os dias o Nathan me buscava na faculdade para almoçarmos juntos na fazenda, me levando depois

para a clínica enquanto ele ia para a empresa.



Desci as escadas da saída principal da faculdade e logo avistei os dois homens da minha vida encostados no carro, Nathan com seu habitual terno e Arthur com uma roupa casual e óculos escuros, o que me fez sorrir.

Ele era o meu homenzinho.

Arthur correu ao meu encontro, me fazendo ajoelhar para receber um abraço apertado dele.

— Estava com tanta saudade, meu pequeno.

— *Saudades, mamãe.*

A primeira vez em que ele me chamou de mãe, fiquei assustada, não gostaria de roubar o lugar da antiga esposa do Nathan, mas a situação era totalmente inevitável, pois ele me considerava como a mãe dele e ele era como o meu filho.

— Oi, meu amor. — Disse Nathan, me dando um selinho assim que levantei com o Arthur no meu colo.

— Oi, amor.

Caminhamos até o carro de mãos dadas e coloquei Arthur na cadeirinha, cumprimentei o Mart e logo estávamos a caminho da fazenda.

Encostei a cabeça no ombro do Nathan, enquanto via Arthur assistindo seus desenhos e fechei os olhos.

— Está cansada? — Perguntou ele.

— Muito, mas tenho que ir até a clínica ainda. Tenho uma paciente que se encontra no último estágio da doença e quero muito ajudá-la.

— Não se esqueça do nosso jantar.

— Vou estar pronta na hora combinada, não se preocupe. E para que tanto misterioso por um simples jantar?

— Sou um homem misterioso, minha pequena.

— Pode me dizer o motivo do jantar?

— Preciso de motivos para querer jantar com a minha namorada em um jantar especial preparado pela minha mãe?

Me afastei do seu ombro e olhei para ele por um tempo.

— Oh, meu Deus! O que você está aprontando? Se a sua mãe está no meio, tenho medo de descobrir.

Ele soltou uma gargalhada e falou:

— Desculpa, pequena, mas terá que esperar até escurecer.

Olhei-o por um tempo e sabia que ele estava apontando algo e não importava o que eu fizesse ou falasse, ele nunca me diria. Então, bufei desanimada e encostei novamente minha cabeça em seu ombro, recebendo um beijo no topo da minha cabeça e fechei os olhos novamente.

Algo me dizia que a noite seria inesquecível.

Capítulo 39

Nathan Brown

Ela estava novamente na minha vida e a minha felicidade poderia ser multiplicada em mil. Não me faltava nada, tinha tudo que um homem precisava ter.

Era como se ela nunca tivesse saído da minha vida ou da vida do nosso filho. Arthur estava animado por ter duas mães e sua felicidade alegrava qualquer pessoa.

Pedi para o Mart levar Bruna para a clínica e fiquei na fazenda já que havia prometido ao meu filho um banho na piscina.

Alysson colocou as boias nos braços do Arthur e logo ele pulou na piscina em meus braços. Ficamos por um tempo, brincando, na companhia do meu irmão e da babá do meu filho, até que ele cansou e achei que o melhor era colocá-lo para dormir. Deixei que Alysson ficasse mais algum tempo na piscina com Luís e saí ouvindo os protestos do meu filho.

— *Quelo picina, papai.*

— Chega de piscina, filho.

— *Quelo fica velinho.* — Disse ele, mostrando os dedos gordinhos, um pouco enrugados.

Peguei uma toalha o sequei.

— Outro dia, filho, agora vamos dormir para fazer a surpresa para a mamãe.

— *Supesa.* — Gritou ele, enquanto eu secava o seu cabelo. — *Durmi não.*

— Dormir sim.

— *Num to com sono.* — Disse bocejando.

O peguei no colo, ele abraçou o meu pescoço e encostou a cabeça no meu ombro enquanto caminhava até a casa grande.



Dei um banho no meu filho, o vesti, coloquei na cama, dei sua mamadeira e deitei ao seu lado. Depois de um tempo, ele me entregou a mamadeira vazia e deitou no meu braço. Fiquei um tempo mexendo em seu cabelo ondulado até que ele dormiu. Beijei sua testa, o cobri e saí do quarto,

olhando Alysson que estava encostada na parede, mexendo nos cabelos castanhos.

— Ele dormiu? — Perguntou ela, me fazendo assentir em resposta. — A dona Charlotte chegou de viagem e está te esperando na sala.

— Fala para ela que o Arthur está dormindo. — Disse.

— Ela quer falar com o senhor.

Suspirei, passei a mão no meu rosto e disse:

— Obrigado, Alysson!

Ela apenas sorriu e saiu em direção ao seu quarto.

Desci as escadas rumo a sala de estar, passei por Noemi e dei um beijo na sua bochecha, enquanto ela arrumava um vaso de plantas e entrei na sala, vendo Charlotte passando os dedos pela estante de livros.

— Achou algum livro que lhe agrada? — Perguntei, chamando sua atenção.

Ela virou, pegou um pano na sua bolsa e limpou os dedos.

— Deveria contratar outra empregada, essa casa está um nojo, meu neto pode pegar alguma alergia.

— Noemi não é uma empregada.

— Aquela mulher de meia idade não consegue nem limpar uma casa, deveria ter alguém... Digamos, mais disposta.

— Se você saiu das suas férias com o seu marido para vir até aqui, falar mal da minha família, pode dar meia volta.

— Essa sua mania de tratar seus empregados como se fosse da família é ridículo.

— Seja rápida, Charlotte, minha paciência está acabando.

— Se a sua está acabando a minha já acabou. — Ela abriu a bolsa novamente, retirou uma revista e a jogou sobre a mesinha de centro. — Que palhaçada é essa?

Olhei para a revista onde estava uma foto minha abraçando a Bruna por trás em um parque na cidade. Peguei a revista, olhei o sorriso da minha pequena, tão espontâneo e logo um sorriso apareceu em meu rosto, apenas em saber que o motivo do sorriso dela era eu.

— Não vai me responder? — Perguntou ela.

Olhei a mulher a minha frente, joguei a revista novamente sobre a mesa e coloquei as mãos no bolso, a encarando.

— Quer que eu fale o quê? Os fotógrafos não pegaram meu melhor lado.

— Não seja cínico. O que está fazendo novamente com essa dissimulação?

— Eu exijo respeito quando for falar da Bruna.

— Não venha exigir respeito, sendo que não respeita a memória da minha filha.

— Eu respeitei a memória de Jessica por dois anos, me afastei da mulher que amava para viver o meu luto e, agora, que o destino a colocou novamente na minha vida, você quer me tirar isso? Não seja ridícula!

— Desde o início, eu sabia que você nunca amou a minha filha.

— Eu sempre a amei! — Disparei com raiva. —

Eu ainda a amo, mas não posso me prender a um amor que nunca voltará. Ela morreu, Charlotte, e eu demorei a perceber que ela não voltará.

— Não. Você a matou e vai matá-la novamente, dessa vez dentro do coração do meu neto.

— Arthur nunca vai esquecer a Jessica, mesmo nunca tendo contato com ela, ele a ama também. Bruna não vai tomar o lugar dela.

— Quer que eu aceite isso?

— Não preciso que aceite nada, *eu* já aceitei e isso já é o suficiente.

— Não a quero perto do meu neto.

— Eu também não queria você próximo a ele e mesmo assim não a impedi de visitá-lo. — Olhei novamente para ela e disse, indo em direção a porta: — Você não morrerá, se ela cuidar do meu filho. — Abri a porta e, sem a olhar, disse. — Agora que já fez a discórdia na minha vida e não adiantou em nada, sugiro que vá embora.

— Está me mandando embora?

— Estou.

Ela arrumou a bolsa no ombro, murmurou alguma coisa e andou até o meu lado, parou e falou:

— Isso não vai ficar assim.

— Concordo. A partir desde momento, suas visitas para o Arthur terão que serem avisadas com antecedência.

— Isso não...

— Poupe tempo e saliva, Charlotte. Minha decisão foi tomada e se insistir em exigir seus direitos, sugiro que contrate um bom advogado, mas já aviso que isso não será suficiente para ganhar. — Disse, fechando a porta na sua cara e me afastei, ignorando seus gritos histéricos.



A noite já havia chegado e eu estava nervoso, muito nervoso. Tudo seguiu como o planejamento e a decoração estava como eu gostaria, tudo pela minha doce e pequena futura mulher.

Todos estavam nos seus devidos lugares, os móveis da sala foram retirados e apenas uma mesa com duas cadeiras ocupavam o local cheio de velas e pétalas de rosas.

Eu segurava um buquê de flores e o apertei quando ouvi passos se aproximando, anunciando sua chegada, fazendo meu coração pulsar freneticamente no peito e minha boca secar ao vê-la.

Ela estava linda, o vestido florido um pouco acima do joelho, o cabelo com grandes cachos e a maquiagem pouco presente deixaram minha pequena ainda mais admirável.

Ela olhou a sala e seu sorriso era magnífico, caminhei até ela e entreguei o buquê.

— Obrigada! Nossa, são lindas... — Disse, aproximando o buquê do rosto e inalando o cheiro das rosas. — Tudo isso por um jantar?

— Tudo isso para você e eu ainda acho pouco.

— Não acha cedo para jantar? Não são nem sete horas ainda, amor.

— Não, não acho, aliás, estamos atrasados.

— Atrasados?

— Estamos atrasados dois anos, meu amor. —

Disse, colocando a mão no bolso e tirando uma caixinha de veludo vermelha.

— Nathan, isso... significa....

— Significa que o meu sentimento por você está transbordando, o meu amor está derramando e necessito de você, esperamos dois anos e agora necessitamos do seu amor, Arthur precisa da mãe dele aqui em casa e eu preciso acordar todos os dias ao seu lado. — Me ajoelhei, abri a caixinha e olhei para cima. — Bruna Watts, a vida me ensinou a valorizar o que temos, pois, a vida não avisa quando terminará e eu quero aproveitar cada segundo ao seu lado e, mesmo que não seja suficiente, eu invento uma máquina que pare o tempo apenas para te amar. Eu te amo, minha pequena, e para minha vida ficar completa apenas preciso da sua resposta. — Umedeci os meus lábios e completei: — Você quer casar comigo?

Ela estava com os olhos marejados e os lábios trêmulos, seu peito subia e descia, ela levou a mão

até os lábios e finalmente respondeu:

— Sim! Eu quero me casar com você.

Soltei o ar que nem percebi que estava segurando e me levantei rapidamente, a beijando. Afastei-me dos seus lábios e deslizei o anel fino de ouro pelo seu dedo, e ela logo fez o mesmo com o outro anel simples.

— Agora temos que correr, não temos muito tempo.

— Tempo? — Perguntou ela.

— Todos estão esperando, meu amor.

— Nathan, o que você quer dizer? Não me diga que...

— Sim, minha pequena, nosso casamento será hoje e tudo está perfeito exclusivamente para você, todos estão esperando.

— Oh, meu Deus! irei me casar assim? — Disse ela, olhando o vestido.

— Ah! Se fosse por mim, você casaria até de calça, mas minha mãe, Noemi e Melissa cuidarão de você. — Disse, apontando as mulheres no corredor, sorrindo. — Te espero no altar meu amor. — Disse, beijando sua testa, antes que Noemi a levasse dos meus braços.

A vi sumir pelo corredor e logo Luís e Mart me

puxaram para o lado oposto. Naquela noite, começou o resto das nossas vidas.

Capítulo 40

Bruna Watts

Ainda olhava a aliança no meu dedo, minha boca ainda estava seca, minhas pernas estavam trêmulas e meu coração pulava no peito freneticamente.

Agora entendia o motivo da Cloe aparecer na clínica com Melissa e a Noemi, me arrastaram até um salão, me fazendo embarcar em um "dia das mulheres."

Elas me empurram até o meu antigo quarto e me fizeram sentar em uma poltrona. Enquanto elas prendiam meus cabelos, fazendo uma grande cascata de cachos, Melissa retocava meu batom, enquanto Cloe e Noemi prendiam algo em meu cabelo. Elas terminaram, ficaram na minha frente e cada uma expressava um sorriso no rosto.

— Você está linda. — Disse Cloe.

— Magnífica! — Completou Noemi.

— O... Obrigada, posso ver? — Perguntei.

— Não! — Gritaram juntas.

— Desculpa, só no final. — Disse Melissa.

Noemi me puxou para que ficasse em pé e me abraçou forte, ela se afastou e logo Cloe me abraçou, um abraço cheio de carinho, aconchegante, apertado, um abraço de mãe!

— Bem-vinda à família! — Disse ela, me apertando em seus braços.

— Obrigada, Cloe! — Disse assim que ela se afastou dos meus braços.

— Agora, vamos, deixe que Melissa a ajude nos últimos preparativos e vamos acalmar o noivo. — Disse Noemi.

— Tente não matar o meu filho de tanto esperar.

— Vou tentar. — Falei.

Assim que elas saíram, Melissa deu dois pulinhos, batendo palmas e correu até o *closet*, voltando com uma caixa média.

— Se o que estiver aí for o meu vestido, irei me casar com esse que estou mesmo.

— Deixe de ser boba. O que é mais importante depois do vestido? — Perguntou Mel

— O buquê? Sapato? Maquiagem? Vêu?

— Não, Bruna. É a lingerie. — Disse ela, abrindo a caixa e revelando um conjunto de lingerie

branca.

— Não vou usar isso.

— Ah, vai sim. Nathan vai ficar louco quando a vir com isso aqui.

— Não, não vai.

— Bruna, você já percebeu que irá casar e, depois da cerimônia e da festa, você estará em lua de mel?

— Oh, meu Deus! — Disse, sentando novamente na poltrona.

— Quer desistir?

— O quê? Não, claro que não. Apenas não pensei nisso.

— Bruna, ficar com medo e insegura é normal... mas o Nathan é um homem incrível e, se você não estiver pronta, ele vai entender.

— Eu acho que estou...pronta.

— Eba!! — Ela gritou, pulando e batendo palmas novamente. — Agora, venha, vou te deixar sexy para o seu *marido*.

Ela realmente fez com que me sentisse sexy, o conjunto era simples e ao mesmo tempo chamativo, mas recusei o chicote, as algemas e a máscara de tigresa que ela pediu que usasse. Seria muita coisa para minha primeira noite.



Estava nervosa, minhas mãos estavam suando frio, Melissa acabará de sair, dizendo que logo alguém me buscaria.

Respirei fundo, virei lentamente até que me encarei através do reflexo do espelho. O vestido rendado com um decote coração no estilo sereia se encaixou perfeitamente ao meu corpo, o véu simples com renda nas bordas me encantou. Toquei no colar de pérolas e senti a textura lisa das pedras.

Um sorriso surgiu no meu rosto assim que vi o tio Alberto entrar no quarto com um buquê de copo de leite nas mãos, ele se aproximou me fazendo virar para abraçá-lo.

Ele se afastou, segurou meu rosto e falou:

— Seu pai ficaria orgulhoso em ver a mulher que você se tornou.

— Não me faça chorar, tio. — *Disse, já ficando com a visão embaçada.*

Ele retirou um lenço de pano do bolso do terno e me entregando, sequei minhas lágrimas com cuidado.

— Posso ter a honra te levar até o seu noivo essa noite?

— Não vejo pessoa melhor para essa função.

Ele me entregou o buquê, me fazendo sorrir e logo ofereceu o braço que aceitei de bom grado. Descemos as escadas, lentamente e ele me ajudou a entrar no carro após ter abraçado Mart com carinho.

Segurei firme o buquê quando o carro parou na entrada do deque, meu tio me ajudou a sair do carro, beijou minha testa e colocou o véu sobre o meu rosto. Caminhamos até a entrada do piso de madeira, um tecido branco fechava a entrada, impedindo que visse através dele. O céu estava iluminado por milhões de estrelas e a grande lua cheia estava parcialmente tampada por algumas nuvens. Grandes tochas iluminava o local.

Senti um leve aperto no braço, me fazendo olhar o tio Alberto me lançando um sorriso encorajador.

— Pronta? — Perguntou ele.

Respirei fundo e assenti. A música começou a tocar, me fazendo sentir um frio na barriga e olhar

para frente assim que a cortina foi aberta.

O chão estava repleto de pétalas de rosas e pequenas luminárias na lateral iluminava o caminho até Nathan. Ele estava lindo, suas mãos estavam na frente do corpo e o seu sorriso era contagiante. Dei o primeiro passo em sua direção, olhando cada rosto familiar, sorrindo para os meus amigos da clínica, a família da Melissa e todos da fazenda. Sorri para cada um, enquanto caminhava até o meu amor. Quando estava na metade da passarela de madeira, um homenzinho vestido de terno veio correndo em minha direção.

— *Mamãe!!* — Gritou.

Me ajoelhei e abracei o meu filho com força. Levantei o véu e beijei sua bochecha, deixando uma marca de batom rosa na sua bochecha gordinha.

— *Supesa.* — Gritou, me fazendo sorrir.

— Mamãe amou a surpresa, amor.

— Vem, Arthur, vamos deixar a mamãe chegar até o papai, prometo te dar um chocolate. — Disse Alysson a ele.

Surgiu um sorriso maravilhoso no rosto do meu filho, o fazendo correr até a Alysson e me dando um tchauzinho, fazendo todos sorrirem.

Arrumei novamente o meu véu, levantei, passei

a mão no meu vestido e entrelacei o meu braço com o do meu tio.

Aos poucos, me aproximei do Nathan, que em momento algum desviou o olhar do meu. Ele se aproximou, cumprimentou o tio Alberto, que disse que não entendi, fazendo Nathan apenas assentir. Tio Alberto beijou a minha mão e seguiu até onde a tia Anne estava.

— Você está linda! — Disse ele, me fazendo voltar a atenção para ele.

— Obrigada! Você também está lindo. — Entreguei o buquê para a Melissa, entrelaçando minha mão a dele e olhamos para frente, para o juiz cerimonial.

O lago estava com várias velas flutuante e o reflexo da lua podia ser visto através da água. O juiz pediu que todos tomassem seus lugares e logo deu início a cerimônia. Ficava revezando entre olhar o juiz e o Nathan que estava com um sorriso maravilhoso nos lábios, assim como o meu.

— Deus criou a mulher da costela de adão. E assim como a costela, você deverá sempre tê-la ao seu lado no decorrer das suas vidas juntos, mantê-la sempre debaixo dos seus braços para proteger e zelar pela segurança dela e amá-la em todas as circunstâncias. Assim como Deus criou Eva para

adão, ele criou a Bruna para você, Nathan. Então, diante dessas testemunhas e convidados, você, Nathan Walker Brown, aceita Bruna Watts como sua esposa?

— Sim! Eu aceito.

— E você, Bruna Watts, aceita Nathan Walker Brown, como seu marido?

— Sim, para todo sempre.

— As alianças?

Nathan retirou do bolso outra caixinha, revelando um par de alianças douradas, uma fina com pequenos brilhantes e outra grossa, simples. Ele pegou a aliança fina, me fazendo levantar a minha mão.

— Eu aceito você, Bruna Watts, como minha esposa, prometo amá-la, respeitá-la e conservá-la, todos os dias da minha vida. Na saúde ou na doença, na alegria ou na tristeza, até que a morte nos separe. — Ele beijou minha mão onde estava a aliança.

— Eu aceito você, Nathan Walker Brown, como meu marido, prometo amá-lo, respeitá-lo e conservá-lo, todos os dias da minha vida. Na saúde ou na doença, na alegria ou na tristeza, até que a morte nos separe. — Deslizei o anel.

Ele sorriu para mim, me fazendo retribuir o

gesto. Segurei novamente sua mão forte e olhamos para o juiz.

— Diante de Deus e todos aqui presentes, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

— Graças a Deus! — Disse ele, fazendo todos sorriem.

Ele me puxou pela cintura, me fazendo soltar um gritinho de surpresa. Ele subiu o véu lentamente, me fazendo olhar em seus olhos repletos de desejo. Quando finalmente o véu não estava entre nós, ele segurou minha nuca e se aproximou do meu rosto.

— Eu te amo! — Nathan disse.

— Eu te amo muito mais.

Essa frase foi o suficiente para ele sorrir e me beijar, fazendo todos gritarem.

Sorri assim que ele se afastou, pegou minha mão e caminhamos até a saída, sendo surpreendidos por uma chuva de pétalas de rosas.



A festa no jardim foi inesquecível, dancei com o

tio, com o meu filho e com meu marido. Quando já estava ficando tarde, juntei todas as meninas e joguei o buquê, fazendo Melissa pegar. Me despedi de todos e agradei pela surpresa.

Estávamos no quarto do nosso filho que estava caindo do sono, vestido em um pijama das *tartarugas ninjas*. Beije sua bochecha e desejei boa noite e Nathan fez o mesmo.

Assim que demos boa noite ao nosso filho, Nathan me levou até o quarto em seu colo, ele fechou a porta com o pé e me colocou na cama com carinho.

— Você não sabe o quanto estou feliz por tê-la ao meu lado.

— Estou sentindo a mesma sensação, amor.
— Disse tocando em seu rosto.

— Te amo, Sra. Brown!

— Eu te amo, Sr. Brown!

Ele tomou minha boca com urgência, me fazendo gemer entre nossos lábios.

— Na...Nathan. — Disse, colocando minhas mãos em seu peito, o afastando. — Eu acho melhor tirar o meu vestido.

— Verdade, vem que eu te ajudo. — Disse, me ajudando a ficar de pé.

— Acho melhor tirar no banheiro. — Disse, indo na direção do mesmo, ele me puxou novamente, me fazendo bater em seu peito.

— Eu faço questão de tirá-lo. — Disse, me fazendo sentir minhas bochechas esquentarem levemente. — Bruna, você está com vergonha? Não preci... Você é virgem? — Ele colocou a mão no meu queixo e levantou minha cabeça. — Meu amor, você...

— Sou. — Respondi timidamente, abaixando novamente a cabeça.

— Obrigado, Senhor! — Ele me abraçou apertado. — Eu te amo, minha pequena. Você confia em mim?

— Confio.

— Isso é o suficiente. Vem, eu vou cuidar de você.

— ¥—

Ele cumpriu com a sua promessa. Entre frases românticas e gestos de carinho, ele me fez dele. Estava deitada na cama e ele me abraçava forte, ele beijou minha testa, disse que amava e me apertou em seus braços, antes que caísse no sono

sabendo que o meu lugar era nos braços dele.

Capítulo 41

Nathan Brown

Algumas mechas dos seus cabelos loiros estavam em seu rosto, retirei com cuidado, sem acordá-la, a apertei levemente em meus braços e senti o seu corpo quente junto ao meu.

Minha mulher!

A felicidade quase não cabia em meu peito em saber que ela era totalmente minha, que eu era o primeiro e o único homem na vida dela.

A minha pequena estava no lugar que sempre foi dela. Eu a amava com todas as minhas forças. Minha família estava completa apenas eu, ela e Arthur. Não precisava de mais nada.

Toquei nas suas costas nuas e ela soltou um gemido, deitou a cabeça em meu peito e a sua perna sobre as minhas, me fazendo ofegar.

— Céus... — Sussurrei.

— Você deveria estar dormindo. — Disse ela, beijando meu abdômen nu.

— Não conseguiria nem se tentasse. Agora

pare de se esfregar em mim antes que esqueça que você está dolorida e a faça gemer o meu nome.

— Não... Eu não estava... Me esfregando...
Eu. — Suas bochechas ganharam um tom avermelhado lindo. A sua inocência me encantava.

— Eu te amo! — Disse, beijando sua testa.

— Eu também. Pensei que tudo fosse um sonho, que acordaria e você não estaria ao meu lado.

— Sempre estarei do seu lado.

— Tenho que ir à minha casa, pegar minhas roupas, conversar melhor com a Gabby.

— Você já está em casa, suas roupas estão no *closet* e quanto a Gabby, vocês conversam melhor na segunda-feira.

— Minhas roupas estão aqui?

— Só ouviu isso?

— Não, apenas fiquei surpresa.

— Sua sogra faz mágica.

— Ela teve ajuda?

— O que você acha?

— Acho que tem dedo da Melissa nessa história toda.

— Isso eu tenho certeza. — Ficamos em

silêncio por algum tempo enquanto mexia em seu cabelo. Olhei o relógio sobre a cômoda e quebrei o silêncio. — Acho melhor tomar um banho e nos arrumamos antes que ele chegue.

— Quem?

— Arthur, ele sempre vem aqui de manhã. E, agora, com você aqui, acho que ele nem irá esperar pela Alysson.

— Então, vou tomar um banho. — Disse, se enrolando no lençol branco e seguindo até o banheiro.

Vesti uma boxer e entrei no banheiro. Ela estava cantarolando algumas músicas, o que me fez sorrir e logo entrar no boxer, fazendo a Bruna gritar e esconder suas partes íntimas.

— Nathan! — Gritou ela.

— Ah, sim, você irá repetir muito esse nome, mas tenha paciência, minha pequena, nem conheçamos o nosso banho.



Eu a observava pentear os longos cabelos

loiros, com admiração; até com uma tarefa tão simples, ela me encantava.

O som da porta abrindo anunciou a chegada do Arthur, fazendo minha esposa abandonar a escova de cabelo sobre a pia do banheiro ao ver nosso filho entrando no quarto com a cara de sono. Ele estava de costas para ela e me encarou sentado na beirada da cama, de onde eu poderia observar a minha esposa com clareza.

Arthur sorriu para mim, esfregou seus olhinhos e disse:

— *Cadê a mamãe?*

Em menos de um mês, eu havia sido trocado.

— Bom dia, meu amor! — Bruna disse, abraçando nosso filho com carinho, fazendo Arthur retribuir o carinho da mãe.

— *Mamãe, dormiu com o papai?*

— Dormi. — Disse ela envergonhada, se aproximando da cama com o nosso filho no colo.

— *Dodói?*

— Dodói? — Repetiu a pergunta, olhando o filho com preocupação. — Você está sentindo algo, meu amor?

— Ele perguntou se você está doente, ele só dorme comigo quanto está passando mal.

— *Mamãe dodói?*

— Não, meu filho... É que... — Ela me lançou um olhar, como se pedisse ajuda, me fazendo sorrir e cruzar os braços, esperando que ela explicasse a situação para o nosso filho. — É que agora a mamãe vai morar aqui, vou cuidar de você e do papai todos os dias.

— *Blicar de gol?*

— Sim, meu amor, vamos brincar muito de gol.



A manhã foi prazerosa, Bruna iluminava o dia com o seu sorriso, e Arthur aproveitou de todas as maneiras o contato com a mãe. Por um momento, me lembrei dela há dois anos com ele nos braços e o seu sorriso era exatamente o mesmo.

Não me imaginava tendo outros filhos. Não queria filhos. Ela conviveu com Arthur desde que ele era pequeno e, mesmo perdendo dois anos do seu desenvolvimento, ela estará presente em muitos momentos importantes da vida dele. Ela já tinha um filho, nós tínhamos um filho e isso era o

suficiente, Arthur seria para sempre a nossa conexão. Apenas nós três e isso já era o suficiente para sermos felizes.

Deixei-os no jardim com a minha mãe e Noemi enquanto eles alimentavam os patos e entrei em casa, seguindo direto para a cozinha. Entrei na mesma e me surpreendi ao ver Theo com um bife tampado o olho esquerdo e Luís de braços cruzados o observando.

— O que aconteceu aqui? — Perguntei.

— Pergunta para o seu irmão. — Theo respondeu estressado.

— Você provocou. — Luís retribuiu no mesmo tom.

— Outra aposta?

— Quem dera! Se fosse uma aposta, ele estaria com o olho roxo e não eu. — Theo respondeu.

— Diga-me logo que diabos aconteceu. — Tornei a perguntar.

— Ele enlouqueceu, estávamos falando do seu casamento e das amigas da Bruna... Quando falei que a Melissa estava quente naquele vestido, ele simplesmente me deu um soco. — Disse, tirando a carne do rosto, me fazendo ver o inchaço no local.

Olhei o Luís com atenção, cruzei os meus

braços na altura do peito e fique olhando para ele. Ele desfez sua postura, levantou a mão do Theo novamente, colocando a carne no rosto, o fazendo gemer de dor.

— Luís, precisamos conversar.

— Não quero conversar. — Protestou meu irmão.

— Não perguntei, agora, venha.

Ele bufou e me seguiu até o escritório, me sentei na minha cadeira e o olhei se servindo com alguma bebida no bar e se sentar à minha frente de uma maneira desleixada.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Disse, tomando um gole da bebida.

— Sabe que irei descobrir.

Ele soltou um sorriso debochado e disse:

— Você não vai descobrir.

— No que você está se envolvendo?

— Sério que quer cuida da minha vida? Não tem vidas o suficiente para cuidar? Da sua mulher ou do seu filho?

— E a família, Luís?

— A família só é firmada ao seu redor, Nathan, como essa casa e a metade da empresa. É

a *sua* família, não a minha.

— O que quer dizer com isso?

— Tomei uma decisão faz algum tempo e acho que já está na hora de colocá-la em prática.

— Qual decisão?

— Quero morar sozinho.

— O quê?

— Quero crescer profissionalmente, quero aprender a viver sozinho, sem a nossa mãe ou você me dizendo o que fazer... Tenho vinte e cinco anos, o que me impede de ter uma vida como qualquer homem solteiro?

— Então, é isso? Você quer ir embora?

— Quero.

— Ok. — Disse, me levantando e indo em direção ao bar. — Boa sorte para falar com a nossa mãe.

— Ah, droga!

— Quer ser responsável? Tenha responsabilidade suficiente para falar com ela, só me avise antes que o furacão Cloe venha destruindo tudo.

— Preciso de uma dose de coragem. — Disse, se aproximando e enchendo novamente o seu copo.

— Para falar com ela? Pode pegar a garrafa inteira e não será o suficiente.

Ele tomou o líquido que estava no copo todo de uma vez. Lógico que ele não queria apenas liberdade, ele apenas não queria que eu descobrisse no que ele estava se envolvendo, o que não me faria desistir dele, formávamos uma família e uma família protege seus membros. Ele podia até não perceber, mas eu sabia muito mais do que ele imaginava.

Capítulo 42

Bruna Brown

A vida de mulher casada era maravilhosa, não tivemos uma lua de mel oficial, não poderia viajar com a faculdade e Nathan não poderia sair e deixar a empresa aos cuidados do Luís, afinal, segundo ele, Luís ainda não estava apto para essa função.

Decidimos que nas férias do final do ano viajaríamos em família, não gostaria de ficar longe do meu filho e ele também não, então decidimos que logo teríamos nossa viagem em família.

Passei os cuidados da casa do meu pai para Gabby. Sabia que ela era responsável o suficiente para cuidar de um lugar tão importante para mim.

Luís saiu de casa semanas depois do nosso casamento, fazendo Cloe chorar na minha frente pela segunda vez, meu coração se partiu em milhares de pedaços e, no fim, a única coisa que pude fazer foi abraçá-la.

Já estávamos casados há dois meses e vivíamos em completa felicidade, Nathan era um

marido muito romântico, sempre me surpreendia com algum gesto romântico ou um presente.

Arthur tirava o melhor de mim e despertava um lado meu que eu desconhecia, meu lado maternal.



Joguei minha prancheta sobre a minha mesa do meu escritório e deitei no sofá que havia no local, ele tinha sido muito útil essa semana. A clínica tinha tomado muito do meu tempo e eu andava pegando o turno da noite, deixando o Nathan louco por dias, o que não me fazia mudar ideia.

— Cansada? — Perguntou Laird ao entrar na minha sala com um copo grande de café.

Me arrumei no sofá e sentei de uma maneira confortável.

— Obrigada. — Disse, pegando o café. — Cansada é pouco, essa semana tem sido difícil.

— Já te disse que não precisa ficar tanto tempo, você tem um marido e o Arthur para cuidar, aqui é tranquilo à noite.

— O que acabou de acontecer, então?

— São casos raros.

— Ele precisa de cuidado, Laird. Ele está piorando.

— A família já sabe sobre a situação, você melhor do que ninguém sabe que não podemos fazer muita coisa no último estágio da doença.

— Sim, eu sei. — Tomei um gole do café, olhei o relógio na parede, marcava 01h40min. — Tenho que ir. — Disse, me levantando, colocando o café na minha mesa e tirando o meu jaleco.

— Bom fim de semana.

— Obrigada! Para você também, qualquer coisa me avise.

— Ele vai ficar bem.

— Espero. Não fique muito tempo aqui, vá para casa descansar.

— Irei, fiquei tranquila.

— Obrigada, novamente. — Disse o abraçando. — Boa noite!

— Para você também.

Me afastei dos seus braços, peguei a minha bolsa, o meu celular e saí da minha sala. Mandeí uma mensagem para a minha equipe de segurança e, assim que saí da clínica, eles já estavam a postos, entrei no carro, encostei a minha cabeça no

banco e fechei os meus olhos.

A voz do Jeff me fez despertar, ele sorriu sem graça por ter me acordado, o agradei, peguei minha bolsa, passei a mão nos meus cabelos e desci do carro. A casa estava em completo silêncio assim como todos os dias. Fechei a porta, tirei meus sapatos para não fazer barulho, deixei a bolsa sobre a mesa ao lado da porta e subi as escadas lentamente.

Entrei no quarto do meu filho, como de costume, passei as mãos em seus cabelos ondulados e beijei sua testa o fazendo suspirar e mexer um pouquinho. Guardei seus poucos brinquedos espelhados pelo quarto e saí sem fazer barulho.

Entrei no meu quarto e vi Nathan deitado, dormindo tranquilamente. Caminhei até o *closet*, deixei meus sapatos no local apropriado e seguir até o banheiro.

Depois de um banho demorado, vesti uma camisola preta, já que Melissa fez questão de queimar todos os meus pijamas com a desculpa de serem muito infantis.

Amarrei meus cabelos em um coque desarrumado e deitei ao lado do meu marido, beijei sua testa e virei para o outro lado. Senti seus

braços me envolverem com facilidade, me fazendo sorrir. Seu rosto afundou em meu pescoço, me fazendo arrepiar ao sentir sua barba raspar levemente em contato com a minha pele.

— A clínica devia estar movimentada. — Disse ele.

— Ah, não, por favor. — Disse, me virando novamente e tocando seu abdômen nu. — Não quero discutir novamente esse assunto.

— Nunca discutimos esse assunto, você sempre desvia de alguma maneira.

— Ótimo! Então, vamos dormir.

— Isso não é hora de chegar, Bruna. Como vai se concentrar na faculdade dessa maneira? Ou ter disposição para brincar com o Arthur? Ele sente falta de você colocá-lo para dormir.

— Amanhã é sábado, sem faculdade, irei acordar disposta para ficar com o nosso filho e o farei dormir.

— Ele não quer uma mãe nos finais de semana, minha pequena. Ele é apegado a você e essa distância o está afetado de alguma maneira. Sei que a clínica é importante para você, mas as vezes temos que nos frear um pouco para que possamos aproveitar a vida.

Suspirei levemente e o respondi.

— Vou conversar com a Elizabeth.

— É bom ouvir isso. — Disse ele, beijando a minha testa. — Vai no jogo amanhã?

— Não, amor, quero aproveitar o tempo com o Arthur e você precisa de um tempo apenas você e seus amigos.

— Entendo. Vou visitar o Luís pela manhã, minha mãe o convocou para o almoço e ele não atendeu.

— Ele deve estar ocupado com trabalho, faculdade e uma casa para administrar... É novidade para ele.

— Espero. — Disse, me apertando em seus braços.

— Vamos dormir.

— Tenho uma ideia melhor. — Disse, abrindo um sorriso malicioso nos lábios. — E você irá dormir tranquila depois que terminar.

— Você é um devasso, Sr. Brown! Sei muito bem o que você quer.

— Então, me deixe te proporcionar prazer, minha pequena.

— Não seria louca de negar. Dê-me tudo que você tem. — Disse, passando a mão em seu peito lentamente.

- Ah, Sra. Brown, você é minha perdição!
- Não, meu amor, sou a sua salvação.
- Definitivamente você é a minha salvação.



As mãos gordinhas do meu filho fizeram com que eu acordasse com um sorriso. Ele estava deitado ao meu lado, segurando a mamadeira e a outra mão insistia em alisar o meu rosto. Beije a sua mãozinha e levantei. Olhei o pequeno papel dobrado na cômoda, o peguei e abri.

Bom dia, minha pequena!

*Me desculpe por tê-la deixando sozinha na
nossa cama, mas alguns assuntos têm que serem
resolvidos!*

Aproveite o dia.

Estarei em casa antes do almoço.

Te amo!

Seu marido ♡

Fiz meu pequeno ritual matinal, sequei meu rosto com toalha e saí do banheiro, olhando Arthur pulando na cama com o seu pijama do *Lanterna Verde* e um sorriso lindo. Aproximei-me dele e logo ele pulou no meu colo, me fazendo apertá-lo em meus braços.

— Bom dia, meu amor.

— *Dia, mamãe!*

— Vem, vamos tomar um banho para brincar um pouquinho.

— *Blinicar.*

Alysson fez questão de dar um banho no Arthur, aproveitei para tomar um também.

Depois que terminei de vestir um short e uma blusa qualquer, estava preparada para um dia inteiro com o meu filho.

Desci as escadas, amarrando meus cabelos, mas quando cheguei à sala, encontrei Arthur sorrindo no colo da Charlotte.

O sorriso que estava no seu rosto logo sumiu ao me ver, ela colocou o neto no chão e me ignorou como sempre fazia.

— A vovó trouxe uma surpresa para você, meu amor.

— *Supesa.* — Disse batendo palminhas, me

fazendo sorrir e ele olhar para mim. — *Mamãe!*

— Oi, meu amor! — Disse, tentando ignorar o olhar da mulher a minha frente e apenas olhei para Arthur que vinha em minha direção. Ele pegou minha mão e me deu um pequeno puxão para ir em direção a Charlotte.

— *Vem mamãe, a vovó Loti tem supesa.*

Fiquei próxima a ela, fazendo ela simplesmente fingir que eu não estava ali. Ela se sentou próximo a mesa de centro com um pote médio nas mãos.

— A vovó fez torta de chocolate, amor. — Disse ela.

— Chocolate! — Disse ele, soltando a minha mão e ficando próximo a avó.

Olhei para os lados em busca da Alysson para que pudesse sair e deixá-los sozinhos, mas não a encontrei, tinha certeza que Charlotte a mandou fazer algo longe do meu filho. Me sentei no sofá e suspirei com desgosto com o fato do Nathan não ter me informado que ela viria hoje.

Arthur pegou a colher com firmeza e levou um pedaço grande a boca, fazendo sua boca ficar suja e alguns pedaços caírem.

— Deveria comer só depois do almoço, filho, vai perder o apetite assim.

— Está gostoso, amor? Quer mais? —

Perguntou ela, me ignorando novamente.

Arthur afirmou com a cabeça e logo Charlotte sorriu vitoriosa. Ela pegou a colher da mãozinha do neto e cortou um pedaço generoso de torta para ele.

Ele pegou a colher e veio andando em minha direção.

— *Quer, mamãe?* — Perguntou ele, na minha frente.

— Não, meu.... — Ele não deixou que eu terminasse a frase, simplesmente colocou a colher na minha boca, me fazendo experimentar a torta.

Ele sorriu para mim, me fazendo sorrir também, experimentei e realmente estava uma delícia. Arthur correu até a avó me fazendo ver o rosto da Charlotte com raiva e logo ela novamente me ignorou e sorriu para o neto.

Comecei a tossir, coloquei a mão no peito e tentei acalmar a dor que estava sentindo. A tosse se tornou forte e me fez lembrar.

Amendoim.

— Charlotte... Tem...amendoim na...torta?

Ela me ignorou novamente, me ajoelhei no chão e tentei parar de tossir, já sentia meus lábios inchados e as lágrimas se acumularam me fazendo suplicar por ajuda.

— Por... Favor... A injeção... Minha... Bolsa.

Tentei puxar ar para os meus pulmões, mas não foi o suficiente. Meu peito queimava, suplicando por oxigênio.

Tentei lembrar onde estava a minha bolsa e me lembrei de que estava próxima a porta da sala. Olhei novamente para Charlotte e, mesmo com os meus olhos embaçados por causa das lágrimas, a vi de pé com o Arthur no colo enquanto ele tentava descer. Ela não ia me ajudar, ia me deixar sufocar até a morte na sua frente do meu filho.

Tentei rastejar até a porta da sala, mas a dor estava aumentando e não consegui me mover. Tentei gritar por ajuda, mas nem voz eu tinha.

Desisti de rastejar, fiquei naquele chão frio, ouvindo o choro do Arthur, a queimação no meu peito me sufocando aos poucos e sentindo as lágrimas rolando pelo o meu rosto.

Não havia imaginado a minha morte dessa maneira. Me imaginei idosa ao lado do Nathan, com a casa cheia de filhos e netos. Imaginei que ele iria primeiro já que não o imaginava sendo capaz de suportar perder outra esposa. Pensei que veria o desenvolvimento do Arthur, que lhe daria irmãos e que estaria ao seu lado no altar quando ele achasse a mulher certa para ele. E, no entanto,

estava ali, implorando por oxigênio, por qualquer ajuda que provavelmente não chegaria a tempo.

Fechei os olhos e encostei o rosto no chão molhado pelas minhas lágrimas e esperei que a morte não fosse tão cruel comigo.

Capítulo 43

Nathan Brown

Toquei novamente a campainha do apartamento do meu irmão já irritado pelo fato de ter saído de casa com a minha esposa ainda dormindo e lhe deixando apenas um bilhete para mostrar que a amo, para quê? Para ficar igual um idiota plantado na frente da porta do apartamento do Luís.

Bufei irritado e comecei a bater com força na porta, gritando o seu nome. Quando ouvi sua voz abafada dentro do apartamento dizendo um “já vai”, me fazendo suspirar aliviado.

— Quem morreu? — Perguntou, assim que abriu a porta, usando apenas uma boxer.

— Você, daqui apouco. Por que diabos você não atende o celular? — Disse, entrando no seu apartamento e encontrando uma loira seminua dormindo no sofá. — Me diga que ela não é o motivo.

— Motivo? — Perguntou ele ao fechar a porta

e caminhando até a cozinha.

Caminhei até ele e falei:

— O motivo para você querer morar sozinho e não atender o celular.

— Não ela não é o *motivo*.

— Quem é ela?

— Uma amiga.

— Ela não parece uma amiga.

— Ela é apenas uma amiga, estou a ajudando.

— Imagino a ajuda. — Fui irônico

— Acho que não.

— Não é difícil de imaginar, já que você está apenas de cueca e ela praticamente pelada.

— Ela provavelmente sentiu calor durante a noite e enquanto as minhas vestimentas, é a única que uso para dormir. — Disse ele, tomando um gole do café. — Vai continuar com essa conversinha ou vai falar logo o que quer?

— Se atendesse o celular, saberia que a nossa mãe quer que vá almoçar hoje lá em casa.

— Ok. Eu vou. — Disse, se afastando da cozinha e sentando ao lado da mulher, que nem se moveu.

— Diga-me que ela está viva.

Bufou e disse.

— Claro, apenas dopada, a noite não foi das melhores.

— Poupa-me, vá se arrumar e trate de dispensar a sua amiga, pois você irá comigo.

— Não a dispensarei.

— Então, você...

— Não se preocupe, irei com você, apenas a deixarei aqui.

— Você confia nela?

— Sim, eu confio nela.

Não lhe perguntei nada, ele a cobriu com uma manta grossa a fazendo se mexer e virar o rosto para o outro lado, me fazendo ver algumas marcas roxas em seu rosto. Olhei para meu irmão e ele não pronunciou nenhuma palavra, apenas suspirou em busca de calma e saiu em direção ao seu quarto.

Mantive os olhos na mulher que estava deitada na minha frente e tentei não imaginar o que ou quem havia feito isso com ela.

Luís apareceu alguns minutos depois, vestido casualmente e com os cabelos bagunçados. Ele pegou um bloco de notas no balcão da cozinha e escreveu algo, retirou o papel do bloco e colocou na geladeira. Enquanto ele procurava algo, me aproximei da geladeira e li o papel com atenção.

Não saía do apartamento!

Estarei de volta logo.

Coma algo e tome um banho.

BROWN

— Vamos ou vai querer que eu escreva um bilheteinho me declarando para você também?

— Isso não é uma declaração.

— E você não faz o meu tipo... Agora, vamos, meu irmão.

Ele fechou a casa e seguimos até o elevador em silêncio. O vi colocar as mãos nos bolsos e respirar fundo.

— O que aconteceu com ela?

— Também gostaria de saber.

— Ela não disse?

— Ela não pronunciou nenhuma palavra desde que a trouxe para casa.

— Então você a levou até seu apartamento? Onde ela estava?

— Chega de perguntas, Nathan, não se preocupe, eu sei me cuidar e irei cuidar dela.

— Por que sinto que isso vai dar merda?



O trânsito estava uma droga, demoramos longos minutos até sairmos do centro para que pudéssemos pegar a estrada que levaria até a fazenda. E quando finalmente paramos na entrada, agradei o Mart e desci do carro juntamente com o Luís.

Quando escutamos o grito da minha mãe, olhei para Luís rapidamente e corri até o hall de entrada, empurrei a porta, vi Charlotte segurando Arthur que se debatia sem seus braços e olhei na direção que o meu filho olhava e senti o ar faltar em meus pulmões, Bruna estava caída ao chão e minha mãe dava pequenos tapas no seu rosto. Me aproximei do seu pequeno corpo e cai de joelhos, seus lábios e rosto estavam inchados e suas lágrimas haviam molhado todo o seu rosto.

Olhei ao redor e vi que todos estavam olhando. Me aproximei do seu rosto e percebi que ela ainda respirava com dificuldade.

Procurei a sua bolsa ao redor e quando a encontrei, corri até lá, abri a bolsa e joguei tudo no chão, sabia que ela estava tendo uma crise alérgica

e o que me desesperava era que ela estava tendo uma reação anafilática. Entre os milhares de coisas que caíram da sua bolsa finalmente achei o auto injetor de ipinefrina (*Epipen*)

Corri até ela novamente, minha mãe colocou sua cabeça em seu colo e chorava em silêncio, olhei para Arthur que ainda estava no colo da avó.

— Alysson, tire Arthur daqui agora. Mãe, chame uma ambulância. — Disse.

Enquanto elas saíram correndo, me ajoelhei novamente ao lado da minha mulher e agradei por ela estar de short, aproximei o injetor da sua coxa e tentei parar de tremer, respirei fundo e injetei a adrenalina para contra-atacar com a reação anafilática. O remédio faria efeito quase de imediato e aqueles foram os segundos mais longos da minha vida.

Enquanto os segundos passavam via que ela não reagia, o meu coração pulsava freneticamente e sentia que a estava perdendo aos poucos.

Ela estava morrendo.

A dor da perda já me consumia pela segunda vez e dessa vez era devastador. Retirei-a do colo da minha mãe e abracei seu pequeno corpo desfalecido. Sua pele estava fria, talvez pelo contato com o chão. Olhei seu rosto e chorei, a

abraçei e gritei alto:

— Por favor, não vá... Eu preciso de você, preciso do seu amor... Não me deixa... Não consigo viver sem você... — Abraçei seu corpo e tentei novamente, de alguma maneira, trazê-la de volta.

— Nathan, ela... — Luís começou.

— Não! Ela não se foi. — Gritei, tentando acreditar nas minhas palavras. — Vamos, minha pequena, reaja, você é forte.

Fechei os meus olhos e deixei que as lágrimas saíssem sem me importar com quem as visse. Até que senti ela estufar o peito e abrir a boca para puxar oxigênio, me fazendo sentir uma onda de alívio inundar o meu corpo.

— Graças! — A abracei novamente, com força, como se a vida dela fosse escapar pelos meus braços.

— Nathan, vai sufocá-la assim. — Disse minha mãe, me fazendo afastar o corpo da minha pequena do meu.

Seus lábios ainda estavam inchados, assim como o seu rosto, ela tentava abrir os olhos, mas o inchaço a impedia. Afastei seus cabelos do rosto e beijei sua testa. Sua boca abria e fechava como se quisesse falar algo, entretanto sua voz não saía.

— Calma, meu amor, a ambulância vai chegar

logo. Vai ficar tudo bem.



A ambulância não demorou muito para chegar, sua respiração ainda era falha e me recusei a sair do seu lado. Quando os paramédicos chegaram e me obrigaram a sair de perto dela, fiquei aflito.

A máscara de oxigênio foi colocada e ela encaminhada rapidamente para o hospital. A acompanhei até o hospital e segurei firme a sua mão. Assim que a ambulância parou e a levaram até a sala de emergência, fui impedido de entrar.

Sentei na sala de espera e tentei me acalmar. Me tranquilizei apenas quando vi minha família atravessar a porta da recepção, recebi um abraço da minha mãe e do meu irmão e logo fui até a Alysso que segurava meu filho, ainda chorando.

— Desculpa, senhor, mas ele não para de chorar. — Ela explicou

— Eu o entendo. — Disse, pegando o meu filho dos seus braços.

— *Mamãe.* — Disse com a voz falha e os

olhinhos vermelhos.

— Ela vai ficar bem, filhão.

Abracei o restante da minha família e tentei acalmar meu filho que já havia parado de chorar.

Fiquei ali em pé, enquanto todos estavam sentados, sem dizer qualquer palavra.

Estava angustiado demais para sentar, então apenas fiquei andando de um lado para o outro com o Arthur dormindo em meu colo, sua cabeça estava em meu ombro e seu pequenino corpo estava sendo apoiado pelos meus braços.

— Parentes da Sra. Brown?

Me virei e olhei um médico segurando uma prancheta e olhando todos da sala, minha família se levantou enquanto eu ia até ele.

— Todos nós somos parentes dela, como ela está? — Perguntei.

— Bom, o ataque anafilático foi provocado por ingerir amendoim, como posso imaginar que vocês já sabem. A *Epipen* foi o que salvou a vida da paciente. Ela deverá ficar em observação até amanhã, pois uma segunda resposta atrasada pode se manifestar dentro de algumas horas. E esse período de observação é vital para garantir uma possível alta.

— Podemos vê-la? — Perguntei a ele.

— A visita será liberada, mas não faça com que ela fale, o inchaço está menor, porém seria melhor que ela não fizesse esforço para falar.

Concordarmos com ele e logo cada um foi vê-la, esperei pacientemente até que pudesse ir ao seu encontro. Quando Melissa e sua mãe retornaram, me dando a oportunidade para que pudesse vê-la, Alberto pegou meu filho com carinho e apenas sorri em agradecimento. Caminhei até o quarto em que minha esposa estava e abri a porta sem cerimônia.

Ela estava com uma máscara de oxigênio e, quando me viu, consegui tirar dela um sorriso. O sorriso que tanto amava. Aproximei-me do leito hospitalar e beijei sua testa com carinho.

— Nunca mais me assuste assim, não deixarei que coma qualquer coisa sem saber cada ingrediente. Você não sabe a dor que senti ao pensar que tinha perdido você.

— Cha... — Tentou falar.

— Não fale, meu amor.

— Char...lotte.

— Charlotte? — Afastei meu rosto do seu corpo e olhei seu rosto. — O que a Charlotte fez?

Ela me olhou por um tempo e ela não precisava tentar falar mais nada, entendi tudo

apenas no seu olhar.

Respirei fundo e falei:

— Apenas confirme o que eu disser. Charlotte estava ao seu lado quando a crise começou? — Ela assentiu. — Ela negou algum tipo de ajuda? — Ela assentiu novamente, me fazendo sentir a raiva preencher o meu corpo.

Beijei sua testa rapidamente e saí do quarto, precisava de um pouco de ar, precisava falar, explicar o que havia acontecido com minha mulher.

Cheguei à sala e vi todos sentados e Charlotte adentrar a recepção acompanhada por Henry.

Não contive o meu corpo, quando vi já estava indo na sua direção e logo Luís e Mart me impediram como se soubesse o que ia fazer.

— O que veio fazer aqui? Veio terminar o seu serviço sujo, ver se ela realmente morreu?

— Nathan, pare, o que aconteceu? — Disse meu irmão, tentando me impedir de avançar até a cobra em forma de pessoa na minha frente.

— Essa mulher viu que a Bruna estava passando mal e não teve a decência de ajudá-la, ela a queria morta.

Quando terminei a frase, todos olharam para a mulher asquerosa que estava a nossa frente. Mart e Luís me soltaram. Respirei fundo e tentei conter a

vontade de matá-la.

— Ela veio se desculpar. — Henry disse.

— Não me venha com essa, Henry. E se minha esposa tivesse morrido, o que as desculpas dessa mulher mudariam? Nada! Duvido que ela tenha se arrependido.

— Não me arrependi. — Disse ela, friamente.

Respirei fundo e me contive ao máximo para que não avançasse sobre ela.

— Apenas não te bato porque aprendi a não levantar a mão para uma mulher.

— Pois eu não passarei vontade. — Disse minha mãe, jogando a sua bolsa para Noemi e metendo dois tapas fortes na face da Charlotte.

Uma enfermeira gritou para chamar nossa atenção e fazer minha mãe se afastar dela.

— Isso não ficará assim.

Me aproximei dela, fazendo ela se afastar para trás e acabar encostando na porta da recepção.

— É bom que tenha medo de mim, pois se você queria provocar o ódio de toda a minha família, você conseguiu. Prepare-se, Charlotte, pois a partir de hoje vou usar todas as minhas forças para que você nunca mais chegue perto do meu filho ou da minha família.

— Você não pode fazer isso.

— Ah, sim, eu posso! Se tem uma coisa que aprendi é que esse país é movido a dinheiro e eu gastarei tudo o que tenho, se for necessário, mas você nunca mais verá o Arthur. — Disse, me afastando dela e passando por todos que assistiam ao nosso pequeno show.

Não precisava ficar olhando para eles ou remoendo a minha raiva, a única coisa que precisava era da minha doce e maravilhosa mulher, o resto era resto.

Capítulo 44

Bruna Brown

Sabia que os braços que me envolviam quando a ar invadiu os meus pulmões eram do meu marido, mesmo sem vê-lo, sabia que era ele, o meu salvador.

Tentei de milhões de maneiras diferentes dizer que Charlotte era a culpada por quase ter morrido na frente do meu filho, mas todas as minhas tentativas foram falhas, já não tinha voz, nem forças para pronunciar uma frase sequer.

Percebi que a minha conexão com Nathan era muito mais forte do que eu havia imaginado e, assim que ele decifrou meu olhar e saiu da sala com apenas um beijo na minha testa, fiquei aflita.

Tentei não pensar no que ele foi fazer assim que saiu do quarto. Entretanto, não aguentei, eu precisava saber o que ele foi fazer.

Quando tirei a máscara de oxigênio, ele entrou pela porta e me lançou um olhar duvidoso.

— O que estava pensando em fazer? Fugir? —

Neguei com a cabeça. — Ótimo! Então coloque a máscara novamente no rosto e descanse.

Fiz o que ele pediu e fiquei olhando-o puxar a poltrona e se sentar ao meu lado, segurando a minha mão.

— Na...Nathan.

— Por favor, não fale nada, descanse. Eu só preciso ficar aqui do seu lado e esquecer que tem um mundo lá fora.

O puxei para a cama e, mesmo com protestos, ele aceitou e se deitou ao meu lado, deitei minha cabeça em seu peito largo e fechei os meus olhos. Eu precisava do corpo dele próximo ao meu e ele necessitava do meu carinho.



Quando acordei ele não estava ao meu lado, não estava usando a máscara e o quarto estava escuro, estiquei meu braço até o abajur e o liguei.

Empurrei o cobertor fino que me cobria e levantei da cama quando ouvi a porta se abrindo e Nathan entrou no quarto segurando uma bandeja grande.

— Por que sempre que entro nesse quarto você está tentando fugir? — Perguntou ele, acendendo a luz.

— Talvez eu não goste de hospital.

Ele me lançou um sorriso e balançou a cabeça em negação.

— É bom ouvir a sua voz, agora, deite e coma, já tem algumas horas que você não come nada.

— Quantas horas eu dormi? — Perguntei, me sentando e colocando alguns travesseiros nas minhas costas.

— Algumas horas.

— E você ficou todo esse tempo aqui?

— Claro! Adoro ouvir o seu ronco e ver sua cara amassada no travesseiro. — Disse, colocando a bandeja no suporte e o aproximou de mim.

— Melhor se acostumar, você se casou com essa mulher.

— Um sacrifício que vale a pena pagar, agora, coma.

— Arthur, como ele está?

— Alysson acabou de me ligar, ele está dormindo... Estava um pouco agitado depois do que aquela mulher fez com você.

— Não foi culpa dela.

— Não venha defende-la... Se fosse por aquela mulher, você teria morrido. É tudo por culpa dela.

— Não a estou defendendo, só não acho que você precise alimentar ainda mais esse seu ódio por ela.

— Você sabe o quão próximo estive de perder você? O que ela poderia ter feito se...

— Foi o Arthur quem me deu a torta, vai odiá-lo também?

— O Arthur...

— Foi sem querer, ele queria que eu provasse a torta e...

— Ela não ajudou, não importa quem deu, ela poderia ter ajudado e não ajudou, ela queria que você morresse.

Me mantive calada, ele expressava claramente irritação sobre o assunto, então apenas tirei a tampa da bandeja, revelando uma grande refeição.

O cheiro de fritura invadiu minhas narinas, fazendo meu estômago revirar. Instintivamente, coloquei as mãos na boca e empurrei o suporte que sustentava a bandeja e respirei fundo até que o enjoo passasse.

— Você está bem?

— Estou.

— Não vai comer?

— Não estou com fome. — Disse, me deitando e virando o rosto para o lado contrário da comida.

— Meu amor. — Disse, tocando meu ombro. — Você tem que se alimentar, está de jejum há muito tempo. Faça um pequeno esforço, por favor.

Virei para olhá-lo e apenas assenti. Ele abriu novamente a bandeja, me fazendo saltar da cama e correr até o banheiro, despejando uma água amarelada e amarga no vaso, já que não havia comido nada.

Senti as mãos quentes nas minhas costas, logo Nathan segurou meus cabelos.

Tampei o vaso, mas continuei no chão, sem forças para levantar. Me sentia fraca. Ouvi a descarga ser ativada e as mãos quentes do meu marido me levantar do chão. Ele me colocou novamente na cama e, sem falar, nada retirou a bandeja.

— Chamarei um médico. — Disse, beijando minha testa e logo apertou o botão ao lado da cama.

Não demorou muito e o médico entrou no quarto, explicou que enjoos, diarreia, inchaço prolongados e pequenas manchas seriam normal. Ele mandou que as enfermeiras preparassem uma

sopa leve para que eu pudesse comer.

Então, depois de um banho e de ter escovados meus dentes, comi apenas o necessário e logo recebi um soro que me deixou sonolenta.

Estava deitada com Nathan ao meu lado enquanto ele fazia um cafuné nos meus cabelos, me fazendo fechar os olhos, apreciando o calor dos seus braços e sentindo o cheiro que tanto amava.



Dois meses haviam se passando desde que saí do hospital.

Ninguém me disse o que aconteceu com Charlotte e o assunto era completamente proibido na fazenda, assim como a entrada dela. Nathan e o tio Alberto deixaram bem claro que cuidariam de tudo.

Recebi uma cesta de café da manhã de Henry como pedido de desculpas pela esposa, o que fez Nathan me proibir de comer qualquer coisa da cesta.

Laird e Elizabeth entraram em acordo para que

meu turno não fosse tão pensado quanto antes e decidimos contratar mais alguns funcionários.

Retornei para a faculdade mesmo com os protestos do Nathan, que fiz questão de ignorar. Tive uma crise alérgica, não quebrei nenhum osso.

Apesar de achar exagerado o modo que ele vinha me tratado, tinha que admitir que gostava de ser mimada por ele. Quem não gostaria?



Dei descarga, depois de alguns minutos despejando tudo o que havia ingerido, durante o dia, dentro do vaso. Lavei o meu rosto e escovei os dentes e saí do banheiro, vendo Nathan apoiado na parede com os braços cruzados.

— Vamos para o hospital.

— Nathan, é desnecessário, estou bem, ok?

— Há dias que você está assim... Não pode ser normal.

— Tudo tem sua explicação. — Disse, prendendo meu cabelo em um rabo de cavalo alto.

Podia ter várias explicações para os meus

enjoos e fadiga, por estar me sentindo levemente inchada, o aumento de apetite, porém apenas uma fazia sentido para tudo isso junto. Minha menstruação estava atrasada e meus seios estavam doloridos. Precisava fazer um teste para ter uma confirmação, porém a ansiedade de contar estava me matando por dentro.

— Uma reação atrasada da alergia?

— Bem atrasada, né? Talvez seja uma coisa boa. — Disse, me aproximando e tocando em seu abdômen.

— Não vejo lado positivo em vomitar toda hora.

— Talvez ele venha nos alegrar daqui alguns meses.

Ele segurou meus pulsos e de um passo para trás, ainda me olhando.

— Você não acha que pode... — Ele engoliu seco e não completou a frase.

— Grávida! Sim, eu acho que sim. — Ele soltou meus braços e deu alguns passos para trás.

— Tem certeza?

— Não, será necessário um teste, o que apenas confirmará... Tenho todos os sintomas. Nathan, teremos um filho!

— Não, não podemos ter um filho.

— O quê?

— Não queremos ter outros filhos. — Sua voz saiu exaltada, assustando-me.

— Não queremos? Quando decidiu isso? *Eu* quero ter outros filhos, não tome decisões por mim, Nathan.

— Talvez você não esteja grávida, talvez seja outra coisa, talvez seja... — Ele estava andando de um lado por outro, procurando por uma solução.

— Nathan, olhe para mim. — Disse, o parando e segurando seu rosto. — Eu não sou a Jessica.

Ele me olhou por um tempo e me abraçou forte, me fazendo abraçá-lo de volta.

— Não quero te perder, por favor, não posso ficar sem você, já estive tão perto de lhe perder que não serei capaz de sentir tudo novamente, não sou forte o suficiente para isso.

— Nathan, nada vai acontecer comigo ou com esse bebê, vamos ficar bem. — Disse, me afastando do seu abraço e toquei em seu rosto. — Estamos bem.

— Estou com medo, Bruna.

— Também estou, meu amor. É tudo novidade para mim, precisarei que você seja forte e esteja ao

nosso lado.

Ele se ajoelhou, colocou a cabeça em meu ventre e me abraçou.

— Me desculpa! Pode demorar para eu me acostumar, posso até ser um idiota no decorrer da gravidez, porém serei o melhor para vocês dois. — Disse, beijando minha barriga ainda plana.

— Não tenho dúvidas de que você é o melhor para nós, meu amor. Agora, teremos que explicar tudo para o Arthur.

Capítulo 45

Nathan Brown

Ela estava brincando com o nosso filho no jardim e seus cabelos dourados voavam com o vento, seu sorriso se alongou quando ela pegou Arthur e deu um rodopio com ele em seu colo.

Não queria perder isso, não queria ficar longe do som da sua risada, da sua voz, do seu doce e viciante cheiro de lírios, da sua pele, dos seus olhos e do seu sorriso que tanto amava.

Passei a noite sem dormir, apenas olhando e memorizado seu corpo, com o medo de perdê-la me assustando. Um filho deveria ser uma prova de amor, do nosso amor, porém eu era fraco para aceitar que ela não era a Jessica. Queria acreditar, que no final de tudo, ela e o bebê ficariam bem, mas não conseguia... O medo falava mais alto do que tudo.

Fizemos o exame antes de ela ir para a faculdade e receberíamos o resultado por e-mail.

Depois do almoço e de ter tentado não

demonstrar a minha preocupação, a vi dentro do *closet*, encerrando o próprio reflexo pelo espelho, apenas de calcinha e sutiã, alisando sua barriga lisa. A sua imagem me fez imaginar o seu pequeno corpo com uma barriga arredondada, carregando o nosso filho.

Não podia negar que estava com medo, o medo fazia parte da vida de todos.

Talvez estivesse sendo tolo, um completo idiota por querer privá-la de algo tão mágico como uma gestação, mas eu não queria perdê-la.



Olhei novamente o resultado do teste bem destacado no meu celular, tomei um pouco de fôlego e o guardei no bolso.

Me aproximei da minha mulher, que estava com Arthur no colo e os abracei forte. Arthur tocou no meu rosto e logo um sorriso surgiu em seu rosto. Bruna beijou as bochechas rosadas do nosso filho e olhou para mim.

— Saiu o resultado.

Não foi uma pergunta, ela decifrou o meu olhar,

minha expressão. Os abracei novamente, fazendo Arthur reclamar e Bruna rir.

Sentamos no gramado e olhamos Arthur correr atrás das borboletas que pairavam sobre o canteiro de hortênsias.

— Me fale o resultado. — Disse, se deitando no meu colo.

— Tenho que te falar algo antes. — Passei a mão em seu cabelo e respirei fundo. — Não vai ser fácil para mim, estou com medo, muito medo. Tentarei ser forte de todas as maneiras, ser sua base durante esses meses, porém preciso de você ao meu lado, me mostrando, me provando que estão bem e que, no final de tudo, terei vocês dois fortes e vivos ao meu lado.

— Você quer dizer que estou...

— Sim, minha pequena, você está grávida.

Um sorriso enorme se formou em seu rosto e logo ela me abraçou, me fazendo cair para trás e deitar na grama.

— Eu te amo tanto!

— Eu lhe amo muito mais!

A risada do Arthur se aproximou e logo senti seu corpinho pulando sobre o nossos, me fazendo envolver os braços ao redor da minha família e me sentir seguro.

Eu os queria assim, protegidos por mim, sem medo ou preocupação.

Eu amava minha mulher, meu filho e já era capaz de amar o pequeno ou pequena que Bruna estava gerando dentro do seu ventre.



Todos provavelmente estavam lá embaixo, esperando por mim e Bruna para que revelássemos o motivo da reunião de última hora.

Beijei seu pescoço e a envolvi com os meus braços. Olhei para o nosso reflexo pelo espelho e ela estava linda, como todos os dias... Ela era perfeita de milhões de maneiras diferentes.

— Pronto?

— Deveria me preparar?

— Claro, mesmo tendo um contato amigável com o meu tio, não duvido que ele venha falar com você depois da reunião.

— Receber mais uma ameaça do senhor Crawford, não me assusta nem um pouco.

— Ele te ameaçou?

— Todos os dias, desde que começamos a namorar, acho que ele ainda não se acostumou com a ideia.

— Tivemos um mês de namoro, estamos casados há quatro meses e já estou grávida. De alguma maneira, tudo está acontecendo rápido demais.

— Somos adultos, tanto eu quanto você, podemos lidar com essa situação, ele veio no momento exato. — Disse, colocando minha mão sobre a sua, tocando em sua barriga.

— Você acha?

— Está com medo agora?

— Talvez, não sei, é um filho... Não sei se serei uma boa mãe ou se estou preparado para lidar com tanta responsabilidade.

— Você já é uma ótima mãe! É uma experiência nova, mas não tenho dúvidas de que você está apta para assumir mais essa responsabilidade.

— Minha ficha ainda não caiu.

— Nem a minha.

— Vamos ter um bebê! — Ela disse, abrindo um sorriso admirável.

— Sim, teremos um bebê.

Ela se virou, tocou em meu peito e arrumou a gola da minha camiseta.

— O Arthur?

— Alysso está com ele no quarto, achei melhor conversarmos com ele, apenas eu e você.

— Concordo, já pensou como contaremos?

— Não, por isso essa função será sua.

— Minha? Nem pensar, mocinho. Nós dois vamos sentar, conversar calmamente com ele e contar que ele terá uma irmãzinha.

— Ou um irmãozinho.

— Independente do que seja, não acho que devemos inventar histórias, nada de cegonha ou pé de repolho, como meu pai contava.

— Pé de repolho?

— Senhor Alexander tinha histórias fantásticas para me explicar como se fazia um bebê. Até fui para a escola e a teoria dele se desfez por completo.



Peguei em sua mão sobre a mesa de jantar e lhe lancei um sorriso, encarei todos sentados na grande mesa de jantar, esperando pacientemente que minha mãe e Noemi terminassem de servir o vinho a todos. Minha mãe servia a todos sempre fazendo uma pausa para me olhar e me lançar um sorriso.

Ela se aproximou de Bruna e a entregou uma taça de suco.

— Bebidas alcoólicas não fazem bem para o bebê. — Disse, fazendo com que recebêssemos atenção de todos.

Não podia esperar, mãe?

Bruna me olhou assustada e depois voltou a atenção para todas as pessoas que nos olhavam.

— Você está grávida? — Perguntou Alberto.

— Bom, gostaríamos de contar no final do jantar...

— Então é verdade? — Perguntou ele novamente

— Alberto, deixei que ela fale. — Anne disse ao marido.

Dei um leve aperto em sua mão e ela finalmente falou:

— Sim, eu estou grávida.

Melissa se levantou, juntamente com sua mãe, e elas puxaram minha esposa para um abraço, enquanto Luís e Theo apenas me deram pequenos tapas nas costas.

Me levantei, abracei Mart e, logo, minha mãe me deu um abraço apertado também.

— Você está bem? — Perguntou a minha mãe.

— Estou.

— Sabia que ela ia lhe traria novamente a vida e o faria perder seus medos.

Abracei novamente a minha mãe e olhei de relance para minha mulher, sendo parabenizada pela Melissa, enquanto Noemi tocava seu ventre. Ela olhou para mim, me lançou um sorriso e eu retribui.

Podia até estar com medo, mas algo me diz que minha mãe tinha razão e que minha esposa me faria esquecer todos os meus temores.



Bruna estava deitada, enquanto a doutora passava o gel em sua barriga.

Logo depois da faculdade, fiz questão de fazer todos os exames necessários para me certificar de que nada estava de errado na sua gestação. Não queria correr qualquer risco, eu precisava dos dois saudáveis.

Segurei a mão da minha esposa quando a médica ligou o aparelho e o movimentou até que achasse um pequeno pontinho em seu ventre.

— O embrião está se desenvolvendo perfeitamente.

— Ele é tão pequenino. — Disse minha esposa.

— É normal, afinal segundo o que conversamos você está grávida de seis semanas e quatro dias, ele ainda está no início do seu desenvolvimento. Querem ouvir o coraçãozinho dele?

— Sim, queremos! — Disse ela, animada.

A médica deu um sorriso e logo ligou a máquina, fazendo o som forte e rápido do coração do nosso filho preencher a pequena sala.

O som que comprovava que tinha um pequeno ser crescendo dentro de Bruna, fez meu coração se encher de esperança. Estava começando a achar que esse filho tiraria de mim toda a insegurança que ainda sentia.

Capítulo 46

Nathan Brown

— Eu juro que se você não parar com isso, eu vou sair de casa e só voltarei ao anoitecer. — Disse Bruna.

— Você não faria isso.

— Faria sim, não duvide de mim, Nathan Brown. Já disse umas trezentas vezes que estou grávida. Grá-vi-da, não inválida. Céus! Pare de baboseiras.

— Estou cuidado de você, de vocês.

— Isso não é cuidado, é paranoia.

— Está me chamando de paranoico?

— Não disse isso, apenas disse que suas atitudes ultimamente estão sendo paranoicas.

— Você não vem me ajudando, sempre de um lado para o outro, me deixando preocupado.

— O que quer que eu faça? Fique trancada dentro de casa?

— É pedir muito?

Ela bufou, pegou seus livros e se afastou da

mesa de jantar, seguindo até a sala.

— Aonde você vai?

— Para *Narnia*, se for possível. — Bufou ela.

— O quê?

— Esquece. Apenas deixe-me terminar o trabalho da faculdade, ainda tenho que ir para a clínica, rever os relatórios e preparar os últimos detalhes do aniversário do Arthur.

— Está vendo? É isso que me deixa louco! Você quer fazer mil e uma coisas, você não é a Mulher Maravilha!

— Sou mãe, Nathan, e isso é o suficiente. Descobri que posso fazer mil e uma coisas e muito mais. Pensando bem, eu sou sim a Mulher Maravilha.

— Céus! Vou ficar com os cabelos brancos antes do tempo e a culpa será sua, Bruna Brown.

— Espero que sim, acho muito sexy um homem com cabelos brancos.

— Não brinque comigo.

— Nunca faria isso, você tem muito com que se preocupar, ele é um bom exemplo. — Disse ela, apontando para o hall de entrada, onde Henry estava parado nos olhando.

— O que...

— Ei, seja gentil! Ele já demonstrou que é diferente da esposa. Quero que converse com ele com calma.

— Não vou conversar com ele.

— Você vai sim! — Disse ela, autoritária — Ele já está passando por um momento difícil desde que a esposa entrou para a clínica.

— Como sabe que ela... Minha mãe?

— Eu já disse que amo a minha sogra? Pois eu a amo!

— Espero que não esteja esperando uma menina, pois não aguentaria uma filha mimada pela minha mãe.

— Pois estou torcendo que seja, meu amor, afinal já posso prever os seus cabelos brancos depois que ela nascer.

— Céus! Não fala isso... — *Olhei para Henry novamente e em seguida, voltei a atenção para minha esposa.* — Eu te amo!

— Eu sei. Agora, vá falar com ele e seja gentil.

— Você está apenas aproveitando a oportunidade para fugir de mim.

— Não seria louca de fugir de você, já fugi o suficiente no início, agora vou apenas aproveitar um tempo sozinha, longe da sua paranoia. — Ela

me deu um selinho rápido e se afastou.

O pequeno formato arredondado da sua barriga já podia ser visto através da sua roupa, ela já havia completado os três meses de gestação há algumas semanas. E mesmo com tudo apontando que eles estavam bem e que sua gravidez seria tranquila e saudável, ainda me sentia aflito.

Mesmo depois da confirmação da gravidez, ela se recusou a parar os estudos e o trabalho. Pelo contrário, parecia até que ela estava se esforçando o triplo, me deixando completamente louco.

Arthur ficou eufórico quando soube que teria um irmãozinho ou irmãzinha. Não foi fácil explicar tudo para ele, principalmente algumas perguntas que ele fez, mas eu e Bruna explicamos tudo como deveria ser explicado para uma criança de quase três anos e, por fim, ele se deu por satisfeito.

As semanas estavam sendo difíceis, cada enjoo ou cansaço me assustava, mas ela estava sendo paciente, o máximo possível.

Passei as mãos em meus cabelos e desviei o olhar de onde minha esposa tinha sumido e encontrei Henry, parado no mesmo lugar.

— Vamos ao meu escritório, precisamos de privacidade.



Apontei a cadeira a minha frente e ele se sentou, peguei uma caneta e comecei fazer movimento giratórios com ela entre os meus dedos, enquanto olhava Henry encarar o escritório com atenção.

— Henry, pare de olhar a decoração e fale o que quer de uma vez.

— Você sabe exatamente o que quero.

— Rever o Arthur... Já te disse o que vocês devem fazer.

— Não tem vocês, não estou com a Charlotte, Nathan. Não me compare a ela.

— O que ela fez não tem perdão.

— Não estou pedindo o seu perdão, não tiro sua razão de odiá-la. Apenas não pode me manter longe do meu neto pelos erros dela.

— E quer que eu confie em você?

— Depois que acertamos nossas desavenças, nunca lhe dei motivos para desconfianças.

— Sua esposa me deu motivos suficientes.

— Já te disse que não sou ela. Droga, Nathan!

Não me afaste dele, por favor. Ele é a única parte viva da minha vida. Ela era tudo para mim e, agora, ele é tudo para mim. Você seguiu em frente, está reconstruindo a sua vida... Eu necessitando dele próximo de mim. Por favor, não o afaste de mim.

— Não quero sua esposa próxima ao meu filho, mesmo que ela esteja em uma clínica tratando da loucura que sempre soube que ela tinha. Não me importo com ela, porém se ela chegar perto dos meus filhos ou da minha esposa, você também será obrigado a se afastar.

— Você está dizendo que...

— Você sempre foi o capacho de Charlotte, Henry. Não o culpo porque aquela mulher é o próprio...

— Entendi. — Disse ele

Me levantei calmamente, dei a volta na mesa e ofereci minha mão como cumprimento. Ele me encarou por um tempo e apertou minha mão fortemente.

— Vamos até o Arthur, ele com certeza está com saudades de você.

Um sorriso surgiu no rosto dele e logo ele se levantou. Eu o acompanhei até o jardim, onde eu tinha certeza que meu filho estava brincando com os animais.

Assim que Henry o viu, ele correu até o neto, o pegando no colo e o abraçou. Ele se virou, me fazendo vê-lo chorando pela primeira vez e sussurrou um “*obrigado*”.

— Sabia que ia fazer a coisa certa. — Disse minha mãe, se aproximando ao meu lado.

Beijei a testa da minha mãe e entrei novamente em casa.

— Onde vai? — Perguntou ela.

— Vou atrás da Bruna, temos que terminar o assunto que começamos... Ela precisa frear sua rotina ou vou acabar morrendo de preocupação com essa mulher.

— Gosto do jeito que ela tem lhe tratado.

— Você deveria estar do meu lado.

— Estou do lado da minha nora e do meu neto que ela está gerando. Você complica demais e ela tem sido um poço de paciência, se fosse eu, iria te mandar plantar batatas desde o início. — Disse ela, com um sorriso no rosto antes de sair em direção ao grande jardim.

Ótimo, minha esposa e minha mãe se tornaram aliadas. Por favor, que não seja uma menina.

Capítulo 47

Bruna Brown

Sua voz me chamando me fez bufar de frustração, seu jeito carinhoso e amoroso foi substituído pelo seu lado preocupado e *mega/hiper* cuidadoso.

Fechei os meus olhos quando ouvi o trinco da porta se abrindo e fingi que estava dormindo. Estava tentando, ao máximo, evitar brigar com ele, sabia que era difícil para ele, porém estava sendo muito difícil para mim também.

Ouvi os seus passos se aproximando e senti o colchão afundando. Sua mão tocou meu rosto com carinho e logo desceu até o pequeno inchaço na minha barriga, onde nosso filho estava crescendo. O seu toque fez com que eu me sentisse calma, de alguma maneira. Ele aproximou o rosto do meu ventre e beijou por cima do fino tecido da minha blusa.

— Me desculpe, sei que estou agindo errado e que no início não queria que sua mãe

engravidasse. Porém, desde a barriga, você tem que saber que o seu pai é um pouquinho bipolar. Fiquei com raiva no início quando descobri que você existia porque estou com medo, filho. Medo de perder sua mãe, de perder você... Eu já te amo tanto e quando sinto que posso ficar sem vocês dois, fico louco. Você entende o papai, né? Você, a mamãe e o seu irmão são tudo para mim. — Ele depositou um beijo demorado na minha barriga e continuou deitado sobre ela.

Não acredito que ele estava fazendo isso com uma mulher grávida, com hormônio saindo até pelos ouvidos.

Toquei em seus cabelos negros e afundei os meus dedos entre os fios. Fazendo-o levantar a cabeça e me olhar, ele se aproximou, secou as lágrimas que eu não havia percebido que estava derramando.

— Me desculpe, amor, se sou meio difícil às vezes.

— Eu entendo, amor. Estamos nisso juntos. Apenas pare de me sufocar, está bem!?

— Só se você frear sua rotina.

— Não vou trancar a faculdade nem parar de trabalhar, Nathan.

— Então teremos que achar outra solução.

— Que tal você entender, nessa gestação, que eu e o bebê estamos bem? Assim você vai ficar preparado para a próxima.

— Próxima? Não me acostumei com essa e você já está pensando em ficar grávida novamente? Céus!

— Quero a casa cheia, amor.

— Já temos eu, Arthur, minha mãe, Theo, Mart, Noemi, você e o bebê... Acredite, meu amor, a casa já está cheia. — Disse ele, beijando a minha testa e me puxando para ficar próximo ao seu corpo. — Depois que ele nascer, pensamos nisso.

— Depois que *e/la* nascer.

— Será um menino, amor.

— Como pode ter tanta certeza? — Perguntei.

— Não tenho, apenas estou confiante de que você me dará um menino lindo.

— Posso de dar uma menina linda, loirinha com os olhos azuis, como os seus.

— Não quero imaginar a beleza dela. Só de pensar, já posso sentir os fios brancos surgindo na minha cabeça.

— Talvez na próxima consulta, possamos descobrir o sexo ou fazer um exame de sangue.

— Vamos esperar, está bem?

Ficamos em silêncio por um tempo até que olhei para ele e lhe dei um selinho rápido.

— Sobre o parto, gostaria que fosse humanizado.

— Me diga que isso significa você em uma sala cheio de profissionais e máquinas prontas para salvar a sua vida.

— Não. Eu gostaria que o parto fosse aqui na fazenda, podemos fazer na banheira...

— Céus! Não, Bruna, definitivamente não! Quero você em um hospital, com toda a equipe médica na sala de parto. Não tente me convencer do contrário.

— Ok! Hospital, entendi.

— Você quase me matou de susto... Droga, meu amor, sou velho para isso.

— Desde quando ter trinta anos é ser velho, Nathan?

— Desde que minha esposa grávida, quer um parto humanitário.



O jardim estava lindo, o tema de fantasias para

o aniversário do Arthur foi perfeito, as crianças corriam pelo gramado, aproveitando os últimos dias quentes, já que o outono estava se aproximando.

Todos estavam fantasiados, fiz questão de me comprar uma fantasia de Mulher Maravilha mesmo com os protestos do Nathan, dizendo que deveria ir de Mulher Burca.

Ridículo!

Luís fez questão de comprar a fantasia de todos os homens da fazenda e pedi para comprar uma para o Laird também. Theo estava de Huck, Luís de Gavião Arqueiro, Mart de homem de ferro, Nathan de Thor e Arthur estava lindo de Capitão América, só não entendi o fato de Laird estar vestido de Mestres dos Magos.

Peguei o meu pequeno e beijei suas bochechas, logo depois ele saiu correndo para os brinquedos, me dando uma visão da Melissa vestida de mulher gata e com um sorriso safado nos lábios. Logo atrás, tia Anne de princesa Léia e tio Alberto de policial.

— Oi! — Disse Melissa, empolgada

— Nossa! Você está...

— Linda! — Deduziu ela.

— Avisa para ela que é uma festa infantil. —

Alberto pediu.

— Pai, não pira, estou muito decente.

— A deixe em paz, Alberto. — Tia Anne disse.

— Tio, o objetivo da festa fantasia é usar *realmente* uma fantasia.

— Ele deixou a fantasia em casa e vestiu isso!

— Anne exclamou, irritada.

— Estou fantasiado de pai perigoso e, se alguém chegar perto da minha filha, eu tenho permissão para usar minha arma.

— Nada de armas na festa do meu filho, tio, e trate de deixar Melissa se divertir.

— Obrigada, pequena. — Disse ela, beijando a minha bochecha e indo em direção a Theo que tirava fotos com Arthur e Luís.

— Essa menina ainda vai me fazer matar esse moleque. — Esbravejou Alberto.

— O Theo é...

— O problema não é esse Theodoro e sim o seu cunhado. — Disse, me fazendo olhar na direção em que ele estava olhando e vendo Mel no meio dos dois tirando uma foto com Arthur no colo.

— Fique tranquilo. — Pedi, beijando sua bochecha e me afastei dele.

A festa foi maravilhosa, o sorriso do Arthur foi o que compensou todos os dias de planejamento

estressante. Os parabéns foram cantados e logo o bolo foi servido para a alegria das crianças.

Cloe e Noemi não usaram fantasia, pois eram as a superes mães e tinham o poder de mandar em todos, segundo elas.

A família da Melissa não ficou muito tempo na festa, já que o meu tio estava reclamando de dores de cabeças desde o início da festa.

Quando a maioria dos convidados foram embora e finalmente pude me sentar, percebi o quanto estava cansada. Nathan se sentou à minha frente e pegou meus pés, tirando a sandálias de salto pequeno que estava usando e me fazendo soltar um gemido quando os seus dedos iniciaram uma massagem.

— Deveria brigar com você por ter calçado esse treco de salto, amanhã temos uma consulta, lembre-se? — Perguntou meu marido.

Não consegui responder, vi Arthur correndo na nossa direção, vestido apenas com a calça da sua fantasia e logo o peguei no colo.

— Gostou da festa, filho?

— *Sim.* — Disse, me abraçando. — *bigado, mamãe.*

— Ei, campeão, eu também ajudei. — Protestou o meu marido.

— *Bigado, papai.* — Disse, olhando para Nathan e logo olhou para mim e tocou na minha barriga de quatro meses. — *Vai demora pra ele blicar comigo, mamãe?*

— Só um pouquinho, amor, logo a Cecília ou o Austin vai brincar com você.

Ele deitou em meu peito e ficamos conversando enquanto Nathan fazia uma massagem nos meus pés. Depois um tempo, Cloe e Luís se sentaram ao nosso lado e Arthur pegou no sono no colo do tio.



— Estão preparados para saber o sexo? — Perguntou a doutora com um sorriso nos lábios.

— Já podemos saber? — Perguntou Nathan.

— Bom, o bebê está me dando uma boa visão do sexo, mas se vocês não quiserem saber, posso manter total sigi...

— Queremos saber! — Confirmei.

— Sim, queremos muito. — Meu marido completou.

— Bom, daqui alguns meses, sua casa receberá mais um homenzinho.

— É um menino, meu deus, é um menino! Obrigado, senhor! Meu amor, é um menino!! — Disse ele, eufórico me beijando. — Tem certeza, né?

— Sim, eu tenho. — Disse a medica.

— Sim, meu amor, teremos o nosso Austin. — Disse, limpando minhas lágrimas.

— Meu amor, muito obrigado! Eu te amo tanto... Você e o nosso garotão. — Disse, beijando a minha testa. — Luís me deve mil dólares.

Capítulo 48

Nathan Brow

— Pare de suspense e fale logo. — Pediu a minha mãe.

Dei um sorriso para minha esposa que também sorria da ansiedade de todos para saber o sexo do nosso filho.

— Eu falo ou você amor? — Perguntei a Bruna.

— Pode falar! — Disse ela, sorrindo.

— Tem certeza? — Perguntei.

— Parem de enrolar. — Noemi disse.

— Fale de uma vez. — Pediu Luís

— É um menino? — Theo perguntou.

— Uma menina? — Perguntou meu irmão

— É um menino!!! — Falou minha esposa

— Parabéns, Bruna! — Disse minha mãe, abraçando minha esposa.

Me aproximei de Luís que entregava alguns dólares para Theo e toquei no seu ombro.

— Com quantas pessoas você apostou o sexo

do meu filho? — Perguntei.

— Só com você e o idiota do Theo. — Respondeu ele.

— Idiota é você, não sabe perder. — Bufou Theo.

— Vá comprar um pouquinho de paciência na esquina que a minha acabou. — Luís disse a ele.

— Vou é cumprimentar a loirinha. — Theo disse se afastando.

O peguei pelo braço e apertei o local.

— Não a chame assim. Nunca. — Disse friamente.

— Eita! Aposto cem no Nathan. — Disse Luís.

— Calma aí, ela é como uma irmã para mim. — Theo falou como desculpas.

— Não interessa, não a chame assim.

— Menos papo, mais ação. Temos cem dólares em jogo. — Luís novamente disse com graça.

— Não se preocupe, cara, sou apenas um irmão para ela, assim como ela é para mim. Somos uma família, lembra?

— Quero apenas ter certeza que você não esquecerá.

— Não vou. — Falou ele por fim.

— Ótimo! — Disse, soltando o seu braço.

— Vocês dois são possessivos.

— Somos Brown. — Disse juntamente com o meu irmão.

Ele se afastou, indo na direção da minha esposa que estava sentada no sofá, enquanto Arthur fazia carinho na sua barriga.

— Sorte sua ser um menino. — Luís disse, tirando as notas do bolso e me entregou.

— Sabia que ia perder?

— Quando ganho?

— Então, qual o motivo de ter apostado sabendo que ia perder?

— Só desejo meninas para os outros, se tivesse uma sobrinha, ficaria louco juntamente com você para cuidar dela, então prefiro o Austin.

— Obrigado, irmão! — Disse, contando o dinheiro. — Espera, aqui tem apenas oitocentos.

— A fantasia do seu antigo sócio, foi duzentos e, como a ideia foi sua você, paga, Além disso, acabei de entrega duzentos para o Theo, preciso economizar para minha aposentadoria.

— Aquele médico não é meu sócio e foi você quem inventou o apelido, apenas aproveitei a situação.

— São apenas duzentos dólares, para de ser

miserável.

— Tenho uma esposa, um filho pequeno e um bebê a caminho. Qualquer dinheiro é lucro.

— Como se você fosse pobre.

Quando ia responder, senti uma mão no meu ombro e outra mãozinha tocando minha perna. Olhei para baixo e vi meu filho me lançando um sorriso e, do outro lado, minha esposa estava com o mesmo sorriso.

— *Pai.* — Disse, levantando os bracinhos para que o pegasse no colo.

O peguei no colo e ele envolveu seus braços no meu pescoço, apertando um pouquinho, passei a minha mão nas suas costas e vi Luís abraçar minha esposa.

Eles estavam aprontando.

Ela se afastou dos braços dele e logo ele tocou em sua barriga.

— Quando você dará um neto para sua mãe?
— Perguntou Bruna.

— Daqui uns anos, sou muito novo para ser pai.

— Se afasta da minha mulher, Luís. — Disse firme.

— Com medo que ela perceba que escolheu o

irmão errado?

— Ainda tiro esse sorrisinho do seu rosto. — O avisei.

— Vai sonhando.

— *Passeio.* — *gritou Arthur em meu colo*

— Passeio? — Perguntei.

— Filho, não foi assim que combinamos.

— O que estão aprontando? — Olhei a minha esposa com um sorriso nos lábios.

— *Papai, vamos ao circo!!* — Respondeu, meu filho.

— Vamos?

— Vamos! — Disse Bruna — Estou com desejo de comer maçã do amor.

— Eu posso te dar uma maçã com todo o meu amor.

Luís jogou a cabeça a cabeça para trás e gargalhou alto, fazendo Bruna dar um tapa em seu ombro.

— Não achei graça, Nathan, vamos para o circo.

— *Circo!* — *Gritou Arthur.*

— Tenho escolha? — Perguntei.

— Claro que tem! Você pode ficar e vou sozinha com eles.

— Eles quem?

— Se você for, vai descobrir. — Disse ela, pegando Arthur do meu colo e saiu com ele.

— Bruna, você não vai sozinha. — Disse.

— Quer apostar?



Nunca gostei de circo ou palhaços e pelo jeito Arthur também não, pois perdeu o entusiasmo assim que viu o primeiro palhaço.

Então, enquanto todos estavam na grande tenda, eu estava com Arthur dando a milésima volta no carrossel.

— *Di novo, papai!*

— Chega, filho, papai já está ficando enjoado de ficar rodando e rodando nesse brinquedo. Vamos comer algo?

— *Chocolate!*

— Vamos procurar a mamãe e logo vamos comprar.

O ajudei a descer e o coloquei sentado no meu ombro, já que a movimentação no parque estava

grande, anunciando o primeiro intervalo.

Depois de encontrarmos Bruna, acompanhada pela família da Melissa e minha mãe. Dei-lhe um beijo rápido e logo caminhamos juntos até as barraquinhas de comida.

Depois de mais alguns brinquedos, Arthur já estava dormindo no colo do Alberto, enquanto ele e a esposa estavam sentados em um banco que podia ser visto do topo da roda gigante.

— Chega de comer isso, amor. É muito doce.
— Disse, tirando a maçã do amor das mãos dela.

— Não, Nathan, estou com desejo, por favor.

— Você já comeu o suficiente, amor. Agora chega dessas bobagens, quando chegar em casa, você vai comer algo saudável.

— Prometo comer qualquer coisa saudável, mas me deixa terminar essa, por favor.

— Ok, porém a partir de amanhã, só coisas saudáveis. — Disse, devolvendo a maçã.

— Tudo saudável.

Ela pegou e logo um sorriso se alargou no seu rosto e ela encostou sua cabeça no meu ombro, enquanto a roda voltou a girar lentamente.



— Amor, acorda. — Falou ela, me fazendo abrir os olhos e vê-la com os olhos marejados tocando a barriga prestes a completar cinco meses.

Levantei rápido, passei a mão no rosto e me aproximei dela.

— O que está sentindo? Vamos para o hospi...

— Não, eu estou bem. Ele mexeu...

— Mexeu? — Perguntei.

— Mexeu! — Afirmou ela — Não estava conseguindo dormir, aí sentir ele se mover. Sinta. — Disse, pegando minha mão e a colocando sobre a sua *barriga*.

— Vamos, filho, mexa para o papai. — Falei, alisando sua barriga e logo senti um pequeno movido contra a palma da minha mão.

— Sentiu? — Perguntou ela, com os olhos cheio de lágrimas.

— Senti. — Confirmei, aproximando meu rosto da sua barriga onde, nosso filho dava os primeiros chutes. — Ei, filhão, tenta não chutar muito a

mamãe, ta? Ela tem aula amanhã de manhã, que tal você dormir um pouquinho?

Senti novamente uma pequena movimentação, me fazendo sorrir juntamente com a Bruna. Ela se deitou e ficamos assim por um tempo, sentindo nosso filho se mexendo até que ela dormiu, enquanto eu a observava calmamente.

Ela mudou com a gestação, havia ser tornado ainda mais determinada e muito mais forte do que já era. De alguma maneira, ela tinha razão, ela não era a Jessica e aos poucos eu estava percebendo isso. Minha pequena nunca poderia ser comparada a minha falecida esposa, nunca achei qualquer semelhança entre elas.

Em alguns meses, ela daria a luz ao nosso filho e eu estava com medo de que tudo se repetisse e que eu acabasse a perdendo.

Não queria que Arthur perdesse mais uma mãe e não queria que Austin crescesse sem o amor e a presença dela.

Precisava ser forte na hora, mostrar à ela que serei seu pilar de sustentação em todo o processo do parto.

Queria sentir a sensação de saber que tudo deu certo, de vê-la ao lado do Arthur, do Austin... Ao meu lado.

O meu passado estava me fazendo enfraquecer e a imagem de Jessica morrendo na minha frente me atormentava todas as noites.

Não queria ficar sem a Bruna e a força dela me mostrava que tudo daria, pelo menos era o que eu esperava, afinal dentro de alguns meses, quando ela entrasse em trabalho de parto, eu estaria forte ao seu lado.

Capítulo 49

Bruna Brown

Fechei a primeira caixa cheia de brinquedos que Arthur fez questão de doar para alguma instituição. O seu quarto de brinquedos estava sendo transformado no quarto do Austin. Eu e Nathan achamos desnecessário desfazer todo o cômodo, porém Arthur insistiu que o quarto do irmão fosse perto do seu, então apenas concordamos com ele.

— *Aqui, mamãe!* — Disse, me entregando um robô vermelho.

— A mamãe vai ter que pegar outra caixa para colocar as doações, filho. — Empurrei a caixa para o lado e peguei o robô das suas mãozinhas. — Você pode pegar aquela caixa vazia lá perto do seu escorregador, filho?

Ele confirmou e foi correndo até a caixa que eu havia pedido. Depois que ele se aproximou, voltou a pegar os brinquedos que não queria.

Aos poucos e com a ajuda da Alysson e da

Noemi, conseguimos separar todos os brinquedos nas suas definitivas caixas. Mart e Theo tiraram os brinquedos maiores e os armários que guardavam os brinquedos do Arthur.

O cômodo estava totalmente vazio e pronto para ser transformado no quarto do Austin.

Todos os móveis do quarto do meu filho já haviam sido comprados e a única coisa que faltava era trocar o papel de parede, pintar o teto e a parede que ficaria o berço e a poltrona de amamentação.

Arthur escolheu o tema pirata para a decoração do quarto do irmão e como eu e Nathan não queríamos que ele se sentisse excluído com a chegada do irmãozinho, acabamos concordamos com ele novamente.

A papel de parede de pequenas ilhas e baús de tesouros já havia chegado e eu estava ansiosa para ver tudo pronto, então ignorei o pedido do Nathan para que esperasse por ele e comecei, com um pouquinho de dificuldade, a colocar os primeiros papéis.

Subi na escada de ferro e me debrucei, terminado de colar o topo do papel.

— Bruna Brown, quer me mata do coração? Desça daí! — Disse Nathan.

— Bom dia, amor! Chegou cedo. — Disse, descendo os degraus com calma.

— Bruna, já passa de uma hora... Me diga que você já almoçou.

— Nossa! Nem vi o tempo passar, porém fiz um bom trabalho. — Disse, secando o suor que se acumulou em minha testa e olhando o trabalho que tinha quase terminado. — Agora faltam apenas algumas folhas e pintar.

— O combinado era me esperar, amor, e não ficar subindo e descendo em uma escada da qual você pode cair a qualquer momento.

— Me desculpe, estava ansiosa para ver tudo pronto.

— Você sabe que poderíamos ter contratado uma equipe especializada, que se responsabilizaria por tudo, né?

— Eu sei, mas gosto da ideia que tudo seja feito por mim ou por você. — Falei, lhe dando um selinho rápido.

— Venha, você tem que comer alguma coisa, meu filho deve estar com fome.

— Ele está quietinho, amor. — Disse, alisando a minha barriga. — Ele não me deixou dormir a noite toda.

— Falta pouco, amor, dois meses e logo

veremos o seu rostinho.

— Não acredito que já estou no sétimo mês e ainda não terminamos o quarto dele. Quero que tudo seja perfeito e ainda falta o berço, o armário, os brinquedos, a cadeira, o...

— Ei! Calma, amor. Tudo vai ficar perfeito, está bem? Vem, vou pedir para Noemi fazer algo para você.

— Você está bem?

— Estou?

— Você afirmou ou perguntou?

Ele suspirou calmamente e respondeu:

— Estou bem! Por quê?

— Você está muito calmo esses meses.

— Isso é ruim? — Perguntou com uma das sobrelhas arqueada.

— Não, claro que não. O prefiro assim, você acaba me transmitido tranquilidade.

— Essa é a intensão, meu amor. — Ele disse, beijando minha testa. — Daqui algumas semanas, você vai ficar estressada com o parto e a quero calma... Com medo, já basta eu, então quero que se acalme e fique tranquila.

— Você acha que pode acontecer alguma coisa comigo?

— Não meu, amor, nada vai acontecer com você, acredite em mim, vai ficar tudo bem.

Suas palavras tentavam me transferir calma, porem a frase não me marcou tanto quanto o seu tom de voz. Ele podia até estar tentando ficar calmo, mas eu sabia que no fundo ele não estava fortemente preparado para essa situação.



Depois que ele me fez comer devidamente e quanto se sentiu satisfeito por ter me feito ingerir a maioria dos alimentos que Noemi me ofereceu, ele me levou até o quarto e deitamos um pouco na cama.

— Oh!! — Exclamei quando sentir Austin mexendo forte dentro de mim.

— Ele mexeu? — Perguntou Nathan.

Assenti e ele levantou a minha blusa fina, deixando minha barriga bem arredondada visível e a tocou com calma, fazendo Austin a presença do pai.

— Mostra para a mamãe que você estava com

saudades do papai, filho. — Disse ele, fazendo o nosso filho reagir imediatamente dentro do meu ventre e um sorriso surgir nos lábios do meu marido.

— Amor, pare de mimá-lo.

— Tenho que começar logo, amor, pois se ele puxar o irmão, serei ignorado, assim que ele nascer.

— Deixe de bobagem, amor, Arthur não te ignora.

— Está falando isso para me confortar? Porque desde os três meses que ele chorava e fazia de tudo para ficar com você.

— Está com ciúmes, Nathan Brown?

— Com todas as letras, mas até que gosto deles cuidarem de você, assim sempre estará protegida.

— O próximo será uma menina, amor.

— Então, não terá um próximo.

— Terá sim, ainda quero uma princesinha loira correndo pela casa.

— Daqui uns dez anos pensamos nisso.

— Dez anos, amor?

— Ou até você esquecer essa ideia.



Quando finalmente Nathan terminou de colar todos os papéis de parede e pintou tudo com a ajuda do Mart. Os móveis chegaram e começamos a arrumar tudo com a ajuda do Arthur.

Por fim, o quarto ficou como imaginei. As cortinas brancas e azuis tampado as grandes janelas brancas da fazenda que davam a visão do grande lado e o deque, poucos distantes.

Os ursos vestidos de piratas e vários objetos do tema estavam em seus devidos lugares. O berço branco foi posicionado lado da minha cadeira de amamentação azul. O armário estava repleto de roupas e acessório e o grande tapete de navio pirata encerrava a decoração.

Me sentei na cadeira de amamentação e a apoiei meus pés em um pequeno apoio vermelho. Toquei o local em que senti Austin mexendo e logo sorri.

Nathan pegou Arthur no colo e se sentou ao meu lado e os dois tocaram minha barriga. Arthur sentiu o irmão e logo um sorriso surgiu nos lábios do meu pequeno, fazendo ele olhar para mim com

os olhinhos azuis brilhando, assim como o do meu marido. Nathan beijou a minha barriga e Arthur logo me beijou.

— No final será assim, eu, você, Arthur e o Austin. Sei que tudo vai dar certo. — Disse meu marido.

— Sim, meu amor, vai sim, nada vai acontecer comigo.

— Promete-me?

Mesmo não tendo a certeza do que poderia acontecer dentro de alguns meses, sentia que ele precisava ouvir isso.

— Eu prometo! Nada vai acontecer comigo.

Capítulo 50

Bruna Brown

Inspirar e expirar.

Inspirar e expirar.

Inspirar e expirar.

Repetia freneticamente isso na minha cabeça, os dias praticamente voaram e quando vi já estava o nono mês de gestação.

E a cada dia que passava, o Nathan se mostrava forte o suficiente para me tranquilizar, ele quase não ia para a empresa e sempre que possível Luís o representava ou o meu marido conseguia resolver tudo dentro do seu escritório na fazenda.

Quando novembro acabou, dando início ao inverno e se aproximando do meu aniversário e com a provável chegada do Austin, senti meu marido ficar cada dia mais tenso.

A previsão do tempo, segundo os jornais, era de um inverno rigoroso o que fez Nathan verificar todos os aquecedores da fazenda e comprar

roupas suficientes para que Austin não sentisse frio.

Passei os últimos dias pesquisando maneiras diferentes de ter um parto rápido. Sabia que tudo dependia de mulher para mulher, porém gostaria que tudo fosse rápido, pois eu sabia que cada segundo que passasse na sala de parto, Nathan ficaria aflito e agoniado, com o que pudesse acontecer. Queria apenas provar que tudo seria rápido e tranquilo, no final.

Repeti a respiração e logo toquei a minha barriga, Austin mexeu lentamente me fazendo acariciar o local onde o senti.

A porta do meu quarto foi aberta e logo Arthur entrou correndo e pulou na cama. Os pequenos pontos brancos nos seus cabelos e roupa denunciavam que ele estava aproveitando os primeiros focos de neve que caía pelo jardim.

Parei o vídeo de respiração e retirei o notebook do meu colo, depois que ele tirou as botas e o cachecol e veio engatinhando ao meu encontro.

— *Mamãe, tá tudo ficando branquinho, vamos brincar! Fazer boneco.*

— Ainda não dá para fazer boneco de neve, meu amor, não tem neve suficiente, porém se continuar a cair neve assim, logo poderemos fazer.

— *Vamos patinar no lago com o papai e o tio?*

— Mamãe adoraria patinar no gelo, filho, porém até o lago congelar com uma grossa camada de gelo, o Austin já vai estar em casa e não poderei brincar com vocês.

— *O Austin vai brincar, mamãe?*

— Vai demorar um pouquinho para ele brincar no gelo, amor. — Vi o sorriso do meu filho rapidamente sumir, fazendo meu coração se apertar. — Quando ele tiver a idade certa, amor, você vai ensiná-lo a patinar e cuidará dele como um super irmão mais velho. Você vai cuidar dele, filho?

— *Vou, mamãe! Vou ensinar ele jogar bola, como o papai me ensinou.*

Ele botou suas mãozinhas na minha barriga e logo se encurvou e beijou como Nathan o havia ensinado. Senti Austin se mexendo lentamente e Arthur sorriu novamente, me fazendo retribuir o gesto.

— *Eu amo você, mamãe.*

Senti o meu peito inundar de alegria e não me importei com as lágrimas que desciam pelo meu rosto. Abracei meu filho forte.

— Eu também te amo muito, filho.



No final da tarde, o jardim já estava completamente coberto pela neve e não resisti a sentir a sensação congelante do inverno. Vesti uma calça grossa e um vestido que provavelmente iria me fazer sentir protegida do frio. Coloquei as luvas e o cachecol e logo desci as escadas lentamente, segurando a mão de Arthur e a outra apoiando no corrimão de bronze da escada.

Passamos pela sala e chegamos a grande porta de madeira que levava até o jardim. Arthur soltou minha mão, saindo correndo pelo jardim com os braços abertos e rodopiando enquanto a neve caía sobre ele.

Senti minhas botas afundarem na grossa camada de gelo. Andei até Arthur que havia parado com a língua para fora, capturando os pequenos flocos de neve.

Olhei para o céu acinzentado e logo fiz o mesmo que o meu filho, sentindo o toque gelado do floco na minha.

— *Gila. mamãe!* — Disse meu filho, me fazendo olhar para ele, que ainda estava

experimentando a neve fresca na sua língua e agora rodava com os braços estendidos.

Soltei um sorriso e logo fiz o que ele pediu, dei pequenos giros enquanto ouvia sua gargalhada, mas logo parei bruscamente, quando senti uma dor atravessar meu abdômen, me fazendo encurvar e tocar a minha barriga, na tentativa de diminuir a dor repentina.

Olhei para frente quando a dor diminuiu e vi Nathan parado próximo a porta, com uma expressão de preocupação, me esforcei a lhe dar um sorriso para o tranquilizar. Porém quando senti um líquido escorrer pelas minhas pernas, fazendo derreter a neve que estava embaixo dos meus pés, ouvi Nathan gritar o meu nome, correndo ao meu encontro.

— Sua... Sua bolsa estourou. — Ele gaguejou.

— Eu acho que sim.

— Vamos entrar, temos que ir para o hospital, rápido. — Disse ele, me pegando no colo e entrando na casa.

Ele chamou o Arthur para que entrasse e, quando passou pela sala, avisou Noemi e Cloe que minha bolsa havia estourado, pediu que Alysson cuidasse de Arthur e me levou até um quarto de hóspedes no andar de baixo para que pudesse

trocar de roupa, enquanto Noemi pegava uma roupa limpa no nosso quarto.

Ele estava me ajudando a tirar o vestido quando outra dor chegou, me fazendo segurar forte a pia de mármore e gemer de dor.

— Oh! — Foi a única palavra que consegui dizer quando a dor diminuiu.

Olhei o meu marido que ainda estava com a mesma expressão de preocupado e com a respiração pesada. Ele não dizia nenhuma palavra, apenas me olhava com atenção.

Não precisava me esforçar para imaginar o que ele estava lembrando, da Jessica. Não o culpava por isso, sabia que o medo estava o consumindo aos poucos.

Chamei seu nome e imediatamente ele acordou do transe, se aproximando novamente, me ajudando a retirar o restante da roupa e a tomar um banho que insisti em tomar mesmo sobre os protestos dele. Ele teve paciência quando a dor vinha forte e massageava minhas costas enquanto eu gritava de dor. Vesti a roupa quente que Noemi havia pegado no nosso quarto juntamente com as malas do Austin.

— Senta aqui, enquanto o carro não chega. — Disse Nathan, me colocando na cama com dois

travesseiros macios nas minhas costas. — Você está bem?

— Estou.

— Ok! — Disse ele, me dando um selinho rapidamente e olhou para a mala e as bolsas do nosso filho sobre a cama. — Talvez precisemos de outra mala para você, provavelmente não será suficiente.

— Acredite, amor, é o suficiente.

Cloe se sentou ao meu lado e segurou a minha mão quando outra dor rasgou meu abdômen, me fazendo gritar e apertar forte a mão da minha sogra.

— Céus! Cadê o carro? — Perguntou Nathan.

Theo se aproximou dele e falou algo no ouvido do meu marido.

— O quê? Como assim não vamos conseguiu...

— Filho? — Cloe o chamou, o fazendo parar e olhar para mim.

Ele passou as mãos no rosto, pegou o celular, puxou o Theo para fora do quarto, depois que Noemi entrou. Inicie a respiração com calma, porém quando a dor veio novamente, não contive o grito. Quando a contração parou e me senti um pouco mais calma, notei o quanto estava quente

naquele quarto e comecei a tirar o sobretudo e o suéter que acabara de vestir e fiquei apenas com uma blusa fina e a calça grossa.

— As contrações estão frequentes? — Perguntou Noemi.

— Intervalos de dez minutos. — Respondeu Cloe.

— Ela está com dilatação?

Minha sogra se levantou e caminhou até onde estava a Noemi e iniciaram uma conversa baixinha, algumas vezes elas me olhavam e logo voltavam a falar.

— Parem de falar de mim como se eu não estivesse aqui. — Disse, fazendo com que elas olhassem para mim com um olhar diferenciado e, por um momento, tive medo de descobrir o que estava acontecendo. — O que est...

— Achamos que você não vai conseguir chegar ao hospital. — Noemi respondeu.

— Eu preciso ir para o hospital. Nathan ficará mais calmo se eu estiver em um hospital.

— Calma! — disse Cloe. — Temos que pensar em você e no Austin, as contrações estão vindo rápidas e eu a Noemi achamos que provavelmente você tenha uma boa dilatação para o parto.

Eu gostaria de ter um parto rápido, porém

estava acontecendo muito mais rápido do que eu imaginava. Parecia que de uma maneira ou de outra, tiria o tão sonhado parto humanizado.

Segurei forte o lençol da cama e gemi de dor. Elas estavam certas, não conseguiria chegar em um hospital, correndo o risco de que o meu filho nascesse no meio do caminho. A queimação na minha intimidade me dava a sensação de que ele estava encachado e pronto para sair. Com certeza ele não teria paciência para esperar.

— Faça o que for necessário. — Disse quando a dor havia passado e retomei a respiração normal.

Elas me ajudaram a tirar a calça grossa, juntamente com a minha calcinha e a blusa que estava usando, me deixando apenas com um sutiã.

Cloe ficou ao meu lado enquanto Noemi media a minha dilatação. Respirei fundo quando senti que uma nova contração se iniciou, me fazendo jogar a cabeça para trás e gritar alto.

— Ele já está coroando. — Disse Noemi assim que a porta abriu e Nathan entrou olhando toda a cena. Por um momento, pensei que ele fosse sutar.

— O que...

— Amor, eu preciso de você. — Falei, esticando a minha mão na sua direção.

Ele bufou, se aproximou da porta e disparou

com raiva:

— Se alguém entrar nesse quarto, eu juro que mato. Luís e Theo tentem ligar para o hospital e peçam para que mandem uma médica o mais rápido possível. — Ele olhou para mim rapidamente e completou: — Meu filho está nascendo.

Ele fechou a porta, tirou algumas peças do seu terno e logo se sentou atrás de mim, me doando um pouco da sua força. Segurou ambas as minhas mãos e beijou a minha bochecha.

— Estou forte por vocês. — Disse ele.

Era somente isso que eu precisava saber, ele estava forte e isso me deixou forte também.



— Nasceu. — Disse Cloe, juntamente com o chorinho forte do meu filho.

Depois de minutos agonizantes, meses pensando nesse momento, imaginando o rostinho do meu filho, a sua aparência, poder finalmente ouvir seu choro era a coisa mais linda que já ouvi

no mundo.

Deitei meu corpo cansado no peito de Nathan e tornei a respirar normalmente, sorri para o meu marido que me olhava com atenção.

— Você está bem? — Perguntou ele.

— Estou. Só um pouquinho cansada.

— Aqui o garotão. — Disse Noemi, colocando Austin no meu peito ainda com o chorinho irritado.

Não segurei minhas lágrimas, ele era perfeito, seus cabelos negros se destacavam juntamente com os lábios avermelhados e a pele branquinha.

— Calma, meu amor, mamãe está aqui. — Disse, tentando o acalmá-lo.

Cloe jogou um lençol branco sobre as minhas pernas e logo saiu do quarto acompanhada pela Noemi, me deixando sozinha com meu filho e meu marido.

O posicionei no meu peito e não demorou muito para que ele abocanhasse meu seio, sugando forte o meu leite.

— Ele é lindo! — Disse.

— Sim, ele é. Obrigado, amor. Fiquei com tanto medo e agora estou completamente extasiado de felicidade. Me desculpe se fui um idiota, mas vocês são as coisas mais importantes

da minha vida.

— Eu sei, amor, não precisa se desculpar. Eu te amo muito!

Depois de alguns minutos, Arthur entrou no quarto e olhou com atenção o irmão que dormia no meu colo, enrolado em uma manta azul escura.

Os paramédicos chegaram fazendo os exames necessários e logo fui encaminhada a maternidade. Quando os médicos me colocaram na maca, olhei o meu marido com nosso filho nos braços e sorri. Ele tinha vencidos seus medos e agora poderíamos seguir em frente, sem nos preocuparmos com pesadelos do passado tentando nos assombrar.

Capítulo 51

Nathan Brown

Era o dia mais feliz da minha vida. Ficamos nove meses planejando aquele momento, fizemos planos, discutimos seu futuro, fiquei com medo, dúvidas, mas no fim, estava com o meu filho nos meus braços.

Austin estava dormindo, devidamente vestido para o inverno rigoroso de New York, enquanto colocavam minha esposa no helicóptero.

Foi imprudência minha pensar que provavelmente tudo daria certo no dia do parto, logo no inverno que tudo desanda normalmente. Deveria a ter deixado, desde o início da gestação, em no hospital apenas para garantir a saúde dos dois.

Porém, já não importava, eles estavam bem, saudáveis e fortes.

Arrumei a manta do meu filho, que mexeu a sua pequena mão envolvida por uma luva. Um paramédico o pegou dos meus braços, beijei minha

esposa na testa e prometi que logo estaria ao seu lado com o nosso filho.

Assim que as hélices do helicóptero ganharam velocidade, levantando a neve recém caída, senti meu coração se apertar. Necessitava estar ao lado da minha família, eu precisava deles.

Liguei novamente para confirmar se a estrada já estava livre depois do acidente que ocorreu impedindo que levasse minha esposa ao hospital de imediato. Peguei Arthur no colo e o coloquei na cadeirinha e logo estávamos a caminho do hospital para onde eles foram levados.

A estrada estava escorregadia e, com a proximidade do Natal, as ruas estavam lotadas. Quando finalmente cheguei na maternidade, desci Arthur da cadeirinha e segurei firme em sua mão.

Segui para a recepção para pegar o cartão de visitante, enquanto via meu filho sorrindo para mim. Peguei o cartão e depois de pegar o elevador e andar pelo longo corredor, estávamos parados, encarando uma porta branca, novamente.

Depois de três anos, eu estava lá novamente. Sem medo, sem raiva, nem dor ou tristeza. Observei novamente o número do quarto, “2014”, o ano onde, de certa maneira, tudo terminou, mas o destino me deu a oportunidade de recomeçar.

Podia sentir minha pulsação acelerada e, o medo de não vê-la ali naquele quarto, me assustava. O toque firme da mão do meu filho me faz olhá-lo com atenção. Me ajoelhei e o abracei forte, colocando minha mão sobre o seu cabelo ondulado, sentindo o cheiro maravilhoso do seu perfume. Ele se afastou do meu corpo e abriu um sorriso, me fazendo sorrir também. Me levantei, peguei na sua mão novamente, respirei calmamente e abri a porta.

Ela estava lá, do jeito que imaginei, seus cabelos dourados espalhados pelo travesseiro branco, com um sorriso contagiante, segurando nos braços o nosso filho que dormia tranquilamente.

— Olha quem chegou, filho! O papai e o maninho. — Disse ela, tocando a pequena mão do nosso filho recém-nascido.

Uma lágrima solitária rolou pelo meu rosto. Era isso que eu tanto queria ver, esperei por anos por essa imagem. A mulher que eu tanto amava estava ali na minha frente, segurando o nosso filho, nos seus lábios estava o sorriso que tanto amava. Sempre amei tudo nela e, naquele momento, passei a amar ainda mais.

Ela era, sempre seria, a mulher da minha vida.

Peguei Arthur no meu colo e me aproximei da minha esposa lentamente, me posicionei ao seu lado e logo Arthur se encurvou no meu colo para beijar a cabeça do seu irmão com carinho.

— *Era você que chutava a mamãe?*

— Era, filho, ele que se mexia dentro da mamãe. — Respondeu ela.

— *Você vai jogar gol comigo e vou te ensinar a patinar!* — Disse ele, nos fazendo sorrir.

Austin mexeu a sua mãozinha e logo abriu os olhinhos revelando o azul forte, ele era um verdadeiro Brown. Ele piscou algumas vezes e logo olhou para cada um com atenção.

— Oi, filho! Bem-vindo a família Brown!



Na manhã seguinte, minha esposa e meu filho já haviam recebido alta. Toda a família provavelmente estava nos esperando na fazenda para conhecer o novo Brown. Mesmo que todos já tivessem visto Austin, nada tirava a vontade deles de estar ao lado do meu filho, eu sabia o que eles

estavam sentindo, pois também não gostaria de ficar longe deles nem por um segundo.

Arrumei a pequena luva na mão do meu filho e logo o enrolei na manta grossa que o protegeria do frio.

Coloquei Austin no colo da minha esposa que estava sentada em uma cadeira de rodas e afastei o enfermeiro que provavelmente gostaria de empurrar a cadeira até a saída do hospital.

— Senhor, estou apenas ajudando.

— Ajudaria muito, se ficasse longe da minha esposa.

Empurrei a cadeira até os fundos da maternidade para evitar os jornalistas que provavelmente estavam sedentos por notícias.

Mart já estava a nossa espera, ele guardou as bolsas e malas, enquanto eu colocava Austin no bebê conforto, entrei no carro ao lado da minha mulher que encostou seu corpo ao meu, enquanto olhava nosso filho.

Todos estavam na fazenda assim como deduzi, estava sentado ao lado do Mart, Luís, Theo e Alberto, enquanto olhava a minha esposa sentada ao redor das mulheres que paparicavam Austin, no colo da Anne.

— Ela se desenvolveu tão rápido, sempre

soube que tudo daria certo na vida dela. — Disse Alberto

— Isso foi um elogio? — Perguntou Luís — Cuidado, Alberto, podemos pensar que você está começando a ficar sensível por causa da idade.

— Nunca! — Ele respondeu, olhando para o meu irmão e desviou o olhar para mim. — E não pense que só porque está casado e agora tem um filho com ela que abaixei a guarda, minhas ameaças ainda estão de pé.

— Nunca pensaria nisso. Vou cuidar deles, Alberto.

— Assim espero. — Disse ele, olhando novamente a sua esposa segurando o meu filho.

— Daqui algum tempo pode ser a Melissa no lugar da Bruna.

Céus, ele está pedindo para morrer!

— Ah, sim! Com certeza será minha filha daqui uns anos, ela estará casada e feliz, longe de muito abrute que provavelmente se acha digno da minha princesinha.

Meu irmão se aproximou dele e disse com uns tapas nas suas costas:

— Relaxa, sogrão, vou cuidar muito bem dela. — E correu na direção da minha esposa que pegava Austin do colo da sua tia.

— Esse rapaz vai ser um problema. —
Assumiu Alberto.

— Tem que admitir que ele tem coragem. —
Mart disse.

— Sim, ele tem, apenas avise, que eu tenho
uma arma.

— Sem ameaças de morte na minha frente,
aquele bastado é importante na minha vida e, algo
me diz que, na vida da sua filha também.

— E você acha que eu não sei? Terei que
trabalhar o dobro que trabalhei para afastar você
da Bruna.

— Não adiantou muito. — Disse Theo.

— Exatamente por isso terei que trabalhar o
dobro.

— Acha que vai adiantar?

— Acho que não. — Theo concordou comigo.

— Tenho certeza que não, porém terei que
colocá-lo na linha. — Disse Alberto.

— Boa sorte! — Eu disse a ele.

Olhei para a minha esposa, subindo as
escadas com nosso filho no colo, pedi licença a
todos e a segui na mesma direção em que ela foi.
Abri a porta do quarto do nosso filho e a vi sentada
na cadeira de amamentação, alimentando Austin.

Seu cabelo estava preso em um coque e ela olhava com atenção cada detalhe de Austin. Era a imagem mais linda que já tinha visto. Estava me sentindo um idiota por pensar que poderia perdê-la. Ela sempre foi tão forte, desde que a conheci, ela tinha se mostrado forte o suficiente para vencer as batalhas da vida, não seria diferente com os nossos filhos.

Me aproximei, puxei um *puff* azul e sentei ao seu lado. Toquei na mãozinha lisa e macia do meu filho.

— Ele é um guloso. — Disse ela.

— Já posso ver que ele será igual o Arthur.

— Vai sim, ele será um gordinho lindo.

Ficamos ali por um tempo até que Austin se sentiu satisfeito e o peguei para que ele pudesse arrotar e o devolvi para Bruna quando Arthur entrou no quarto pulando, segurando o seu boneco do Capitão América. O peguei no colo e ele ficou mexendo nos braços do boneco, enquanto olhava minha esposa sorrindo.

— O que foi? — Perguntei.

— Eu cumpri com a promessa.

— Que promessa?

— Que no final seria eu, você, Arthur e o Austin. Eu estou aqui, nada aconteceu comigo ou

com o nosso filho. Nenhum mal pode nos assustar.

— Não, meu amor, nenhum.

— Eu te amo, Nathan Brown!

— Eu amo você, Bruna Brown!

— *E quem vai me amar?* — Disse Arthur, emburrado, me fazendo rir juntamente com Bruna.

— Nós te amamos. — Dissemos juntos, beijando a sua bochecha.

Minha história não teve o começo que eu gostaria, ainda pensava na Jessica e me arrependia de não ter conhecido bem o pai da minha esposa. Imaginava o que teria acontecido se Bruna não estivesse indo para o Texas ou se estivesse encontrado a carta da minha falecida esposa a tempo de tê-la impedido de ter partido por dois malditos anos. Ainda tinha medo. Não de perdê-la, mas sim de não ser o melhor para eles. Porém, sejamos sinceros, esse medo todo homem tinha. Mas o importante era que faria de tudo para que eles tivessem o melhor de mim, assim como eu tinha o melhor deles.

A minha vida até podia ter tido um começo indesejado, porém estava tendo o final que tanto sonhei.

Epílogo

Seis Anos Depois...

Bruna Bronw

A primavera já estava mostrando sua beleza nos jardins próximo a escola dos meus filhos. Odiava o começo das aulas. Com o passar dos anos, aprendi que sou uma mãe coruja e ficar longe dos meus filhos por algumas horas era torturante. Seria pedir muito que eles tivessem aula em casa, ao meu lado, vinte e quatro horas por dia?

— Mãe, tenho que entrar. — Austin disse.

— Oras, bobagem, com certeza os professores demoram um século para entrar na sala, filho.

— Você ainda não se acostumou com isso, Austin? — Perguntou Arthur.

— Não.

— Ai, meu amor, é que você cresceu tão rápido, assim como o Arthur... Os quero como

bebês novamente.

— Não esqueça o Christopher. — Disse Nathan, tocando na minha barriga de quatro meses.

— É, logo você terá o Christopher, mãe. — Austin completou.

— Vocês já pensaram que pode ser a Ivy.

— Não! — Disseram juntos, me fazendo bufar.

— Será um menino, mãe. — Falou Arthur.

— Quando vocês chegarem em casa, dou a notícia do que será.

— Será outro menino, amor. Todos já sabemos.

— Lembra-se que combinamos que o próximo seria uma menina, amor?

— Você que não quis esperar os dez anos, agora terá que lidar com as consequências, meu amor. — Disse ele.

Quando ia responder, o sinal da escola ecoou pelo local, me fazendo abraçar Austin e Arthur novamente e beijar cada um com carinho.

Quando eles se afastaram e sumiram da minha vista, senti meu coração se apertar e a vontade de correr até eles, apenas aumentou.

— Vamos amor, daqui a pouco eles estarão em

casa.

— Sou uma mãe preocupada.

— Preocupada com o quê? Eles são Bronw, os outros pais que devia estar preocupados, não você.



A sensação gelada do gel fez com que me arrepiasse, segurei forte a mão do meu marido e olhei novamente a pequena tela na minha frente, enquanto a médica olhava se meu bebê estava bem.

— O seu bebê está ótimo!

— Podemos saber o sexo? — Perguntou meu marido.

— Deixa-me ver. — Ela moveu a pequena maquina sobre a minha barriga e logo sorriu. — Alguma preferência?

— Menino. — Disse meu marido.

— Uma menina. — Falei.

— Desculpe, Sr. Brown, acho que dessa vez, a sua esposa ganhou. Vocês terão uma linda princesinha.

Um sorriso se formou no meu rosto junto com as lágrimas e olhei para o meu marido que olhava a pequena tela que mostrava a nossa filha.

— Tem certeza? — Perguntou Nathan.

— Sim, eu tenho! — Respondeu a médica.

— Céus! É uma menina? — Perguntou, olhando para mim.

— Sim, meu amor, teremos nossa linda Ivy.

— Oh, céus! Já posso sentir os cabelos brancos surgindo.

— Ficaré muito sexy de cabelos brancos, amor.

— Preciso ter aulas de tiro com o Alberto.

— Prepara-se, amor, pois se ela puxar a sua mãe, você precisará de muito mais do que uma arma para cuidar dela

— Verdade, preciso contratar o exército.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por te me abençoado com o dom da escrita, a Viviana Fabris por ter me ajudado de todas as maneiras a desenvolver o livro, a minha família que me apoiou me dando incentivo e frases de animo, aos meus amigos; e não poderia esquecer os milhares de leitores do Wattpad que acompanharam a história desde o início e que acreditaram nela, fazendo a mesma alcançar milhões de visualizações, o que me fez chegar até aqui.



VISITE NOSSO SITE:
www.editoraangel.com.br